

Editado por Isaac Asimov

A NAVE DAS SOMBRAS

EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA

EDITADO POR

Isaac Asimov

A Nave das Sombras

EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA

COLECÇÃO ARGONAUTA

395

Capa: A. Pedro
Título da edição original: «The Hugo Winners»

Lisboa — 1990
Venda interdita na República Federativa do Brasil



Digitalizado por: SCS
Completado em: 12/06/2010

*PARA SHARON JARVIS E CATHLEEN JORDAN,
NÃO SÓ PELA AJUDA PRESTADA MAS, ACIMA DE TUDO, PELA COMPANHIA.*

ÍNDICE

\- - - - - -

CONTRACAPA

O Prêmio Hugo é para a ficção científica o mesmo que o Oscar é para a indústria cinematográfica. Todos os anos, por ocasião da convenção mundial de ficção científica, é concedido ao autor do melhor conto ou novela do gênero.

Isaac Asimov — O Mestre — teve a idéia de reunir algumas das histórias que ganharam esse prêmio. No presente volume incluem-se cinco — duas de Fritz Leiber e as outras de Theodore Sturgeon, Poul Anderson e Larry Niven — grandes nomes todos eles, cada qual com o seu estilo e numa diversidade que é o espelho multifacetado da ficção científica.

E que tem o aliciante de Isaac Asimov não se ter limitado a tomar a responsabilidade da escolha dos textos: todas as histórias são precedidas por um comentário seu, tão interessante como elas próprias.

\- - - - - -

INTRODUÇÃO

NÃO HÁ DUAS SEM TRÊS

Em 1962 coordenei a edição de uma antologia de vencedores do Prêmio Hugo — isto é, as histórias galardoadas com os prêmios batizados com o nome Hugo, em homenagem a Hugo Gernsback, pioneiro das revistas de ficção científica, prêmios esses votados anualmente pelos participantes nas Convenções Mundiais de Ficção Científica.

Graças a um golpe de brilhante inspiração, designei esta antologia dos vencedores do Prêmio Hugo como The Hugo Winners.

The Hugo Winners abarca as convenções compreendidas entre a décima terceira, realizada em 1955 em Cleveland (a primeira em que foram atribuídos Hugos para todas as categorias) e a décima nona, realizada em Seattle em 1961.

Se bem me lembro, concluí então que, perante o clímax atingido pelas atribuições dos prêmios Hugo nessas convenções, graças ao aparecimento de uma antologia especialmente dedicada aos vencedores, antologia essa editada por uma pessoa de reconhecido mérito, sã e racional, corajosa e intrépida, decidida, voluntariosa e, acima de tudo, diabolicamente elegante, então só restaria às convenções soltarem um suspiro de alívio e abandonarem tal prática. (Eu próprio queria que assim sucedesse, pois todas essas magnas reuniões revelavam uma lamentável tendência para ignorarem os meus trabalhos quando se chegava à altura de atribuir os prêmios.)

Contudo, e para minha grande confusão, não foi essa a rota escolhida. As sucessivas convenções continuaram a conferir prêmios Hugo ano após ano e, ano após ano, surgia uma tal profusão de novos vencedores do Prêmio Hugo que até eu próprio, talvez por distracção, recebi um par deles.

Só me restava coligir uma nova antologia sobre o assunto, desta feita cobrindo as convenções compreendidas entre a vigésima, a de Chicago (1962), e a vigésima oitava, realizada em Heidelberg em 1970. Socorri-me da minha portentosa imaginação para conceber um novo título para esta nova antologia, e acabei por dar com um dos melhores possíveis: The Hugo Winners, Volume Dois. Foi publicado em 1971.

Nesta esta nova iniciativa contribuiu para mudar o estado das coisas? Antes pelo contrário, parece ter-se acentuado uma tendência para a concepção de histórias cada vez mais compridas, para além de se intensificar a incidência dos empates. O segundo volume tinha o dobro da espessura do primeiro, se bem que cobrisse nove anos enquanto o primeiro abarcava uns meros seis; por seu lado, este terceiro volume, apesar de só englobar seis anos, é tão espesso como o antecedente.([1])

---

1 Este parágrafo, bem como o que se segue, referem-se à edição original publicada pela Doubleday & Company. (N. do Editor.)

De facto, e apesar do presente livro ter sido publicado em 1977, só conseguimos espaço para as convenções desde a vigésima nona (Bóston, 1971) à trigésimo terceira (Melbourne, 1975). A trigésima quarta convenção — Kansas City, 1976 —, apesar de já ter passado à história, terá de aguardar pelo quarto volume.

Despachadas que estão as estatísticas relativas às convenções, permitam-me que vos explique uma ou duas coisas acerca destas antologias, tomando como certa a compreensão dos Gentis Leitores (como é meu hábito) quanto ao facto de nada vos estar a esconder. Repararão que estes volumes com os vencedores dos prêmios Hugo são publicados a longos espaços; porque não editá-los com um caracter anual, como se passa, por exemplo, com os volumes anuais dos prêmios Nebula? ([2]) Há várias razões para isso.

1ª — Nem a Doubleday nem eu próprio jamais pensamos em tomar uma iniciativa destas. Em 1961 nem sequer sonhávamos que o apetite dos leitores por antologias seria tal que os poderíamos brindar com uma por ano, em especial porque, de modo a coligir-se um volume digno desse nome, teríamos de incluir também os diversos concorrentes ao prêmio — como se passa com as edições anuais dos Nebula.

2ª — Os volumes Nebula são publicados em cada ano por um editor diferente. (Por exemplo, eu fui o editor do volume de 1973.) Isto significa que nenhum editor terá de ser incomodado ou persuadido mais do que uma vez. (Por acaso faz uma idéia do quão difícil é lidarmos com os vencedores de um qualquer prêmio? Nenhum deles é tão cordato e simpático como eu.) Para as antologias dos vencedores dos prêmios Hugo, contudo, seria impensável imaginarmos um editor que não fosse eu próprio — ou pelo menos não me estou a lembrar de mais nenhum —, e pelo que me toca tenho de ser cuidadosamente racionado. Como (apesar das aparências) não sou sobre-humano, só consigo editar um volume de tempos a tempos.

3ª — Para além disso, a coisa até resulta. Como estes volumes de vencedores dos Hugos só aparecem a longos intervalos, o público, louco como sempre por tudo o que sejam antologias, passa a comprá-las em largas quantidades durante um dilatado período de tempo. A propósito, nem a Doubleday nem eu nem os autores representados nestes volumes nos interessamos pelas recompensas financeiras — estamos muito acima dessas coisas —, preferindo desfrutar do profundo prazer espiritual que sempre foi a satisfação do Gentil Leitor.

Vejamos agora um segundo aspecto. Quando me encarreguei do primeiro volume, vi-me na necessidade de escrever introduções não só às histórias como ao volume como um todo. O padrão habitual dos intróitos deste gênero sempre foi o de se escrever um trecho filosófico como introdução genérica e umas linhas claramente sicofânticas e louvaminheiras para cada uma das histórias.

Não sou pessoa para isso. Por um lado, não sou eu que escolho as histórias, são os leitores — pelo que não me compete enaltecer os respectivos conteúdos. Esta realidade é especialmente palpável se por acaso eu não concordar com as decisões dos leitores, como por exemplo sucede quando uma das minhas histórias perde. Em casos como este tenho de recorrer a todo o meu

2 Os prêmios Nebula são conferidos anualmente pela Science Fiction Writers of America; são prêmios conferidos pelos escritores, enquanto os Hugos são prêmios galardoados pelos leitores. (N. do Autor.)

desportivismo, fingindo que não nutro o mais profundo desprezo pela injustiça daí resultante... mas só o consigo se não me referir em absoluto à história vencedora.

Por outro lado, nunca tive grande vontade de enaltecer os autores, pois quando esta coisa começou eu nunca tinha ganho um Hugo e, como tal, sentia uma justa indignação perante todos aqueles que perpetuavam a injustiça ao aceitarem os prêmios. Assim sendo, resolvi agarrar a oportunidade que me era oferecida para, nas introduções aos volumes, denunciar o Regime e, nos intróitos a cada história, insultar o autor.

Resultou em cheio, e fez-me sentir muito melhor.

Repeti a graça no segundo volume, só que desta vez as dificuldades foram bem maiores.

Não sei se compreende, mas nos velhos tempos, quando eu vivia totalmente imerso na ficção científica, o campo de actuação era bastante reduzido. Por outras palavras, conhecia pessoalmente todos os autores; freqüentávamos as mesmas convenções e embebedávamo-nos em grupo (não, não bebo porque preciso; já nasci alcoolizado). Como tal, quando chegava o momento de apresentar uma história escrita por um desses meus queridos amigos, tinha à minha disposição uma mão-cheia de anedotas e episódios pouco dignificantes sobre a pessoa em questão.

Ah, não imaginam o quanto mudaram as coisas!

Para começar, e apesar de ter mantido as minhas ligações à ficção científica, aproveitando para ir escrevendo histórias e artigos para as revistas especializadas (fundando uma nova revista, a Isaac Asimov's Science Fiction Magazine, publicada pelas Davis Publications e editada por George Scithers, pessoa que mencionei na introdução ao segundo volume), não posso deixar de admitir que passei a ocupar o tempo com muitas outras actividades. Por outro lado, o número de novos escritores bafejados pelo talento tem vindo a aumentar de ano para ano, pelo que deixei de conhecer pessoalmente a grande maioria.

Não sou pessoa para morder selvaticamente um qualquer desconhecido, isso é coisa que só se faz aos amigos.

Receio, portanto, que em certos casos o leitor venha a achar-me muito mais brando com o autor do que é meu hábito. Poderá até ver-me a discorrer sobre outro assunto qualquer; em desespero de causa, poderei mesmo violar a minha bem conhecida modéstia e começar a falar de mim próprio.

Isaac Asimov

- - - - - -

1970: 28ª CONVENÇÃO, HEIDELBERG

Fritz Leiber

Como já deve ter percebido, esta história foi uma das vencedoras da vigésima oitava convenção, a de Heidelberg, em 1970. Obviamente, não participei na convenção. Recuso-me a voar e detesto viajar, pois é coisa que me afasta da máquina dê escrever. (Não se ria. Gosta que o afastem da sua máquina de escrever?)

Conseqüentemente, quando consultei um planisfério e constatei que Heidelberg ficava a uns bons dezoito centímetros de Nova Iorque, empalideci e tive de me sentar à máquina para escrever umas boas sete páginas antes de me recompor. Que raio, só muito contrariado é que me sento ao volante do carro para guiar até New Haven, e New Haven só fica a meio centímetro de Nova Iorque...

Seja como for, o que eu queria dizer é que não estava presente quando A *Nave das Sombras* recebeu o seu Hugo em Heidelberg. Foi por isso que não absorvi devidamente a história, como certamente teria acontecido se tivesse participado na convenção, já que o Fritz ganhara um outro Hugo dois anos antes, na vigésima sexta convenção, a de São Francisco — e eu sempre detestei pessoas gananciosas.

Conseqüentemente, quando lancei mãos à obra e coligi o Volume Dois desta série — o qual cobria as convenções de 1962 a 1970 inclusive —, cometi um pequeno erro. Sabia que tinha havido dois vencedores nas categorias de novelas curtas incluídas naquele volume, mas quando se me deparou *Tempo Considerado como Uma Hélice de Pedras Semi-preciosas*, de Samuel R. Delany, o título pareceu-me tão comprido que o tomei como abarcando ambos os vencedores. Não procurei mais, e foi assim que A Nave das Sombras foi inadvertidamente omitida.

Como seria de esperar, fiquei a saber da história mal foi publicado o Volume Dois. Com efeito, o Apêndice, no qual eram listados todos os vencedores de cada categoria, revelou-me imediatamente — na coluna relativa à vigésima oitava convenção — a *Nave das Sombras,* de Fritz Leiber, galardoada com o Hugo para a melhor novela.

Naturalmente, muitos dos leitores mais argutos repararam na discrepância, o que me levou a receber uma carrada de cartas escritas por aqueles que tinham escrutinado minuciosamente o volume acabado de publicar (alguns deles devem mesmo ter espreitado para baixo da mesa, não se fosse dar o caso da novela ter caído ao chão), sem que ali encontrassem esta novela. Fui então acusado de ter sido subornado pela notória facção anti-Leiber dos *Science Fiction Writers of America.*

(O que nem de longe corresponde à verdade. Não há nenhuma facção anti-Leiber, toda a gente gosta do Fritz. Confesso que já aceitei luvas para excluir o Harlan Ellison, mas como o ponho sempre ao corrente da tramóia, ele faz-me o favor de duplicar o suborno para que eu o inclua.)

Prometi a toda a gente que a história seria incluída numa antologia na primeira oportunidade, e a oportunidade surgiu agora. Peço-te imensa desculpa, Fritz. Sei que já devias estar a receber direitos por esta história há mais de seis anos, pelo que dou graças aos céus por seres daqueles que entregam todos os direitos de autor às instituições de caridade.

Isaac Asimov

1 - A NAVE DAS SOMBRAS

—ISSIOTA! Lllouco! Orrdinárrrio! — sibilou o gato, mordendo Spar num sítio qualquer. A picada quádrupla dos dentes afiados sobrepôs-se à horrível sensação da ressaca tardia, pondo a mente de Spar a flutuar tão livremente como o seu corpo no seio do negrume do Windrush, no meio do qual brilhavam unicamente um par de luzinhas tão tênues como fogos-fátuos e infinitamente distantes como a Ponte ou a Popa.

Surgiu-lhe a visão de uma nau singrando a todo o pano sobre o mar encarneirado, sob um céu azul. Os dois últimos substantivos já não se poderiam considerar obscenos; Spar conseguia ouvir o assobiar do vento salgado por entre o cordame, o tamborilar das rajadas contra o velame e o ranger dos três mastros e de toda a madeira do navio.

Mas o que seria a madeira? A resposta chegou-lhe de algures: plástico vivo.

E que força manteria a água plana, impedindo-a de se elevar em glóbulos, impedindo também a nau de se afastar às reviravoltas, de quilha para cima, levada pelo vento?

Ao contrário da realidade desfocada e arredondada, a visão era clara e nítida — do gênero daquelas que Spar nunca contava a ninguém, com medo de ser acusado de segunda visão e, por arrastamento, de feitiçaria.

O Windrush também era um navio, até era costume chamarem-lhe a Nave. Uma nave deveras estranha, na qual a marinhagem vivia eternamente dentro de camarotes das mais variadas formas e feitios, todos eles feitos de velas translúcidas coladas umas às outras. E era uma nave que singrava sem destino, pois tinha dentro de si tudo o que era importante — nada mais havia além dela.

As únicas duas coisas que ambos os navios compartilhavam eram o vento e o infindável ranger dos cavernames.

Quando a visão começou a desvanecer-se, Spar pôde ouvir os ventos da Windrush a sussurrarem baixinho ao longo dos corredores infindáveis, ao mesmo tempo que sentia nitidamente o ranger da enxárcia vibrante onde estava amarrado de pulso e pelo calcanhar, de modo a não flutuar desordenadamente dentro do Bat Rack.

Os sonhos do Período de Sono tinham começado bem: Spar regalara-se com as três raparigas do Crown ao mesmo tempo. Contudo, a meio da noite do Período de Sono, fora acordado pelo distante remoer do grande triturador do Porão Três; depois fora atacado por lobisomens e vampiros, sombras sólidas avançando dos seis cantos, enquanto bruxas e aparentados se riam no negrume

do fundo do compartimento. Sem saber bem como, fora protegido pelo gato, um aparentado de uma bruxa magra cujos dentes descarnados não tinham passado de uma mancha cor de marfim no centro da mancha maior que eram os seus cabelos prateados e revoltos. Spar cerrara as gengivas moles; o gato fora a última das criaturas sobrenaturais a desvanecer-se, e logo de seguida aparecera a bela visão do navio.

A ressaca avassalou-o repentinamente, impiedosa. O suor desprendeu-se-lhe do corpo até o rodear com uma pequena nuvem de gotículas sem aviso, o estômago subiu-lhe à boca. Com a mão livre, apanhou um tubo de despejos que flutuava ali perto e premiu o pequeno funil contra o rosto. Ouviu o vômito acre a gorgolejar para dentro do tubo, ajudado pela leve sucção do dispositivo.

As tripas contorceram-se de novo, rápidas como as escotilhas de segurança quando os corredores são varridos por uma súbita rajada de vento. Enfiou o tubo de despejos dentro da perna do fato curto e folgado, apanhando a tempo o produto escuro, quase tão mole e explosivo como o vômito, e por fim sentiu uma vontade incontrolável de verter águas.

Pouco depois, fraco, mas aliviado, Spar enrolou-se no meio da bendita escuridão e preparou-se para dormir até que o Keeper o acordasse.

— Bêbado! — sibilou o gato. — Não durmas mais! Vê! Vê como deve ser!

No ombro esquerdo, através do tecido puído do fato, Spar sentia quatro conjuntos de picadas, a fazerem lembrar os espinhos de algumas das flores dos Jardins de Diana ou de Apolo. Ficou imóvel.

— Sspar! — sibilou o gato num tom mais suave, parando de o arranhar. — Ssó querro o melhorr parra tsi. Acredita!

Cauteloso, Spar estendeu a mão sobre o peito até tocar com as pontas dos dedos num pêlo curto e mais macio que o da Suzy; mais tranqüilo, acariciou-o ao de leve.

O gato soltou um gemido baixo, como que a ronronar.

— Grrande Sspar! Vê ao longe! Vê como deve sser! Spar sentiu-se irritado com a constante insistência do gato sobre a sua capacidade de visão — mal-educado, o animal —, mas ao mesmo tempo apercebeu-se de um irraocional lampejo de esperança quanto aos seus olhos. Acabou por concluir que o gato não era das bruxas, não sobrara do sonho que tivera momentos antes; não, só podia ser um clandestino que de algum modo conseguira trepar por um tubo de ar, até chegar ao Bat Rack. Fora o animal que pusera ponto final ao sonho. Nos últimos tempos tinham aparecido imensos animais perdidos... fugindo, possivelmente do pânico semeado pelas bruxas, temendo o despovoamento da Nave ou pelo menos do Porão Três.

O canto de vante do Bat Rack começou a brilhar: os primeiros alvores tocavam já na Proa. As luzinhas de posição não tardaram a desaparecer, vencidas pelo brilho crescente. Vinte batidelas do coração depois, a *Windrush* brilhava por todos os lados, tão refulgente como em qualquer outra manhã do Dia de Trabalho.

O gato avançou ao longo do braço de Spar, cujos olhos defeituosos só o conseguiam distinguir como uma mancha negra. Por entre os dentes que Spar conseguia discernir, parecia-lhe ver uma mancha mais pequena, acinzentada; tinha um pêlo ainda mais curto que o do gato, mas estava fria.

Num repente, o felino desprendeu-se do braço de Spar, afastando-se com um poderoso impulso das quatro pernas para ir aterrar com habilidade na enxárcia seguinte, uma linha flutuante e cinzenta que desaparecia em ambas as direcções antes de tocar nas anteparas.

Spar desprendeu-se, apertou com os dedos dos pés a sua enxárcia, fina como um lápis, e semicerrou os olhos na direcção do gato.

O animal devolveu-lhe o olhar com um par de olhos que não passavam de manchas verdes coalescentes a meia-altura do vulto negro que era a cabeça.

— É o teu filho? Está morto? — perguntou Spar.

O gato libertou o fardo cinzento, que ficou a flutuar ao lado da cabeça escura.

— Pffilho! — escarneceu, a vozinha sibilante retomando o anterior tom de desprezo. — É um rrato que matei, issiota!

Os lábios de Spar contorceram-se num sorriso.

— Acho que gosto de ti, gato. Vou chamar-te *Kim.*

— *Kim* o tanas! — cuspiu o gato. — E eu passo a chamar-te Ébrio! Ou Bêbado!

O ranger das anteparas subiu de tom, como sempre acontecia depois dó nascer dó dia e ao meio-dia. As escoteiras contorceram-se, as paredes pareciam querer estalar de vez.

Spar rodou a cabeça num movimento rápido; se bem que, para ele, a realidade não passasse de uma mancha eternamente desfocada, ainda assim era capaz de distinguir com precisão todos os movimentos.

Keeper flutuava devagar na sua direcção. O vulto roliço *do* corpo surgia encimado pelo círculo pálido e rechonchudo da cara, cujo centro cor-de-rosa brilhante se sobrepunha às duas manchas pequeninas e afastadas dos olhos castanhos. Um dos braços gordos terminava numa mancha brilhante de pliofilme, o outro acabava no refulgir escuro do aço. Por detrás do corpo, ao longe, podia ver-se a esquina vermelha de vante do Bat Rack, com o seu enorme tórus refulgente — o vulto do balcão do bar — a meio caminho.

— Seu grandessíssimo preguiçoso! — cumprimentou Keeper. — Enquanto eu monto guarda tu és capaz de ressonar durante todo o Período de Sono, e ainda por cima sou eu que tenho de trazer a tua botija de vinho à escoteira onde te enrolas para dormir!

«Tive uma noite péssima, Spar — continuou ele, agora num tom de voz sentencioso.— Lobisomens, vampiros e bruxas à solta por todos os corredores... enfim, lá consegui mantê-los afastados, para já não falar nos ratos e ratazanas. Ouvi dizer, nos tubos, que os vampiros apanharam a Girlie e a Sweetheart, os estupores! Mantém-te atento, Spar! Bom, bebe lá a tua mistela e começa a varrer. Está tudo um nojo!»

Estendeu-lhe a botija *de* pliofilme, brilhante e convidativa.

Ainda magiado com o tom de desprezo das palavras de *Kim,* Spar só conseguiu responder:

— Hoje não me apetece nada disso, Keeper. Fico-me pelas papas de milho e pela cerveja. Ou melhor, só vou beber água.

— Como? — gritou Keeper. — Não me parece que possa permitir uma coisa dessas, Spar. Não te quero com convulsões em frente aos clientes. Mas que diacho... o que é que temos aqui?

Spar atirou-se imediatamente à mão de Keeper, brilhante como aço, com tanta força que a escoteira atrás de si ficou a abanar; com uma das mãos, agarrou um tubo frio e grosso, enquanto com a outra impedia o dedo gordo de chegar ao gatilho.

— Não é um gato das bruxas, só anda perdido! — gritou enquanto os dois tropeçavam, para continuarem a girar devagarinho.

— Larga-me, miúdo! — protestou Keeper. — Olha que te ponho a ferros! Vou queixar-me ao Crown!

— As armas de fogo são tão ilegais como as facas ou as agulhas — retorquiu Spar em tom frio, se bem que se sentisse tonto e enjoado. — Tu é que devias ter medo da prisão...

Por debaixo do tom de voz provocante, Spar conseguia aperceber-se do respeito que Keeper sempre tivera pela sua rapidez e segurança de movimentos, apesar *de* ser meio cego.

Acabaram por ser travados por um aglomerado de escoteiras.

— Larga-me, já te disse! — ordenou Keeper, lutando sem grande vontade. — Foi o Crown que me deu a pistola, e além disso consegui que a Ponte me desse licença para a usar.

A última parte, concluiu Spar, era uma clara mentira, para já não falar na primeira.

— De resto — continuou Keeper —, não passa de uma arma de elástico preparada para balas de borracha. Não chega para perfurar uma antepara, mas é quanto basta para arrumar um bêbado... ou para desfazer a cabeça de um gato das bruxas!

— Este não é um gato das bruxas, Keeper! — repetiu Spar, se bem que tivesse de engolir com força para travar um vômito. — Não passa de um pobre animal perdido, bem comportado, que até já provou a sua utilidade matando um dos muitos ratos que têm andado a roubar a nossa comida. Olha que nos vai dar muito jeito...

A distante mancha que era *Kim* alongou-se para revelar as manchas mais pequenas das pernas e da cauda, como que espetadas no vulto mais escuro do tronco e presas à linha de segurança.

— Posso sser muito útil — gabou-se o animal. — Ssserviços sanitários. Sirvo-me dos tubos de despejos... mato ratos e ratazzanas! Até posso espiar as bruxxas e vampirros para vocês!

— Mas ele fala! — espantou-se Keeper. — É bruxaria!

— O Crown tem um cão que fala — contrapôs Spar em tom decidido. — Um animal falante não prova nada de nada.

Esta breve troca de palavras não o impedira de manter a pistola bem afastada do alvo, travando o dedo do gatilho. Começava a sentir que o corpo de Keeper se relaxava, como se por debaixo da fúria o dono do Bat Rack estivesse a transformar os músculos e ossos numa papa espessa e doce que se pudesse moldar a tudo o que os rodeava.

— Desculpa-me, Spar — disse o outro numa voz untosa. — Tive uma noite péssima e o Kim assustou-me. É preto como os gatos das bruxas, engana qualquer pessoa. Está bem, vamos experimentá-lo como caçador. Vai ter de ganhar a comida que come! Bom, toma lá a tua bebida.

A bolsa mole que encheu a mão de Spar mais parecia uma pedra filosofal. O rapaz levou-a aos lábios, mas nesse momento os dedos dos pés tocaram sem querer numa escoteira, levando-o a voar rapidamente até ao tórus brilhante, cujo buraco central tinha espaço suficiente para albergar quatro empregados.

Spar caiu contra a dobra mais afastada do buraco; o tórus estremeceu, gemeu e absorveu o impacto. A bolsa continuava presa aos lábios, já desrolhada, mas ainda por premir. O rapaz fechou os olhos e, com um soluço de desespero, atirou-a de volta à caixa do vinho.

Servindo-se quase exclusivamente do tacto, tirou uma bolsa de papas da estufa, aproveitando para agarrar uma bolsa de café, que enfiou num dos bolsos interiores do fato. Pegando depois numa bolsa de água, abriu-a, enfiou cinco pastilhas de sal pelo gargalo, fechou-a e agitou-a vigorosamente.

Keeper, que se deixara vogar até perto do rapaz, disse-lhe ao ouvido:

— Portanto sempre te decidiste a beber… e o vinho já não te chega, tens de preparar uma mistela especial. Devia descontar-ta no ordenado. Enfim, todos os bêbados acabam por se tornar em mentirosos.

Incapaz de ignorar a provocação, Spar teve de se explicar:

— Não é nada disso, só juntei sal à água para enrijecer as gengivas.

— Meu pobre Spar, mas para que precisas tu de gengivas duras? Estás a pensar em compartilhar os ratos com o teu novo amiguinho? Eu que não te apanhe a assá-los no meu grelhador! Devia descontar-te o sal… pega-me nessa vassoura, Spar! — virando a cabeça para o canto da proa, de cor violeta, gritou com maus modos: — E tu, animal, bem podes começar a procurar ratos!

Kim, entretanto, já descobrira o pequeno triturador do bar; estava a enfiar o rato pela abertura, firmando-se ao tubo com as unhas das patas da frente ao mesmo tempo que empurrava o rato com a boca. O dispositivo, ao sentir a presença do cadáver do rato, iniciou o processo de trituração que só terminaria quando o corpo, totalmente macerado, desse entrada no canal que conduzia à grande cloaca que por sua vez alimentava os Jardins de Diana.

Spar bochechou por três vezes com água salgada, fazendo-a circular por sobre as gengivas para depois cuspir para dentro do tubo de despejos, não sem vomitar um pouco após o primeiro gargarejo. Por fim virou costas a Keeper e, com o máximo cuidado, apertou a bolsa do café, obrigando o líquido a descer-lhe pela garganta — mais apetecível que a cerveja, muito melhor que o vinho, ainda por cima quando a acompanhar as papas de milho.

Atrapalhado, ofereceu um pouco a Kim, que abanou a cabeça:

— Obrigado, masss acabei de provar um rato. Apressado, Spar lançou-se em voo na direcção do canto de estibordo, este de cor verde. Do lado de lá da escotilha ouviu vozes embriagadas a chamar num tom tão zangado como débil:

— Abram esta coisa!

Agarrando as pontas de dois longos tubos de despejo, Spar começou a aspirar o ar, partindo do canto verde num trajecto aspiralado, qual aranha a tecer a teia.

De dentro do tórus, onde estava a polir o fino titânio do balcão, Keeper aumentou a sucção dos dois tubos, acelerando o movimento espiralado de Spar. O rapaz só precisava de se servir do corpo para manter a direcção e evitar os objectos espalhados pelo caminho, tendo especial cuidado para que os tubos não se ensarilhassem.

Pouco depois, Keeper consultou o relógio de pulso e chamou-o:

— Spar, não és capaz de ter tento nas horas? Abre-me essa escotilha!

Atirou um molho de chaves pelo ar; Spar apanhou-as, apesar de só as ter visto na última fase do voo. No momento em que já se encaminhava para a porta verde, Keeper chamou-o de novo e apontou para a proa e para cima. Obedientemente, Spar destravou e abriu as escotilhas preta e azul, se bem que ninguém estivesse à espera do lado de fora. Só depois é que foi abrir a verde. Em ambos os casos, teve todo o cuidado em evitar não só as bordas moles das escotilhas como as peganhentas comportas de emergência colocadas ao lado de cada uma das entradas principais.

Entraram três cervejolas, clientes antigos, agarrando-se afanosamente às escoteiras enquanto se empurravam uns aos outros, numa nítida ânsia de chegarem ao tórus, ao mesmo tempo que aproveitavam para insultar o pobre Spar.

— Que o céu te estrangule!

— Que a terra te engula!

— Oxalá te afogues!

— Tento na língua, rapaziada! — preveniu Keeper. — Enfim, não posso deixar de concordar que a estupidez do meu ajudante é capaz de tentar qualquer pessoa normal...

Spar devolveu-lhe as chaves. Os cervejolas acotovelaram-se de encontro ao tórus, três bolhas acinzentadas com as cabeças espetadas na direcção do canto azul.

Keeper enfrentou-os.

— Para baixo! Para baixo, caramba! — ordenou, indignado. — Como é que é, agora julgam-se pessoas importantes?

— Mas ainda não estás a servir ninguém lá de cima!

— Só cá estamos nós os três...

— Não interessa — retorquiu Keeper. — Tenham maneiras, cretinos! Lá para baixo, a não ser que queiram comprar à bolsa!

No meio de um coro de resmungos, os três cervejolas voltaram-se de modo a ficarem com as cabeças viradas para o canto negro.

Sem se preocupar com a nova orientação dos seus clientes, Keeper atirou-lhes com uma mancha vermelha retorcida e magra, dotada de três tubos de sucção; cada um deles agarrou a sua e enfiou-a avidamente na boca.

Com a mão sapuda a abraçar a válvula de abertura, Keeper disse-lhes:

— Primeiro, vamos lá a ver a cor do vosso dinheiro... Sempre a resmungar, os três homens tiraram dos bolsos qualquer coisa demasiado pequena para que Spar pudesse ver, estendendo-a ao dono do bar. Keeper estudou demoradamente o que quer que fosse que lhe tinham passado e, dando-se por satisfeito, enfiou o pagamento na caixa registadora.

— Seis segundos de vinho — decretou. — Chupem depressa! — atento ao cronometro, abriu a válvula da bolsa tripla.

Um dos cervejolas parecia estar prestes a sufocar, mas respirou fundo pelo nariz e sugou corajosamente.

Keeper fechou a válvula, tornando-se imediatamente no alvo das queixas de um dos homens:

— Fechaste demasiado depressa! Não se passaram os seis segundos!

Num tom matreiro, Keeper explicou-lhes:

— Vou espremer-vos em quatro e dois, não quero que se afoguem logo ao princípio. Estão prontos?

Os cervejolas sugaram avidamente a segunda dose, aproveitando-a até às últimas gotas. Reconfortados, resolveram dar dois dedos de conversa. Na sua trajectória distante, os ouvidos aguçados de Spar conseguiram ouvir quase tudo.

— Um Dia de Sono horrível, Keeper — disse um deles.

— Antes pelo contrário, foi muito bom, cervejolas... o ideal para um bêbado ficar sem pinta de sangue, nas mãos de um desses vampiros insaciáveis.

— Ná, passei-o em segurança no Pete's, seu monte de banhas.

— Em segurança no Pete's? Queres que acredite numa coisa dessas?

— Vai-te afogar em Átomos Sujos! A verdade é que os vampiros apanharam a Girlie e a Sweetheart... Quase que não dá para acreditar, mas foi em pleno corredor principal de estibordo! Por todo o Cobalto Noventa, a *Windrush* está a ficar despovoada! Enfim, pelo menos é o que se está a passar no Porão Três. Pode-se percorrer todo um corredor em pleno dia sem encontrarmos vivalma.

— Como é que soubeste isso das raparigas? — perguntou o segundo cervejolas. — Se calhar mudaram-se para outro porão, à procura de melhores dias...

— Ná, não tiveram essa sorte. A Suzy viu-as todas desfeitas.

— Não foi a Suzy — corrigiu Keeper. — Foi a Mabel. Um fim adequado para todas as pegas bêbadas...

— Tu não tens coração, Keeper.

— Pois não, é por isso que os vampiros não me ligam. Mas a sério, rapazes, os lobisomens e as bruxas andam muito à solta aqui no Três. Passei todo o Dia do Sono acordado, de guarda, e queixei-me à Ponte.

— Estás a gozar...

— Não eras capaz de uma coisa dessas!

Keeper confirmou solenemente com um aceno de cabeça, pousando a mão sobre o coração. Os cervejolas ficaram, nitidamente impressionados.

Spar retrocedeu em espiral até ao canto verde, varrendo longe da antepara. A meio caminho ultrapassou o vulto negro de *Kim,* que se entretinha a percorrer o perímetro, saltando habilmente de escoteira em escoteira, ziguezagueando ocasionalmente entre dois deles.

Um vulto pálido e roliço, rodeado por duas faixas azuis — cuecas e *soutien* — entrou a vogar pela escotilha verde.

— Bom dia, Spar — cumprimentou-o uma vozinha meiga.

— Como é que vai isso?

— Mais ou menos — respondeu Spar. A nuvem de cabelos dourados roçou-lhe pela cara. — Pus o vinho de lado, Suzy.

— Não sejas demasiado severo contigo próprio, Spar. Trabalha, come, diverte-te, dorme... é a melhor maneira de se levar esta vida.

— Eu sei. Dia de Trabalho, Dia de Comer, Dia de Folga, Dia de Sono. Dez dias fazem um terreno, doze terrenos fazem um solar, doze solares fazem um ciclo... e assim por diante, até à eternidade. Com correcções, segundo alguns afirmam. Muito gostava eu de saber o que é que querem dizer esses nomes *todos.*

— Levas sempre tudo muito a sério. Devias era... oh, um gatinho! Que querido!

— Gatinho, gatinho querido — sibilou o vulto negro e arredondado ao passar por eles. — Sssou um gato. Sssou o *Kim.*

— O *Kim* é o nosso novo caçador — explicou Spar.— Também leva as coisas a sério.

— Não percas tempo com esse velho Desdentado e Cegueta, Suzy — gritou Keeper de dentro do tórus. — Entra, chega-te aos bons!

Suzy acedeu com um suspiro de resignação, aproximando-se bem firmada nos cabos, não sem antes afagar com os dedos macios o queixo magro de Spar.

— Quero Spar... — murmurou.

Quando os pés dela lhe passaram em frente ao nariz, Spar pôde ouvir o tilintar da pulseira que a rapariga usava no tornozelo — uma fiada de corações em ouro, como ele bem sabia.

— Já soubeste da Girlie e da Sweetheart? — cumprimentou um dos cervejolas em tom lascivo. — Gostavas de ver a tua carótida ou a ilíaca externa cortada, sua...?

— Cala-te, cretino! — atalhou Suzy em tom de poucos amigos. — Serve-me uma bebida, Keeper.

— A tua conta já vai longa, Suzy. Como é que tencionas pagar?

— Por favor não gozes comigo, Keeper. De manhã não. Sabes muito bem o que se passa comigo... só queria uma bolsa de cerveja, da preta. E não me chateies, está bem?

— As bolsas são só para as senhoras, Suzy. Não me importo de te servir por cima, sei que sabes pôr-te no teu lugar, mas mesmo assim…

Ouviu-se um rugido gelado que subiu de tom até se transformar num grito de raiva. Perto da escotilha de vante, já do lado de dentro, uma figura pálida, de calções e *soutien* vermelhos — não, mais folgado do que isso, talvez um casaquinho ou colete —, estrebuchava violentamente, dando saltos mortais enquanto pontapeava o ar.

Ao entrar descuidadamente, talvez demasiado depressa, a rapariga magra ficara com as roupas entaladas na borda interior da escotilha, acabando por ficar presa na saída de emergência.

Soltando-se graças a uma contorção desesperada, ao mesmo tempo que Spar voava na direcção dela e os três beberrões gritavam a avisar, a rapariga flutuou em direcção ao tórus, bem firmada nos cabos-guia, os cabelos negros a esvoaçarem-lhe nas costas.

Chocou contra o balcão de titânio com um sonoro *bong,* compôs as vestimentas rubras com uma só mão e estendeu a outra por cima do balcão do bar.

Vogando nas costas dela, Spar ouviu-a pedir:

— Uma bolsa dupla de aguardente, Keeper. Despacha-te!

— Muito bom dia, Rixende! — cumprimentou-a Keeper. — Não me importava de te servir aguardente, só que… bem… — interrompeu-se e abriu os braços gordos. — O Crown não gosta que as raparigas dele venham sozinhas ao Bat Rack, e da última vez deu-me instruções rigorosas para não…

— Grande coisa! Foi o próprio Crown que me mandou vir cá, para procurar uma coisa que ele perdeu. Entretanto, serve-me lá a aguardente. Dupla, ouviste? — a rapariga esmurrou o tampo do balcão até que a reacção a fez subir para cima; só conseguiu voltar ao sítio com um empurrão do solícito Spar, mas apesar disso não lhe agradeceu.

— Tem calma, rapariga — observou Keeper em tom gentil, as minúsculas manchas castanhas dos olhos a desaparecerem levadas pelo sorriso. — E se o Crown entra aqui e te apanha nos copos?

— Impossível! — negou Rixende com toda a veemência, não sem um olhar furtivo para lá de Spar: uma mancha negra, a mancha de uma face pálida, a mancha negra de novo. — Tem uma nova namorada, e não me estou a referir à Phanette ou à Doucette. É uma miúda que vocês não conhecem, chama-se Almodie. O gajo vai ficar entretido com ela durante a manhã toda… serve-me lá a aguardente dupla, seu diabo asqueroso!

— Fala mais baixo, Rixende. Vamos com calma. O que é que o Crown perdeu?

— Uma bolsa, uma bolsinha pequena, mais ou menos deste tamanho — a rapariga estendeu uma mão magra, com os dedos dobrados. — Deixou-a aqui na noite do último Dia de Folga, ou então tiraram-lha.

— Ouviste, Spar? — perguntou Keeper.

— Não encontrei nenhuma bolsinha — respondeu Spar, apressado. — Tu é que deixaste cá a tua, Rixende. Aquela cor de laranja, grande. Vou buscá-la — acrescentou, afastando-se em voo para dentro do tórus.

— Oh, que se lixem as duas bolsas. Dá-me lá o duplo! — exigiu a rapariga de cabelos pretos em tom aflito. — Terra Mãe!

Até os cervejolas se engasgaram. Tapando as orelhas com as mãos, Keeper suplicou-lhe:

— Nada de obscenidades, por favor. Ainda soam pior quando vindas de uma rapariga bonita como tu, Rixende.

— Terra Mãe, já disse! Deixa-te de tretas, Keeper, serve-me o que te pedi, antes que te arranhe a cara e te arrume de uma vez por todas!

— Está bem, está bem. Sai uma aguardente dupla. Como é que vais pagar? O Crown disse-me que me mandava retirar a licença se o teu nome voltasse a aparecer nas contas dele. Tens notas? Ou mesmo moedas?

— Para que é que tens olhos? Achas que este colete tem bolsos por dentro? — a rapariga abriu descaradamente o colete, revelando os seios, e fechou-o de novo. — Terra Mãe! Terra Mãe! Terra Mãe!

Os cervejolas trocaram rápidos olhares, escandalizados, e Suzy, como que enfastiada, soltou uma exclamação de desprezo.

Keeper tocou no pulso de Rixende com uma das suas mãos sapudas, acariciando uma mancha amarelada que rodeava a pele.

— Isto aqui é de ouro — observou em tom apressado, os olhos a desaparecerem de novo, desta vez devido à ganância.

— Sabes muitíssimo bem que está soldada... como as pulseiras dos tornozelos.

— E estes aqui? — perguntou o barman, a mão a subir para uma mancha dourada pendurada ao lado da cabeça dela.

— Também estão presos. O Crown mandou-me furar as orelhas.

— Mas...

— Oh, seu átomo sujo! Já te percebi, diabo. Está bem, seja como queres! — estas últimas palavras terminaram num grito mais de raiva do que de dor, no momento em que a rapariga agarrava com a mão a mancha dourada para a arrancar com sacão. O sangue jorrou, aglomerando-se imediatamente em bolhas esvoaçantes. A rapariga estendeu em frente a mão fechada. — E agora serve-me! Tens aqui ouro que chega e sobra para uma aguardente dupla!

Keeper, apercebendo-se de que a coisa tinha ido longe de mais, preferiu não tecer comentários, e limitou-se a enfiar a mão na caixa onde guardava as bolsas de aguardente. Os cervejolas também se mantiveram calados, mas Suzy parecia muito pouco impressionada quando perguntou:

— E a minha cerveja preta?

Spar foi buscar uma esponja limpa e, revelando grande perícia, apanhou todos os glóbulos escarlates que flutuavam em volta da rapariga; só depois é que comprimiu a esponja contra a orelha destroçada de Rixende.

Keeper estudou o pesado pendente de ouro, segurando-o muito perto do rosto. Rixende levou a bolsa dupla aos lábios, apertou-a e sugou com um ar extasiado, fechando os olhos de prazer. Spar guiou-lhe a mão livre para a esponja, e a rapariga pegou-lhe num gesto automático, continuando a compressão do ouvido dilacerado. Suzy soltou um suspiro de resignação e estendeu o corpo roliço por cima do balcão de modo a poder enfiar uma mão na caixa refrigeradora, de onde tirou uma dose dupla de cerveja preta.

Um vulto comprido, castanho-escuro e quase esquelético, enfiado num fato-macaco violeta adornado com lantejoulas de prata que se lhe colava à pele, entrou a voar pela escotilha vermelha a uma velocidade dupla daquela a que Spar se atrevia a deslocar-se, sem contudo esbarrar fosse com o que fosse. A meio caminho do balcão, ao passar mesmo ao lado de Spar, o recém-chegado executou meio salto mortal de modo a aterrar de pés juntos contra o titânio do balcão, detendo-se ao lado de Rixende. Dobrando as pernas como se fossem duas molas bem treinadas, parou sem sequer fazer estremecer o tórus.

Um braço bem escuro enrolou-se na cintura da rapariga, enquanto o outro lhe arrancava a bolsa da boca; ouviu-se um som seco e curto quando a tampa da bolsa foi fechada com violência.

Uma voz musical e preguiçosa inquiriu:

— Olha lá, rapariga, o que é que eu te disse que te aconteceria se te voltasse a apanhar nos copos outra vez?

O Bat Rack ficou completamente imóvel. Keeper, encostado ao lado oposto do buraco, escondia uma mão atrás das costas. Spar escondeu um braço por detrás da caixa dos achados e perdidos, mantendo-o arredado da vista dos outros; sentia-se inundado de suor, um suor provocado pelo medo. Suzy, essa, manteve a cerveja preta mesmo em frente à cara, como que a esconder-se atrás da bebida.

Um dos cervejolas foi acometido por um violento ataque de tosse; dominando-se a custo, murmurou em tom subserviente:

— Desculpe-me, coroner. Muito bom dia.

— Bom dia... Crown — repetiu Keeper em tom soturno. Com toda a delicadeza, Crown afastou o casaco do ombro mais distante de Rixende e começou a massajar a pele da rapariga.

— Estás com pele de galinha, querida... e mais rígida que um cadáver. O que é que te assustou? Descontrai-te, Rix, quero ver essa pele macia, esses músculos descontraídos. Aposto que te sabia bem uma bebida...

A mão do negro descobriu a esponja, investigou, deu com a zona húmida e retrocedeu até meio do rosto escuro, para a cheirar.

— Bom, rapaziada, pelo menos sei que nenhum de vocês é um vampiro... — comentou em tom despreocupado. — Se algum o fosse, o mais certo era ter sido apanhado a sugar a orelha da pobre rapariga...

Rixende não perdeu tempo a justificar-se, fazendo-o num tom monótono:

— Juro-te que não vim aqui pela bebida, só vim buscar aquela bolsinha que tu perdeste. Senti-me tentada, percebes? Não sabia que iria ser assim. Tentei resistir, mas o Keeper provocou-me. Eu...

— Cala-me essa boca! — ordenou Crown no seu tom calmo. — E como é que lhe pagaste, pode-se saber? Não digas nada, já sei como foi. Como é que tencionavas pagar a terceira bebida? Cortavas uma mão ou um pé? Tu, Keeper... mostra-me a outra mão. Mostra-me a mão, já disse! Isso mesmo. Agora abre-a.

Crown tirou o brinco da mancha esbranquiçada que era a mão de Keeper. Sem nunca desviar os olhos castanho-amarelados do dono do bar, o negro fez oscilar a jóia para trás e para diante, para depois a deixar escapar para cima, num movimento lento que lançou o brinco em direcção ao tecto.

Enquanto a mancha dourada subia impassível em direcção à escotilha azul escancarada, Keeper abriu e fechou a boca por duas vezes, para por fim balbuciar:

— Eu não a provoquei, Crown. Juro que não. Nunca me passou pela cabeça que ela fosse capaz de desfazer a orelha. Ainda tentei detê-la, mas...

— Isso não nos interessa — atalhou Crown. — Põe a aguardente na nossa conta.

Sem nunca desviar os olhos de Keeper, ergueu o braço e apanhou o brinco antes que este desaparecesse da vista.

— Porque é que este antro de devassidão está tão triste? — passando uma perna comprida por cima do balcão, com tanta facilidade como se de um braço se tratasse, Crown apertou a orelha de Spar entre o dedo grande do pé e o vizinho, puxando-o para si para depois o obrigar a rodar o corpo. — E tu, rapazinho, como é que te estás a dar com a solução salina? Já tens as gengivas mais duras? Bom, só há uma maneira de o testarmos...— agarrando o maxilar e os lábios de Spar com os outros dedos, enfiou o maior na boca do rapaz. — Anda lá, morde-me. Morde com força!

Spar assim fez: era a única forma de evitar o vómito. Crown riu-se, Spar mordeu com mais força, a energia a inundar-lhe o corpo trémulo. Sentiu o rosto a enrubescer, a testa latejava-lhe ao mesmo tempo que se cobria de gotas de suor. Tinha a certeza de que estava a magoar Crown, mas o Coroner do Porão Três continuou a rir-se baixinho, só retirando o pé quando Spar abriu a boca para respirar fundo.

— Sim senhor, rapazinho, estás a ficar mais forte! Mais um bocadinho e eras capaz de me magoar. Bebe lá um copo à minha conta!

Spar desviou a boca estupidamente escancarada do súbito jacto de cerveja. O líquido atingiu-o no olho. O ardor foi tal que teve de levar os dois punhos cerrados à boca para abafar um grito de dor.

— Mas vamos lá a saber, porque é que isto está tão morto? Ninguém aplaude o rapazinho? Até parece que ficaste zangado connosco, hem? Não és capaz de te rir, nem que seja só por um bocadinho? — Crown fitou os presentes um a um. — O que é que aconteceu? O gato comeu-te a língua?

— O gato? Sim, temos um gato, um gato novo, apareceu por aqui a noite passada, e ficou a trabalhar como caçador — balbuciou um Keeper cada vez mais incomodado. — Até é capaz de falar... não tão bem como o Hellhound, mas dá para perceber. É engraçadíssimo... e já conseguiu apanhar um rato.

— O que é que fizeste com o cadáver do rato, Keeper?

— Enfiei-o no triturador. Isto é, foi o Spar quem o meteu lá, ou então foi o gato.

— Queres dizer que te livraste de um cadáver sem nos notificares? Oh, não é preciso empalideceres, Keeper. Não tem mal nenhum. Já viste bem? Até te podíamos acusar de dares guarida a um gato das bruxas. Dizes que ele apareceu ontem à noite? Olha que foi uma noite maravilhosa para as bruxas... não, também não precisas de ficar verde. Estamos a brincar contigo, queremos ver se alegramos um pouco este antro soturno.

— Spar! Chama o teu gato! Diz-lhe para nos contar uma anedota!

Antes que Spar pudesse chamar o animal, antes mesmo que se decidisse se devia chamar Kim ou não, a mancha escura apareceu numa escoteira perto de Crown, as manchas verdes dos olhos fixas nos do homem negro.

— Portanto tu é que és o bobo? Bom... faz lá uma palhaçada.

Kim aumentou de tamanho: Spar compreendeu que o gato estava com os pêlos todos em pé.

— Anda lá, diverte-nos... como eles disseram que eras capaz de fazer. Olha lá, Keeper, por acaso não nos estavas a aldrabar quando disseste que o gato era capaz de falar, pois não?

— Spar! Obriga o teu gato a falar!

— Não, deixa lá. Acreditamos que tem uma língua como todos nós. Não será assim, Negrito? — Crown estendeu uma mão; Kim desferiu um golpe com as garras afiadas e saltou para longe, mas o negro limitou-se a soltar uma das suas gargalhadas em surdina.

Rixende começou a tremer descontroladamente. Crown examinou-a calmamente, solícito, servindo-se da mão estendida para o obrigar a virar a cabeça para ele, de forma a que o sangue saído da patada do gato se embebesse na esponja.

— O Spar jurou-me que o gato era capaz de falar...— balbuciou Keeper. — Eu vou...

— Quieto — disse Crown, enfiando o tubo da bolsa nos lábios da rapariga para depois o apertar até a tremura desaparecer. Esmagando a bolsa de pliofilme vazia entre os dedos, atirou-a na direcção de Spar.

— Ora bem, Keeper, como é que estamos quanto à minha bolsinha preta? — perguntou Crown em tom enfático.

— Spar!

O interpelado enfiou ainda mais a mão na caixa dos achados e perdidos, respondendo apressadamente:

— Não apareceu bolsinha nenhuma, coroner, mas encontrámos esta aqui, foi a Lady Rixende que se esqueceu dela na última noite do Dia de Folga.

Spar tirou da caixa uma coisa grande, redonda, cor de laranja brilhante e com a abertura fechada por fitas.

Crown pegou na bolsa e girou-a lentamente em círculos. Para Spar, que não conseguia ver as fitas, era como se estivesse a testemunhar um golpe de magia.

— Não, esta é demasiado grande, e a cor também é diferente. Tenho a certeza de que perdi aqui uma bolsinha preta, ou então roubaram-ma. Estás a transformar o Bat Rack num antro de ladroagem, Keeper?

— Spar...?

— Estou a falar contigo, Keeper.

Empurrando Spar para o lado, Keeper remexeu freneticamente o interior da caixa, afastando incontáveis bolsas de cerveja e aguardente. Foi mostrando vários objectos de pequenas dimensões, e Spar foi capaz de distinguir alguns dos maiores — uma ventoinha eléctrica portátil e uma luva de pé enorme, de lã vermelha. Os objectos ficaram a esvoaçar lentamente em redor do dono do bar.

Um minuto depois, Keeper arfava e continuava a remexer o conteúdo da caixa, sem contudo tirar mais nenhum objecto. Crown, numa voz a que voltara a calma, interrompeu-o:

— Já chega, Keeper. Seja como for, a bolsinha preta não é assim tão importante como poderia pensar-se.

Keeper fitou-o com um rosto duplamente desfocado, provavelmente por estar cercado por uma nuvem de gotículas de suor. Por fim, já mais calmo, apontou com o dedo o saco cor de laranja.

— Pode ser que esteja dentro daquele!

Crown abriu o saco, meteu a mão lá dentro, mudou de ideias e sacudiu-o vigorosamente. Os inúmeros objectos lá guardados saíram lentamente e começaram a subir para o tecto a uma velocidade uniforme, qual exército em marcha desordenada. Crown foi-os observando à medida que lhe passavam em frente aos olhos.

— Não, não está aqui — observou, empurrando o saco na direcção de Keeper. — Volta a pôr as coisas da Rixende lá dentro e deixa-o à mão para quando cá voltarmos...

Passando o braço pelos ombros de Rixeide, de modo a segurar-lhe a esponja contra a orelha, virou-se e, com um poderoso impulso das pernas, seguiu a caminho da escotilha de vante. Segundos depois de ter desaparecido da vista, os presentes soltaram um suspiro de alívio, e os três cervejolas sacaram dos cartões de crédito para pagarem nova espremedela. Suzy pediu mais uma cerveja preta dupla, que Spar se apressou a servir, enquanto Keeper se recompunha e pegava na ventoinha portátil para se refrescar, aproveitando para ordenar ao rapaz:

— Vai-me apanhar esse lixo que ficou a flutuar, em especial o da Rixie, e mete tudo dentro do saco dela. Despacha-te, preguiçoso!

Nada fácil esta nova tarefa cometida a Spar; felizmente pôde contar com a ajuda de um solícito Kim, já que o gato se encarregou de todos os objectos demasiado pequenos para que Spar os pudesse ver. Assim que lhe chegavam às mãos, o rapaz reconhecia-os graças ao cheiro ou ao tacto.

Quando a raiva impotente que sentia por Crown se dissipou, os pensamentos de Spar viraram-se de novo para a noite do Dia de Folga. Seria possível que as visões de vampiros e lobisomens não passassem de um sonho, agora que sabia que os seres tinham saído em força para os corredores? Se ao menos tivesse uma vista em condições, capaz de distinguir a ilusão da realidade!

A incitação de Kim: «Vê! Vê como deve de ser!» não lhe saía da cabeça. Como é que seria poder ver tudo com nitidez? Tudo mais brilhante, mais perto de si?

Após porfiados esforços, os objectos espalhados pelo ar regressaram aos seus devidos lugares; voltou a pegar no aspirador e Kim continuou à procura de ratos. À medida que a manhã do Dia de Trabalho avançava, o Bat Rack foi ficando gradualmente menos brilhante, se bem que a gradação fosse tão ténue que só um conhecedor a conseguiria distinguir.

Apareceram mais uns quantos clientes, todos para uma bebida rápida, que Keeper lhes servia com maus modos; nenhum deles mereceu um olhar mais atento de Suzy.

O passar do tempo só contribuiu para aumentar a má disposição de Keeper; Spar sabia que era sempre assim depois de uns momentos passados na presença de Crown, por breves que fossem. O barman tentou pôr os três cervejolas dali para fora, mas os homens sacaram de mais dinheiro, que um exame atento provou não ser falso. Para se vingar cortou-lhes nas espremedelas, o que gerou imediatamente acalorada discussão. Às tantas, Keeper chamou por Spar, que continuava nas limpezas, e perguntou-lhe em tom nervoso:

— Esse teu gato... o bicho arranhou o Crown, não arranhou? Temos de nos livrar dele; o Crown disse que podia ser um gato das bruxas, lembras-te?

Spar não respondeu, e Keeper mandou-o renovar o lubrificante das escotilhas de emergência, lembrando que o facto de Rixende ter ficado presa na vante só provava que o produto devia estar mais que seco. Atascou-se em aperitivos e bebeu várias doses de cerveja com sumo de tomate, aproveitando para aspergir o Bat Rack com um aerosol de cheiro abominável. Por fim, sem nada para fazer, resolveu conferir o dinheiro em caixa, mas desistiu pouco depois de ter começado e fechou a gaveta com maus modos, os olhos fixos em Suzy.

— Spar! — chamou. — Toma-me conta disto! Vê lá se não abusas das bebidas que servires aos cervejolas!

Fechou a caixa registadora e, com um significativo aceno de cabeça para Suzy na direcção da escotilha escarlate, lançou-se em voo para lá. A rapariga encolheu os ombros de desdém e seguiu-o com ar resignado.

Assim que o par saiu do bar, Spar ofereceu aos cervejolas uma esguichadela de oito segundos, devolvendo-lhes o dinheiro, e colocou duas pequenas caixas de aperitivos fritos e bolas de milho — à frente dos homens. Os três resmungaram a agradecer e atiraram-se aos pitéus. A luz ambiente mudou do habitual amarelo brilhante para um branco cadavérico. Ouviu-se um rugido distante, muito ténue, seguido segundos depois por um breve crescendo de estalos. A nova iluminação punha Spar muito pouco à vontade. Serviu mais duas bebidas rápidas e vendeu uma bolsa dupla de cerveja pelo dobro do preço habitual. Começou a mordiscar um aperitivo, mas nesse momento Kim aproximou-se em voo rasante para, orgulhoso, lhe mostrar um novo rato. O rapaz conseguiu dominar a náusea, mas começou a recear os efeitos retardados dos sintomas que há muito o incomodavam.

Um vulto roliço, vestido de escuro, entrou pela escotilha verde e avançou ao longo dos cabos de segurança; junto ao tecto do bar apareceu um rosto no qual a mancha de cabelos e barba brancos quase que escondia a carne castanha

e ressequida, se bem que o conjunto acentuasse as duas manchas mais pequenas dos olhos cinzentos.

— Doc! — cumprimentou Spar, recuperando imediatamente a boa disposição. Sem hesitar, estendeu ao recém-chegado uma bolsa gelada de aguardente de três estrelas, mas apesar de *toda* a excitação que sentia só conseguiu balbuciar um comentário atabalhoado:

— Uma péssima noite do Dia do Sono, hem, Doc? Tantos vampiros e...

—... e muitas outras dessas supertições tolas, que nascem todas as semanas mas que nunca desaparecem de vez — replicou a voz amigável mas cínica no velho.— Enfim, quem sou eu para te roubar essas ilusões, Spar, mesmo que sejam aterrorizadoras? Já tens tão pouco com que te entreter... sim, concordo que há uma atmosfera maldosa em toda a *Windrush.* Ah, isto escorre mesmo bem...

Foi então que Spar se recordou do mais importante. Enfiando a mão bem fundo dentro do fato, *de* modo a esconder o gesto dos cervejolas que bebiam por baixo de si, tirou para fora uma bolsinha negra e achatada.

— Tome lá, Doc — sussurrou. — Esqueceu-se dela aqui no último Dia de Folga. Guardei-a bem até o apanhar aqui de novo.

— Caramba, eu até era capaz de perder as calças se alguma vez as tirasse! — comentou Doc, baixando a voz quando viu Spar levar um dedo aos lábios. — Suponho que mais uma vez misturei cerveja com aguardente... foi ou não foi?

— É verdade, Doc, mas pelo menos não perdeu o seu saco. Foi-lhe roubado pelo Crown ou por uma das miúdas dele, quando se sentaram ao pé de si. Só que depois eu... bom, Doc, saquei-o do bolso de trás das calças do Crown. Isso mesmo, e não contei nada a ninguém quando o Crown e a Rixende apareceram aqui hoje de manhã à procura dele.

— Spar, meu amigo, fico-te profundamente agradecido — disse o Doc. — Muito mais do que possas imaginar. Serve-me lá mais um três estrelas, se fazes favor. Ah, mas que néctar! Spar, podes pedir-me o que quiseres... dou-te tudo, desde que fique dentro dos limites da primeira infinidade transfinita.

Para sua grande surpresa, Spar começou a tremer... de excitação. Esticando metade do corpo sobre o tampo do balcão, sussurrou em voz rouca:

— Nesse caso dê-me uns olhos bons, Doc! E dentes para comer!

Depois do que lhe pareceu um longo intervalo, Doc respondeu-lhe num tom sonhador e lamentoso:

— Nos Velhos Tempos, Spar, isso até não seria nada difícil. Já tinham aperfeiçoado os transplantes oculares, eram capazes de regenerar os nervos cranianos e por vezes até conseguiam restaurar o poder de discernimento de um cérebro danificado... a transplantação de raízes dentárias *de* um recém-nascido era uma brincadeira de internos. Agora, porém... Oh, sou capaz de fazer o que me pedes, só que de um modo desconfortável, antiquado e inorgânico, mas... — interrompeu-se com uma expressão onde se notava toda a miséria daquela vida e a inutilidade de quaisquer esforços.

— Velhos Tempos? — exclamou um dos cervejolas, a boca torcida num trejeito de asco. — Isso é conversa de bruxas!

— Bruxo! — acusou o segundo cervejola em tom idêntico. — O velho está mas é senil! Passa os quatro dias inteiros a sonhar, já não lhe chega o Dia do Sono.

O terceiro cervejola assobiou uma melopeia qualquer na direcção do doutor.

Spar puxou insistentemente pela manga do blusão do médico.

— Doc, o senhor prometeu-me! Quero ver bem, quero morder as coisas!

Pesaroso, Doc pousou uma mão no antebraço magro de Spar.

— Spar — disse-lhe em tom simpático —, o poderes ver bem só te tornaria mais infeliz. Acredita-me, sei o que digo. A vida é mais fácil de suportar quando tudo nos surge desfocado, tal como nos parece melhor quando a mente fica toldada depois *de* bebermos cerveja ou aguardente. Por outro lado, apesar de haver gente na *Windrush* capaz *de* morder com força, olha que tu não fazes parte dessa laia... venha daí mais um três estrelas, por favor.

— Hoje de manhã decidi nunca mais beber aguardente, Doc — informou Spar em tom orgulhoso ao estender-lhe a nova bolsa de pliofilme.

— Há tantos que põem de lado a aguardente todos os Dias de Trabalho, para depois mudarem de ideias quando chega o Dia de Folga... — observou Doc com um sorriso triste.

— Comigo vai ser diferente, Doc! — argumentou Spar. — De resto, tanto o Keeper como a Suzy ou o Crown e as suas miúdas vêem perfeitamente, e nunca me pareceram infelizes.

— Vou-te contar um segredo, Spar — replicou o Doc. — O Keeper, o Crown, as miúdas... são todos uns zombies. Isso mesmo, até o próprio Crown, com todo o seu poder e inteligência. Para essa gente, a *Windrush é* o universo.

— E não é, Doc?

Ignorando a interrupção, Doc continuou:

— Mas tu não deves querer ser como eles, Spar. Suponho que quererás saber muitas mais coisas, e é isso que te faria muito mais infeliz do que agora és.

— Não me interessa, Doc — disse Spar, repetindo em tom acusador: — O senhor prometeu-me!

As manchas cinzentas que eram os olhos do médico quase que desapareceram quando o velho franziu a testa, concentrado. Por fim lá respondeu:

— Como é que achas que será, Spar? Sei que a aguardente provoca dor e sofrimento, além de alegria e boa disposição. Supõe agora que todas as manhãs do Dia de Trabalho e todas as tardes dó Dia de Comer te trago uma pílula pequenina que te provocará os mesmos efeitos positivos da aguardente, sem nenhuns dos maus. Tenho uma aqui no saco: experimenta agora, para veres como é. Além disso, nas noites do Dia de Folga podia dar-te uma outra espécie de pílula capaz de te fazer dormir profundamente, sem nenhuns pesadelos. Olha que é muito melhor do que ter bons olhos e bons dentes... pensa bem antes de decidires, rapaz.

Enquanto Spar ponderava a oferta, *Kim* vogou até junto dele, fitando o Doc com os seus argutos olhos verdes.

— Os meusss ressptitozzos cumprimentos, Sssenhor — sibilou. — Chamo-me *Kim.*

— Igualmente, cavalheiro — respondeu Doc. — Que os ratos nunca te faltem.

Afagou suavemente o gato, começando pelo peito para depois passar ao pescoço, e voltou a exprimir-se no anterior tom sonhador:

— Nos Velhos Tempos todos os gatos falavam, não eram só uns quantos mais especiais. E muitos cães, também... desculpa-me, *Kim.* Quanto aos golfinhos, baleias e macacos...

Spar interrompeu-o, ansioso:

— Responda-me a uma pergunta, Doc: se as suas pílulas são capazes de nos dar felicidade sem ressaca, porque é que o senhor bebe cerveja, e às vezes até a mistura com aguardente?

— Porque no meu caso... — começou o médico, detendo-se com um sorriso estampado nos lábios. — Apanhaste-me, Spar. Nunca pensei que soubesses servir-te dos miolos. Muito bem, seja como queres. Vai ao meu consultório no próximo Dia de Comer... sabes o caminho? Óptimo! Depois veremos o que é que se pode fazer por esses teus olhos, e já agora tratamos também dos dentes. Bom, dá-me lá uma bolsa dupla para o caminho.

Pagou com moedas refulgentes, enfiou a bolsa de três estrelas num dos amplos bolsos do blusão e despediu-se:

— Até à vista, Spar. Adeus, *Kim.*

Com um impulso firme dos pés, lançou-se em voo na direcção da escotilha verde, ziguezagueando até lá chegar.

— Até depoisss, Sssenhor — murmurou *Kim* nas costas do médico.

Spar levantou a bolsinha preta.

— Doc, voltou a esquecer-se disto!

Quando Doc regressava aos bordos para apanhar a bolsa, a escotilha escarlate abriu-se para dar passagem a Keeper. O dono do bar parecia bem-disposto, até se pôs a assobiar os acordes de *Vou-me Casar com o Homem da Ponte* quando começou a esmiuçar qualquer coisa nas contas do movimento do dia; porém, mal Doc saiu, virou-se para Spar e perguntou-lhe, desconfiado:

— O que é que acabaste de entregar ao velhote?

— Era a bolsa dele — respondeu Spar em tom de quem não está para se ralar. — Quase que se esquecia dela mais uma vez. — Satisfeito, abanou a mão fechada para fazer tilintar o que lá guardava. — O Doc pagou em moedas, Keeper!

O *barman* pegou-lhes num gesto ávido.

— Continua a limpar, Spar.

Quando o rapaz vogou até à escotilha escarlate, para começar a aspirar os tubos de estibordo, Suzy apareceu à entrada e passou por ele, desviando os

olhos. Deixou-se escorregar até ao balcão e, de cenho franzido, aceitou a bolsa de cerveja que Keeper lhe estendia com uma vénia trocista.

Spar sentiu um breve assomo de raiva e de dó pela moça, mas mal conseguia concentrar-se noutra coisa que não fosse a sua próxima visita ao consultório do médico.

Keeper chamou-o para ir tomar conta do tórus, enquanto o patrão pegava numa folha do papel puída de tanto ter sido apagada para nela começar a escrever laboriosamente, segurando a prancha em cima dos joelhos, como se pensasse em cada palavra antes de a escrever, talvez mesmo em cada uma das letras, humedecendo amiúde o lápis nos lábios. Ficou tão absorvido com esta tarefa que não se apercebeu que começara a vogar em direcção à escotilha preta, rolando sobre si próprio numa lenta espiral. A folha do papel ficava cada vez mais suja com os garatujos, aos quais se iam misturando pedacinhos de borracha, saliva e suor.

A curta noite passou-se mais depressa do que Spar se atrevera a esperar, e o súbito brilho do começo do Dia de Comer deixou-o atarantado. A maior parte dos clientes resolveu retirar-se, a caminho de uma sesta bem merecida.

Spar nem sabia que desculpa teria de inventar para que Keeper o deixasse sair do Bat Rack, mas a verdade é que o problema se resolveu por si. Keeper dobrou a folha suada e selou-a com fita adesiva.

— Leva-me isto à Ponte, rapaz. Para o Imediato. Ah, espera aí! — tirou a saca cor de laranja do gancho onde ficara pendurada e puxou as fitas para se certificar de que estava bem fechada. — De caminho entrega-me isto no buraco do Crown. Com toda a cortesia e subserviência, Spar! Anda lá, despacha-te!

Spar enfiou a mensagem selada no seu único bolso com o fecho em boas condições, correndo-o lentamente, e seguiu em voo lento para a escotilha de vante, quase chocando com *Kim.* Lembrando-se de que Keeper o mandara ver-se livre do gato, pegou no animal pelo peito macio, entre as patas da frente, e enfiou-o suavemente dentro do fato, murmurando-lhe:

— Vais dar um passeio comigo, *Kim.*

O gato firmou as unhas no forro do fato e açolapou-se para a viagem.

Para Spar, o corredor era como um cilindro estreito com as duas extremidades imersas em nevoeiro, decorado a todo o comprimento com manchas finas pintadas de verde e vermelho. Seguiu em frente socorrendo-se essencialmente da memória e do tacto, desta feita lembrando-se de que devia avançar contra a leve corrente de ar que soprava ao longo do cabo central. Depois de contornar os enormes cilindros das passagens laterais, o corredor endireitava e seguia em linha recta. Por duas vezes teve de contornar as ventoinhas montadas no meio do corredor, ventoinhas que giravam tão devagarinho que só as conseguiu reconhecer graças à brisa que delas soprava e pela leve sucção que se formava do lado de lá de qualquer delas.

Não demorou a chegar-lhe às narinas o cheiro a terra húmida e plantas a crescer. Estremeceu ao passar ao lado do círculo negro da porta elástica do grande triturador do Porão Três. Não se cruzou com vivalma — o que era estranho, mesmo para um Dia de Comer. Por fim avistou os tons verdes dos Jardins de Apolo e, para lá destes, uma descomunal antepara de cor preta, sobre a qual sobressaía, na zona de vante, um pequeno círculo alaranjado que — não

sabia bem porquê — sempre o enchera de um medo e de uma tristeza inexplicáveis. Pensou nas muitas — quantas? — anteparas que seriam assinaladas por aquele círculo tristonho, em especial na alheta de estibordo da *Windrush.* Já o vira em várias delas.

Quando se aproximou o suficiente dos jardins, tão perto que já conseguia distinguir as folhas verdes a abanarem sob a brisa e, no meio delas, o vulto flutuante de um jardineiro, teve de virar à direita e para baixo, seguindo sempre pelo corredor. Doze impulsos mais ao longo do cabo-guia puseram-no em frente a uma escotilha aberta que a recordação da distância percorrida e os fortes odores almiscarados que dela emanavam lhe disseram estar à entrada do Buraco do Crown. Espreitando para o interior, conseguiu ver as espirais pretas e prateadas que constituíam a decoração de um enorme compartimento globular. Mesmo em frente à escotilha, no extremo oposto, via-se nova antepara preta com o disco laranja na mesma posição descentrada.

Por baixo do queixo, *Kim* sussurrou-lhe em tom aflito:

— Pára! Sssilêncio, senão ainda nos tramas!

O gato tirara a cabeça de dentro do fato, e o pêlo das orelhas fazia cócegas na garganta de Spar. O rapaz já começava a habituar-se aos melodramas do felino, e em qualquer dos casos o aviso era mais que desnecessário: acabara de ver a meia dúzia de corpos nus a flutuarem no meio do compartimento, e ter-se-ia imobilizado nem que fosse *de* vergonha. Spar, claro, não conseguia distinguir os órgãos genitais das orelhas àquela distância, mas era capaz de perceber que, à excepção do cabelo, cada um dos corpos tinha uma textura distinta dos outros: um era castanho-escuro e os outros cinco — ou seriam quatro? Não, eram mesmo cinco — tinham a pele clara. Não foi capaz de reconhecer dois deles, um com o cabelo platinado e o outro dourado, e que por sinal eram também os dois corpos de pele mais branca. Como é que seria a nova namorada do Crown, a rapariga chamada Almodie? Sentiu-se aliviado ao perceber que nenhum dos corpos tocava noutro.

Junto à rapariga dos cabelos dourados surgiu um brilho metálico, o que permitiu a Spar ver — a custo — a mancha vermelha de um tubo fino com cinco ramificações, que desciam do metal para os cinco rostos circundantes. Pareceu-lhe estranho que, mesmo dispondo de uma rapariga para servir as bebidas, Crown tomasse cerveja de uma forma tão plebeia, ainda por cima dentro do seu requintado Buraco. É claro que podiam muito bem estar a beber vinho ou mesmo aguardente...

Ou seria que o Crown estava a tentar abrir um bar rival do Bat Rack? Pois fazia-o numa má altura e, pior ainda, num sítio péssimo, pensou Spar, enquanto tentava decidir o que fazer com o saco laranja.

— Atira-o lá para dentro! — suplicou *Kim* numa vozinha que mal se ouvia.

Os dedos de Spar descobriram um gancho de abrir junto à escotilha; procurando fazer o menos barulho possível, prendeu o saco pelas fitas do fecho e de seguida empurrou a antepara de modo a regressar ao corredor.

Porém, ao fechar-se, o gancho ainda emitiu um estalido audível, provocando imediata resposta de dentro do Buraco do Crown — um rugido surdo, arrastado e grave.

Spar puxou com força pelo cabo-guia, e olhou para trás assim que virou a esquina ao fundo da passagem.

Do lado de fora da escotilha do Crown surgira uma cabeçorra enorme e orelhuda, mais estreita que a de um homem e ainda mais escura que a do preto.

O rugido ressoou de novo pelo corredor.

Era ridículo ter-se deixado assustar pelo *Hellhound,* pensou Spar ao afastar-se corredor fora. Havia dias em que o Crown até levava o cão ao Bat Rack!

Talvez fosse porque o animal nunca rugira dentro do bar, limitando-se a emitir os cerca de cem monossílabos do seu repertório. Além disso, o cão nunca seria capaz de avançar agarrado ao cabo-guia, faltavam-lhe garras suficientemente afiadas para tal. Enfim, talvez fosse capaz de dar um salto em frente, impelindo-se depois com fortes sapatadas nos ressaltos do corredor...

Desta vez, as cortinas negras do grande triturador puseram Spar a tremer como varas verdes. Estava bem arranjado... logo hoje, que ia conseguir uns olhos novos, é que se deixava amedrontar como uma criança!

— Porque é que tentaste assustar-me dentro do Buraco, *Kim?* — perguntou ao gato, zangado ao lembrar-se do sucedido.

— Porque ali dentro sssó vive o mal, issiota!

— Ná, o que tu viste foram cinco gajos a beber cerveja, para além de um cão que não faz mal a uma mosca. Desta vez enganaste-te, *Kim,* desta vez o idiota foste tu!

O gato não respondeu e recusou-se a dizer uma palavra mais que fosse. Spar lembrou-se da vaidade e sensibilidade que caracterizavam todos os gatos, mas o certo é que agora tinha outras coisas com que se preocupar. E se a saca laranja fosse levada por alguém que passasse em frente à escotilha do Crown, antes deste se aperceber de que já a tinha lá dentro? E quando o preto a descobrisse? Por certo que ficaria a saber que Spar, o eterno moço de recados de Keeper, tinha lá estado a espreitar. Porque é que lhe estava a acontecer tudo aquilo logo no dia mais importante da sua vida? A pequena vitória verbal sobre o gato de pouco lhe servia como consolação.

Além do mais, se bem que a rapariga dos cabelos platinados o interessasse muito mais do que as duas desconhecidas, havia qualquer coisa que começava a preocupá-lo quanto à rapariga que fizera as vezes de *barman,* a que tinha os cabelos dourados como a Suzy, só que bastante mais magra e pálida — tinha a sensação de que já a tinha visto antes, e notara-lhe qualquer coisa que o deixara assustado.

Quando chegou ao corredor central, sentiu-se tentado a ir primeiro ao consultório do Doc, deixando a Ponte para depois. Não, o melhor era ir ter com o médico sem mais nenhuma preocupação em cima dos ombros, sabendo que já tinha cumprido todos os recados.

Relutantemente, enfiou por uma passagem violeta batida pelo vento e mergulhou em direcção ao primeiro espaço vazio que viu no cabo-guia central, agarrando-se à linha com tanta força que esfolou a palma das mãos. Instantes depois avançava à velocidade do vento sibilante. O Keeper era um miserável, nem sequer lhe comprava um par de luvas para as mãos, isto para já não falar num para os pés! Bom, o melhor era prestar atenção aos ressaltos dos roletes onde se

apoiava o cabo espesso, mantendo-o firme a meio do corredor. Não era difícil agarrar-se ao cabo imediatamente a seguir a cada um dos roletes, tirando rapidamente a outra mão para a firmar mais adiante, mas mesmo assim a manobra requeria uma certa dose de concentração.

Via-se pouco gente a viajar agarrada ao cabo, e menos ainda a seguirem soltas pelo corredor fora, arrastadas pela forte corrente de ar. Às tantas ultrapassou um vulto dobrado sobre si próprio, vogando solto enquanto repetia numa voz esganiçada: «Escada de Jacó, Árvore da Vida, Linhas de Casamento...»

Passou pelo funil que, a meio da passagem, assinalava a separação entre os Porões Três e Dois, mas o guarda não o mandou parar; instantes depois quase que falhava a entrada do grande corredor azul que subia na vertical. Voltou a esfolar as palmas das mãos ao transferir-se de um cabo-guia para o outro, o que o deixou ainda mais impaciente e aborrecido.

— Spar, seu grandessíssimo issiota!... — começou *Kim.*

— Shhh! Estamos na zona dos oficiais! — atalhou Spar, satisfeito por ter uma desculpa razoável para mandar calar o atrevido do gato. Em boa verdade, as zonas azuis da *Windrush* sempre o tinham enchido de medo e de respeito.

Depressa demais para o seu gosto, deu consigo a saltar do cabo-guia para uma autêntica selva estacionária de tubos metálicos imediatamente por baixo do pavimento da Ponte. Avançou a custo para as barras superiores e deixou-se ficar a flutuar, à espera que alguém reparasse na sua presença.

A Ponte estava repleta de incontáveis objectos metálicos das mais variadas formas, entre os quais se viam superfícies pulsantes emitindo em todas as cores do arco-íris; as mais próximas pareciam-lhe ser feitas de fiadas e fiadas de minúsculas luzinhas a apagarem e a acenderem — verdes, vermelhas, de todas as cores. Por cima de tudo sobressaía uma enorme extensão *de* veludo negro, sobre a qual se viam, muito espalhados, pontinhos cintilantes, de um brilho frio e leitoso.

Por entre os objectos metálicos e as fiadas de arco-íris flutuavam várias pessoas, todas vestidas com o azul-ferrete dos oficiais. De quando em quando gesticulavam uns com os outros, mas ninguém abria a boca para falar. Para Spar, cada um dos movimentos daquela gente chegava-lhe carregado de profundo significado. Eram os deuses de *Windrush, os* que os governavam a todos — se é que eram mesmo deuses a sério. Sentiu-se reduzido à insignificância de um rato, um rato que seria imediatamente aniquilado mal se atrevesse a quebrar o silêncio da Ponte.

O gesticular aumentou de ritmo, tenso e nervoso, precedendo um rugido distante e curto acompanhado pelos familiares rangidos e estalos das estruturas. Atónito, Spar compreendeu que o Comandante, o Navegador e o resto dos oficiais eram afinal os responsáveis por todos aqueles fenómenos repetitivos e tão familiares.

Os ruídos assinalavam também o meio-dia do Dia de Comer, o que só serviu para aumentar o desconforto do rapaz. Os recados estavam a ocupar-lhe demasiado tempo. Começou a levantar a mão sempre que um dos vultos vestidos de azul-escuro passava ao pé de si, tentando captar-lhe a atenção, mas ninguém lhe ligou a mínima importância.

Por fim decidiu-se.

— *Kim?*— murmurou para o gato. Quando não obteve resposta, Spar reparou que o animal ronronava suavemente, como se tivesse adomecido. Sacudiu-o de mansinho. — *Kim,* preciso de falar contigo.

— Essstá calado! Esstou a dormir! Sssh! — protestou o gato, enovelando-se ainda mais no calor do fato para continuar a ronronar.

Spar não conseguiu descobrir se *Kim* estava mesmo a dormir ou a fingir que dormia, o que o deixou extremamente irritado. Os minutos arrastavam-se, o desespero aumentava a cada momento. Não podia faltar à consulta do Doc! Preparava-se para avançar até ao tecto, a fim de interceptar o primeiro oficial que lhe aparecesse pela frente, quando uma voz jovial lhe disse:

— Olá, avozinho, o que é que andas a fazer por aqui?

Spar compreendeu que não deixara de acenar automaticamente com a mão, o que afinal acabara por resultar: um homem escuro, tão escuro como Crown mas fardado de azul-ferrete, reparara finalmente nele. Tirou o sobrescrito do bolso e estendeu-o ao oficial.

— Para o Imediato — informou.

— Bom, isso até é com o meu departamento.

Um ruído como que de papel a rasgar-se... uma unha a abrir o sobrescrito? Depois um estralejar mais acentuado, era a folha de papel a ser desdobrada. Um breve compasso de espera.

— Quem é este Keeper? — perguntou o homem.

— É o dono do Bat Rack, senhor. Trabalho lá.

— Bat Rack?

— É um bar. Antes chamava-se o Tórus Feliz, segundo me disseram, e o Doc explicou-me que nos Velhos Tempos era a Messe Número Três.

— Hmmm. Bom, mas o que é que isto quer dizer, avozinho? Como é que te chamas?

Pouco à vontade, Spar fitou fixamente a vasta expansão negra salpicada de pontinhos brilhantes.

— Não sei ler, senhor. Chamo-me Spar.

— Hmmm. Tens visto alguns... alguns seres sobrenaturais no Bat Rack?

— Não, só os vejo quando sonho, senhor.

— Hmmm. Bom, acho melhor dar lá um pulo para ver como é que é. Se me reconheceres, faz de conta que nunca me viste. A propósito, sou o Guarda-Marinha Drake. Quem é o teu passageiro, avozinho?

— É só o meu gato, Guarda-Marinha — confessou Spar, alarmado.

— Bom, podes sair pelo tubo preto.

Spar começou a vogar através da selva de objectos metálicos, na direcção apontada pela mancha que era o braço fardado de azul.

— Da próxima vez não te esqueças de que não são permitidos animais na Ponte.

Enquanto descia, a sensação de alívio por se lhe ter deparado um oficial aparentemente humano e compreensivo surgia à mistura com uma forte ansiedade quanto ao tempo que lhe restava para ir à consulta do Doc. Quase que se enganou ao chegar ao desvio do cabo-guia vermelho que levava ao corredor principal; a luz cadavérica do entardecer aborrecia-o. Passou uma vez mais pelo vulto dobrado à deriva no meio da passagem, que desta vez grasnava qualquer coisa como: «Trindade, Latada, Orelha de Abano…»

Debatia-se entre o desejo de seguir direito ao consultório e a vontade de voltar para o Bat Rack quando reparou que já tinha passado pela segunda comporta, encontrando-se agora no Porão Quatro, já muito perto das instalações do médico. Travou, recompôs-se agarrado a uma escoteira e avançou lentamente ao longo do cabo-guia que levava ao consultório, situado tão a bombordo como o Buraco do Crown ficava a estibordo.

Passou por dois vultos desajeitadamente agarrados ao cabo, de hálitos fedorentos numa clara antecipação do Dia de Folga. Voltou a cheirar-lhe a plantas e a húmus, quase de certeza as do Jardim de Diana.

A escotilha estava fechada, mas abriu-se ao terceiro toque da campainha, revelando um rosto de olhos cinzentos envolto por um halo esbranquiçado.

— Estava a ver que não vinhas, Spar.

— Peço imensa desculpa, Doc, mas tive de…

— Não faz mal. Entra, entra. Olá, *Kim*… olha, se quiseres dá uma volta por aí.

Kim saiu de dentro do fato, afastou-se com um golpe de rins e não perdeu tempo a iniciar uma típica revista de felino às instalações.

O próprio Spar apercebeu-se de que havia imensa coisa para inspeccionar. Todos os bolbos do gabinete do Doc pareciam ter objectos agarrados a todo o comprimento; havia saliências grandes e pequenas, brilhantes e baças, escuras e claras, translúcidas ou opacas. Sobressaíam quase todos contra o pano de fundo de uma antepara banhada por aquela luminosidade cadavérica que Spar tanto receava, mas que de momento nem sequer o preocupava. Num dos extremos do gabinete surgia uma faixa ainda mais brilhante.

— Tem cuidado, *Kim!* — gritou Spar ao ver o gato aterrar sobre um dos bolbos para aí se firmar com as garras afiadas.

— Deixa-o estar — disse Doc. — Vamos lá a ver o que se passa contigo, Spar. Abre bem os olhos.

O médico segurou a cabeça de Spar com ambas as mãos, os olhos cinzentos e o rosto curtido tão perto que quase se fundiam numa só mancha.

— Não os feches, ouviste? Sim, sei que tens de pestanejar de vez em quando, isso é absolutamente normal. Pois é, era o que eu pensava, tens as lentes dissolvidas. Sofreste dos efeitos secundários que afectam uma em cada dez pessoas atacadas pelo raquitismo leteano.

— Como os estigmas do Inferno, Doc?

— Exactamente. Todos nós o tivemos, todos nós bebemos da água do Letes ([3]). Às vezes, quando ficamos muito velhos, conseguimos recordar-nos de como tudo começou. Não, não pestanejes!

— Olhe lá, Doc, foi por causa de eu ter tido o estigma do Inferno que não consigo lembrar-me de nada antes do Bat Rack?

— Pode ser que sim. Há quanto tempo é que trabalhas no Bat Rack?

— Não sei, Doc. Acho que desde sempre.

— Pelo menos já lá estavas antes de eu descobrir essa tasca. Dei com ela quando o Rumdum se fechou aqui no Quatro, mas isso só foi há um ano...

— Mas eu sou muito velho, Doc! Porque é que ainda não comecei a lembrar-me das coisas?

— Tu não és velho, Spar. És careca, não tens dentes, tens a mente toldada pela aguardente e ficaste com os músculos atrofiados, para além de não conseguires raciocinar devidamente. Bom, agora abre a boca.

Uma das mãos do Doc fechou-se sobre a base do pescoço de Spar, e a outra começou a explorar o interior da boca.

— Mesmo assim ainda tens as gengivas duras... o que só vem facilitar as coisas — comentou o médico.

Spar queria falar-lhe da água salgada, mas quando o Doc finalmente tirou a mão de dentro da boca do rapaz foi para lhe pedir:

— Agora abre-a o mais que puderes. — O médico enfiou-lhe lá dentro qualquer coisa quente e grande como uma bolsa de mão. — Agora morde. Morde com quanta força tiveres!

Spar teve a sensação de estar a trincar fogo. Tentou abrir a boca, mas as mãos que lhe seguravam a cabeça e o maxilar impediram-no. Involuntariamente, pontapeou e arranhou o ar à sua volta, os olhos marejados de lágrimas.

— Está quieto! Respira pelo nariz! Não é assim tão quente como isso... está descansado que não ficas queimado.

Spar tinha as suas dúvidas, mas passados instantes concluiu que a coisa não era tão quente que lhe fritasse os miolos. Além disso, não queria revelar ao médico a sua cobardia. Esforçou-se por ficar imóvel; pestanejou várias vezes e a mancha abstracta que o rodeava separou-se nas manchas distintas do rosto do Doc e do consultório atafulhado de equipamentos de cor cadavérica. Tentou sorrir, mas os lábios já estavam tão esticados que os músculos não eram capazes de lhe obedecer. A boca doía-lhe, mas apercebeu-se de que a sensação de queimadura estava a diminuir.

Viu que o médico lhe sorria.

— Bom, tu é que pediste a um velho bêbado para te aplicar técnicas das quais só tinha ouvido falar. Mas já está feito, vais ficar com dentes suficientemente fortes para cortares um cabo. *Kim,* por favor não mexas nesse saco.

A mancha negra do gato estava a afastar-se de um vulto negro com o dobro do seu tamanho. Spar resmungou uma reprimenda ao gato, mas os sons

---

[3] Letes: um dos cinco rios do Inferno, de acordo com a mitologia grega. *(N. do T.)*

só lhe saíram pelo nariz, obrigando-o a fazer uma careta. O vulto grande tinha um contorno parecido com o do saco do médico, mas era consideravelmente maior; além disso devia ser bastante maciço, pois em reacção ao empurrão dado por *Kim* o móvel onde estava preso dobrou-se sobre a base, estando agora a endireitar-se lentamente.

— É naquele saco que guardo o meu tesouro — explicou o Doc, continuando quando viu Spar soerguer as sobrancelhas a indicar que não tinha percebido: — Não, não se trata de ouro nem de moedas nem de jóias, é uma segunda infinidade transfinita... sonhos, sono e pesadelos para toda a gente em mais de mil *Windrush.* — Deteve-se para olhar para o pulso. — Bom, já deve chegar. Abre a boca.

Spar obedeceu, mas doeu-lhe imenso.

O médico tirou lá de dentro o que quer que fosse que o rapaz tinha mordido, embrulhou-o num plástico e prendeu-o ao móvel mais próximo, para por fim observar atentamente o interior da boca de Spar.

— Acho que o aqueci demais — comentou. Pegou numa bolsinha pequena, premiu-a contra os lábios de Spar e apertou. A boca do rapaz ficou cheia de um nevoeiro gelado, e as dores desapareceram completamente.

Doc enfiou a bolsinha dentro do bolso do fato de Spar.

— Se te voltar a doer, toma um bocadinho disto — explicou.

Antes que o rapaz lhe pudesse agradecer, o médico premiu-lhe um tubo contra o olho.

— Diz-me lá, Spar, o que é que vês? Spar gritou, apavorado, e virou a cara.

— O que é que se passa, Spar?

— Doc, o senhor deu-me um sonho! — respondeu Spar em voz rouca. — Não vai contar a ninguém, pois não? Também senti uma espécie de cócegas...

— Como é que era o sonho? — perguntou o médico, sem conseguir disfarçar a curiosidade.

— Foi só uma imagem, Doc. A imagem de uma cabra com um rabo de peixe... Doc, eu até consegui ver as... as... as escamas do peixe! Era tudo tão... tão nítido! Doc, é *isto* o que as pessoas querem dizer quando falam em vermos com nitidez?

— Mas claro, Spar. Ainda bem que foi assim: quer dizer que não sofreste danos cerebrais ou na retina. Não me vai ser difícil fazer-te um par de óculos... quero dizer, se o par que ainda tenho não estiver estragado. Portanto tu ainda consegues ver as coisas com nitidez quando sonhas... sim, não era de esperar outra coisa. Mas porque é que não queres que se saiba?

— Tenho medo de ser acusado de feitiçaria, Doc. Sempre pensei que o ver-se as coisas dessa maneira era clarividência. Esse tubo fez-me cócegas no olho!

— Isótopos e insanidade! — vociferou o médico. — Claro que fez cócegas! É o efeito do campo. Bom, vamos lá experimentar com o outro olho.

Spar quis gritar de novo mas conseguiu dominar-se, e desta vez nem sequer fugiu com o olho, se bem que o formigueiro na pálpebra se fizesse sentir

com a mesma intensidade. Viu a imagem de uma rapariga magra; sabia que era uma rapariga devido aos contornos do corpo, mas desta vez até era capaz de os ver muito nítidos. Conseguia ver... conseguia ver todos os pormenores. Por exemplo, os olhos da moça já não lhe surgiam como duas ovais desfocadas, encobertas pela neblina: tinham pontos em ambas as extremidades, de uma cor de porcelana... como se fossem triângulos; dentro dos triângulos surgiam duas bolas de cor violeta, cada uma com um círculo negro no meio.

A rapariga tinha cabelos prateados e vestia roupas brancas refulgentes que lhe deixavam os ombros a descoberto, mas uma força desconhecida qualquer ou um truque de magia puxava-lhe os cabelos e o vestido para os pés, de tal modo que as vestes tinham uma espécie de... de pregas.

— Como é que ela se chama, Doc? Almodie?

— Não, chama-se Virgem. Consegues ver os contornos?

— Consigo, Doc! Já percebi! São afiados como uma faca! E aquela cabra com rabo de peixe?

— É o Capricórnio — respondeu Doc, tirando o tubo do olho do rapaz.

— Doc, sei que a Virgem e o Capricórnio são nomes de luas, terras e sóis, mas nunca pensei que podiam ser representados por imagens. Quero dizer, nunca soube que fossem *gente...*

— Mas tu... é claro, tu nunca viste relógios ou estrelas, e muito menos as constelações do Zodíaco.

Spar preparava-se para perguntar o que eram essas coisas todas quando se apercebeu de que a luminosidade cadavérica tinha desaparecido, enquanto a fita de luz mais brilhante aumentara de tamanho.

— Pelo menos nas memórias a que consegues aceder — acrescentou o Doc. — Se tudo correr bem devo ter os teus olhos e dentes novos prontos no próximo Dia de Comer. Se conseguires, vem cá o mais cedo que puderes. Sou capaz de te ver antes disso, no Bat Rack, no próximo Dia de Folga ou mesmo antes.

— Isso é formidável, Doc, mas agora tenho de me ir embora. Anda daí, *Kim!* Nos Dias de Comer, à noite, o serviço costuma aumentar, como se fosse um Dia de Folga a começar ao contrário. Mete-te aqui dentro, *Kim.*

— Tens a certeza de que dás com o caminho até ao Bat Rack, Spar? Vai escurecer antes de lá chegares...

— É claro que dou, Doc.

Contudo, quando a noite caiu como um capuz pesadão a enfiar-se-lhe pela cabeça abaixo, a meio caminho do corredor, Spar desejou ter o Doc a seu lado para o guiar; não disse nada porque receava ver-se alvo do desprezo do gato, apesar do animal seguir muito calado dentro de uma prega do fato. Avançou o mais depressa que pôde, semicerrando os olhos para focar as ténues luzes que, a intervalos esparsos, assinalavam os apoios do cabo-guia.

O corredor de vante ainda era pior — completamente vazio e iluminado por luzes hesitantes, ridículas. Agora que sabia o que era ver com nitidez, sentia-se aborrecido por ver tudo desfocado. Começava a suar, a tremer e a ter cãibras provocadas pela falta do álcool, e os pensamentos entrechocavam-se

tumultuosamente dentro da cabeça. Seria possível que tudo o que lhe tinha acontecido desde que conhecera o *Kim* não passasse de um sonho? O facto do gato se recusar a falar — teria perdido a língua? — preocupava-o sobremaneira. Começou a ver fiapos nebulosos que se desvaneciam quando os fitava de frente, e lembrou-se da conversa dos cervejolas e do Keeper sobre os vampiros e bruxas.

Apavorado, decidiu não esperar pela escotilha verde do Bat Rack e enfiou-se pelo corredor que levava à escotilha de vante. A passagem, mais estreita, estava completamente às escuras. A meio caminho julgou ouvir o cão de Crown a rosnar, mas não teve a certeza porque o grande triturador estava a mastigar qualquer coisa. Debatia-se com um pânico cada vez maior quando entrou de sopetão no Bat Rack através da escotilha vermelho-escuro, lembrando-se a tempo de evitar a nova camada de cola.

O bar estava à cunha, profusamente iluminado e com a pista de dança a transbordar; assim que o viu, Keeper desatou a insultá-lo. Mergulhou no tórus e principiou a aviar o chorrilho de pedidos dos clientes, servindo-os com gestos automáticos, trabalhando exclusivamente pelo tacto e pela voz, pois o frenesim transtornara-lhe ainda mais a visão — tudo rodopiava à sua volta, desfocado e confuso.

Passado um bocado sentiu-se melhor, mas os nervos, esses, tinha-os cada vez mais abalados. Só o trabalho o mantinha desperto, afastando até os constantes insultos de Keeper, mas às tantas compreendeu que estava demasiado cansado para fazer fosse o que fosse. Quando os primeiros alvores anunciaram o nascimento de mais um Dia de Folga — a multidão em redor do tórus engrossava a olhos vistos —, deitou a mão a uma bolsa de aguardente e levou-a aos lábios.

Sentiu um par de garras finas como agulhas a firmarem-se no peito.

— Issiota! Bêbado! Esscravo do medo!

Spar quase que entrou em convulsões, mas lá pousou a bolsa de aguardente. *Kim* saiu de fato e afastou-se com um gesto de desprezo para voar em redor do perímetro do bar, falando com vários dos clientes, e a breve trecho tornava-se no alvo das conversas. Keeper começou a gabar-lhe as habilidades e parou de servir, o que obrigou Spar a trabalhar a dobrar, parecendo-lhe que vivia um pesadelo pior do que todas as bebedeiras que apanhara até então. Era como se estivesse longe, muito longe daquilo tudo.

Suzy entrou e tocou ao de leve numa das mãos de Spar quando este lhe serviu a habitual cerveja preta. O gesto soube-lhe bem.

Uma voz vinda de baixo pareceu-lhe familiar. Quem falara fora um cervejola de cabelos encaracolados e fato de voo, pessoa que nunca vira mais gorda. Porém, ao ouvir de novo aquela voz, percebeu que era a do Guarda-Marinha Drake. Enfim, havia tantos cervejolas que ele não conhecia…

O bar fremia de tão apinhado que estava, e Keeper pôs a música aos berros. Sozinhos ou aos pares, dançarinos acrobatas saltavam e rodopiavam no meio do ar, esgueirando-se entre as mesas, enquanto outros gritavam e cantavam, e outra de fato branco mergulhou para dentro do tórus, mas Keeper meteu-a e ao companheiro no seu devido lugar.

Spar ouviu *Kim* a recitar:

Sssou um gato.

Mato ratosss...

Cumprimento toda a gente...

Ssseja gorda ou magra.

Olá, olá, rapazziada!

O Dia de Folga chegou ao fim, e o bar estava quente como um forno. O Doc não apareceu, mas o Crown, esse, não podia faltar. Os pares da pista de dança abriram alas e uma secção inteira de cervejolas afastou-se para dar lugar ao negro, ao seu cortejo de raparigas e ao cão *Hellhound,* de modo que o grupinho ficou com um terço do tórus só para si, sem ninguém mesmo por baixo. Para grande surpresa de Spar, todos pediram café excepto o mastim; o animal, quando Crown lhe preguntou que bebida preferia, respondeu com um *Bloody Mary,* puxando a custo as palavras do fundo da garganta, de modo que lhe saíram roucas e graves, mais como um resmungo a soar a «Bluu-Muh».

— O quê, issso é que é falar? — comentou *Kim* do outro lado do tórus. Vários bêbados à sua volta engasgaram-se de riso.

Spar, armado de pegas de feltro, serviu as bolsas do café a ferver e preparou a bebida do cão com uma seringa de borracha e um tudo de aspiração. Desorientado, receava mais o que poderia suceder a *Kim* do que a si próprio. Os rostos desfocados pareciam-lhe balançar mais do que o costume, mas mesmo assim ainda conseguia distinguir os cabelos negros de Rixendo e os ruivos de Phanette e Doucette, cujas bocas sobressaíam de tão pintadas estavam; Almodie devia ser a rapariga dos cabelos platinados; tinha um aspecto horrível, sentada como estava entre a mancha castanho-escuro à sua direita, vestida de roxo, e a silhueta de orelhas pontiagudas à sua esquerda.

Spar ouviu Crown a murmurar ao ouvido da rapariga:

— Pede ao Keeper para te mostrar o gato que fala. O sussurro foi muito ténue, tão ténue que Spar nunca teria conseguido ouvi-lo se não fosse pela excitação patente na voz de Crown, uma excitação que o rapaz nunca ouvira no negro.

— Mas são capazes de se pôr à bulha! Quero dizer, o gato e o *Hellhound,* claro — respondeu a rapariga numa voz que pôs o coração de Spar aos pulos. Ansiava por ver o rosto dela através do tubo do Doc. Era capaz de ser parecida com a Virgem, talvez até mais bonita. Bom, nenhuma das raparigas do Crown devia ser virgem... mas que mundo estranho e horrível. Os olhos dela eram *violeta!* Spar estava farto de ver tudo desfocado. Almodie parecia assustada, mas mesmo assim continuou: — Não, Crown, por favor...

Spar ficou completamente cativado.

— Mas a ideia é essa, minha querida. Conheces alguém que seja capaz de nos dizer que não? Julguei que já te tinha ensinado isso. Era capaz de te ensinar outra lição aqui mesmo, mas esta noite estamos todos tão bem dispostos... Anda lá, Keeper, a nossa nova namorada quer ouvir o teu gato a falar. Trá-lo para aqui.

— Mas eu não... — começou Almodie, detendo-se imediatamente.

Kim aproximou-se a flutuar por cima do tórus, enquanto Keeper gritava por ele na direcção oposta. O gato travou nas costas de uma escoteira e fitou Crown com os olhos frios.

— Sssim?

— Keeper, desliga-me aquela porcaria.

A música calou-se abruptamente, logo substituída por um vozear indistinto que pouco mais durou.

— Então, gato? Vamos lá, fala.

— Prefiro cantar — anunciou *Kim,* lançando-se numa melopeia lúgubre que, apesar de ter um padrão, não fazia parte do conceito que Spar tinha da música.

— É uma abstracção! — suspirou Almodie, deliciada. — Ouviste, Crown? Aquele foi um dó sustenido…

— Talvez um mi demencial — comentou Phanette do lado de lá.

Crown fez-lhes sinal para que se calassem.

Kim acabou a canção com um miado mais que agudo; olhou lentamente em redor, para a assistência atónita, e começou a lamber uma pata.

Keeper agarrou-se a uma das pegas do tórus com a mão esquerda e perguntou em tom neutro:

— Já que não te dignas falar connosco, não quererás falar com o nosso cão?

Kim olhou fixamente para *Hellhound,* que continuava a sugar o seu *Bloody Mary.* Os olhos do gato arregalaram-se, as pupilas transformaram-se numa fenda e os lábios recuaram, revelando as presas finas como agulhas.

Schschweinhund! ([4]) — sibilou o felino.

Hellhound lançou-se em frente e apoiou as patas da frente na palma da mão esquerda de Crown, que o empurrou para diante e para a esquerda, na direcção do sítio onde *Kim* se eriçara. O gato, mais ágil, deu um golpe de rins e mudou de direcção, impelindo-se vigorosamente na escoteira mais próxima. As faces brancas do cão morderam o ar a poucos centímetros do ponto onde momentos antes estivera o pescoço do gato, e o poderoso corpo negro continuou o voo sem conseguir travar.

Hellhound aterrou com as quatro patas em cima de um bêbado gorducho, deixando-o sem respiração e engasgado com a bebida, e aproveitou a barriga do homem para se impelir num rumo precisamente inverso. *Kim* ziguezagueava entre as escoteiras, mas na carga seguinte voou numa nuvem de pêlo quando os maxilares do cão se cerraram com um estalo; *Hellhound* não ficou sem resposta: as garras afiadas do gato deixaram-lhe um rasgão na pele.

Crown agarrou o cão pela coleira e impediu-o de desferir novo ataque. Tocou-lhe por debaixo do olho e cheirou os dedos.

— Por hoje já chega, rapaz — disse. — Não podes andar para aí a matar génios musicais… — A mão desceu do nariz até ao tampo do tórus e voltou a erguer-se, agora de punho cerrado. — Muito bem, gato, já falaste com o nosso cão. Não queres falar connosco?

[4] Patife, velhaco. Em alemão no original. *(N. do T.)*

— Sssim! — respondeu *Kim,* vogando até à pega mais próxima do rosto de Crown. Spar avançou para puxar o animal para trás, enquanto Almodie olhava para o punho cerrado de Crown e aproximava uma mão da do negro.

— Peão do Inferno! — sibilou *Kim.* — Traiçoeiro!

Nem Spar nem Almodie foram a tempo: de entre os dedos fechados de Crown jorrou um jacto fino como uma agulha que foi acertar em cheio na boca aberta de *Kim.*

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, a mão de Spar conseguiu interpor-se entre o jacto e a boca do felino; ficou com as costas da mão a arder.

Kim pareceu encolher e, momentos depois, afastou-se rapidamente de Crown, em direcção à escuridão.

— Já tinham visto isto? — perguntou Crown. — É uma arma parecida com o fogo grego dos antigos, mas bem conhecida da nossa gente. Uma resposta perfeita para um gato das bruxas.

Spar atirou-se a Crown, agarrou-o pela lapela e tentou atingi-lo no queixo. Afastaram-se ambos do tórus à metade da velocidade com que Spar tinha carregado.

Crown virou a cabeça e Spar mordeu-o no pescoço com as gengivas desdentadas. Ouviu-se um cl*ique* e Spar sentiu um jacto de ar na base do pescoço, e logo a seguir um triângulo gelado comprimiu-lhe a carne na zona dos rins. Spar abriu a boca e ficou a flutuar, inerte. Crown riu-se baixinho.

Uma lanterna de sinais azul, acesa por um cervejola, pôs toda a gente do bar de uma cor ainda mais cadavérica que nos corredores de bombordo da *Windrush.* Uma voz gritou em tom autoritário:

— *Okay,* rapaziada, já chega. Vão para casa. O bar vai fechar.

O Dia de Sono fez-se anunciar, afogando o brilho gélido da lanterna. Ouviu-se outro cl*ique.* Crown despediu-se com um: «Até à vista!» e afastou-se com um empurrão, passando através do feixe luminoso para se dirigir aos rostos de quatro mulheres e um cão. Os lábios rubros de Phanette e Doucette estavam muito perto das orelhas esticadas de *Hellhound,* como se estivessem a segurar o cão pela coleira.

Spar soluçou e começou a procurar *Kim* e, pouco depois, Suzy veio ajudá-lo. O Bat Rack esvaziou-se. Spar e Suzy lá conseguiram encurralar o gato; Spar agarrou-o pelo peito, e o felino estendeu as patas da frente e fincou-lhe as unhas nos pulsos. Spar tirou do fato a bolsa que Doc lhe dera e enfiou-a na boca de *Kim,* apertando-a com força. As unhas enterraram-se mais fundo. Sem ligar à dor, Spar banhou suavemente a boca do animal com o produto anestésico; as garras aligeiraram gradualmente o aperto, e por fim o gato ficou completamente descontraído. Spar abraçou-o com carinho, e Suzy foi buscar um adesivo para tratar dos pulsos feridos do rapaz.

Keeper apareceu, seguido por dois cervejolas, um deles o Guarda-Marinha Drake, o qual anunciou:

— Eu e o meu parceiro vamos vigiar hoje as escotilhas de vante e de estibordo.

Nas costas dos três, o Bat Rack estava completamente vazio.

— O Crown tem uma faca — avisou Spar. Drake concordou com um aceno de cabeça. Suzy tocou ao de leve na mão de Spar e disse:

— Keeper, prefiro passar aqui a noite. Tenho medo.

— Tens uma escoteira à tua disposição, querida — respondeu o *barman.*

Drake e o companheiro vogaram lentamente para os seus postos.

Suzy apertou a mão de Spar, que lhe disse, envergonhado:

— Também te posso oferecer a minha escoteira, Suzy... Keeper soltou uma gargalhada e, depois de olhar de esguelha para os dois homens da Ponte, murmurou:

— E eu posso oferecer-te o meu, que, ao contrário do de Spar, é mesmo meu. E uma boa reserva de cerveja, entenda-se. Caso contrário, restam-te os corredores...

Suzy suspirou, respirou fundo e foi com o homem.

Triste, Spar dirigiu-se ao canto de vante. Seria possível que Suzy pensasse que ele não tinha coragem para enfrentar o Keeper? O mais triste de tudo é que ele já não a desejava, excepto como amiga. Sabia que estava apaixonado pela nova namorada do Crown, o que também não o deixava muito mais feliz.

Sentia-se exausto; o simples facto de saber que no dia seguinte iria ter olhos novos não o excitava. Prendeu a perna a um gancho da escoteira e passou uma fita de pano em volta da cabeça de modo a tapar os olhos; abraçou-se a *Kim,* que até não tinha dito absolutamente nada, e adormeceu quase de seguida.

Sonhou com Almodie. A rapariga parecia-se com a Virgem, tinha até um vestido branco semelhante. Segurava *Kim* nos braços; o gato parecia feito de couro negro polido. Almodie caminhava na sua direcção, sorridente, avançando sem nunca se aproximar.

— Muito mais tarde — segundo lhe pareceu —, acordou a desejar uma bolsa de aguardente. Suou e estremeceu, mas esses eram os sintomas de menor importância. Tinha os nervos em franja. Tinha a certeza de que, a qualquer momento, acabaria por mergulhar num ataque de espasmos que lhe provocariam dores lancinantes. Os pensamentos corriam à desfilada, tão depressa que mal conseguia perceber um em cada dez. Era como se vogasse por um corredor às escuras a uma velocidade dez vezes superior à da corrente de ar de impulso; se tocasse numa das anteparas, esquecer-se-ia até do pouco que Spar sabia, esquecer-se-ia de quem era o Spar. À sua volta, as escoteiras negras contorciam-se em perpétuas ondulações sinusoidais.

Kim já não estava com ele. Arrancou a venda dos olhos: estava tão escuro como quando adormecera. Era a noite do Dia de Sono. O corpo desacelerou e os pensamentos reordenaram-se. Ainda sentia os nervos abalados, ainda via as serpentes negras a contorcerem-se, mas sabia que não passavam de uma ilusão. Conseguiu mesmo aperceber-se do brilho ténue de três luzes de presença.

Foi então que se apercebeu de dois vultos a flutuarem direitos a ele. Mal podia discernir as manchas dos olhos, verdes no vulto mais pequeno, violetas no outro, cujo rosto parecia rodeado por um halo de pontinhos prateados. A mulher era branca e trazia consigo como que uma capa de brancura. Em lugar do sorriso, Spar pôde ver a mancha horizontal dos dentes brancos. Os dentes de *Kim* também eram como aqueles...

De repente lembrou-se da rapariga de cabelos dourados que julgara ver a servir bebidas no Buraco do Crown. Era uma das velhas amigas de Suzy, chamava-se Sweetheart, e fora apanhada pelos vampiros no último Dia de Sono.

— Gritou — o que em Spar não passava de um gemido rouco — e tacteou o tornozelo amarrado ao gancho.

Os vultos desapareceram. Para baixo, segundo lhe pareceu.

As luzes acenderam-se; Spar sentiu que alguém lhe sacudia o ombro.

— O que é que aconteceu, avozinho?

Spar titubeou, sem saber o que contar a Drake. Amava Almodie e *Kim.*

— Tive um pesadelo — acabou por responder. — Fui atacado por vampiros.

— Podes descrevê-los?

— Era uma velha e... e... e um cão pequeno. O outro oficiai aproximou-se.

— A escotilha preta está aberta — informou.

— O Keeper disse-nos que a mantinha sempre fechada — disse Drake. — Vai andando, Fenner.

O companheiro mergulhou para baixo, e o Guarda-Marinha perguntou a Spar:

— Tens a certeza de que foi um pesadelo, avozinho? Um cão *pequeno?* E uma *velha?*

— Tenho — respondeu Spar.

Drake mergulhou na peugada do outro oficial, saindo ambos pela escotilha preta.

Nascia mais um Dia de Trabalho. Spar sentia-se doente e confuso, mas não demorou a iniciar a sua rotina habitual. Tentou falar com *Kim,* mas o gato mantinha-se tão silencioso como no dia anterior. Keeper meteu-se com ele e inventou-lhe um sem-número de tarefas extra — o anterior Dia de Folga deixara o bar numa confusão tremenda. Suzy saiu assim que pôde, não lhe apetecia falar da Sweetheart nem de outra coisa qualquer. Drake e Fenner não voltaram.

Spar varreu e *Kim* patrulhou o Bat Rack, sempre afastados um do outro. À tarde, Crown apareceu no bar e conversou demoradamente com Keeper, tendo o cuidado de o fazer enquanto Spar e *Kim* se mantinham longe dos dois. O negro não lhes ligou a mínima importância.

Spar começou a pensar em tudo o que tinha visto na noite anterior. Era muito possível que não tivesse passado de um sonho... já não se sentia impressionado com o facto de ter identificado a rapariga chamada Sweetheart. Só um estúpido como ele podia ter pensado em Almodie e *Kim* como se fossem vampiros, quer o tivesse feito em sonhos quer a coisa tivesse acontecido realmente. Ainda sentia os sintomas da falta de álcool, só que eram cada vez menos violentos.

Quando nasceu o Dia de Comer, Keeper deixou Spar sair do Bat Rack sem lhe fazer as habituais perguntas desnecessárias. Spar olhou à sua volta, à procura de *Kim,* mas não foi capaz de descobrir a mancha negra do gato. Bom, a verdade é que também não lhe apetecia levar o gato consigo...

Seguiu direito ao consultório dó médico. Os corredores não estavam tão solitários como no último Dia de Comer. Como não podia deixar de ser, passou uma terceira vez pelo vulto dobrado que cacarejava qualquer coisa como: «Gaivota, Falcão, Catedral...»

A escotilha do Doc estava aberta, mas o médico não estava la dentro. Spar esperou um bom bocado, pouco à vontade sob a luminosidade cadavérica. Não era coisa do Doc sair do consultório e deixar a escotilha aberta; além disso o ancião não aparecera no Bat Rack na noite anterior, como quase prometera.

Por fim, Spar olhou em volta. Um das primeiras coisas em que reparou foi que o enorme saco preto do médico, o tal que continha o tesouro do velho, não estava à vista.

Logo de seguida viu que o saco de pliofilme brilhante onde Doc guardara o molde das gengivas do rapaz continha algo bem diferente. Abriu-o e viu que tinha duas coisas lá dentro.

Cortou um dedo na primeira, um objecto semicircular, de cor rosada e brilhante. Com todo o cuidado, tacteou o objecto para lhe avaliar a forma, ignorando as minúsculas gotas vermelhas que lhe saíam da ponta do dedo inquiridor. A coisa tinha numerosos recavos regulares, tanto no topo rosado como no fundo. Meteu-a na boca: as gengivas adaptaram-se às depressões. Abriu a boca e fechou-a, tendo o cuidado de manter a língua para trás. Ouviu um estalo metálico, uma espécie de *clique* soturno. Finalmente tinha dentes!

De mãos a tremer — e não só da falta de álcool no sangue —, tentou aperceber-se do que seria o segundo objecto.

Era constituído por dois círculos espessos unidos por uma barra curta, tendo a cada extremo uma outra barra mais fina e comprida, recurva na ponta.

Tocou com a ponta do dedo num dos círculos. Sentiu imediatamente um formigueiro semelhante ao provocado pelo tubo que o Doc lhe encostara aos olhos, só que muito mais intenso, quase no limiar da dor.

Com as mãos a tremerem mais do que nunca, ajustou o objecto ao rosto. Os semicírculos assentaram-lhe sobre a dobra das orelhas e os círculos postaram-se à frente dos olhos, não tão perto que lhe provocassem comichão.

Via perfeitamente! *Tudo,* mas tudo tinha contornos, até os seus dedos abertos e estendidos à frente da cara, e... incrível, até podia ver o coágulo de sangue na ponta de um deles! Soltou um grito — melhor, um gemido incontido — e pôs-se a perscrutar o gabinete. A princípio, as dúzias e dúzias de objectos lá guardados, todos de uma nitidez chocante, todos tão distintos como as imagens da Virgem e do Capricórnio, foram demais para ele. Teve de fechar os olhos.

Quando a respiração acalmou e as tremuras diminuíram, abriu-os cautelosamente e começou a inspeccionar os objectos presos aos apoios. Cada um deles era uma nova maravilha, mas a finalidade de metade deles era-lhe perfeitamente desconhecida. Alguns dos que lhe eram familiares pela forma ou pelo uso espantaram-no pela sua real aparência — um pente, uma escova, um livro com páginas (aquela infinita sucessão de pontinhos pretos), um relógio de pulso (as imagens diminutas em redor da moldura circular com o Capricórnio e a Virgem, o Touro e os Peixes e assim por diante, e as barras estreitas saindo do centro, que giravam lentamente ou às vezes não giravam absolutamente nada... todas elas a apontarem para os símbolos do Zodíaco).

Antes que se apercebesse, deu consigo junto à antepara de cor cadavérica. Enfrentou-a com uma coragem que nunca sentira, se bem que tivesse de cerrar os lábios para não soltar novo gemido de desespero.

O brilho cadavérico não vinha de todo o lado, se bem que ocupasse o quarto central do seu campo de visão. Os dedos, hesitantes, tocaram em pliofilme duro e transparente. Aquilo que viu do lado de lá — muito, muito longe, como começava a perceber — foi uma total negrura pontilhada por uma infinidade de luzinhas tremeluzentes, pontos brilhantes ainda mais difíceis de conceber que os contornos nítidos das coisas. Enfim, tinha de acreditar naquilo que estava a ver...

No meio daquela vasta expansão negra, parecendo muito maior do que todo o negrume, via-se um vasto objecto redondo de cor cadavérica, marcado por ténues círculos atravessados por linhas brilhantes, no meio das quais sobressaíam áreas ligeiramente mais escuras.

A coisa não parecia estar ligada à energia eléctrica, e também não dava a ideia de estar a arder. Passado um bocado, Spar teve a estranha sensação de que o objecto redondo se limitava a reflectir a luz de qualquer coisa muito mais brilhante e situada do *lado de lá da Windrush.*

Só a custo se poderia conceber uma tão vasta extensão de *espaço* em redor da *Windrush,* era como se fosse uma realidade contida dentro de outra realidade.

Se era verdade que a *Windrush* estava situada entre o tal ponto hipotético muito brilhante e aquele esbranquiçado que se via do lado de fora, então a sombra da nave deveria projectar-se na superfície deste último... a não ser que a *Windrush* fosse infinitamente pequena. Tantas especulações, e todas elas tão difíceis de conceber!

Haveria alguma coisa mais fantástica do que aquela? Lobisomens, bruxas, pontos, contornos, tamanhos e espaço para lá da imaginação mais louca...

Quando olhara pela primeira vez para o objecto de cor cadavérica, a coisa tinha-lhe parecido redonda. Nessa altura sentira também os gemidos e estalos característicos do começo do Dia de Comer, sem que disso se tivesse apercebido conscientemente. Agora, porém, a coisa redonda tinha uma espécie de fatia cortada num dos bordos, de modo que parecia virada de pernas para o ar. Spar ficou a pensar se o tal objecto hipotético por detrás da *Windrush* não estaria também a mover-se, ou se seria a coisa branca que estaria a girar sobre a si própria. Ou então... podia ser a própria *Windrush* a andar à volta do objecto branco. Estas hipóteses, em especial a última, eram demais para o rapaz.

Correu para a escotilha aberta, indeciso sobre se deveria fechá-la ou não depois de sair, e acabou por decidir que o melhor era deixá-la como a encontrara. O corredor constituiu nova surpresa, muito direito a perder de vista, estendendo-se para ambos os lados e cada vez mais estreito à medida que a distância aumentava. Nas anteparas tinha... setas, as vermelhas a pontar para bombordo — o lado de onde tinha vindo —, as verdes a indicar estibordo, para onde pretendia seguir agora. As setas eram aquilo que ele sempre tinha visto como manchas em forma de espeto. Curiosamente, à medida que se foi impulsionando agarrado ao cabo-guia, o corredor permanecia da mesma largura... sempre a direito até à comporta principal, a que ele sabia reconhecer pela sua cor violeta.

Avançou o mais depressa que pôde, sempre para estibordo, procurando atingir o extremo direito da *Windrush* para aí poder certiticar-se da existência da tal incandescência hipotética e também para poder ver os pormenores das manchas laranja descentradas que tanto o incomodavam.

Contudo, deteve-se ao pensar que o melhor seria comunicar primeiro à Ponte o desaparecimento do Doc. Era muito capaz de lá encontrar o Guarda-Marinha Drake, a quem poderia comunicar o sucedido, sem se esquecer de falar também no desaparecimento do tesouro do médico.

Os rostos que por ele passavam fascinavam-no. Tantos narizes e orelhas! Passou de novo pelo indivíduo que passava a vida a cacarejar: era uma velha cujo nariz quase lhe tocava no queixo, e estava a fazer qualquer coisa com dois pauzinhos aos quais se prendiam dois fios que se iam desenrolando de dois novelos. Num gesto impulsivo, soltou-se do cabo-guia e foi agarrar-se à velha, arrastando-a a si própria com a força do contacto.

— O que é que estás a fazer, avozinha? — perguntou-lhe.

— Estou a tricotar! — respondeu em tom indignado.

— E o que querem dizer as palavras que estás sempre a repetir?

— São nomes de pontos de *tricot* — respondeu ela, soltando-se de Spar com um safanão. — Dunas de Areia. Relâmpagos, Soldados em Parada...

Spar lançou-se na direcção do cabo-guia, e pouco depois viu que já chegara ao corredor azul que levava para cima. Firmou-se ao cabo secundário, sem se importar com a pele esfolada, e acelerou a caminho da Ponte.

Quando lá chegou, a primeira coisa em que reparou foi nas incontáveis estrelas visíveis para lá do pliofilme. Os arco-íris oblongos eram afinal bancos de luzes multicoloridas a acenderem e a apagarem. Os oficiais silenciosos, porém... pareciam todos muito velhos, tinham os rostos impassíveis como se estivessem a dormir, e os gestos com que davam as ordens eram gestos mecânicos. Seria possível que não soubessem para onde é que a *Windrush* seguia? Saberiam o que é que existia para lá da Ponte da *Windrush?*

Um oficial jovem e moreno, de cabelos encaracolados, flutuou para junto dele, mas só quando falou é que Spar percebeu tratar-se do Guarda-Marinha Drake.

— Olá, avozinho. Pareces mais novo! O que é que são essas coisas que tens nos olhos?

— São binóculos. Ajudam-me a ver melhor.

— Mas os binóculos têm dois tubos! — protestou o oficial. — São uma espécie de telescópio com duas objectivas.

Spar encolheu os ombros e contou-lhe tudo o que sabia sobre o desaparecimento do Doc e da sua saca preta, onde dizia ter guardado um tesouro.

— Como é que é? Não me disseste já que ele bebia imenso e que o seu tesouro era só de sonhos? Quanto a mim, o tipo bebeu acima das marcas e foi curar a ressaca num buraco qualquer.

— Não, o Doc bebia muito mas nunca o vi passar das marcas. Passava a vida no Bat Rack...

— Bom, vou fazer o que puder. Queres saber uma coisa? Tiraram-me do caso da investigação ao Bat Rack. Aquele fulano, o Crown, deve estar muito bem relacionado com a gente lá de cima... Não é difícil convencer-se os mais velhos, e olha que não é tanto por ganância, as tradições ainda têm muita força. Nem o Fenner nem eu conseguimos descobrir a velha e o cão, nem mesmo uma mulher qualquer acompanhada por um animal... nada, absolutamente nada.

Spar contou-lhe o que se passara quando Crown tentara tempos antes roubar a bolsa de mão do médico.

— Portanto, na tua opinião os dois casos estão relacionados. Bom, como já disse, vou ver o que posso fazer.

Spar voltou para o Bat Rack, e ficou profundamente abalado quando viu pela primeira vez em pormenor o rosto de Keeper. O dono do bar parecia velho e tinha um nariz enorme, vermelho, tantos eram os capilares rebentados; os olhos castanhos, afinal, eram mais ávidos do que curiosos. Keeper perguntou-lhe o que é que tinha em frente aos olhos, mas Spar julgou por bem não lhe explicar que já podia ver tudo com nitidez.

— São uma espécie de enfeite novo, Keeper. Terra Maldita, como não tenho cabelo achei que era melhor usar outra coisa qualquer...

— Tento na língua, Spar! Só um bêbado é que era capaz de gastar dinheiro num enfeite tão grotesco!

Spar não se deu ao trabalho de lembrar a Keeper de que o dinheiro ganho desde que trabalhava no Bat Rack não passava de uma insignificância, e também não lhe falou nos dentes novos, tendo o cuidado de os manter escondidos atrás dos lábios.

De *Kim* nem sinal. Keeper encolheu os ombros.

— Sei lá! Deve ter ido à vida dele. Sabes muito bem como é que são esses bichos, Spar.

Era bem verdade, pensou Spar. O gato até se deixara ficar por ali mais tempo do que esperara...

Não conseguia habituar-se à sensação de poder ver o Bat Rack *todo* com uma impressionante nitidez. O compartimento era um octaedro entrecruzado por escoteiras e formado por duas pirâmides unidas pelas bases. Os vértices das pirâmides eram violeta o de vante e vermelho escuro o de ré, e os outros quatro cantos eram verde a estibordo, negro em baixo, escarlate a bombordo e azul o de cima, desde que enumerados de acordo com o movimento dos ponteiros do relógio.

Suzy chegou mal o Dia de Folga começou. Spar ficou chocado ao aperceber-se do corpo roliço e flácido da rapariga, cujos olhos pareciam raiados de sangue. Sentiu-se comovido pelo afecto com que a moça o tratou, revelando como sempre os fortes laços de amizade que os uniam. Por duas vezes, ao apanhar Keeper distraído, trocou-lhe a bolsa de cerveja quase vazia por uma cheia; Suzy acabou por confessar que sim, conhecera a Sweetheart, e que sim, ouvira dizer que a Mabel vira a Sweetheart desfeita pelos vampiros.

Para um Dia de Folga, os negócios não estavam a correr lá muito bem, nem sequer se viam cervejolas que não os de costume. Pondo de lado um pressentimento pavoroso, Spar, olhava amiúde para a escotilha de estibordo, na

esperança de ver entrar o Doc a ziguezaguear agarrado aos cabos-guia, para de imediato começar a falar a toda a gente nos novos brinquedos de Spar e perorar sobre os Velhos Tempos e sobre a sua estranha filosofia.

Crown entrou ao anoitecer, acompanhado por todas as suas raparigas excepto Almodie. Doucette explicou que a amiga preferira ficar no Buraco, estava com uma dor do cabeça tremenda. Uma vez mais pediram café para todos, mas Spar percebeu que já vinham bem toldados.

O rapaz pôs-se a estudar-lhes os rostos. Apesar de nervosos e excitados, tinham qualquer coisa no olhar que fazia lembrar as expressões dos oficiais *da* Ponte. Doc dissera uma vez que aquela gente eram todos zombies. O mais interessante era descobrir que as manchas rubras a meio da cara de Phanette e Doucette se deviam a... a rugas percorridas por incontáveis capilares rebentados, sobressaindo lugubremente sobre a pele pálida.

— Onde é que está esse famoso gato falante? — perguntou Crown a Spar.

O rapaz encolheu os ombros, e foi Keeper quem respondeu:

— Foi-se embora, o vadio. Por mim foi melhor assim, não gosto de felinos com tendência para a luta, como a de ontem à noite...

Sem tirar os olhos amarelos-acastanhados de Spar, Crown continuou:

— Pensamos que foi essa luta que pôs a Almodie com dores de cabeça, foi por isso que ela hoje não quis vir. Está descansado que lhe vamos dizer que já te livraste do gato das bruxas.

— Eu livrava-me dele, mesmo que o Spar não quisesse — intrometeu-se Keeper. — Portanto acha que o gato era das bruxas, *coroner?*

— Temos a certeza. O que é aquilo na cara do Spar?

— É um desses novos adornos baratos, *coroner.* Só um alcoólico é que era capaz de escolher uma coisa daquelas.

Spar teve a sensação de que a conversa fora combinada, talvez em resultado de um novo acordo entre Keeper e Crown. Fosse como fosse, limitou-se a encolher os ombros. Suzy parecia zangada, mas não disse nada.

Apesar de tudo deixou-se ficar por ali depois do Bat Rack ter fechado. Keeper não lhe fez o habitual convite indecente, se bem que a fitasse com uma expressão bem explícita antes de desaparecer com um bocejo descomunal pela escotilha escarlate. Spar foi verificar se todas as seis escotilhas estavam bem fechadas e desligou as luzes, se bem que isso não fizesse a mínima diferença com a luminosidade matinal que entretanto invadira o compartimento. Tudo pronto, voltou para junto de Suzy, que se prendera a uma escoteira para dormir.

— Não acredito que tenhas posto o *Kim* na rua — disse-lhe a rapariga.

— Não, foi como o Keeper disse, ele foi-se embora porque quis — respondeu Spar. — Não faço a mínima ideia de onde possa estar.

Suzy sorriu e abraçou-o.

— Essa coisa que tens nos olhos é bem bonita — comentou.

— Suzy, sabias que a *Windrush* não é o Universo? — perguntou ele. — Sabias que é uma nave a vogar no espaço em volta de uma coisa branca marcada com círculos, uma coisa muito maior que toda a *Windrush?*

— Sei que as pessoas às vezes chamam nave à *Windrush,* e já vi essa coisa redonda em... em fotografias. Não penses nesses disparates, Spar, concentra-te mas é em mim.

Spar assim fez, mais por amizade do que por outra coisa. Esqueceu-se de prender o tornozelo à escoteira, e a rapariga chamada Almodie não lhe saía da cabeça.

Quando tudo acabou, Suzy adormeceu. Spar pôs a venda sobre os olhos e tentou fazer o mesmo. A falta da bebida continuava a incomodá-lo, mas menos do que no último Dia de Sono; enfim, desta vez não precisou de ir ao tórus à procura de uma bolsa de aguardente. Às tantas, porém, sentiu uma dor enorme nas costas, como se um músculo tivesse entrado em espasmos, e os sintomas voltaram, avassaladores. Entrou em convulsões e ficou com os pés e mãos dormentes; as dores tornaram-se insuportáveis, e pouco depois perdia a consciência. Acordou com a cabeça a latejar e descobriu que não estava simplesmente preso à escoteira, mas sim amarrado de pés e mãos, pulsos estendidos numa direcção e pés noutra; não sentia as extremidades dos membros, e o nariz doía-lhe de tanto roçar no metal do apoio.

A luz, intensa, punha-lhe as pálpebras vermelhas. Abriu-as uma nesga, devagarinho, e viu que *Hellhound* estava sentado sobre a escoteira mais próxima da sua; os dentes alvos do cão sobressaíam contra o pêlo escuro do focinho. Se tivesse aberto os olhos mais depressa, o cão ter-lhe-ia filado o pescoço.

Esfregou os dentes metálicos uns contra os outros; pelo menos já tinha algo mais além das gengivas para se defender de um ataque.

Para lá do cão surgiam várias espirais negras e translúcidas, o que o levou a compreender que se encontrava no Buraco do Crown. Claro que o último espasmo que sentira nas costas resultara da injecção de uma droga qualquer...

O negro, porém, não lhe tirara o enfeite dos olhos, nem sequer reparara nos seus novos dentes. Para ele, o rapaz continuava a ser o velho Cego Desdentado.

Entre *Hellhound* e as espirais, Doc jazia amarrado de pés e mãos, o grande saco preto amarrado à escoteira seguinte. Era evidente que o médico tentara gritar, alguém o amordaçara firmemente. Spar decidiu que não cairia no mesmo erro. Os olhos cinzentos do velho estavam abertos, e a Spar pareceu-lhe que o fitavam fixamente.

Lentamente, com todo o cuidado, Spar tacteou com os dedos dormentes a ponta da corda que lhe prendia os pulsos; contraiu os músculos e puxou. O nó deslizou pouco mais que um milímetro. Enquanto não fizesse um movimento brusco, o cão não se aperceberia de nada; animado, continuou a puxar pela ponta da corda, detendo-se amiúde para observar o animal.

Ainda mais lentamente, rodou a cara para a esquerda; viu que a escotilha que dava para o corredor estava fechada; para lá do cão e de Doc, entre as espirais negras, via-se uma cabina vazia, sem qualquer mobiliário, cujo lado de estibordo eram só estrelas. A entrada da cabina estava aberta, e a escotilha de emergência, pintada com tiras pretas, estremecia logo ao lado da principal.

Sempre com o máximo cuidado, rodou a cabeça para a direita. *Hellhound* observava-o, à espreita do mínimo sinal de vida. A ponta do nó deslizara mais de dois centímetros.

A primeira coisa que viu foi um vulto oblongo e transparente. Do lado de dentro havia mais estrelas e, junto ao extremo de vante, uma bola de cor alaranjada, cheia de fumo. Até que enfim podia vê-la com nitidez! O fumo espalhava-se numa camada externa, as áreas laranjas ficavam-lhe por baixo e pareciam irregularmente espaçadas. O conjunto era maior do que a palma de Spar, se pudesse abri-la com o braço estendido à frente dos olhos. Enquanto observava, um relâmpago fortíssimo iluminou por breves instantes uma das áreas cor de laranja. O relâmpago transformou-se então num minúsculo ponto preto de onde saía um jacto de fumo. Spar sentiu uma profunda tristeza, uma tristeza como nunca sentira na vida.

Por baixo do painel transparente, deparou-se a Spar uma cena horrível: Suzy estava amarrada a uma plataforma metálica brilhante apoiada em quatro escoteiras; a rapariga, muito pálida, tinha os olhos fechados. De um dos lados do pescoço saía um tubo vermelho que às tantas se dividia em cinco tubos de menor diâmetro; quatro destes iam enfiar-se nas bocas vermelhas de Crown, Rixende, Phanette e Doucette, e a ponta do quinto estava fechada com uma pinça de metal, junto à qual flutuava Almodie, em posição fetal, as mãos a taparem os olhos.

— Queremos tudo, tudo — disse Crown em voz baixa. — Despe-a, Rixende.

Rixende fixou a ponta do seu tubo e flutuou para junto de Suzy. Spar estava à espera de a ver tirar as cuecas e o *soutien* à rapariga, mas em vez disso Rixende começou a massajar-lhe uma das pernas, premindo a pele do tornozelo para a coxa, para que o sangue que restava se fosse acumular junto ao pescoço.

Crown tirou o tubo da boca e exclamou, deliciado:

— Ah, isto é bom até à última gota!

Abocanhou as gotas de sangue que se soltaram e voltou a enfiar o tubo na boca.

Phanette e Doucette estremeceram de riso, um riso inaudível e convulso.

Almodie espreitou por entre os dedos e voltou a fechá-los.

Passado um bocado ouviu-se a voz de Crown:

— Bom, esta já não dá para mais. Phan e Doucie, enfiem-na no triturador grande. Se encontrarem alguém no corredor, finjam que ela está a cair de bêbada. Temos aqui o Doc para nos dar uma dose das boas, prometi-lhe uma cerveja se se portar bem... e para terminarmos em beleza temos ali o Spar para beber.

Spar já tinha o nó que lhe prendia os pulsos a meio caminho da boca. *Hellhound* fitava-o com uma expressão ansiosa, à espera do primeiro sinal de vida, mas não era capaz de discernir os movimentos lentos do rapaz. A saliva saía-lhe em pequenas bolhas dos cantos da boca e ficava a flutuar à volta da cabeçorra preta.

Phanette e Doucette abriram a escotilha e empurraram o cadáver de Suzy para o corredor.

Abraçando Rixende, Crown virou-se para Doc e gritou-lhe:

— As coisas são mesmo assim, não achas, velho? A Natureza sempre foi sanguinária e cruel, como disse o sábio. Lá em baixo está tudo envenenado... —

estendeu o braço e apontou para a bola cor de laranja envolta em fumo, que nesse momento deslizava para fora do campo de visão. — Continuam a lutar, mas não falta muito para que estejam todos mortos. É por isso que a morte também tem de ser a regra nesta carcaça a que pomposamente chamam nave dos sobreviventes... Não te esqueças que eles também estão a bordo. Quando tivermos bebido o sangue de todos os que embarcaram *na Windrush,* incluindo o deles, então beberemos o nosso, se é que o nosso não é também o deles.

Este Crown pensa que é tudo dele, pensou Spar. O nó já estava quase a tocar-lhe nos lábios. Ouviu o grande triturador a girar.

Na cabina vazia apareceram Drake e Fenner, vestidos uma vez mais como cervejolas, a vogarem em direcção à escotilha aberta.

Crown também os viu.

— Apanha-os, *Hellhound!* — gritou, apontando para os dois homens. — Faz o que te digo!

O cão negro saiu disparado na direcção da escotilha, e Drake apontou-lhe uma coisa qualquer. O animal ficou inerte.

Rindo-se à sucapa, Crown pegou numa cruz suástica dotada de lâminas recurvas e afiadíssimas e atirou-a contra os oficiais. A cruz descreveu uma curva ao lado de Spar e do médico, entrou pela escotilha, não acertou nem em Drake nem em Fenner — nem no cão — e foi cravar-se na antepara de estrelas.

O ar rugiu, mas a escotilha de emergência fechou-se de imediato. Spar viu Drake, Fenner e *Hellhound, do* lado de lá do pliofilme transparente, a cuspirem sangue até explodirem numa confusão de carne e ossos. A cabina vazia onde tinham estado a desaparecer; a *Windrush* tinha uma nova antepara e o Buraco do Crown ficara distorcido.

Ao longe, cada vez mais distante, cada vez mais pequenina, a suástica girava a caminho das estrelas.

Phanette e Doucette estavam de volta.

— Já enterrámos a Suzy — disse uma delas. — Apareceu alguém, por isso tivemos do fugir.

O grande triturador do Porão Três parou.

Spar ferrou os dentes de metal na corda que lhe prendia os pulsos e dobrou-se imediatamente para soltar os tornozelos.

Crown mergulhou na sua direcção. Detendo-se para sacar das facas, as quatro raparigas imitaram-no.

Phanette, Doucette e Rixende ficaram inertes; Spar teve a impressão de que tinham sido atingidas no crânio por pequenas bolas pretas.

Não teve tempo de soltar os pés, por isso endireitou-se. Crown atingiu-o no peito quase no mesmo momento em que Almodie o agarrava pelos pés.

Crown e Spar giraram em redor da escoteira, mas Almodie cortou a corda que prendia os pés do rapaz. Saíram disparados numa tangente ao apoio, e Spar tentou enfiar uma joelhada no baixo-ventre de Crown, mas o negro contorceu-se e evitou o golpe. Continuaram os dois a vogar na direcção da antepara anterior.

Spar ouviu o cl*ique* da navalha de Crown a abrir-se; viu o punho negro e agarrou-se a ele. Desferiu um soco no queixo do preto; Crown encaixou o murro e virou a cabeça. Spar ferrou os dentes no pescoço do outro e mordeu com quanta força tinha.

Ficou com a cara coberta de sangue, e cuspiu um bocado de carne antes que se engasgasse. Crown dobrou-se, em convulsões, e Spar lutou para se apoderar *da* navalha. Crown ficou inerte.

Spar limpou o sangue da cara; através da nuvem de gotículas pôde ver Keeper e *Kim* a seu lado. Almodie continuava a agarrá-lo pelos tornozelos, enquanto Phanette, Doucette e Rixende flutuavam a meio do compartimento.

— Abati-as com a minha arma para bêbados — anunciou Keeper em tom orgulhoso. — Não, não estão mortas, só as pus inconscientes, mas se quiseres posso cortar-lhes as gargantas.

— Não, isso de cortar gargantas acabou de vez — respondeu Spar. — Nunca mais haverá sangue derramado na *Windrush.*

Soltando-se das mãos de Almodie, voou até junto do médico, apanhando a faca de Doucette a meio caminho.

Cortou as cordas que sujeitavam o Doc e arrancou-lhe a mordaça.

Kim sibilou:

— Roubei o dinheiro da caixa do Keeper e jurei-lhe que tinhas ssido tu, Ssspar. Foi assim que ele veio. O Keeper é um avarento!

— Ainda consegui ver o pé da *Suzy* a entrar *no* triturador — disse Keeper. — Reconheci-o pelos colares que ela usava no tornozelo. Só isso é que me deu coragem para matar o Crown... estava capaz de matar quem quer que fosse, eu sempre amei a Suzy.

Doc pigarreou e pediu em voz frouxa:

— Aguardente...

Spar descobriu uma bolsa tripla e deu-a ao velho, que a bebeu até à última gota.

— O Crown disse a verdade — comentou o médico, já retemperado. — A *Windrush* é uma nave plástica de sobrevivência lançada pela Terra. A Terra... — aqui apontou com o dedo a bola laranja cheia de fumo, que desaparecia lentamente no canto da janela de vante —... a Terra envenenou-se lentamente com a poluição, e depois com a guerra nuclear. Gastou o ouro na guerra, e o plástico foi só para sobreviver. Esqueceram-se de nós, e a *Windrush* enlouqueceu. Não era de esperar outra coisa, mesmo sem o raquitismo leteano ou os estigmas do Inferno, como vocês lhe chamam. Até pensavam que a *Windrush* era o Cosmos... o Crown raptou-me para se apoderar das minhas drogas, e só me poupava a vida para que eu lhe preparasse as doses certas.

Spar virou-se para Keeper:

— Limpa-me esta porcaria — ordenou. — E enfia-me o Crown no triturador.

Almodie puxou-lhe por um tornozelo e veio abraçar-se à cintura do rapaz.

— Havia uma segunda nave do sobrevivência... chamava-se *Circum-luna.* Quando a *Windrush* enlouqueceu, o meu pai e a minha mãe (e tu) foram mandados cá para investigar, para ver se podiam descobrir a cura. O meu pai morreu e tu apanhaste o estigma do Inferno... e a minha mãe morreu pouco antes de me terem oferecido ao Crown. Foi ela que te mandou o *Kim.*

O gato sibilou:

— O meu antepassadb também veio da *Circum-luna* para a *Windrush.* A minha bisavó. Foi ela que me ensssinou os dadoss referentess à *Windrush...* Raio a partir do centro da Lua, 2500 milhas. Período, sseis horas... é por isso que temos os dias tão curtos. Um terranto é o tempo que a Terra demora a percorrer uma constelação, e assim por diante.

— Portanto, Spar, tu és o único que consegues lembrar-te de tudo sem qualquer cinismo — disse o médico. — Tens de assumir o comando. A nave é toda tua, Spar.

Spar não foi capaz de dizer que não.

- - - - - -

1971: 29ª CONVENÇÃO, BÓSTON

Fritz Leiber

Retiro o que disse: sinto-me *satisfeitíssimo* por ter omitido a *Nave das Sombras,* do Fritz, no Volume Dois.

Imaginem o que eu não sofri durante todos esses anos, roído de remorsos sempre que pensava no prejuízo financeiro que impus ao Fritz. Momentos houve em que me senti tão infeliz e contrito que cheguei a encarar seriamente a possibilidade de lhe enviar uma certa verba para o compensar das perdas — do meu próprio bolso, entenda-se. Talvez cinco dólares, ou mesmo uns dez.

Agora já não. O miserável nem um tostão merece.

Como já deve ter reparado, não acredito que se sinta espantado perante a minha honesta indignação. Depois de ter arrebatado o Hugo para a categoria de novelas em 1970, não é que o rapaz conseguiu idêntico galardão no ano seguinte? Tanto a vigésima oitava como a vigésima nona convenções foram vítimas das suas depredações — a única vez em toda a história deste prémio em que um mesmo autor é distinguido em dois anos sucessivos. Só um patife dos piores conseguiria semelhante proeza.

Acham que o Fritz teve pena dos outros? Julgam por acaso que terá pensado uma vez que fosse em todos aqueles virginais autores à espreita da sua oportunidade, sentados a roerem as unhas de nervoso, as maçãs do rosto coradas de timidez e antecipação, momentos antes de ser anunciado o nome do vencedor?

Portanto aqui têm: duas histórias do Leiber com um total de quarenta mil palavras logo a abrir o Volume Três. Só estas duas abocanham o espaço correspondente a mais ou menos meio romance. Será possível que haja mais alguém capaz do escrever histórias dignas do um Prémio Hugo, para além do nosso velho Fritz?

A propósito, como esta convenção se realizou em Bóston, aproveitei para lá ir. Poucos meses antes tinha-me mudado definitivamente para Nova Iorque, de modo que uma deslocação a Bóston não era coisa que me preocupasse sobremaneira, isto se atendermos à maneira como sempre encarei as viagens longas. A vigésima nona foi a convenção mais bem organizada a que me foi dado assistir; se bem me lembro, o Robert Silverberg era o anfitrião.

Portou-se à altura do seu ar solene e satânico, sempre altaneiro em relação a tudo o que o rodeia. É curioso como o Robert nunca altera a expressão quando nos inunda com os seus habituais comentários satíricos; o marcado contraste entre a cara que faz e as palavras que diz leva qualquer assistência ao delírio.

Eu cá fico cheio de inveja, pois a sorte não me bafejou com os seus dotes naturais. A minha expressão franca, aberta e ingénua revela sempre um bom humor inigualável, de modo que as pessoas estão sempre à espera de uma piada, o que me leva a perder o tão apetecido efeito de surpresa. *Sei* bem que é assim,

pois as mais das vezes, quando me levanto para falar, as pessoas começam a rir-se antes mesmo de eu abrir a boca.

Isaac Asimov

2 - MAUS ENCONTROS EM LANKHMAB

SILENCIOSOS como espectros, o ladrão alto e o ladrão gordo esgueiraram-se para lá do leopardo-sentinela há pouco estrangulado, saindo pela porta arrombada da loja de Jengao, o Mercador de Jóias, para se lançarem numa corrida lesta em direcção a nascente, na Rua do Dinheiro, fendendo o escuro nevoeiro nocturno de Lankhmar, a Cidade das Sete Mil Chaminés.

Tinham mesmo de fugir para nascente, já que a poente, o cruzamento *da* Rua do Dinheiro com a da Prata caía sobre a alçada de uma esquadra da Polícia, obviamente guarnecida por homens incorruptíveis bem escudados nas suas armaduras e capacetes de ferro endurecido, bem armados de alabardas e espadas afiadas. A lojeca do Jengao não tinha nenhuma entrada lateral nem mesmo uma simples janela rasgada nas suas espessas paredes de pedra, e o soalho era quase tão forte, sem um só alçapão por onde se pudesse entrar à sucapa.

No entanto, o alto e espadaúdo Slevyas, candidato a mestre-ladrão, bem como o rotundo Fissif, um ladrão *de* segunda classe de olhinhos marotos, tinham preparado esta operação com tanta minúcia que não se sentiam minimamente preocupados. Tudo estava a correr de acordo com o plano: cada um deles levava dentro da bolsa uma outra bolsa bastante mais pequena recheada de gemas de primeira categoria, pois Jengao — agora a respirar a custo e insensível devido à pancada que levara — tinha direito a nova oportunidade, tinham de o acarinhar e encorajar a refazer uma vez mais o negócio, para que se enchesse o suficiente até à próxima investida. A primeira regra da Guilda dos Ladrões mandava que nunca se matasse a galinha dos ovos castanhos com rubis dentro da gema, ou a dos ovos brancos com diamantes dentro da clara.

Os dois gatunos também se sentiam seguros por saberem que, depois de mais um golpe bem dado, seguiriam direitos a casa... não para junto das mulheres, Aarth os proibira, nem para o recato *da* família, muito longe disso... mas sim para a Casa dos Ladrões, o quartel-general e acantonamento da todo-poderosa Guilda que, para todos eles, era como que uma mãe e um pai, um santuário onde nunca uma mulher fora autorizada a atravessar o portal sempre aberto da Rua das Pechinchas.

Além do mais, acalentava-os o reconfortante facto de saberem que, apesar de só trazerem consigo o punhal de ladrão regulamentar, de punho encastoado a prata — arma branca raramente usada, excepto em escaramuças em espaços restritos, na verdade mais um emblema da sociedade do que uma arma a sério —, estavam fortemente cobertos por três bravos de confiança, contratados na véspera junto da Irmandade dos Assassinos, um caminhando bem à sua frente e os outros dois protegendo a retaguarda, praticamente fora da vista, já que era de todo conveniente que este tipo de escolta não se tornasse óbvio — ou assim o pensava Krovas, o Grão-Mestre da Guilda dos Ladrões.

Como se isto não bastasse para que Slevyas e Fissif se sentissem seguros e serenos, atrás dos dois, invisível e silenciosa no meio das sombras da rua, junto à beira do passeio, uma coisa malformada, de cabeça grande a lembrar um gato pequeno, um cão desproporcionado ou um rato avantajado, saltitava na peugada dos dois ladrões. A coisa aproximava-se de quando em quando dos pés dos dois homens, revelando atrevida familiaridade, como que a tentar encorajá-los, se bem que não se demorasse muito em plena rua, lesta a acoitar-se na escuridão das bases das casas.

Em boa verdade, esta última protecção não poderia ser encarada como uma protecção absoluta. Em dado momento, a pouco mais de vinte passos da loja de Jengao, Fissif começou a andar em bicos dos pés e levantou os lábios exangues para sussurrar junto à orelha disforme do companheiro:

— Maldição! Não gosto nada de ser seguido por aquele parente do Hristomilo, por muito segura que a coisa seja! Já basta que o Krovas dê emprego ou se deixe convencer por um feiticeiro de aspecto e reputação mais que duvidosos, mas aquilo ali...

— Fecha-me essa cloaca! — sibilou Slevyas, tendo o cuidado de não elevar a voz.

Fissif obedeceu com um encolher de ombros e concentrou-se a trespassar a bruma com os seus olhinhos de rato, preocupando-se não só com os flancos como, e principalmente, com o que lhes poderia aparecer pela frente.

A alguma distância nessa direcção, ou melhor, pouco antes do cruzamento com a Rua do Ouro, a Rua do Dinheiro era atravessada por uma passagem elevada, a nível dos primeiros andares, passagem essa que unia as instalações dos famosos pedreiros-mações e escultores Rokkermas e Slaarg. Os dois edifícios da firma ostentavam cada qual o seu pórtico desnecessariamente apoiado em colunas demasiado grossas e decoradas de forma bizarra, na verdade mais elementos decorativos do que suportes das respectivas estruturas.

De debaixo da passagem chegaram-lhes dois curtos assobios soltados em surdina, um sinal do bravo da testa da coluna a informar que, depois de ter inspeccionado a zona à cata de emboscadas, nada descobrira do suspeito: a Rua do Ouro oferecia toda a segurança possível.

Não se pode dizer que Fissif tivesse ficado satisfeito com o sinal tranquilizador. Para dizer a verdade, o ladrão anafado preferia sentir-se apreensivo e amedrontado, pelo menos até certo ponto. A sensação de pânico iminente, a espreitar por debaixo de uma calma gelada, fazia-o sentir-se ainda mais vivo do que nos ocasionais encontros com esta ou aquela mulher. Foi devido a este estado de espírito que o ladrão inspeccionou ainda com mais cuidado, através do nevoeiro fuliginoso que descia em cascatas dos frontispícios da Rokkermas e Slaarg, o que poderia haver para lá das colunatas. Tanto Fissif como Slevyas abrandaram o passo, aproximando-se mais um do outro.

Do lado em que seguiam, a parede da passagem era rasgada por quatro pequenas janelas; entre estas sobressaíam três amplos nichos dentro dos quais se postavam — nitidamente com propósitos decorativos — três estátuas em barro cozido, de tamanho natural, algo erodidas por anos e anos de intempéries e tingidas com vários tons de cinzento por igual espaço de tempo de exposição aos constantes nevoeiros. Fissif, quando antes do roubo se acercara da loja de Jengao, reparara nelas de passagem, pouca importância lhes ligando; agora,

porém, parecia-lhe que a estátua mais à direita estava algo diferente: representava agora um homem de estatura meã, vestido com capa e capuz e a fitá-lo de braços cruzados, numa pose imponente. Sim senhor, pensou com os seus botões, a estátua estava mesmo mais cinzenta, ou talvez de um cinzento mais uniforme, a capa, o capuz e o rosto todos no mesmo tom; além disso, as feições pareciam-lhe mais nítidas, menos erodidas; quase que poderia jurar que encolhera desde que há bocado ali passara!

Mais importante ainda, imediatamente por baixo do nicho sobressaía uma mancha esbranquiçada de caliça que não se lembrava de ter visto quando por ali passara. Esforçou-se por se recordar se, durante a excitação do assalto, com a morte do leopardo-sentinela, a agressão ao ourives e tudo o mais, um qualquer recanto ignorado da sua mente ouvira ou não o distante som de qualquer coisa a cair; sim, por certo que ouvira algo muito parecido! A sua imaginação fértil concebeu imediatamente a possibilidade da existência de um buraco ou mesmo de uma porta escondida atrás de cada estátua, de modo que um simples empurrão a fizesse cair sobre o incauto transeunte — pior ainda, sobre si próprio ou sobre Slevyas. O ruído que ouvira fora provocado pela estátua da direita, provavelmente atirada ao chão como teste para a cilada que se avizinhava, e de seguida substituída por uma imagem gémea.

Sim, decididamente não podia tirar os olhos das três estátuas enquanto ele e Slevyas se aproximavam. Não lhe custaria nada desviar-se, caso visse uma delas começar a balançar. E se isso acontecesse? Seria melhor gritar um aviso ao companheiro? Era uma questão a ponderar...

Sem se deter, os olhos atentos fixaram-se de seguida nos pórticos e pilares. Estes últimos, espessos e com quase três metros de altura, erguiam-se a intervalos irregulares e ostentavam formas e ornamentos distintos, pois a Rokkermas e Slaarg era acima de tudo uma firma moderna e gostava de dar ênfase aos aspectos inacabados, quiçá inesperados.

Já completamente alerta, Fissif teve a impressão de que esse carácter inesperado parecia mais acentuado, em especial porque havia mais uma coluna entre os portais do que quando por ali tinha passado. Não sabia ao certo qual seria o novo pilar, mas tinha quase a certeza de que havia um a mais.

Transmitir as suas suspeitas a Slevyas? Para quê, para receber nova censura sibilante, para ver de novo aquele brilho de desprezo nos olhos pequenos e mortiços?

O passadiço estava cada vez mais perto. Fissif levantou a cabeça para fitar a estátua do lado direito e reparou que as diferenças eram muitas mais além daquilo que lhe vinha à memória. Se bem que mais baixa, a figura parecia mais direita, ao passo que o cenho franzido que se podia notar no rosto escuro nada tinha da anterior expressão filosófica, antes revelava um nítido desprezo a que se poderiam juntar uma segurança e uma inteligência absolutamente inesperadas.

Apesar de tudo, nenhuma das três estátuas tombou sobre o passeio quando ele e Slevyas lhes passaram pela frente. Enfim, nesse preciso momento uma outra coisa sucedeu a Fissif.

Um dos pilares piscou-lhe o olho.

Dentro do nicho da direita, Gray Mouser — assim se auto-intitulara o Mouse, englobando neste epíteto a sua amada Ivrian — rodou sobre os

calcanhares, saltou para cima e agarrou-se à cornija; içando-se silenciosamente para o tecto plano, atravessou-o mesmo a tempo de poder ver os dois ladrões a emergirem lá em baixo.

Sem a mínima hesitação, formou o salto e deixou-se cair, o corpo direito como uma seta, as solas das botas de pele de rato apontadas às omoplatas do ladrão mais baixo, não descurando o ângulo de ataque, de modo a compensar o passo que Fissif daria enquanto durasse o mergulho.

No momento em que saltou, o ladrão alto olhou por cima do ombro e sacou do punhal, se bem que não fizesse o mínimo gesto para puxar ou empurrar o companheiro de modo a desviá-lo do projéctil humano prestes a atingi-lo. O Mouser, já em pleno voo, encolheu os ombros. Teria de se atirar o mais depressa possível ao ladrão alto, depois de ter derrubado o outro.

Mais lesto do que seria de esperar, Fissif girou sobre si próprio e gritou em voz esganiçada:

— Slivikin!

As botas de pele de rato atingiram-no na barriga; para Mouser, foi como se aterrasse num colchão macio. Aparando o primeiro bote do Slevyas, Mouser deu um salto mortal em frente, pés para cima da cabeça e, no momento em que o crânio do ladrão gordo bateu na calçada, com um som cavo, postou-se, de pés bem afastados, a meio da rua, espada empunhada, pronto a atirar-se ao ladrão alto.

Não foi preciso. Slevyas, do olhos esbugalhados, tombava para o chão.

Um dos pilares avançara, arrastando consigo um volumoso capote. O capuz descomunal caíra para revelar um rosto juvenil emoldurado por cabelos fartos e compridos. De dentro das mangas compridas e folgadas tinham emergido dois braços possantes — que até há pouco tinham constituído a secção superior do pilar —, e um dos punhos descomunais derrubara Slevyas com um único mas demolidor soco no queixo.

Fafhrd e o Gray Mouser fitaram-se mutuamente por cima dos dois ladrões estendidos no chão. Apesar de prontos para o ataque, nenhum esboçou o mínimo movimento: cada qual apercebera-se de algo inexplicavelmente familiar no outro.

— Pelo que parece, os nossos motivos para estarmos aqui parecem-me idênticos — disse Fafhrd.

— Parecem? Por certo que são! — retrucou Mouser em tom seco, fitando com cara de poucos amigos o seu novo potenciai adversário, este uma boa cabeça, mais alto que o mais alto dos ladrões.

— Como disse?

— Disse que não parecem, têm de ser os mesmos!

— É muito civilizado da sua parte — comentou Fafhrd, bem-disposto.

— Civilizado? — espantou-se o Mouser, desconfiado, empunhando com mais força a adaga.

— Sim, civilizado. Quem mais se preocuparia com o rigor das palavras no auge da acção? — explicou Fafhrd. Sem nunca perder o Mouser de vista, fitou os dois ladrões estendidos no chão, os olhos esquadrinhando sucessivamente o

cinto e a bolsa de um e de outro. Por fim olhou para cima, para o Mouser, e brindou-o com um sorriso ingénuo.

— Sessenta sessenta? — sugeriu.

O Mouser hesitou, embainhou a adaga e acabou por concordar:

— Combinado! — ajoelhou-se de chofre, os dedos lestos a trabalharem nas fitas da bolsa de Fissif, e sugeriu: — Alivie lá o seu Slivikin...

Não deixava de ser lógico supor-se que o ladrão gordo, ao ver-se atacado, gritara pelo companheiro tratando-o pelo nome.

Sem levantar a vista do sítio onde ajoelhara, Fafhrd comentou:

— E aquele... aquela coisa que eles traziam a reboque? Para onde terá ido?

— Que coisa? — respondeu o Mouser. — Ah, o sagui?

— Sagui? — admirou-se Fafhrd. — Mas isso é um pequeno macaco tropical, não é? Bom, talvez fosse, mas tive a estranha impressão do que...

O ataque silencioso que, vindo de duas direcções, quase os dominou nesse instante não surpreendeu nenhum deles. Estavam à espera de algo no género, se bem que o facto tivesse sido relegado para o subconsciente devido ao seu inesperado encontro.

Os três bravos carregavam em ataque concentrado, dois vindos de poente e o terceiro de nascente, todos de espada em riste. O mais provável era terem partido do princípio de que os dois assaltantes estariam, quando muito, armados com punhais e seriam por certo tão tímidos em combate como a generalidade dos ladrões e contra-ladrões. Foi assim que ficaram profundamente surpresos quando Mouser e Fafhrd, movendo-se com a celeridade característica da juventude, se levantaram e desembainharam espadas tão compridas como ameaçadoras, enfrentando-os costas com costas.

O Mouser deteve uma estocada com uma ligeira parada em quarta, de tal modo que o golpe do bravo vindo de nascente lhe passou à esquerda, a milímetros do corpo. Ripostou no instante seguinte; o seu adversário, recuando desesperadamente, também lhe aparou a estocada em quarta. Sem abrandar, a ponta da esguia espada do Mouser, com a delicadeza do uma princesa em plena vénia, passou por baixo da guarda do outro e saltou em frente, subindo ao de leve, enquanto o seu dono entrava a fundo, num movimento quase inimaginável em alguém do tão pequena estatura. A ponta aguçada passou por entre duas das placas da couraça do bravo, insinuou-se entre as costelas, trespassou-lhe o coração e saiu-lhe pelas costas, tudo isto num único ímpeto fluido e aparentemente fácil.

Entretanto, Fafhrd, a quem tinham cabido os dois bravos chegados do poente, anulou-lhes os golpos com duas paradas amplas, em segunda e prima-baixa, para depois rodar a espada — tão comprida como a do Mouser mas mais pesada — e golpear o pescoço do atacante, do seu lado direito, decapitando-o parcialmente; recuando um único passo, preparou o bote contra o outro adversário.

Não precisou de o desferir. Vinda de trás, uma lâmina estreita de aço ensanguentado, a que se seguiu uma luva cinzenta e um braço lesto, passou-lhe

em frente à cara e foi trespassar o último bravo com tanta força e precisão como a que Mouser usara para liquidar o primeiro.

Os dois jovens limparam e embainharam as espadas. Fafhrd esfregou a palma da mão direita no manto e estendeu-a; Mouser descalçou a luva direita e apertou a manápula do outro. Sem trocarem palavra, ajoelharam ambos e despojaram os dois ladrões, ainda inconscientes, das duas pequenas bolsas ajoujadas de jóias. Servindo-se de uma toalha embebida em óleo e depois de um pano seco, o Mouser esfregou o rosto para o livrar da mistura de fuligem e gordura com que o escurecera; satisfeito, enrolou ambas as toalhas e guardou-as na sacola onde as trouxera. Depois de uma rápida olhadela para nascente, a que Fafhrd correspondeu com um aceno de cabeça, afastaram-se rapidamente na mesma direcção em que seguiam momentos antes Slevyas, Fissif e respectiva escolta.

Após rápido mas completo reconhecimento à Rua do Ouro, atravessaram-na e continuaram para leste, enfiando pela Rua do Dinheiro, a sugestão de Fafhrd.

— A minha mulher está na Lampreia Dourada — explicou.

— Então vamos buscá-la e seguimos para minha casa, quero apresentar-vos a minha rapariga — propôs Mouser.

— Casa? — inquiriu Fafhrd com toda a delicadeza, quase sem dar a entender a curiosidade que sentia.

— Fica na Travessa Escura — arriscou o Mouser.

— Na Enguia do Prata?

— Por trás. Podemos beber uns copos...

— Nesse caso levo uma botija. Nunca será a mais.

— Certo, seja como queres.

Vários quarteirões adiante, Fafhrd, depois de um sem-número de olhadelas sub-reptícias para o seu novo camarada, disse em tom convicto:

— Tenho a certeza de que já nos conhecíamos. O Mouser sorriu-he.

— Na praia junto às Montanhas da Fome?

— É isso mesmo! Quando eu fui grumete num navio de piratas.

— Eu cá era aprendiz de feiticeiro.

Fafhrd parou, limpou de novo a mão no manto e estendeu-a ao outro.

— Chamo-me Fafhrd. Efe-a-efe-agá-erre-dê. O Mouser apertou-lhe a mão.

— Gray Mouser — apresentou-se num tom onde se podia notar um leve toque de desafio, como que a incitar o outro a rir-se do apelido. — Desculpa-me a pergunta, mas como é que isso se pronuncia? Faf-hrud?

— Não, é só Faf-erd.

— Obrigado. Seguiram caminho.

— Gray Mouser, hem? — disse Fafhrd poucos metros adiante. — Bom, podes gabar-te de ter morto um par de ratos numa só noite...

— É verdade — concordou o Mouser, inchando o peito ao mesmo tempo que lançava a cabeça para trás; de repente, com um trejeito cómico do nariz e um meio sorriso, admitiu: — Mas tu terias dado cabo do segundo sem qualquer problema. Só tu roubei para te mostrar como sei ser rápido, e... e além disso estava excitado.

Fafhrd riu-se.

— E eu, como é que supões que estava?

Pouco depois, ao atravessarem a Rua dos Chulos, Fafhrd perguntou-lhe:

— Aprendeste muita magia com o teu feiticeiro?

O Mouser atirou uma vez mais a cabeça para trás; as narinas estremeceram e os cantos da boca descaíram, prenunciando uma resposta empolada, mistificadora; contudo, limitou-se a torcer o nariz e a sorrir. Mas o que é que teria este tipo alto para o impedir de se comportar como era seu hábito?

— Aprendi o suficiente para ficar a saber que são coisas demasiado perigosas... se bem que de vez em quando ainda brinque com elas.

Fafhrd interrogava-se sobre uma questão semelhante. Nunca na vida confiara em homens pequenos, pois sabia que a sua estatura lhes despertava uma imediata inveja; este fulaninho, porém, parecia constituir uma excepção à regra. Para além de pensar depressa e ser um espadachim fora de série. Rezou a Kos para que Vlana gostasse dele.

Na esquina nordeste da Rua do Dinheiro *com* a das Prostitutas, uma tocha do fogo lento, assolapada por debaixo de um funil, lançava um cone de luz suficientemente forte para rasgar o nevoeiro espesso e negro. Uma outra luz um pouco adiante indicava a entrada da taberna. Vlana emergiu das sombras junto ao segundo cone, elegante no seu vestido de veludo preto muito justo a condizer com as meias escarlates; como único ornamento trazia uma adaga de punho e bainha de prata e uma bolsa negra bordada também a prata, ambas suspensas num cinto igualmente negro.

Fafhrd apresentou-a ao Gray Mouser, que se mostrou cortês, obsequioso e galante. Vlana estudou-o com desfaçatez e por fim sorriu-lhe com ar tímido.

Sob a luz da tocha, Fafhrd abriu a pequena bolsa que tirara ao ladrão alto, e Vlana espreitou para o interior; satisfeita, abraçou Fafhrd, apertando-o com força entre os braços, e deu-lhe um beijo repenicado, para por fim guardar as jóias na bolsa que trazia à cinta.

— Olha, vou comprar uma botija — disse-lhe Fafhrd. — Conta-lhe o que se passou, Mouser.

Quando saiu da Lampreia Dourada trazia quatro botijas na dobra do braço esquerdo, e limpava os lábios com as costas da mão direita. Vlana franziu o cenho, mas ele respondeu-lhe com um sorriso do orelha a orelha. O Mouser estalou a língua ao ver as botijas. Seguiram os três pela Rua do Dinheiro, sempre para nascente, e Fafhrd compreendeu que a expressão de desagrado da rapariga estava relacionada com algo mais além das botijas e da perspectiva de uma noitada do bebedeira. Sensato, o Mouser caminhava uns passos à frente, ostensivamente para lhes indicar o caminho.

Quando o vulto do homem baixo se transformou numa mancha indistinta no meio do nevoeiro, Vlana sussurrou em tom áspero:

— Com que então deitaste abaixo dois membros *da* Guilda dos Ladrões e não lhes cortaste as gargantas?

— Mas matámos três bravos! — protestou Fafhrd, à falta de melhor desculpa.

— Pois sim, mas a minha luta nada tem a ver com a Irmandade dos Assassinos, e sim com essa abominável Guilda. Tu juraste-me que à primeira oportunidade...

— Ouve, Vlana! Não podia permitir que o Gray Mouser pensasse que eu era um contra-ladrão amador dominado pela histeria e sedento de sangue!

— Não demoraste a tê-lo em grande consideração...

— É muito possível que me tenha salvo a vida esta noite.

— Pois fica sabendo que, segundo me disse, teria cortado as gargantas àqueles dois num abrir e fechar de olhos, se por acaso soubesse que era assim que eu queria as coisas feitas.

— Só te disse isso porque quis ser simpático contigo.

— Talvez sim, talvez não. Mas *tu* sabias o que eu queria, e mesmo assim...

— Não digas mais, Vlana!

A expressão cerrada da rapariga transformou-se num esgar do raiva logo substituído por uma gargalhada selvagem; sorrindo como se estivesse prestes a chorar, dominou-se e sorriu com um ar amoroso.

— Perdoa-me, querido. Sei que por vezes deves pensar que estou a ficar louca, até eu penso que é assim.

— Então não fiques — foi a resposta seca. — Pensa mas é nas jóias que acabámos de conquistar, e vê lá se te comportas como deve de ser à frente dos nossos novos amigos. Bebe um golo de vinho e descontrai-te, mulher. Esta noite não me quero aborrecer. Mereço-o, não achas?

Ela concordou com um aceno de cabeça e agarrou-se ao braço dele, procurando refúgio na força do seu homem; estugaram o passo para alcançarem o vulto indistinto que seguia uns metros à frente.

O Mouser virou à esquerda e levou-os para norte durante mais de meio quarteirão, enfiando às tantas por uma rua estreita que, vinda de oeste, desembocava na Rua das Pechinchas. Já na travessa, o nevoeiro negro quase que parecia sólido.

— Estamos na Travessa da Escuridão — explicou o Mouser.

Fafhrd acenou com a cabeça a dizer que conhecia o sítio.

— Escuridão não é palavra suficientemente forte para a descrever numa noite como esta... é demasiado *transparente* — comentou Vlana, soltando uma gargalhada onde ainda se podiam notar resquícios de histeria, e que terminou num ataque de tosse. Quando foi capaz de voltar a engolir, respirou fundo e desabafou: — Maldito seja este nevoeiro das noites de Lankhmar! Odeio esta cidade!

— É por estarmos muito perto do Grande Pântano — explicou Fafhrd.

Efectivamente, essa era parte da resposta. Estendendo-se numa zona baixa entre o Pântano, o Mar Interior, o rio Hlal e os campos de cultura mais a sul, todos regados por canais vindos do Hlal, a cidade de Lankhmar, com as suas incontáveis chaminés, era presa fácil de nevoeiros e neblinas fuliginosas; não era de admirar que os seus habitantes tivessem adoptado a toga preta como vestimenta de todos os dias. Havia quem dissesse que em tempos recuados a toga fora branca ou castanho-claro; contudo, as constantes lavagens exigidas tinham levado um dos governantes da cidade a rectificar o erro, oficializando aquilo que a Natureza ou as consequências da civilização tinham imposto aos habitantes de Lankhmar.

Mais ou menos a meio caminho da Rua dos Carroceiros deparou-se-lhes uma taberna no passeio norte da rua, as luzes fracas para lá do nevoeiro, anunciada por uma serpentina de metal pálido quase escondida pela fuligem. Atravessaram uma porta logo ao lado, escondida por uma cortina de couro, através da qual jorrava um misto de barulho, luzes fortes e vapores de álcool.

Logo a seguir à Enguia de Prata, Mouser fê-los entrar num beco lamacento que seguia ao longo da parede nascente da taberna. Viram-se obrigados a seguir em fila indiana, apalpando o caminho com as pontas dos pés, apoiando-se na parede imunda para não escorregarem nos limos do pavimento de pedra, todos muito juntos para não se perderem de vista.

— Cuidado com aquela poça — preveniu o Mouser. — É tão funda como o Mar Exterior.

O beco alargou. A luz das tochas, reflectida e filtrada pelo nevoeiro cerrado, permitia-lhes destrinçar pouco mais do que os contornos vagos das coisas que os rodeavam. Do lado direito a parede agigantava-se, sem uma única janela; para a esquerda, muito perto das traseiras da Enguia de Prata, erguia-se um edifício desconjuntado de tijoleira enegrecida e travejamentos de madeira escura de tantos anos exposta às inclemências do tempo. Para Fafhrd e Vlana, o prédio parecia-lhes completamente abandonado; só mudaram de ideias quando, ao levantarem as cabeças, olharam para o sótão logo acima do terceiro piso, coberto por um telhado recamado de goteiras: três finas linhas de luz amarela revelavam a presença de outras tantas janelas escondidas atrás de persianas de tabuinhas. Do lado oposto, ao nível do chão e em frente ao sítio onde tinham parado, via-se a bocarra escancarada de nova travessa.

— É a Travessa dos Ossos — disse-lhes Mouser num tom algo descoroçoado. — Prefiro chamar-lhe a Alameda da Bosta.

— O cheiro corresponde ao nome — disse Vlana. Com os olhos já adaptados à escuridão, tanto ela como

Fafhrd conseguiam ver agora uma estreita escada de madeira cravada na parede do prédio, sem qualquer amostra de corrimão, que conduzia directamente ao sótão iluminado. Mouser aliviou Fafhrd do peso das botijas e subiu a escada em passo lesto.

— Sigam-me assim que me virem chegar lá acima — disse-lhes por cima do ombro. — Penso que aguenta o teu peso, Fafhrd, mas pelo sim pelo não é melhor subirem um de cada vez.

Fafhrd empurrou Vlana suavemente, indicando-lhe que subisse primeiro. Soltando nova gargalhada histérica, a mulher parou a meio da escada, para

tossir, e só depois se juntou a Mouser num patamar desprotegido, do qual jorrava uma luz amarelada que cedo se dissipava no meio do nevoeiro. O jovem segurava-se a um gancho de ferro forjado cravado numa secção de pedra da parede, do qual pendia a lanterna, e convidou-a a entrar, com uma vénia exagerada. Vlana entrou.

Fafhrd subiu, apoiando os pés o mais perto possível da parede, as mãos prontas a agarrarem-se a qualquer coisa. As escadas estalavam pavorosamente, e cada degrau cedia um pouco, mal lhe punha o pé em cima. Já perto do topo, uma das pranchas desfez-se com o rangido característico da madeira meio apodrecida. Com todo o cuidado, Fafhrd praguejou e apoiou-se de pés e mãos nos degraus seguintes, procurando distribuir o peso o mais uniformemente possível.

— Não te preocupes, as botijas estão a salvo — observou Mouser em tom divertido.

Fafhrd rastejou o resto do caminho, queixando-se da sua desdita, e só se pôs do pé quando se viu bem dentro do patamar. Assim que entrou, só a custo dominou uma exclamação do espanto.

Era como se tivesse esfregado o verdete de um anel do latão dos baratos para no fim descobrir um brilhante do primeira água encastoado no metal. Panos brocados — alguns a refulgirem com sinuosos bordados de prata e ouro — cobriam as paredes por completo, excepção feita unicamente para os sítios onde se abriam as janelas, cujas persianas eram de talha dourada. Panos semelhantes mas mais escuros escondiam o tecto baixo, formando uma cobertura inesperadamente bela, em que incontáveis pontos prateados e dourados imitavam as estrelas. Almofadas enormes e mesas baixas espalhavam-se por todo o lado, as mesinhas todas com velas acesas; nas paredes, um sem-número de estantes repletas de velas empilhadas com pequenos troncos, rolos de papiros, jarros, garrafas e caixas esmaltadas. Um toucador baixo, encimado por um espelho emoldurado a prata, pontificava a um canto, o tampo repleto de jóias e cosméticos. A lareira, enorme, albergava um pequeno fogão a lenha pintado de preto e, a um canto, um pote de barro preto ornamentado; por debaixo do fogão arrumava-se uma alinhada pirâmide de tochas resinosas, acompanhada por outras pirâmides de vassouras, lambazes, toros curtos e compridos e um monte de carvão refulgente.

Num estrado em frente à lareira estendia-se um sofá comprido, de pernas curtas e recoberto por um pano dourado, onde se sentava uma rapariga delicada, de aspecto frágil, muito bonita no seu vestido de seda violeta bordada a prata, onde sobressaía uma corrente do prata a fazer de cinto. Os sapatos eram de pele de serpente da neve, e os cabelos, negros e compridos, mantinham-se ao alto com a ajuda discreta de vários alfinetes de prata encimados por ametistas. Por sobre os ombros trazia uma estola de arminho branco. A rapariga, ligeiramente inclinada para a frente, com um ar simultaneamente gracioso e pouco à vontade, estendia-lhes uma mão fina, alva e delicada. Vlana ajoelhou à frente dela e, segurando nas suas a mão estendida, baixou a cabeça até que os cabelos castanhos-escuros lhe esconderam o rosto, ao mesmo tempo que beijava a mão da outra.

Fafhrd ficou satisfeito ao ver a sua companheira reagir com naturalidade a uma situação decididamente estranha mas ao mesmo tempo deliciosa. Ao olhar para a meia vermelha de Vlana, bem estendida por detrás da mulher, reparou que o soalho estava recoberto por camadas triplas — quádruplas em alguns sítios

— de tapetes dos mais variados estilos e padrões, quase todos da melhor qualidade e importados das Terras Orientais. Antes que se apercebesse, deu consigo a apontar o polegar na direcção do Gray Mouser:

— Mas então... tu és o Ladrão de Tapetes! — proclamou. — És o Açambarcador de Carpetes!... e também o Corsário das Velas! — acrescentou, referindo-se a duas séries de roubos nunca descobertos que andavam nas bocas do mundo quando, uma lua antes, ele e Vlana tinham chegado a Lankhmar.

O Mouser, de rosto impassível, encolheu os ombros na direcção de Fafhrd e de repente sorriu e piscou-lhe um olho cúmplice, lançando-se numa série de passos de *dança* desconexos que o levaram a percorrer a sala até ficar nas costas *de* Fafhrd; com um gesto decidido, tirou o manto das costas largas do homem mais alto, dobrou-o cuidadosamente e foi pousá-lo numa almofada.

Depois de uma pausa relativamente demorada e recheada de incertezas, a rapariga vestida de violeta bateu nervosamente no brocado *de* ouro a seu lado, indicando a Vlana para se sentar a seu lado. Vlana assim fez, tendo o cuidado de não se acercar demasiado, e deu o mote para uma conversa de circunstância que prosseguiu entre as duas quase que em surdina.

Mouser tirou o seu capote cinzento, dobrou-o às três pancadas e arremessou-o para junto do do Fafhrd. Os dois homens tiraram os talins das espadas, e o Mouser pousou-as em cima dos dois mantos dobrados.

Sem os capotes avantajados e as armas, ambos pareciam muito mais novos, os rostos bem escanhoados, os corpos escorreitos apesar dos músculos salientes dos braços e coxas de Fafhrd, este de cabelos ruivos a chegarem aos ombros, o Mouser de cabelos negros ondulados, um com túnica de couro castanho adornada com cravagens de cobre e o outro com um colete cintado de seda cinzenta.

Sorriram um para o outro; a sensação do se terem transformado subitamente em rapazes deixou-os algo embaraçados. O Mouser pigarreou e, com uma curta vénia, sem tirar os olhos de Fafhrd, apontou o sofá dourado, num gesto displicente, e disse:

— Fafhrd, meu bom amigo, permite-me que te apresente a minha princesa. Ivrian, querida, peço-te o favor de receberes Fafhrd condignamente, pois esta noite eu e ele lutámos costas com costas contra três e vencemos.

Fafhrd avançou, cambaleando imperceptivelmente, o cocuruto dos seus cabelos ruivos a roçar no tecto recamado de panos, e ajoelhou à frente de Ivrian tal como Vlana tinha feito um pouco antes. A mão delicada que se estendeu à sua frente parecia agora firme, mas ainda tremia por dentro, como ele descobriu assim que lhe tocou. Pegou-lhe como se fosse feita da seda tecida com a teia da aranha branca, aflorando-a com os lábios, ainda nervoso ao murmurar os cumprimentos de praxe.

Não se apercebeu, pelo menos nessa altura, de que o Mouser estava tão ou mais nervoso do que ele, rezando em surdina para que Ivrian não exagerasse o papel de princesa e desatasse a criticar os convidados ou, pior ainda, largasse a chorar ou fugisse para o quarto do lado. Com efeito, Fafhrd e Vlana eram literalmente os primeiros seres vivos — humanos ou animais, nobres, escravos ou homens livres — que ele trouxera ao luxuoso ninho que criara para a sua aristocrática amada... exceptuando os dois pássaros do amor que chilreavam

numa gaiola de prata, pendurada num poste cravado numa das esquinas do estrado.

Apesar de toda a sua esperteza e de um recém-descoberto cinismo, nunca ocorreu a Mouser que era essencialmente o seu encanto e o infame embuste em que a envolvera as duas coisas que a mantinham não só tão feminina como dantes mas acima de tudo realista e corajosa, isto para uma pobre rapariga que fugira com ele da câmara de torturas do pai há pouco menos de quatro luas atrás.

Contudo, ao ver Ivrian sorrir, o que levou Fafhrd a retirar suavemente a mão dela de entre as suas e a recuar cuidadosamente, o Mouser descontraiu-se, aliviado, e foi buscar duas canecas de prata e dois cálices também de prata, limpando-os desnecessariamente com uma toalha aveludada. Depois de escolher cuidadosamente uma garrafa de vinho de cor roxa, sorriu para Fafhrd e decidiu antes abrir uma das botijas que o Nortenho trouxera, enchendo os quatro recipientes até à borda para os servir de imediato.

Com um pigarrear preliminar, desta feita sem qualquer indecisão, propôs um brinde:

— Ao meu maior roubo de sempre em Lankhmar, o qual terei de dividir a meias com... — aqui chegado, não conseguiu resistir a um súbito impulso. — Com este bárbaro de cabelos compridos que tenho a meu lado!

Levou a caneca aos lábios e bebeu-a até metade, feliz por sentir o calor do vinho fortificado com aguardente a deslizar-lhe pela garganta.

Fafhrd bebeu metade da sua e respondeu à letra:

— Ao mais gabarola e cínico dos ladrões com quem tive o prazer de dividir o produto de uma boa noite de trabalho!

Bebeu o resto e, com um sorriso de orelha a orelha, estendeu a caneca a indicar que estava vazia.

O Mouser encheu-lha, encheu a sua e pousou-a para de seguida se dirigir a Ivrian; abrindo a bolsa que sacara a Fissif, despejou as jóias no colo da rapariga. As pedras refulgiram sob a luz quente da lareira, estremecendo no seu novo e invejável pouso como se fossem um punhado de estrelas roubadas ao firmamento.

Ivrian recuou um pouco, quase deixando cair as gemas, mas Vlana segurou-lhe suavemente no braço e inclinou-se para diante, soltando uma exclamação de espanto ao ver a qualidade das pedras preciosas; não conseguiu disfarçar um olhar invejoso quando fitou a rapariga pálida, mas mesmo assim sorriu e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. Fafhrd percebeu que Vlana estava claramente a fingir, mas o acto saía-lhe natural, digno de uma verdadeira profissional, já que Ivrian não demorou a concordar ávidamente com um aceno de cabeça, murmurando uma resposta qualquer ao ouvido da sua nova amiga. A indicação sua, Vlana foi buscar uma caixinha esmaltada a azul com incrustações de prata, e as duas transferiram as jóias para o seu interior forrado a veludo. Ivrian pousou a caixinha a seu lado e as duas raparigas continuaram a conversar.

Enquanto bebia a sua segunda caneca, Fafhrd foi-se descontraindo aos poucos e começou a esquadrinhar demoradamente a sala onde estava. O espanto causado pela primeira impressão, o choque de se ver dentro de uma autêntica

sala de trono no topo de um pardieiro, o luxo requintado em marcado contraste com a escuridão, as escadas apodrecidas, a lama e o nevoeiro fuliginoso da Alameda da Bosta, tudo isso se dissipou como que por magia, permitindo-lhe reparar no estado decrépito do sótão, mal disfarçado por aquela capa de pretensa grandeza.

Aqui e ali, por entre os tapetes, espreitavam pedaços de madeira seca e podre, emanando os seus característicos fedores. O chão inteiro vergava-se ao peso dos tapetes, e no centro da sala era nítido um abaulamento provocado pelo peso. Uma barata enorme trepava por um cortinado bordado a ouro, outra rastejava em direcção ao sofá. Fiapos de nevoeiro entravam pelas frinchas das persianas, formando ténues arabescos por sobre a talha dourada. As pedras da grande lareira tinham sido esfregadas e envernizadas, mas no entanto a maior parte da argamassa desaparecera das uniões; algumas estavam mesmo em falta, enquanto outras balançavam periclitantemente nos respectivos apoios.

O Mouser estivera entretido a acender o fogão a lenha; nesse momento retirava de dentro da fornalha o acendedor que ateara no carvão em brasa do pote de barro negro, fechando de seguida a pequena portinhola negra para evitar a saída das chamas. Satisfeito, regressou para junto do sofá. Como se tivesse lido os pensamentos de Fafhrd, pegou em vários paus de incenso, foi acendê-los nas brasas do pote e começou a enfiá-los em pequenos vasos do bronze espalhados pela sala — pisando uma das baratas a meio caminho, apanhando sub-repticiamente a outra para a esmagar com o punho cerrado. Espalhado o incenso, pegou num monte de panos de seda e foi calafetar as fendas maiores das persianas. Só depois é que voltou a pegar na caneca do vinho, fitando Fafhrd com um olhar duro, como que a desafiá-lo a pronunciar uma só palavra que fosse a propósito da deliciosa e ao mesmo tempo ridícula casa de bonecas que preparara para a sua princesa.

No entanto, no instante seguinte levantava a caneca e sorria para Fafhrd, que o imitou. A necessidade de voltarem a encher as canecas aproximou-os; quase sem mexer os lábios, o Mouser explicou-lhe, *sotto voce:*

— O pai da Ivrian era um duque. Matei-o graças a um golpe de magia negra, quando tentava liquidar-me na mesa de tortura. Era um homem cruel, cruel até para a sua própria filha, mas de qualquer maneira não deixava de ser um duque, de modo que a Ivrian não está acostumada a tratar de si sozinha. Orgulho-me de lhe proporcionar um ambiente ainda melhor que o do pai, apesar de todos os seus escudeiros e serviçais.

Suprimindo as imediatas críticas que esta atitude lhe sugeria, Fafhrd concordou com um aceno do cabeça e acrescentou em tom amigável:

— Não há dúvida de que conseguiste criar aqui um ambiente agradabilíssimo, uma casa digna do Karstak Ovartamortes, o senhor de Lankhmar, ou mesmo do Rei dos Reis de Tisilinilit.

Do sofá, Vlana chamou-os na sua voz rouca de contralto.

— Gray Mouser, a tua princesa gostava de ouvir a vossa aventura desta noite. E o vinho, é só para vocês?

— Só um bocadinho, Mouser, se fazes favor — pediu Ivrian.

Franzindo imperceptivelmente o cenho ao ouvir a antiga alcunha, Mouser olhou para Fafhrd, à espera do uma aquiescência; ao ver que o amigo não se

importava, começou a contar a história, sem se esquecer de servir o vinho às raparigas. Já não havia o suficiente para os cálices, de modo que abriu nova botija; pensando melhor, abriu as três restantes, colocando uma ao lado do sofá, outra junto a Fafhrd — que entretanto se sentara numa almofada — e a última reservou-a para si. Ivrian, de olhos muito abertos, parecia apreensiva ao compreender que aquela noitada de libações ainda mal começara. Vlana, sempre cínica e ainda assoberbada pela raiva, não fez qualquer comentário.

O Mouser esmerou-se a contar o contra-roubo, representando algumas passagens, e só lhe acrescentou alguns exageros nos pontos mais excitantes — como por exemplo o facto do sagui, antes de fugir, ter trepado pelas suas costas acima numa tentativa do lhe arranhar os olhos. Só foi interrompido por duas vezes.

Quando às tantas disse: «E assim num só gesto desembainhei a Escapelo...», Fafhrd interrompeu-o para observar:

— Oh, então também baptizaste a tua espada, para além de teres inventado uma alcunha para ti?

O Mouser levantou-se.

— É verdade, e o meu punhal chama-se Garra do Gato. Alguma objecção? Parece-te coisa de crianças?

— Não, muito longe disso. Eu próprio chamo Graywand à minha espada. De certo modo, todas as armas têm uma vida própria, são instrumentos civilizados e merecem um nome. Mas continua, por favor.

Quando, no seguimento da história, mencionou o animal de natureza incerta que correra sempre ao lado dos ladrões (e que lhe tentara furar os olhos!), Ivrian estremeceu, muito pálida, e disse-lhe:

— Mouse! Essa coisa faz lembrar um Parente do Bruxo!

— De um Feiticeiro — corrigiu Vlana. — Esses vilões da

Guilda nada querem das mulheres, excepto como alimento ou instrumentos forçados da sua lascívia. Contudo, Krovas, o rei deles, apesar de supersticioso, é conhecido por não deixar *nada* ao acaso, e pode muito bem ter contratado um feiticeiro.

— É o mais provável... fico apavorado só do pensar nisso — concordou o Mouser num *tom* sinistro, ainda mais sinistro por se ajustar à sua expressão funesta. Na verdade não acreditava minimamente naquilo que acabara de dizer — o medo era coisa que não constava dos seus hábitos —, mas o facto é que estava pronto a aceitar todos os floreados que pudessem embelezar a sua história.

Quando acabou, as raparigas, orgulhosas, brindaram aos dois pela coragem e bravura demonstradas. O Mouser agradeceu com uma vénia, não sem sorrir e piscar o olho ao companheiro, e por fim sentou-se numa almofada, com um suspiro de cansaço, limpando a testa com um lenço de seda, antes de beber a caneca num só trago.

Depois do pedir permissão a Vlana, Fafhrd descreveu-lhes a aventura que fora a fuga dos dois do Canto Frio — ele fugido ao seu clã, ela de uma *troupe* de artistas ambulantes — e a caminhada até Lankhmar, onde se tinham alojado num prédio reservado a artistas perto da Praça das Delícias Negras. Ivrian abraçou-se a Vlana e estremecia de medo sempre que ouvia falar em bruxarias —

não só de medo como de prazer, pensou Fafhrd. Quanto a si, não era de estranhar que uma rapariga mimada como aquela gostasse de histórias fantasmagóricas; contudo, ainda não descobrira se o prazer seria tão grande se ela ficasse a saber que tudo o que ele ora contava correspondia inteiramente à verdade.. Ivrian parecia viver num mundo imaginário... situação que, tinha a certeza, se ficava a dever em parte à influência do Mouser.

O único assunto que omitiu durante a sua descrição foi a intenção fixa de Vlana em se vingar da Guilda dos Ladrões, por esta ter torturado até à morte os seus antigos cúmplices, expulsando-a do Lankhmar quando, disfarçada de mímico, tentou roubar por sua conta e risco dentro dos limites da cidade. É claro que também não se referiu à sua própria jura — uma jura tresloucada, como agora compreendia —, em que se comprometera a ajudá-la naquela sanguinária questão.

Quando terminou e recebeu os merecidos aplausos, descobriu que tinha a garganta seca; ao tentar molhá-la, apercebeu-se de que a caneca estava vazia, o mesmo acontecendo com a botija. Não se sentia minimamente bêbado; a narrativa ajudara-o a dissipar o álcool, pensou para com os seus botões, cada palavra saída devia ter arrastado consigo uma gota da bebida.

O Mouser, também às escuras, não acusava os efeitos da botija que emborcara, se bem que tendesse a fazer pausas misteriosas e a fitar o infinito antes de responder a qualquer pergunta ou de fazer as observações que julgava pertinentes. Após um olhar excessivamente demorado para o ápex, sugeriu que Fafhrd o acompanhasse à Enguia, onde tencionava ir reabastecer-se.

— Mas a *nossa* botija ainda está praticamente cheia! — protestou Ivrian. — Isto é, ainda vai pela metade...— corrigiu-se. A verdade é que o recipiente soou a vazio quando Vlana o chocalhou. — Além disso, tens toda a espécie de vinhos aqui em casa.

— Não desta qualidade, minha querida, e a primeira regra é nunca fazer misturas... — explicou o Mouser, acenando-lhe com um dedo reprovador. — Se misturares tudo podes ficar doente, ou mesmo louca.

Vlana resolveu dizer de sua justiça.

— Minha cara — comentou para Ivrian, dando-lhe suaves pancadinhas no ombro —, em qualquer festa a sério, há sempre uma altura em que os homens, os homens a sério, não resistem a ir dar uma voltinha. Sei que isso não passa de uma estupidez, mas está-lhes no sangue e nada podemos fazer para os deter. Acredita-me, há muito que sei como é que estas coisas são.

— Mas, Mouse, eu estou cheia de medo... a história do Fafhrd assustou-me. E a tua, também! Sei que vou ouvir aquela ratazana preta de cabeça grande a arranhar as persianas, mal tu saias porta fora! Tenho medo dos Parentes!

Fafhrd teve a impressão de que a rapariga não estava nada assustada, só tinha era prazer em se assustar e em demonstrar o poder que exercia sobre o seu bem-amado.

— Minha... querida — atalhou o Mouser com um soluço pelo meio. — Ainda tens todo o Mar Interior, toda a Terra das Oito Cidades e todas as Montanhas dos Monstros entre ti e os frígidos espectros do Fafhrd, que talvez não passem... perdoa-me, camarada, mas pode ser muito bem assim... talvez não passem de alucinações à mistura com várias coincidências. E quanto aos

Parentes que se lixem! Nunca foram nada neste mundo além de desprezíveis animaizinhos de estimação de velhas malcheirosas e velhos senis e maricas!

— A Enguia fica mesmo aqui ao lado, *Lady* Ivrian — disse Fafhrd. — E além disso a Vlana fica aqui consigo... a Vlana, que matou o meu pior inimigo com um só golpe daquela adaga que traz à cinta.

Com um rápido olhar de esguelha para Fafhrd, no qual se podia ler qualquer coisa como: «Mas que maneira de tranquilizar uma rapariga assustada!», Vlana disse em tom bem-disposto:

— Deixa-os ir, minha cara. É *da* maneira que podemos conversar à vontade, em especial para cortar na casaca destes cabeças de alho-chocho...

Mouser e Fafhrd saíram mal Ivrian se deixou persuadir, fechando rapidamente a porta para não deixar entrar o nevoeiro; os passos apressados dos dois a descerem a escada ressoaram no interior do sótão, acompanhados pelo ranger dá madeira envelhecida; não surgiu contudo nenhum outro som indicador de uma queda ou de novo degrau partido.

Enquanto esperavam que as quatro botijas viessem da cave, os dois camaradas de fresca data pediram duas canecas do mesmo vinho temperado com aguardente, e refugiaram-se no extremo mais calmo do enorme balcão, procurando fugir ao tumulto que grassava na taberna. Num golpe repentino, o Mouser pontapeou a cabeça de um rato que se pusera a espreitar a saída do seu buraco.

Depois, de se cumprimentarem entusiasticamente a propósito das respectivas namoradas, Fafhrd perguntou em tom desconfiado:

— Aqui entre nós, parece-te haver algum fundamento no facto da tua doce Ivrian julgar que a criatura preta que seguia o Slivikin e o outro ladrão da Guilda poderá ser um parente de feiticeiro, ou pelo menos o animal de estimação de um mago, treinado para agir como intermediário e relatar possíveis infortúnios ao seu senhor, ou mesmo ao próprio Krovas ou a ambos?

O Mouser riu-se com ar despreocupado.

— Estás a imaginar coisas, até pareces uma criança com medo do escuro... meu caro irmão bárbaro, se assim te posso chamar. *Imprimis,* nem sequer sabemos se o animal estava relacionado com os ladrões da Guilda. Podia ser um gato vadio ou uma ratazana dos esgotos... como este maldito aqui! — exclamou, desferindo novo pontapé. — *Secundus,* se partirmos do princípio de que era efectivamente uma criatura de um feiticeiro ao serviço do Krovas, como é que poderia levar-lhe algum relatório coerente? Não acredito em animais que falam... excepção feita aos papagaios e aves que tais, mas essas só sabem... papaguear. Bom, há animais capazes do se exprimirem por gestos, gestos que os humanos conseguem entender. Não estás a imaginar a besta a molhar uma garra num tinteiro para escrever o seu relatório num pergaminho preso ao soalho, pois não?

— Eh, tu aí dentro do balcão! Onde é que estão as minhas botijas? Será que os ratos comeram o rapaz que as foi buscar à cave? Ou terá morrido do fome, à procura do sítio? Está bem, diz-lhe para se despachar, e entretanto traz-nos mais duas canecas!

— Não, Fafhrd, mesmo que a besta seja directa ou indirectamente uma criatura do Krovas, e considerando mesmo que voltou a correr para a Casa dos

Ladrões depois do nosso ataque, o que é que o animal lhe poderia contar? Só que qualquer coisa correu mal durante o roubo na loja do Jengao... aliás não demorariam a suspeitar disso mesmo, atendendo à demora no regresso dos ladrões e dos bravos.

Fafhrd franziu a testa e insistiu, teimoso:

— Mesmo assim, aquela coisa peluda poderá revelar o nosso aspecto aos senhores da Guilda, até é capaz de vir à nossa procura e guiar um ataque às nossas casas. Enfim, o próprio Slivikin ou o seu amigo gordo são capazes do nos reconhecer, o que vai dar ao mesmo.

— Meu caríssimo amigo — replicou o Mouser em tom pesaroso —, tenho de te pedir desculpa uma vez mais, mas parece-me que o vinho está a toldar-te o raciocínio. Se a Guilda soubesse quem somos ou onde moramos, já andava atrás dos nossos pescoços há dias ou semanas atrás, quem sabe se meses... talvez não saibas qual é a pena que eles aplicam a quem rouba por sua conta e risco dentro das muralhas de Lankhmar ou num limite de três léguas em redor da cidade: nada mais que a morte, meu caro, normalmente depois de uma lenta tortura.

— Sei muito bem como é, e a minha luta é bem pior do que a tua — retorquiu Fafhrd; pedindo o máximo segredo a Mouser, pô-lo a par da vingança planeada cor Vlana contra a Guilda, uma vingança que a mulher pretendia o mais terrível que se pudesse imaginar.

As botijas chegaram da cave a meio da história, mas o Mouser limitou-se a pedir que lhes voltassem a encher as canecas.

Fafhrd não demorou a chegar ao fim:

— E assim, como consequência da promessa feita por um rapaz enfatuado e analfabeto, num recanto obscuro do Sul do Canto Frio, acabei por dar comigo no papel de um homem sóbrio... bem, não como agora... a quem se exige que trave uma luta constante contra uma força tão poderosa como a do próprio Karstak Ovartamortes. Como deves saber, a Guilda tem representantes em todas as cidades desta terra, para já não mencionarmos os acordos estabelecidos no que diz respeito a extradições com as organizações de ladrões e bandidos dos outros países. Amo muito a Vlana, não te enganes quanto a isso, mas quanto a este assunto acho que a mulher tem um parafuso a menos. Nem a lógica nem a persuasão a conseguem desmotivar. Quanto a mim... bom, no mês que passei aqui aprendi que a única forma de sobrevivermos no meio da civilização é cumprirmos as suas regras não escritas, muito mais importantes que as leis cinzeladas na pedra; se as quisermos quebrar a responsabilidade é exclusivamente nossa, e só o podemos fazer no meio do maior segredo, rodeados de todas as precauções. Como fiz esta noite... não foi o meu primeiro assalto, como deves calcular.

— Concordo que seria uma loucura atacar directamente a Guilda, tens toda a razão quanto a esse aspecto — comentou o Mouser. — Se não consegues convencer a tua amada a desistir desse objectivo inatingível, ou afastá-la daqui à força (e já percebi que tens pela frente uma mulher intrépida e decidida), então só te resta recusar firmemente toda a ajuda que ela te pedir.

— É claro que podia fazer isso — concordou Fafhrd, acrescentando num tom levemente acusador. — Mas, segundo julgo saber, tu disseste-lhe que não te

terias importado absolutamente nada de cortar as gargantas aos dois patifes que deixámos inconscientes no meio do rua.

— Disse-o por mera cortesia, homem! Querias que me portasse com rudeza em frente à tua mulher? Só o disse porque na altura já me tinha apercebido da tua boa-fé... só tu serás capaz de a demover. Acho que não te resta outra solução, atendendo às circunstâncias.

— Também acho — repetiu Fafhrd com grande convicção. — Seria um idiota chapado se resolvesse atacar a Guilda... se bem que eles não hesitarão em me matar se me apanharem, sob a acusação de ter praticado assaltos sem a sua autorização. Mas assaltar a Guilda sem mais nem menos, ou até matar um ladrão dia Guilda por dá cá aquela palha... não, isso é pura loucura!

— Não só estarias a comportar-te somente como um idiota, um bêbado, estarias sem dúvida a marcar encontro com o imperador da doença, a Morte. Não duravas mais de três noites. Qualquer ataque directo à organização fará com que a Guilda aplique uma pena dez vezes mais severa do que as aplicadas a quem quebra as regras estabelecidas. Todos os roubos e assaltos planeados seriam cancelados, terias à perna todo o poder da Guilda, se preciso for com a ajuda dos seus aliados. Terias mais hipóteses se enfrentasses de mãos nuas as hostes do Rei dos Reis do que se resolvesses atacar os bandidos da Guilda dos Ladrões. O teu tamanho, a tua força e a tua coragem poderão corresponder às de um esquadrão ou mesmo de uma companhia, mas nunca se poderão comparar às de um exército. Como vês, não podes deixar que a Vlana te manipule como um fantoche.

— Totalmente de acordo! — exclamou Fafhrd em voz alta, apertando a mão de Mouser a ponto de quase a esmagar.

— Está na hora de voltarmos para junto das raparigas — disse o Mouser.

— Só mais uma bebida para o caminho. Eh, rapaz!

— Não digo que não — respondeu o Mouser, sacando da bolsa para pagar.

Fafhrd protestou veementemente, e para decidirem a questão atiraram uma moeda ao ar; Fafhrd ganhou e, satisfeito, atirou alguns semerduks de prata para cima do balcão gordurento, cujo tampo estava marcado por uma infinidade de círculos de tamanho igual ao da base das canecas, como se antes de servir de bar tivesse sido o estirador de um geómetra tresloucado. Endireitaram-se para sair, não sem que o Mouser desferisse um último pontapé contra o buraco do rato, para chamar a sorte.

Ao ver isto, os pensamentos de Fafhrd recuaram para o princípio da conversa:

— Mesmo que a besta não consiga escrever com as garras, nem falar por palavras ou por sinais, ainda nos pode ter seguido à distância. Depois de assinalar a tua casa, bastava-lhe voltar para junto dos seus donos, para os guiar até lá como um podengo!

— Bom, parece-me que recuperaste o bom senso — disse o Mouser. — Eh, rapaz, arranja aí também um barril de cerveja para levarmos, dos pequenos! A correr, caramba! — Ao aperceber-se do olhar espantado de Fafhrd, explicou: — É para cuspirmos lá fora, para nos libertarmos do hálito do vinho. Sim, podes cuspir contra as paredes... quem chegar mais alto ganha.

Fafhrd acenou a concordar.

— E eu que julgava já ter bebido a minha conta... Vlana e Ivrian, entretidas a conversar, deram um pulo no sofá quando ouviram o barulho de passos nas escadas. Só dificilmente elefantes em corrida teriam feito mais barulho; os rangidos e estalos não podiam ser mais sonoros, e desta feita os degraus partidos foram dois. Contudo, o ruído dos passos não abrandou. A porta abriu-se do rompante e os dois homens entraram envolvidos por um enorme cogumelo do nevoeiro fuliginoso, imediatamente cerceado da raiz assim que fecharam a porta.

— Eu bem te disse que não demorávamos nada! — gritou o Mouser para uma estupefacta Ivrian, enquanto Fafhrd avançava para o sofá, indiferente ao ranger perigoso do soalho, a gritar:

— Minha querida, tive imensas saudades tuas! Agarrou-se a Vlana apesar dos protestos da rapariga, beijando-a e abraçando-a repetidas vezes antes do a devolver ao sofá.

Estranhamente, quem pareceu ficar aborrecida com Fafhrd foi Ivrian, e não Vlana; esta, pelo contrário, sorria com uma expressão carinhosa, se bem que um pouco atarantada.

— Senhor Fafhrd! — exclamou Ivrian, os punhos minúsculos apoiados na cintura, os olhos escuros a brilharem de fúria. — A minha amiga Vlana esteve a contar-me todas as coisas atrozes que a Guilda dos Ladrões perpetrou contra ela e os seus amigos mais chegados. Perdoe-me a franqueza para com uma pessoa que mal acabei de conhecer, mas penso que é muito mau da sua parte recusar-se a ajudá-la na vingança que a pobre rapariga deseja e a que tem todo o direito! E tu também, Mouse, gabaste-te a Vlana daquilo que terias feito aos dois ladrões caso soubesses o que se passava, não gabaste? Sim, tu, que tiveste a coragem de matar o meu próprio pai por causa das suas crueldades!

A Fafhrd não restavam duvidas do que, enquanto ele e o Gray Mouser se divertiam na Enguia de Prata, Vlana pusera Ivrian ao corrente das suas queixas contra a Guilda, obviamente empolando a história ao mesmo tempo que se aproveitava da ingenuidade e credulidade de uma pobre rapariga que passara a vida envolta num ambiente de noções cavalheirescas e românticas; por outro lado, era patente que Ivrian ultrapassara as marcas no que se referia à bebida: na mesinha ao lado do sofá, uma garrafa de vinho violeta de Kiraay já ia quase no fim.

Contudo, sem argumentos, limitou-se a abrir os braços e a vergar a cabeça sob o tecto baixo, fulminado pelos olhares acusadores de Ivrian e da sua Vlana. No fim de contas ambas tinham razão: ele *prometera.*

Foi o Mouser quem primeiro tentou contra-argumentar:

— Então, miúda! — exclamou, dançando pela sala ao mesmo tempo que ia enfiando mais panos de seda nas frinchas, detendo-se junto à lareira, para enfiar mais lenha no fogão. — E a senhora também, bela *Lady* Vlana. Desde que aqui chegou, Fafhrd tem atingido os ladrões da Guilda onde lhes dói mais... nas bolsas que trazem penduradas entre as pernas. As vezes em que os despojou dos assaltos equivalem a outros tantos pontapés no baixo-ventre. É o pior para eles, acreditem-me. É pior do que matá-los com um golpe limpo da espada... e se esta

noite o ajudei na sua heróica luta não me importarei nada de repetir a façanha. Vamos lá, mais um copo não faz mal a ninguém!

Com evidente dificuldade, desrolhou uma das novas botijas e serviu-os a todos, enchendo as canecas e cálices de prata até deitarem por fora.

— A vingança de um mercador! — exclamou Ivrian em tom desdenhoso, nada apaziguada pelas palavras do seu homem. — Sei que vocês os dois são verdadeiros cavalheiros, apesar do estado lamentável em que se encontram. O mínimo que podem fazer é trazer a Vlana a cabeça de Krovas!

— E o que é que ela lhe fazia? O que é que conseguiríamos além de sujar as carpetes? — perguntou o Mouser.

Fafhrd, recompondo-se com um esforço evidente, apoiou-se num joelho e proclamou em voz arrastada:

— Com o devido respeito, *Lady* Ivrian, é verdade que prometi à minha amada Vlana ajudá-la na sua desforra, mas isso aconteceu quando ainda estávamos nas terras bárbaras do Canto Frio, onde as lutas sanguinárias são um lugar-comum, sancionadas pelos usos e costumes e aceites por todos os clãs, tribos e irmandades em que se agrupam os selvagens Nortenhos daquelas paragens. Na minha ingenuidade, sempre pensei que a vingança da Vlana fosse desse género. Porém, aqui no meio da civilização, acabei por descobrir que tudo é diferente, aqui as leis e costumes foram virados de pernas para o ar. Apesar de tudo... seja em Lankhmar ou no Canto Frio, qualquer pessoa tem de se submeter aos usos e costumes vigentes se quiser sobreviver. Aqui quem manda é o todo-poderoso dinheiro, qual ídolo colocado no pedestal mais alto... aqui, as lutas e vinganças fogem a todas as regras conhecidas, e as punições são piores que quaisquer outras, ultrapassam a pior das loucuras. Pense bem, *Lady* Ivrian! Se eu e o Mouser colocássemos a cabeça de Krovas aos pés de Vlana, tanto a minha amada como eu teríamos de fugir de Lankhmar nesse mesmo instante, ameaçados por tudo e por todos; quanto a si, era certo e sabido que perderia esta casa do sonho que o Mouser construiu para si. Também teriam de fugir, condenados a uma vida de pedintes ambulantes, para o resto das vossas vidas.

Os argumentos foram colocados com toda a lógica, eram irrefutáveis... mas de nada serviram. Enquanto Fafhrd discursava, Ivrian levou o cálice aos lábios e bebeu-o até à última gota; erguendo-se de rompante, rígida como um soldado, de rosto muito corado, gritou com desprezo para o homem ajoelhado à sua frente:

— Está a medir os custos? Vem falar-me de *coisas...* — deteve-se para abarcar com um gesto amplo o ambiente esplendoroso que os rodeava. — Vem falar-me de meros objectos, por muito dispendiosos que sejam, quando o que está em jogo é a *honra?* O senhor deu a *sua palavra* a Vlana! Oh, será que o cavalheirismo morreu? E isto também se aplica a ti, Mouse, tu que juraste seres capaz de cortar as gargantas a dois miseráveis ladrões da Guilda!

— Não jurei nada disso — protestou Mouser sem grande vontade, bebendo copiosamente. — Limitei-me a dizer que era *capaz de o fazer.*

Fafhrd, por seu lado, limitou-se a encolher os ombros, levando a caneca aos lábios. Ivrian expressava-se no mesmo tom acusador que tão bem conhecera a Mor, a sua mãe, servia-se dos mesmos argumentos tipicamente femininos, tão

injustos como emotivos, da sua antiga amada do Clã da Neve, Mara, hoje com o ventre dilatado do filho que ele lhe dera.

Numa reviravolta magistral, Vlana tentou suavemente trazer de novo Ivrian para o aconchego do sofá dourado.

— Tem calma, minha querida — suplicou. — Defendeste nobremente a minha causa, pelo que te estou imensamente agradecida. As tuas palavras fizeram reviver em mim sentimentos que julgava mortos há muitos anos. De todos nós, porém, só tu és uma verdadeira aristocrata, só tu é que dás a máxima importância a sentimentos tão nobres. Nós outros não passamos de vulgares ladrões... será de espantar que ponhamos a segurança acima da honra e da palavra dada? Será de espantar *que* evitemos a todo o custo arriscar as nossas vidas? Sim, somos três ladrões, e eu não tenho direito a voto. Faz-me um favor, Ivrian, não me fales mais de honra e de bravura. Senta-te e...

— Queres dizer que eles os dois estão com *medo* de desafiar a Guilda dos Ladrões? — perguntou Ivrian, de olhos esbugalhados, o rosto contorcido num esgar de desdém. — Sempre pensei que o meu Mouse era em primeiro lugar um nobre, e só depois é que vinha o ladrão! O roubar não tem a mínima importância... o meu pai sempre viveu afogado em roubos cruéis, enriqueceu a roubar os ricos viajantes e os vizinhos menos poderosos do que ele, e apesar de tudo é um aristocrata. Oh, vocês os dois são mas é uns *cobardes! Poltrões!* — acrescentou, fitando primeiro o Mouser e depois Fafhrd com um olhar cheio do frio desprezo.

O mais alto dos dois jovens não foi capaz de aguentar mais: levantou-se num pulo, de rosto enrubescido, os punhos cerrados ao lado das coxas, indiferente à queda da caneca e ao ranger do tabuado que a sua súbita acção provocou.

— *Não sou nenhum cobarde!* — gritou. — Vou assaltar a Casa dos Ladrões e trazer-te a cabeça de Krovas, para a atirar, ainda a pingar sangue, aos pés de Vlana! Juro-o perante Kos, o deus da Perdição, pelos ossos de Nalgron, o meu pai, e pela minha espada Graywand!

Deu uma forte palmada na coxa esquerda, mas como nada aí descobriu a não ser o tecido da túnica, teve de se contentar em apontar com dedos trémulos para a espada embainhada, como dantes pousada em cima do manto cuidadosamente dobrado. Descoroçoado, foi encher a caneca e emborcou-a num trago.

O Gray Mouser largou à gargalhada, fazendo com que todos os olhares se virassem para si. Aos pulos, aproximou-se do Fafhrd e, sem perder o sorriso, perguntou-lhe:

— *E porque não?* — Quem é que disse que temos medo da Guilda dos Ladrões? Quem é que fica preocupado perante uma façanha tão ridícula como fácil, quando todos sabemos que aquela corja, incluindo o Krovas e a sua clique dominante, não passam de pigmeus em inteligência e capacidade se comparados comigo ou com o meu bom amigo Fafhrd? Acabei do me lembrar de um esquema simplicíssimo, infalível, para penetrarmos na Casa dos Ladrões. O Fafhrd e eu vamos pô-lo imediatamente em acção. Estás comigo, Nortenho?

— É claro que estou — respondeu Fafhrd com maus modos, tentando imaginar que ideia louca poderia ter nascido no cérebro daquele jovem magro e baixo.

— Dá-me uns minutos para tratar dos adereços, e estamos de saída! — gritou o Mouser. Tirou um saco de uma das prateleiras e desdobrou-o, para de seguida correr em redor da sala a apanhar rolos de corda, ligaduras, trapos, boiões do unguentos e uma miríade de objectos cada qual mais inesperado que o anterior.

— Mas querem ir hoje à noite? — protestou Ivrian, de súbito muito pálida. — Nenhum de vocês está... está em condições de fazer seja o que for!

— Estão a cair de bêbados — censurou Vlana em tom duro. — Mal ponham um pé dentro da Casa dos Ladrões são imediatamente descobertos e mortos. Fafhrd, que é feito da frieza e do calculismo com que mataste os nossos poderosos rivais e me conquistaste no Canto Frio e nos meandros gelados e serpenteantes da Canhão dos Monstros? Já te esqueceste disso? Vê lá se metes algum juízo na cabeça do teu amigo.

— Oh, não — respondeu-lhe Fafhrd ao cingir o talim da espada. — Querias ver a cabeça do Krovas a teus pés, no meio de uma poça de sangue, não querias? Então é isso que vais ver, quer queiras quer não!

— Calma, Fafhrd — interrompeu o Mouser, detendo-se de chofre para fechar os cordões do saco. — E a senhora também, *Lady* Vlana. Esta noite nada mais faremos além do uma incursão de reconhecimento. Não correremos quaisquer riscos, limitar-nos-emos a reunir todas as informações necessárias para um ataque mortal a realizar amanhã ou mesmo depois de amanhã. Estás a ouvir, Fafhrd? Hoje não vão rolar cabeças nenhumas. Aconteça o que acontecer, é esse o nosso objectivo. Veste lá o teu manto, e esconde-me essa cabeça dentro do capuz.

Fafhrd encolheu os ombros, acenou a cabeça a assentir e fez como lhe pediam.

Ivrian pareceu ficar mais descansada, o mesmo sucedendo com Vlana, se bem que esta ainda acrescentasse:

— Mesmo assim insisto, estão ambos a cair de bêbados.

— Melhor ainda! — tranquilizou-a o Mouser com um sorriso tresloucado. — O álcool pode atenuar a força dos botes da espada, pode tornar-nos mais lentos, mas ao mesmo tempo reforça-nos a determinação e inspira-nos proezas mais arrojadas, precisamente aquilo que precisamos para esta noite. Além disso — continuou, calando algumas das dúvidas que Ivrian estava prestes a verbalizar —, os homens bêbados são sempre mais cuidadosos que os sóbrios! Nunca viram um bêbado a pôr-se muito direito assim que vê aproximar-se uma patrulha da guarda, afastando-se com um ar digno e circunspecto?

— Sim, já vimos — retrucou Vlana.— Para depois cair de borco assim que a patrulha vira a esquina.

— Uma ova! — retorquiu o Mouser, levantando a cabeça para se dirigir pomposamente à mulher, ao longo de uma imaginária linha recta. Uns passos adiante embaraçou os pés, mergulhou em frente e, sem aviso, lançou-se num salto mortal que o fez aterrar suavemente em frente a Vlana, os pés, os joelhos e

as coxas dobradas no ângulo ideal para absorver o impacto, para por fim se endireitar como se nada se tivesse passado. O soalho mal se queixou.

— Estão a ver? — gabou-se, retrocedendo inesperadamente para tropeçar na almofada onde estavam o seu manto e a espada, o que não o impediu de manter o equilíbrio nem de pegar na arma para a colocar à cinta.

A coberto desta demonstração, Fafhrd aproveitou para encher pela última vez as canecas dos dois homens. Vlana, porém apercebeu-se da manobra e trespassou-o com um olhar tal que o jovem pousou as canecas e a botija num movimento tão rápido que o manto rodopiou. Afastando-se da mesa baixa, com um encolher de ombros resignado, brindou Vlana com um sorriso amarelo.

O Mouser pôs o saco ao ombro e abriu a porta. Com um aceno despreocupado às duas raparigas, mas sem qualquer palavra de despedida, Fafhrd saiu para o patamar. O nevoeiro estava agora tão espesso que de dentro da sala o perderam imediatamente da vista. O Mouser acenou com quatro dedos a Ivrian e disse-lhe em tom meigo:

— Até depois, amorzinho.

Seguiu na esteira de Fafhrd, e as raparigas como que acordaram para a realidade.

— Boa sorte! — gritou-lhes Vlana, emocionada.

— Toma cuidado contigo. Mouse — suplicou Ivrian.

Mouser, cujo vulto parecia excessivamente pequeno ao lado do de Fafhrd, fechou a porta sem nada dizer.

Abraçadas, as duas raparigas ficaram à espera dos inevitáveis rangidos da madeira apodrecida das escadas, que nunca mais se faziam anunciar, O nevoeiro que conseguira entrar na sala dissipava-se lentamente, e o silêncio continuava, profundo e confrangedor.

— O que é que estarão a fazer lá fora? — sussurrou Ivrian. — A combinar o caminho?

Vlana abanou a cabeça com desdém, soltou-se dos braços da amiga e caminhou em bicos dos pés até à porta; abriu-a e desceu dois ou três degraus, que rangeram imediatamente. Impaciente, voltou para trás e fechou a porta.

— Já se foram! — anunciou, a voz marcada pelo espanto, os olhos muito abertos e as palmas das mãos viradas para cima.

— Tenho medo! — exclamou Ivrian, descendo do estrado, para se abraçar à rapariga mais alta.

Vlana apertou-a com força e por fim soltou um braço para correr os três espessos ferrolhos da porta.

Na Travessa dos Ossos, Mouser voltou a guardar no saco a corda de nós que tinham amarrado ao gancho da lanterna para descerem até ao nível da rua.

— E que tal se parássemos na Enguia de Prata? — propôs.

— E depois dizemos às raparigas que fomos mesmo à Casa dos Ladrões? — perguntou Fafhrd, sem mostrar o mínimo remorso.

— Não, nada disso — protestou o Mouser. — Acontece é que eu também te vi a tentares encher as canecas, e como tal...

Bem-disposto, olhou para as botas de pele de rato e lançou-se numa imitação de galope sem sair do mesmo sítio, as solas a ecoarem suave e ritmadamente nas pedras da calçada. Fez estalar as rédeas imaginárias — Eia! — e acelerou o galope, travando pouco depois com um forte puxão de rédeas — Oooa! — quando Fafhrd, sorridente, tirou de debaixo do manto duas botijas ainda por abrir.

— Palmei-as quando pousei as canecas. A Vlana tem uma vista aguçada, mas nem ela consegue ver tudo.

— Já vi que, além de seres exímio com a espada, também és um homem prudente e de vistas largas — comentou o Mouser em tom apreciativo. — Tenho imenso orgulho em te poder tratar por camarada.

Cada um abriu a sua botija e beberam pelo gargalo. Retemperados, Mouser apontou para poente e lá seguiram, um pouco aos bordos. Pouco antes de chegarem à Rua das Pechinchas, viraram para norte e entraram numa travessa estreitíssima e ruidosa.

— A Quelha da Peste — disse o Mouser. Fafhrd confirmou com um aceno de cabeça.

Depois de várias e rápidas espreitadelas, atravessaram a correr a ampla Rua dos Artesãos, na altura, vazia, mas pouco depois desviaram-se de novo para a Quelha *da* Peste. Por qualquer razão indecifrável, a luminosidade era agora mais acentuada: ao olharem para cima puderam ver as estrelas, se bem que de momento não soprasse nenhum vento de norte. A atmosfera estava mortalmente calma.

Toldados como estavam, unicamente preocupados com o seu projecto e com a mera locomoção, não tiveram o cuidado de vigiar as costas. Ao fundo da rua, o nevoeiro nocturno parecia mais espesso do que nunca. Um falcão que voasse a grande altura teria podido ver a neblina cerrada a convergir para Lankhmar vinda de todas as direcções — de norte, leste, sul e oeste, do Mar Interior, do Grande Pântano Salgado, das terras férteis percorridas por incontáveis diques e do rio Hlal —, como se fossem vários riachos negros e serpenteantes, tresandando a todas as essências da cidade, numa mistura indecifrável gerada por todas as suas olarias, braseiros, fogueiras, fogões, forjas, destilarias, incineradores de lixo, crematórios, laboratórios de alquimistas e feiticeiros, pilhas de madeira para carvão e muitas mais fontes de calor, fumo e fuligem... tudo a convergir como que de propósito para a Travessa da Escuridão e em especial para a Enguia de Prata, talvez mesmo para o edifício desconjuntado logo atrás do taberna, desabitado excepto no sótão. - Quanto mais próximo desse ponto mais espesso se tornava o nevoeiro, enovelando-se em fiapos retorcidos que se agarravam às paredes e à beira dos passeios, recobrindo-os com uma espécie de teia de aranha negra.

Fafhrd e o Mouser, contudo, limitaram-se a soltar exclamações do espanto ao verem as estrelas, tecendo vagas considerações sobre o facto desta nova visibilidade só contribuir para aumentar o risco da aventura que se propunham concretizar; atravessaram cuidadosamente a Rua dos Pensadores — alcunhada de Avenida dos Ateus pelos moralistas — e enfiaram pela Quelha da Peste até esta se bifurcar.

O Mouser escolheu o ramal da esquerda, que seguia para noroeste.

— Travessa da Morte — informou.

Fafhrd concordou com um aceno de cabeça.

Depois do uma curva e contracurva, apareceu-lhes pela frente, a cerca de trinta passos, a Rua das Pechinchas. O Mouser deteve-se imediatamente e, ao de leve, atravessou o braço à frente do peito de Fafhrd.

Do outro lado da rua, claramente visível, surgia uma porta larga e baixa, aberta e enquadrada por blocos de pedra cinzenta, à qual se acedia por dois degraus corroídos pelo passar dos séculos. Uma luminosidade alaranjada esvaía-se para a rua, vinda de tochas presas nas paredes do interior. Devido à curva da Travessa da Morte, pouco podiam ver para lá da porta; contudo, e tanto quanto se podiam aperceber, não havia porteiro ou guardas à vista, absolutamente ninguém, nem sequer um cão de guarda preso a uma corrente. Esta aparente permissibilidade ainda era mais aterradora do que se a entrada estivesse bem guarnecida.

— Como é que vamos entrar naquele antro maldito? — perguntou Fafhrd num murmúrio rouco. — Não achas melhor irmos reconhecer a Travessa dos Assassinos, para ver se podemos forçar alguma janela? Calculo que tenhas pés-de-cabra dentro desse saco... e porque não tentarmos o telhado? Já vi que és um homem dos telhados, podes ensinar-me a arte. Sei como se anda no meio das árvores, nas montanhas, no meio da neve e do gelo e nas falésias. Estás a ver esta parede?

Pafhrd afastou-se da parede, pronto para trepar por ela acima.

— Aguenta aí, Fafhrd — disse o Mouser, mantendo a mão sobre o peito largo do amigo. — O melhor é deixarmos o telhado como último recurso, e o mesmo serve para as paredes. Não duvido que sejas um mestre em escaladas, mas se quisermos entrar ali teremos de o fazer pela porta. Anda, vamos preparar-nos.

Arrastou um céptico mas sorridente Fafhrd de volta à Travessa da Morte, e só quando deixaram do ver a Rua das Pechinchas é que parou para explicar:

— Vamos fingir que somos pedintes, ou melhor, membros dessa Guilda, que no fundo não passa d*e* uma ramificação da Guilda dos Ladrões. O quartel-general é o mesmo, mas os pedintes só respondem perante o Mestre Pedinte, cujo cargo dá direito a assento na Casa dos Ladrões. Passaremos por novos membros, a trabalhar durante o dia, para que nem o Mestre Pedinte da Noite nem os eventuais guardas nos reconheçam pelo aspecto.

— Mas nós não nos parecemos com pedintes! — protestou Fafhrd. — Os pedintes têm sempre cicatrizes horríveis, faltam-lhes sempre uma perna ou um braço, ou ainda coisas piores...

— É disso que vamos tratar agora — riu-se o Mouser, desembainhando a Escapelo. Ignorando o olhar assustado e o passo atrás dado por Fafhrd, o jovem olhou pensativamente para a comprida lâmina de aço temperado e, com um sorriso de satisfação, desapertou do talim a bainha da espada, forrada a pele de rato, embainhou de novo a espada e, tirando do saco um rolo de gaze, enrolou-o por toda a arma, tapando inclusive a empunhadura.

— Estás a ver? — exclamou, dando um último nó nas pontas soltas. — Uma bengala de cego!

— O que é isso? — quis saber Fafhrd. — Para que serve?

— Vou passar por cego — explicou o Mouser, dando uns passos hesitantes ao mesmo tempo que batia com a ponta da espada disfarçada nas pedras da calçada, segurando a arma pelo guarda-mão de modo a que o pomo e a empunhadura lhe entrassem pela manga da túnica; para dar mais realidade à encenação, a outra mão tacteava incerta o vazio à sua frente.

— Parece-te bem? — perguntou a Fafhrd quando voltou para trás. — Quanto a mim estou perfeito. Mais cego do que isto deve ser difícil? Oh, não precisas de ficar aborrecido, Fafhrd; além do mais, dentro da Casa dos Ladrões não preciso do convencer ninguém quanto à minha cegueira. A maior parte dos pedintes da Guilda passam a vida a fingir uma deformidade qualquer, como deves calcular. E no teu caso, como é que vamos fazer? Não podes passar também por cego... era demasiado óbvio, só servia para levantarmos suspeitas. — Deteve-se para desarrolhar a botija, em busca de inspiração, no que foi prontamente imitado por Fafhrd.

Pouco depois o Mouser estalou a língua e exclamou:

— Já sei! Fafhrd, apoia-te na perna direita e dobra a esquerda para trás o mais que puderes. Aguenta! Não caias em cima de mim! Segura-te ao meu ombro. Isso. Põe o pé esquerdo mais para cima. Vamos disfarçar a tua espada como a minha, só que no teu caso será mais como um bordão; como é mais grossa presta-se a isso. Também te podes apoiar no meu ombro quando saltitares num pé só... seremos o coxo a guiar o cego, sempre prontos a fazer verter uma lágrima, sempre a representar na perfeição! Mais para cima, esse pé esquerdo! Não, assim não dá... vou ter de o amarrar à coxa, mas primeiro preciso que tires a espada, bainha e tudo.

Não demorou muito até que a Graywand ficasse escondida dentro de vários metros de gaze; o Mouser amarrou o tornozelo esquerdo de Fafhrd à coxa, apertando-o com uma certa crueldade, se bem que os nervos do jovem espadaúdo, adormecidos pelo vinho, pouco acusassem a pressão. Apoiado no bordão de miolo de aço enquanto Mouser trabalhava, Fafhrd desarrolhou a botija e bebeu dois ou três longos golos. Desde que juntara forças com Vlana passara a interessar-se pelo teatro, e a atmosfera que se respirava no prédio dos actores contribuíra para lhe incendiar ainda mais esse interesse, de modo que se sentia deliciado perante a perspectiva de uma representação a sério. Contudo, e por muito brilhante que fosse o plano gizado pelo Mouser, julgava poder descobrir-lhe alguns pontos fracos, pelo que tentou formulá-los.

— Olha lá, Mouser — começou —, não estou a gostar muito do ver as nossas espadas embrulhadas em pano. Numa emergência não nos vão servir de nada...

— Sempre as podemos usar como bastões — contrapôs o jovem baixo, arfando entre dentes enquanto dava o último nó na perna do amigo. — Além disso, ainda temos os punhais. Olha, o melhor é rodares o cinturão até ficares com ele nas costas, é da maneira que ninguém o vê. Vou fazer o mesmo com a Garra de Gato. Os pedintes não andam armados, pelo menos à vista de toda a gente, e no nosso caso não podemos descurar nenhum pormenor. Não, não bebes mais; já tens a tua conta. Por mim, mais um golo ou dois e fico afinado como um violino.

— Por outro lado — continuou Fafhrd —, não estou a gostar da ideia de entrar todo amarrado naquele antro de assassinos. Sei que sou capaz do saltitar com uma certa celeridade, mas não tão depressa como se fosse a correr. Agora a sério: achas que fazemos bem em entrar assim?

— Se for preciso podes cortar as cordas num abrir e fechar de olhos — respondeu o Mouser com um leve toque de impaciência e fúria na voz. — Caramba, não estás disposto a fazer o menor sacrifício em prol da nossa causa?

— Bom, seja como queres — disse Fafhrd, bebendo o resto da botija para a deitar fora. — É claro que estou pronto para todos os sacrifícios!

— A tua pele é demasiado branca — observou o Mouser, inspeccionando-o com um olho crítico. Sacando um boião do saco, recobriu o rosto e as mãos de Fafhrd com uma pomada gordurosa de cor acinzentada, e por fim acrescentou-lhes várias rugas com um produto mais escuro. — E as tuas roupas estão demasiado asseadas! — acrescentou. Abaixando-se para apanhar duas mão-cheias da porcaria que recamava a calçada, espalhou-a pelas roupas do companheiro; chegou a tentar rasgá-las, mas o tecido resistiu. Contrariado, encolheu os ombros e enfiou a ponta do saco (agora mais aliviado) por dentro do cinturão.

— E as tuas também — observou Fafhrd; dobrando a perna direita, apanhou um monte de porcaria do chão (estrume, a julgar pelo fedor) e, erguendo-se com visível esforço, espalhou-a pela capa e capuz do Mouser, não se esquecendo de emporcalhar o colete de seda cinzenta.

O pivete levou Mouser a praguear em surdina, mas Fafhrd não perdoou:

— Não passa de um pequeno sacrifício, não achas? Ainda bem que ficámos a cheirar mal. Os pedintes cheiram todos mal... é uma das razões por que as pessoas lhe atiram moedas: para se livrarem do fedor. Além disso, ninguém dentro da Casa dos Ladrões desejará inspeecionar-nos de perto. Vamos a isto, enquanto a boa disposição não se dissipa...

Agarrando-se ao ombro do Mouser, começou a saltitar em direcção à Rua das Pechinchas, apoiando a espada enrolada em gaze bem à frente dos dois.

— Mais devagar, idiota! — protestou o Mouser em surdina, atrapalhado para seguir o ritmo *do* amigo, ao mesmo tempo que batia ruidosamente na calçada com a sua espada tomada bengala. — Os aleijados são sempre *fracos*... é isso que desperta as simpatias dos transeuntes.

Fafhrd acenou a cabeça a concordar e abrandou a marcha saltitante. A porta escancarada voltou a ficar à vista; o Mouser emborcou o resto do vinho, engasgando-se antes de acabar; Fafhrd tirou-lhe a botija das mãos, sugou-lhe as últimas gotas e atirou-a por cima do ombro. A garrafa estilhaçou-se contra a parede, violando abruptamente o silêncio da noite.

Avançaram pela Rua das Pechinchas, parando um pouco adiante para darem passagem a um casal de roupagens elegantes. O luxo das vestimentas do homem tendia para o sóbrio, e o homem em si era gordo e já bem entrado na idade, se bem que ainda mantivesse uma certa dureza de feições. Um mercador, sem dúvida, com dinheiro aplicado na Guilda dos Ladrões — dinheiro para pagar a protecção, claro, se assim não fosse nunca se arriscaria a andar na rua a horas tão tardias.

As roupas da mulher, que não ficavam atrás das do companheiro, primavam pelo requinte, fazendo-a parecer ainda mais nova e bela do que era. Uma cortesã competente, por certo.

O homem fez menção de se desviar do par de pedintes barulhentos e malcheirosos, virando-lhes a cara, mas a rapariga seguiu direita ao Mouser, o rosto marcado por genuína preocupação.

— Oh, meu pobre rapaz! E cego, ainda por cima! Que tragédia! — exclamou. — Dá-lhe qualquer coisa, amor.

— Afasta-te desses fedorentos, Misra, anda embora! — retorquiu o homem, exprimindo-se numa voz esquisita por ter tapado o nariz.

A rapariga não lhe respondeu; enfiou uma mão alva na bolsa de arminho e, à sucapa, meteu uma moeda na mão do Mouser, fechando-lhe os dedos para o obrigar a aceitar; inesperadamente, antes de *o* deixar ir embora, beijou-o ao de leve nos lábios.

— Toma-me cuidado deste rapaz, velho — disse para Fafhrd enquanto o companheiro resmungava qualquer coisa uns passos à frente, palavras soltas das quais os dois jovens só conseguiram distinguir algo como «cadela pervertida».

O Mouser olhou para a moeda na palma da mão e levantou a cabeça para fitar demoradamente as costas da sua benfeitora. O espanto marcava-lhe a voz quando disse a Fafhrd:

— Olha! É de *ouro!* Uma moeda de ouro e uma mulher simpática... ainda pensas em abandonar este meu projecto, ou preferirás viver como um verdadeiro pedinte?

— Quase que preferia viver de esmolas! — respondeu-lhe Fafhrd em voz baixa e rouca. O facto do o terem tratado por «velho» irritara-o. — Em frente, companheiro!

Subiram os dois degraus carcomidos pelo tempo e passaram sob o portal, não sem repararem na espessura excepcional das paredes do prédio. À sua frente abria-se um corredor comprido, rectilíneo, de pé direito avantajado, terminando num lanço de escadas e com portas a ambos os lados e a intervalos espaçados, por debaixo das quais se filtrava uma luz amarelada. Várias tochas iluminavam o caminho, mas não havia ninguém à vista.

Assim que puseram pé no corredor, aço frio encostou-se à nuca de um e ao ombro de outro; vindas do cima, duas vozes ordenaram-lhes em uníssono:

— Alto!

Se bem que toldados — e encorajados — pelo álcool, tanto Fafhrd como Mouser ainda tinham a presença de espírito suficiente para se imobilizarem imediatamente; só no instante seguinte é que olharam cuidadosamente para cima.

Dois rostos curtidos, excepcionalmente feios, cada qual encimado por uma fita a prender os cabelos empastados de gordura, fitavam-nos de um nicho fundo e escuro imediatamente por cima do portal, o que ajudava a explicar a pouca altura da entrada. Dois braços dobrados pelos cotovelos seguravam as espadas que ainda se encostavam aos dois recém-chegados.

— Saíram para fazer o turno da tarde, não? — perguntou um dos homens. — É bom que tragam uma boa receita, caso queiram justificar este regresso tardio. O Mestre Pedinte da Noite foi fazer uma inspecção à Rua das Prostitutas. Apresentem-se ao Krovas. Pelos deuses, que pivete! É melhor limparem-se primeiro, ou o Krovas ainda vos manda tomar bainho em vapor a ferver. Ponham-se a andar!

O Mouser e Fafhrd arrastaram-se o melhor que puderam corredor fora, mas um dos guardas do nicho gritou-lhes nas costas:

— Descontraiam-se, rapazes! Aqui dentro não precisam de fingir.

— Só a prática conduz à perfeição! — respondeu o Mouser por cima do ombro, esforçando-se por dar um tom incerto à voz. Os dedos de Fafhrd enterraram-se-lhe na carne do ombro, num claro aviso; continuaram com um ar mais natural, pelo menos tão natural quanto o permitia a perna amarrada de Fafhrd.

— Deuses, mas que vidinha a destes pedintes da Guilda — comentou o outro guarda do nicho para o seu companheiro. — Nenhuma disciplina, nenhuns conhecimentos especiais! Perfeição? Uma ova! Qualquer criança é capaz de se aperceber daqueles disfarces!

— As crianças têm bom olho para isso, não há dúvida retorquiu o companheiro. — Mas os papás e mamás limitam-se a deixar cair uma moeda. As pessoas adultas ficam como que cegas, perdem-se nos seus trabalhos e sonhos, a não ser que tenham uma profissão como a dos ladrões, a qual mantém a mente atenta às coisas como elas na realidade são.

Resistindo à tentação de ponderar esta sábia filosofia, e satisfeitos por terem escapado à minuciosa inspecção de um Mestre Pedinte — na verdade, pensou Fafhrd, Kos da Perdição parecia estar a guiá-los directamente para Krovas, o que implicaria provavelmente um rolar de cabeças ainda esta noite —, os dois amigos prosseguiram lenta e atentamente pelo corredor fora. Não demoraram a ouvir vozes — frases curtas e entrecortadas — à mistura com outros ruídos.

Passaram por várias portas que gostariam de ter inspeccionado, pelo menos para ver o que se passava do lado de dentro, mas a única coisa a que se atreveram foi a abrandar ainda mais a progressão. Por sorte, a maior parte das portas eram amplas, permitindo uma visão razoável para o interior.

Detectaram várias actividades assaz interessantes. Numa das salas, rapazinhos novos aprendiam a roubar bolsas e malinhas de mão. Aproximavam-se do instrutor pelas costas, e se este ouvisse o som de passos ou sentisse o toque da mão insidiosa — ou pior, se ouvisse o *clunc* da moeda de chumbo fingida a cair no chão —, então o aprendiz era rudemente punido. Outros jovens pareciam estar a aprender tácticas de grupo: o engodo na frente, o apanhador por detrás, passando rapidamente os objectos roubados, do mais novo dos ladrões para os colegas já experimentados.

Numa segunda sala, da qual saía um forte odor a metais e a óleo, alunos mais velhos aprendiam técnicas laboratoriais relacionadas com o arrombamento de fechaduras. Um grupo escutava atentamente um ancião de barba grisalha, que lhes demonstrava como se desmontava uma complexa fechadura, enquanto outros alunos se submetiam a testes de destreza, rapidez e habilidade —

servindo-se de estiletes finíssimos, sondavam as fechaduras de meia dúzia de portas colocadas lado a lado numa espécie de biombo desmontável, atentamente observados por um instrutor de ampulheta na mão.

Numa terceira sala, numerosos ladrões comiam sentados em mesas corridas. Os odores eram tentadores, mesmo para dois homens encharcados em vinho. A Guilda tratava bem os seus membros.

Logo ao lado, numa sala enorme de chão almofadado, decorria uma aula de preparação física: os alunos treinavam manobras evasivas, cambalhotas, saltos mortais, perseguições, aproximações silenciosas. Todos eles eram rapazes espigadotes, e uma voz de sargento-instrutor matraqueava-os com dureza: «Ná, ná, ná! Assim nem sequer eram capazes de roubar a vossa avó entrevada! Já vos disse para se abaixarem, não quero que se limitem a genuflectir, por Aarth! Vamos lá mais uma vez...

— O Grif pôs gordura — acusou um dos instrutores auxiliares.

— Ai pôs? Um passo em frente, Grif! — rugiu a voz dura enquanto o Mouser e Fafhrd se afastavam contrariados, com pena de não terem podido assistir à demonstração de mais truques que lhes poderiam ser úteis já nessa mesma noite.

— Ouçam-me bem, todos vocês! — continuou a voz autoritária, tão forte que acompanhou os nossos dois intrusos durante longos momentos. — A gordura serve perfeitamente para um trabalhinho nocturno... mas de dia põe a pele a brilhar, só serve para denunciar aos quatro ventos a profissão de quem a usa! Por outro lado, torna os ladrões demasiado confiantes; habituam-se a ela e um dia, sem saberem como, reparam que se esqueceram do a aplicar. Além disso, nunca se esqueçam, o cheiro da gordura pode trair o ladrão. Nesta casa, como vos disseram no vosso primeiro dia aqui, trabalhamos sempre com a pele limpa... excepção feita ao suor, naturalmente! Dobra-te pela cintura, Grif. Agarra os tornozelos com as mãos. Pernas bem esticadas!

Seguiu-se o ruído seco dos golpes aplicados, cada um acompanhado por um grito de dor, cada vez mais distantes à medida que o Mouser e Fafhrd subiam as escadas do fim do corredor, Fafhrd a resfolegar enquanto saltitava a custo pelos degraus acima, uma mão agarrada ao corrimão e a outra apoiada na espada entrapada.

O primeiro andar era uma réplica do piso térreo, mas contrastava em luxo com a sobriedade daquele. Ao longo do corredor, penduradas no tecto, alternavam lâmpadas envidraçadas e potes com pauzinhos de incenso, inundando o andar com um odor adocicado; as paredes estavam recobertas do panos ricamente bordados, e o soalho de madeira escondia-se debaixo de espessos carpetes. Mesmo assim também este corredor estava vazio e, acima de tudo, completamente silencioso. Após uma rápida troca de olhares, os dois amigos avançaram destemidamente.

A primeira porta, escancarada, dava acesso a uma sala cheia de prateleiras com vestimentas, ricas e simples, imaculadas e sujas, acompanhadas por enorme profusão de cabeleiras e barbas postiças. Nas paredes, vários espelhos encimando pequenos toucadores a abarrotarem de cosméticos, cada qual com o seu banquinho. A sala dos disfarces, sem dúvida. Depois de olhar para ambos os lados, o Mouser entrou na sala para se apoderar de um avantajado boião verde que vira em cima do toucador mais próximo da entrada,

voltando de imediato para o corredor. Mal se juntou ao amigo, destapou o boião e cheirou-o: um odor a flores apodrecidas à mistura com o travo agreste dos vapores do vinho. Satisfeito, o Mouser aspergiu a testa com o dúbio perfume, fazendo o mesmo à de Fafhrd.

— Serve de antídoto ao cheiro a estrume — explicou no tom professoral de um alquimista, fechando o boião. — Não quero ser fervido vivo pelo Krovas...

Dois vultos apareceram ao fundo do corredor, caminhando na sua direcção. O Mouser escondeu o boião nas dobras do manto, segurando-o firmemente debaixo do braço, e continuou em frente a par de Fafhrd: voltar para trás teria parecido suspeito.

As três portas seguintes estavam fechadas; ao se aproximarem da quinta, as duas pessoas, que vinham de braço dado e caminhavam em largas passadas, revelaram-se com toda a nitidez: vestiam à maneira dos nobres mas tinham rostos de ladrões, rostos nesse momento franzidos de indignação e suspeita perante o lamentável aspecto de Mouser e Fafhrd.

Nesse preciso momento, vindo de um ponto situado algures entre os dois pares de homens, uma voz começou a falar-lhes numa língua estranha, naquele tom rápido e monótono usado pelos sacerdotes durante os serviços religiosos, ou pelos feiticeiros em alguns dos seus encantamentos.

Os dois ladrões ricamente vestidos abrandaram a marcha junto à sétima porta e olharam lá para dentro, acabando por parar na ombreira. De pescoços muito esticados, ficaram de olhos esbugalhadbs, visivelmente pálidos. De súbito, sem aviso, afastaram-se a correr, passando por Mouser e Fafhrd como se estes fizessem parte do mobiliário. A voz monótona prosseguia na sua lengalenga, impassível e indiferente.

A quinta porta estava fechada, mas a sexta estava aberta. O Mouser espreitou só com um olho, o nariz encostado à ombreira, mas acabou por entrar para esmiuçar o interior da sala, puxando a venda negra para a testa a fim de ver melhor. Fafhrd veio postar-se a seu lado.

A sala era grande, sem ninguém à vista mas recheada de numerosos objectos, cada qual o mais interessante. Da altura do joelho até ao tecto, a parede oposta à entrada revelava um mapa da cidade de Lankhmar e das suas redondezas. Todos os edifícios e ruas estavam minuciosamente descritos, sem esquecer as mais insignificantes travessas e becos. Notavam-se sinais de emendas recentes em vários locais, e aqui e ali podiam ver-se pequenos hieróglifos coloridos de origem misteriosa.

O chão era de mármore, o tecto fora pintado a lápis lazúli, enquanto as paredes laterais estavam pejadas de ganchos e argolas. Uma delas continha um sem-número de ferramentas próprias dos ladrões, desde um pé-de-cabra monstruoso, com o aspecto de poder arrombar o universo inteiro — ou pelo menos a porta do cofre do tesouro de um grande senhor — até estiletes tão finos como as varinhas-de-condão das fadas, obviamente telescópicos e aparentemente concebidos para pescarem à distância os preciosos ornamentos esquecidos por alguma dama em cima do toucador; a outra parede refulgia com uma impressionante variedade de jóias e adornos em metais preciosos, evidentemente recordações escolhidas pela sua estranheza ou representativos de assaltos famosos: havia de tudo, desde uma máscara feminina de ouro, de uma beleza ímpar, profusamente cravejada com rubis a simularem as marcas do sarampo na sua

fase febril, até um punhal cuja lâmina refulgia, tantos eram os diamantes cravados junto ao gume, um gume que pelo aspecto deveria ser mais afiado que um bisturi de cirurgião.

Sobre as várias mesas espalhadas pelo salão podiam ver-se modelos à escala de residências particulares e mesmo de prédios inteiros, minuciosos até ao mais ínfimo pormenor, desde a abertura de ventilação por debaixo do algeroz até à tampa do esgoto ao nível do chão. Vários dos modelos tinham cortes ora verticais ora horizontais, de forma a revelarem secções das casas, permitindo um estudo acurado de quartos, armários, cofres-fortes, escadarias, corredores, passagens secretas, chaminés e ventiladores.

No centro do salão sobressaía uma mesa redonda feita de quadrados de ébano e marfim, rodeada por sete cadeirões de espaldar alto e estofos de couro; a cadeira virada para o mapa da parede, e nesse momento a mais afastada de Mouser e Fafhrd, tinha as costas mais altas que as restantes e apoios para os braços — nitidamente o cadeirão de um chefe, obviamente ocupado por Krovas quando o senhor da Guilda presidia às reuniões dos seus dirigentes.

O Mouser avançou em bicos dos pés, irresistivelmente atraído, mas a manápula de Fafhrd agarrou-o pelo ombro, qual garra de Mingol, e impediu-o de concretizar as suas intenções, fossem estas quais fossem.

Resmungando uma censura, o Nortenho voltou a tapar os olhos do Mouser com a venda, para de seguida avançar até à porta apoiado ao bordão, saltitando cuidadosa e silenciosamente. O Mouser soltou um suspiro de resignação e seguiu na peugada do amigo.

Assim que se afastaram da entrada, mas antes de poderem sair do seu ângulo de visão, uma cabeça de cabelos curtos e barba bem aparada surgiu de detrás das costas do cadeirão maior e fitou-os com uns olhos brilhantes como carvão em brasa. A seguir à cabeça surgiu uma mão serpenteante, levando um indicador esguio aos lábios finos, num gesto a pedir silêncio, para por fim fazer um sinal a chamar os quatro homens do túnicas negras que entretanto tinham surgido junto à ombreira da porta, de costas encostadas à parede do corredor, cada um empunhando um punhal de lâmina recurva numa mão e na outra um soquete do chumbo revestido a couro preto.

Quando Fafhrd já ia a meio caminho da sétima porta, da qual continuava a jorrar a sinistra e monótona récita em língua estrangeira, saiu por ela, disparado, um jovem esguio de rosto redondo, as mãos a taparem a boca como que a querer travar um vómito, os olhos esbugalhados do terror, segurando uma vassoura por baixo do sovaco. O rapaz passou a correr por Fafhrd e pelo Mouser e desapareceu ao fundo do corredor, o som dos passos soando abafados sobre as carpetes mas ruidosos na pedra fria dos degraus da escada.

Fafhrd virou-se para trás e sorriu na direcção do Mouser, encolhendo os ombros; continuando em frente, sempre a saltitar, acabou por apoiar o joelho da perna dobrada no chão, espreitando com um olho só para dentro da sétima sala. Momentos depois, sem mudar de posição, fez sinal a Mouser para que se aproximasse. O Mouser assim fez, pondo-se a espreitar com a cabeça logo acima da do amigo.

Deparou-se-lhes uma sala ligeiramente mais pequena que o salão do mapa, iluminada por lâmpadas penduradas a meio do tecto mas que emitiam uma luz azul em lugar da amarelada de todas as outras salas. O chão era de

mármore do tons escuros e simétricos; as paredes, também escuras, tinham pendurados vários mapas astrológicos e antropomânticos, instrumentos de magia e inúmeras prateleiras onde se alinhavam jarras de porcelana, frascos de vidro e serpentinas translúcidas de formas indecifráveis, algumas cheias de líquidos coloridos, mas na maior parte vazias e poeirentas. Junto ao rodapé das paredes, onde as sombras eram mais densas, amontoava-se lixo de todas as formas e feitios, como se tivesse sido para ali varrido e logo esquecido; aqui e ali, a espreitar por entre os dejectos, abriam-se enormes buracos de ratos.

A meio da sala, brilhantemente iluminada por contraste com a escuridão reinante, sobressaía uma mesa comprida, de tampo espesso e apoiado em numerosas pernas grossas. O Mouser pensou imediatamente numa centopeia, mas a imagem mudou para o balcão da Enguia de Prata, pois também aqui o tampo estava profusamente marcado por muitos derrames de elixires e queimaduras de ácido ou de fogo.

A meio da mesa fumegava um alambique. A chama da lamparina — de um azul profundo — mantinha em ebulição um liquido escuro e viscoso no seio do qual surgiam amiúde pontinhos refulgentes. Da superfície do líquido evolavam-se vapores quase negros que se iam acumular na apertada abertura da serpentina, aí passando estranhamente a uma cor escarlate. Ao longo das volutas, os vapores voltavam a adquirir a cor escura, descendo lentamente desde a curva superior até que por fim entravam num recipiente esférico de cristal maior do que a própria caldeira, aí se enrolando em inúmeros e coleantes rolos de corda negra e viva — que mais parecia uma infindável serpente de ébano.

Junto ao topo mais distante da mesa postava-se um homem alto mas mesmo assim corcovado, vestido com manto e capuz negros, este último a ensombrar, mais do que a esconder, um rosto no qual as feições mais proeminentes eram um nariz aquilino, comprido e grosso, e uma boca fina e contorcida, quase sem queixo. A pele era acinzentada, como que feita de gesso sujo, em marcado contraste com umas patilhas grisalhas e farfalhudas. Por debaixo de uma testa alta e de umas sobrancelhas enormes, dois olhos bem afastados fitavam atentamente um pergaminho escurecido pelo tempo, seguro por um par de mãos pequenas mas com enormes nós nos dedos, peludas nas costas, que enrolavam e desenrolavam, sem cessar, o pergaminho acastanhado. Os olhos, para além de seguirem as linhas do texto que o homem entoava em palavras curtas e secas, só se desviavam ocasionalmente para vigiarem o funcionamento da alambique.

Na outra ponta da mesa assolapava-se uma criatura pequena e preta, os olhinhos vivos e brilhantes como contas fitando ora o feiticeiro ora o alambique. Assim que a viu, Fafhrd cravou dolorosamente os dedos no ombro do Mouser, levando este a soltar uma exclamação em surdina, não tanto de dor como de espanto. A criatura parecia-se com um rato, se bem que tivesse a testa mais alta e os olhos mais juntos, enquanto as patas anteriores, que o animal não parava de esfregar uma na outra, mais faziam lembrar cópias em miniatura das mãos nodosas do feiticeiro.

Tanto Fafhrd como o Mouser tiveram imediatamente a certeza de que tinham perante si a alimária que tinha escoltado Slivikin e o companheiro, fugindo depois do assalto perpetrado pelos dois amigos; lembraram-se também das palavras de Ivrian a propósito dos parentes dos feiticeiros, bem como do comentário de Vlana quanto à possibilidade de Krovas ter contratado um bruxo.

A feiura do homem e da besta de mãos nodosas nada se comparava à imagem pavorosa da corda de vapor negro a enrolar-se dentro do recipiente de cristal, retorcida como um cordão umbilical. A juntar a isto, as semelhanças entre o humano e o animal, cuja principal diferença residia sobretudo no tamanho, só contribuíam para tornar mais inquietantes as implicações possíveis.

O compasso do encantamento acelerou, as chamas azuladas assobiaram e brilharam com mais força, o fluido na caldeira ficou espesso como lava, soltando grandes e ruidosas bolhas, a corda negra no recipiente receptor contorcia-se como um ninho de áspides; a sensação de presenças invisíveis era cada vez mais forte, a tensão sobrenatural tornou-se quase insuportável, Fafhrd e o Mouser só com grande esforço continham o ruído da respiração ofegante, receosos de que o bater dos seus corações fosse audível a passos de distância.

Abruptamente, o encantamento dissipou-se como fumo arrastado pela brisa, como um tambor açoitado com toda a força e repentinamente silenciado pelas palmas das mãos a taparem os ouvidos. A caldeira soltou um relâmpago encandeante, explodiu e abriu numerosas fendas; o cristal do que era feita ficou branco e opaco, mas mesmo assim não rachou nem verteu nenhuma gota. O topo da serpentina elevou-se no ar, pairou por um momento e caiu; ao mesmo tempo, no interior do recipiente receptor, duas excrescências formaram-se a meio das volutas, encolhendo subitamente até se transformarem em dois nós gordos e pretos.

O feiticeiro sorriu, enrolou o pergaminho com um golpe seco e desviou os olhos do recipiente para o seu parente, enquanto este fremia de excitação e soltava guinchos agudos.

— Calado, Slivikin! Está quase na altura de aplicares os teus poderes! — gritou o feiticeiro, exprimindo-se agora num lankhmarês arrevesado, tão rápido e tão esganiçado que Fafhrd e Mouser mal o perceberam. Contudo, ambos compreenderam que se tinham enganado redondamente quanto à identidade de Slivikin; ao sentir-se perdido, o ladrão gordo gritara a pedir auxílio à besta do feiticeiro, e não ao seu camarada humano.

— Sim, Mestre — respondeu Slivikin numa voz parecida com a do dono, reformulando num ápice os preconceitos do Mouser sobre os animais falantes. — Escuto e obedeço, Hristomilo.

Bom, pelo menos ficavam a saber o nome do feiticeiro.

Hristomilo, numa voz ofegante, ordenou à criatura:

— Vai fazer o que te mandaram! Vê se consegues convocar tantos quantos forem precisos para o festim! Quero os corpos reduzidos a esqueletos, para que as feridas provocadas pelo nevoeiro encantado e todos os indícios da morte por sufocação desapareçam completamente. E não se esqueçam do produto do roubo! É esta a tua missão, Slivikin… cumpre-a à risca!

Slivikin, que a cada ordem acenara obedientemente a cabeça, guinchou à laia de resposta:

— Far-se-á tudo como queres!

Num movimento fluido e repentino, rápido como um relâmpago, saltou para o chão e enfiou-se num dos buracos de rato.

Hristomilo, esfregando as mãos horríveis, mais ou menos como a criatura esfregara as suas, riu-se baixinho e exclamou:

— A minha magia recuperará aquilo que Slevyas perdeu! Fafhrd e Mouser recuaram para o corredor, em parte por pensarem que agora, como nem o encantamento, nem o alambique, nem o parente requeriam a atenção do feiticeiro, o mais natural seria este levantar a vista e descobri-los à espreita; e em parte por se sentirem revoltados com o que tinham visto e ouvido; e porque tiveram pena do pobre do Slevyas, fosse ele quem fosse, bem como de todas as outras vítimas desconhecidas das maldições do feiticeiro, friamente executadas por intermédio do seu parente — quase de certeza acolitado por uma multidão de ratos dos esgotos. Pobres vítimas, condenadas não só a uma morte atroz como a ficarem com os cadáveres roídos até aos ossos...

Fafhrd tirou o boião verde de debaixo do manto do Mouser e, contendo um vómito ao aspirar o fedor enjoativo que se soltou mal o abriu, bebeu um grande trago da mistura. O Mouser não foi capaz de fazer o mesmo, mas deu graças aos deuses por ainda se sentir confortado pelo vapor do álcool ingerido durante a noite.

Foi então que viu, para lá das costas de Fafhrd, postado em frente à porta dá sala dos mapas, um homem ricamente vestido, trazendo à cintura um punhal de cabo de ouro e bainha cravejada de pedras preciosas. O rosto, de olhos encovados, revelava rugas prematuras, sem dúvida provocadas por uma posição de elevada responsabilidade, pelo excesso de trabalho e pelo exercício da autoridade. Os cabelos, aparados curtos, condiziam com a barba lustrosa e pontiaguda. Sorridente, fez-lhes sinal para que se aproximassem.

O Mouser e Fafhrd obedeceram, não sem que este último devolvesse ao primeiro o boião verde; o Mouser tapou-o e enfiou-o debaixo do braço esquerdo, disfarçando bem a irritação que sentia.

Qualquer deles calculou que o recém-chegado devia ser o famoso Krovas, Grande Mestre da Guilda. Fafhrd não pôde deixar de ficar admirado ao compreender que, pela segunda vez nessa noite, ou Kos ou o Destino o estavam a encaminhar directamente para o seu alvo. O Mouser, não só mais alerta como mais apreensivo, lembrou-se de que os guardas do nicho do portal os tinham mandado apresentar-se a Krovas; como tal, a situação, apesar de não ter evoluído em perfeita concordância com os seus nebulosos planos, também não se desviara desastrosamente do rumo traçado.

Apesar de tudo, nem a sua atenção nem os instintos apurados de Fafhrd os alertaram enquanto seguiam Krovas para dentro da sala dos mapas.

Assim que deram dois passos no interior da sala, foram ambos agarrados pelas costas por dois pares de rufiões armados de facas à cinta.

Pareceu-lhes melhor não oferecerem resistência; pelo menos desta vez, concretizaram-se as observações antes feitas pelo Mouser quanto ao extremo cuidado geralmente revelado pelos indivíduos bêbados.

— Já não oferecem perigo, Grande Mestre — rosnou um dos rufiões.

Krovas fez girar o seu enorme cadeirão e sentou-se, fitando os dois jovens com um olhar frio e inquisitivo.

— O que é que fazem dois pedintes da Guilda, ainda por cima nojentos e bêbados, nos aposentos proibidos dos seus mestres? — perguntou-lhes de chofre.

O Mouser sentiu o suor do alívio a escorrer-lhe pela testa. Os disfarces que, num rasgo de génio, concebera em poucos minutos ainda resultavam, enganando inclusive o senhor mais poderoso da Guilda, que no entanto não deixara de reparar no andar incerto de Fafhrd. Retomando os modos de um cego, o Mouser respondeu em voz esganiçada:

— Os guardas da porta da Rua das Pechinchas mandaram-nos apresentar pessoalmente a ti, grande Krovas, pois o Mestre Pedinte da Noite foi fazer uma visita de inspecção por razões de higiene sexual. Esta noite conseguimos uma boa receita! — remexendo na bolsa, e ignorando o mais possível as manápulas que lhe apertavam os ombros, tirou para fora a moeda de ouro que a cortesã sentimental lhe dera pouco antes e, trémulo, mostrou-a a Krovas na palma da mão estendida.

— Poupa-me à tua péssima representação — censurou-o Krovas em tom seco. — Não sou um dos do tua igualha. E tira-me essa venda dos olhos!

O Mouser obedeceu e endireitou-se tanto quanto o permitiram os dois rufiões que o agarravam pelas costas, sorrindo com ar despreocupado ao perceber que as incertezas ainda eram muitas. O mais certo era não estar a desempenhar o seu papel de cego tão bem como a princípio julgara.

Krovas inclinou-se para diante e comentou em tom displicente mas duro:

— Sei que foram essas as ordens que receberam... e muito mal dadas, diga-se de passagem. O guarda da porta vai pagar bem caro pela sua estupidez! Porque é que estavam a espreitar para a sala ao lado desta, quando se me depararam neste piso?

— Vimos dois ladrões a fugirem dessa sala — respondeu o Mouser, impávido. — Receando que algum mal tivesse sido feito à Guilda, eu e o meu camarada resolvemos investigar, prontos a tratar do que fosse preciso.

— No entanto, aquilo que vimos e ouvimos deixou-nos perplexos, meu senhor — acrescentou Fafhrd em tom subserviente.

— Não pedi a tua opinião, escroque. Só falas quando falarem contigo — rosnou-lhe Krovas, voltando a encarar o Mouser: — Para pedinte revelas demasiada desfaçatez, bem acima daquilo que seria de esperar na tua categoria.

Num repente, Mouser decidiu que o melhor era continuar com a insolência, em lugar de se vergar perante o outro.

— Sempre fui assim, senhor — respondeu. — Por exemplo, concebi um plano através do qual tu e a Guilda podem conquistar mais poder e riquezas do que a conseguida por todos os teus predecessores durante os últimos milénios.

A expressão de Krovas adensou-se.

— Criado! — gritou.

Um jovem com a pele escura dos Kleshitas, vestindo uma simples tanga, afastou as cortinas que escondiam uma porta lateral e entrou na sala, indo ajoelhar-se aos pés de Krovas, que lhe ordenou:

— Primeiro vais chamar o meu feiticeiro, e a seguir vais buscar os ladrões Slevyas e Fissif.

O rapaz saiu a correr para o corredor.

Krovas, recuperando a sua palidez habitual, refastelou-se no cadeirão, apoiou os braços sinuosos nos apoios estofados a couro e sorriu para o Mouser:

— Então conta lá a tua ideia... revela-nos esse teu plano maravilhoso.

Esforçando-se por pôr de lado a surpreendente revelação de que Slevyas não era afinal a vítima da trama do feiticeiro, mas sim um vulgar ladrão, vivo e disponível — por que razão Krovas o mandara chamar naquele preciso momento? —, o Mouser atirou a cabeça para trás, contorcendo os lábios num leve sorriso irónico, e começou:

— Sei que vais rir-te de mim, Grande Mestre, mas garanto-te que não demorarás a ficar sério ao ouvires o que tenho para dizer. Tal como o relâmpago, a força de vontade pode desferir o golpe onde lhe aprouver, e até os melhores entre vós, cidadãos de Lankhmar, têm ignorado há muito certos aspectos que são óbvios para quem, como eu, nasceu noutras paragens. O meu plano é o seguinte: faz com que a Guilda dos Ladrões, liderada pela tua férrea autocracia, assuma o poder supremo na Cidade de Lankhmar, para depois o estender sucessivamente às Terras de Lankhmar, a todo o Nehwon e a todos os outros reinos vizinhos, quem sabe se a todo o universo!

Pelo menos sob um aspecto, o Mouser dissera a verdade: o sorriso desaparecera dos lábios de Krovas. O Grande Mestre inclinara-se para a frente e o rosto voltara a escurecer, se bem que não se pudesse dizer que tal sucedera devido ao interesse ou à fúria.

O Mouser prosseguiu:

— Durante séculos, a Guilda dispôs de mais força e inteligência do que a necessária para a concretização de um *coup d'état* ([5]); melhor ainda, nos tempos que correm não tem a mínima hipótese de falhar. O estado natural d&s coisas manda que sejam os ladrões a governar os outros homens; a própria Natureza o reclama! Não é preciso matar-se o velho Karstak Ovartamortes, basta controlá-lo, dominá-lo e assim governar através dele. Tu já dispões de informadores em todas as casas da nobreza ou dos cidadãos abastados; ocupas uma posição mais importante que a do Rei dos Reis. Se acaso for necessário, tens permanentemente mobilizada, ao teu dispor, uma força de ataque composta por mercenários: a Irmandade dos Assassinos. Nós, da Guilda dos Pedintes, somos os teus sapadores. Grande Krovas, toda a gente sabe que são os ladrões quem governam toda a Nehwon e não só, governam todo o universo e, quem sabe, a própria casa dos deuses! Não conheço ninguém que não concorde com este estado de coisas, acontece é que muitos se limitam a ladrar perante a hipocrisia do actual sistema, dando como desculpa o facto das coisas serem diferentes. Oh, concede-lhes o seu mais fervoroso desejo, grande Krovas! Faz com que tudo seja transparente, honesto e aberto, colocando os ladrões no poder não só de nome como também do facto.

O Mouser exprimiu-se apaixonadamente, acreditando, pelos vistos, naquilo que dizia, até mesmo nas evidentes contradições. Os quatro rufiões fitavam-no espantados, talvez mesmo com um certo respeito. O facto é que deixaram de agarrar os dois amigos com tanta força.

Contudo, reclinado no seu cadeirão com um sorriso diabólico, Krovas disse-lhe em tom gélido:

---

[5] Golpe de Estado. Em francês no original. *(N. do T.)*

— Na nossa *Guilda,* a bebedeira não serve de desculpa para as ideias loucas, antes é motivo para um castigo exemplar. Enfim, eu sei que vocês os pedintes organizados, trabalham sob uma disciplina um tanto ou quanto frouxa. Portanto, meu pobre-diabo, não me importo de te explicar que nós, ladrões, há muito que sabemos que governamos toda a Lankhmar, todo o Nehwon e outras terras de que nunca ouviste falar, ainda que as governemos nas sombras. Afinal, o que é a vida senão a ganância em acção? Se o fizéssemos de forma aberta, seríamos imediatamente obrigados a assumir uma série de responsabilidades que neste momento são assumidas por outros, e além disso estaríamos a remar contra uma das leis mais enraizadas da vida: a ilusão. Será que um doceiro te mostra a sua cozinha? Será que uma megera permite que os clientes lhe vejam o excesso de maquilhagem com que esconde as rugas, ou os seios flácidos por debaixo da cinta com que os segura? Será que um conjurado te mostra o que traz nos bolsos? A Natureza impõe-se graças a meios subtis e secretos… a semente invisível do homem, a mordedura da aranha, os esporos invisíveis da loucura e da morte, as rochas nascidas nas entranhas ignotas da terra, as estrelas silenciosas lá no alto do firmamento… e nós, ladrões, nada mais fazemos do que copiá-la.

— Isso não passa de poesia, senhor — interrompeu Fafhrd com um leve traço de desprezo na voz, pois ficara mais que impressionado com o grande plano do Mouser, e não gostara de ver Krovas a insultar o seu novo amigo repudiando-o com tanta ligeireza. — O governo por interpostas pessoas pode resultar em tempos fáceis, mas… — aqui deteve-se para dar mais efeito ao que se ia seguir. — Mas servirá de alguma coisa à Guilda dos Ladrões quando esta tiver de enfrentar um inimigo decidido a obliterá-la para todo o sempre, numa conjura que a apagará da face da Terra?

— Mas afinal que conversa de bêbados vem a ser esta? — quis saber Krovas, endireitando-se no cadeirão. — Que conjura?

— É um segredo muito bem guardado — respondeu Fafhrd com um sorriso, decidido a pagar ao Grande Mestre na mesma moeda, e a fazê-lo suar um pouco antes de lhe cortar a cabeça para a depor aos pés de Vlana. — Não estou a par dele, mas sei que há muitos ladrões altamente colocados que já foram marcados para a faca… e a sua cabeça está condenada a cair!

Fafhrd fitou o outro com uma expressão de desprezo, cruzando os braços porque a frouxa pressão dos seus captores assim o permitiu. Sempre com a bengala-espada bem firme na mão esquerda, não conseguiu porém evitar um esgar de dor quando a perna dobrada e amarrada, de que já se esquecera, deu sinal de si na pior altura.

Krovas, soerguendo-se do cadeirão, acenou com o punho cerrado na direcção dos dois jovens, anunciando uma qualquer ordem temível… como por exemplo mandar que torturassem o atrevido Fafhrd. O Mouser, preocupado, apressou-se a continuar:

— Segundo dizem, a revolta é chefiada por um grupo conhecido como os Sete Misteriosos. Ninguém que não pertença ao círculo interior da conspiração conhece os seus nomes, se bem que corra por aí o boato de que serão renegados da Guilda dos Ladrões representando cada uma das grandes cidades, Ool Hrusp, Kvarch Nar, Ilthmar, Horborixen, Tisilinilit e a própria Lankhmar. Pensa-se que são financeiramente apoiados pelos mercadores do Extremo Oriente, pelos

sacerdotes de Wan, pelos feiticeiros das Estepes e por metade dos chefes Mingol, e até pelo próprio Rei dos Reis.

Apesar dos comentários furiosos de Krovas, os rufiões que ainda seguravam o Mouser continuavam a fitar o cativo com interesse e respeito, e não se lembraram de o agarrar com redobrada força. Impediam-nos as coloridas revelações do jovem, bem como a forma melodramática com que as contara, ao passo que as observações secas, cínicas e filosóficas de Krovas lhes tinham entrado por um ouvido para logo saírem pelo outro.

Hristomilo entrou a deslizar na sala, movendo-se presumivelmente com passinhos curtos e rápidos, se bem que as bainhas do burel mal acenassem enquanto o feiticeiro se aproximava, dando a ideia de que voava sobre as lajes de mármore.

A sua aparição provocou um choque na sala: todos os olhos se viraram para a figura sinistra, as respirações subitamente contidas, e tanto Fafhrd como o Mouser sentiram as mãos dos seus captores estremecerem de medo. A expressão facial do próprio Krovas, até então confiante e superior, tornou-se tensa e apreensiva. Não restavam dúvidas de que o feiticeiro da Guilda dos Ladrões era mais receado do que amado pelo seu patrão e pelos beneficiários das suas artes.

Aparentando não se aperceber desta reacção ao seu inesperado aparecimento, Hristomilo. sorridente, deteve-se ao lado do cadeirão ocupado por Krovas e inclinou a cabeça, escondida pelo capuz, numa imitação de uma vénia.

Krovas estendeu uma mão na direcção de Mouser, ordenando-lhe que se calasse; humedeceu os lábios e perguntou ao feiticeiro, em tom nervoso mas mesmo assim autoritário:

— Conheces estes dois?

Hristomilo confirmou com um claro aceno de cabeça.

— Ainda há pouco estiveram a espreitar para dentro do meu laboratório — respondeu. — Enquanto eu tratava daquele assunto que falámos. Podia tê-los mandado embora, participando de seguida, mas se assim fizesse era capaz de quebrar o encanto, ou comprometer o ajuste das palavras com o funcionamento do alambique. O mais alto é um Nortenho, enquanto as feições do mais baixo revelam que veio das regiões meridionais... muito provavelmente de Tovilyis ou de lá perto. São ambos mais novos do que o seu aspecto indica. Quanto a mim serão dois bravos em regime livre, do tipo que a Irmandade costuma contratar quando precisam de organizar grandes escoltas ou operações de segurança. Como é óbvio, nem sequer sabem o que é um bom disfarce de pedinte...

Fafhrd bocejou, enquanto o Mouser sacudia a cabeça com um ar de comiseração, ambos tentando dar a ideia do que o feiticeiro não sabia o que estava a dizer.

— É o que lhe posso dizer sem lhes ler as mentes — concluiu Hristomilo. — Quer que vá buscar as minhas luzes e espelhos?

— Ainda não — disse Krovas, virando-se para o Mouser de indicador em riste. — Como é que soubeste essas coisas que acabaste de nos revelar? Essa história dos Sete Misteriosos e tudo o resto? Quero uma resposta simples... sem nenhuns floreados.

O Mouser não se fez rogado:

— Há uma nova cortesã a viver na Rua dos Chulos... chama-se Tyarya, é alta e bela mas tem uma ligeira corcova, pormenor que deixa deliciados alguns dos seus clientes. A Tyarya gosta muito de mim porque os meus olhos cegos dão-se bem com a sua espinha contorcida, ou então tem simplesmente dó da minha cegueira... e *acredita* nela, está-se a ver! Se calhar é porque ainda sou muito novo, ou então é o feitio dela que lhe da para isso... excita-se com a minha deformidade, como acontece com os clientes dela.

Um destes, um mercador recém-chegado de Klelg Nar — Mourph de seu nome —, ficou impressionado com a minha inteligência, força, atrevimento e discrição, e acabou por se aperceber dessas mesmas qualidades no meu camarada. O Mourph sondou-nos e por fim perguntou-nos se odiávamos a Guilda dos Ladroes por esta controlar a Guilda dos Pedintes. Alinhámos logo porque nos apercebemos de uma oportunidade de ajudar a Guilda; aqui há uma semana o mercador recrutou-nos para uma célula de três elementos, que no fundo não passa de um grupo insignificante nas franjas da teia conspirativa montada pelos Sete.»

— E resolveram fazer isso tudo por conta própria? — perguntou Krovas em tom gelado, endireitando-se no cadeirão e agarrando com força os braços estofados.

— Oh, não! — negou o Mouser, solícito.— Informámos o Mestre Pedinte do Dia de todos os nossos actos, e ele aprovou-os; mais ainda, pediu-nos que espiássemos tudo o que pudéssemos, procurando descobrir todos os pormenores sobre a conspiração dos Sete.

— Mas eu nunca fui informado de nada! — rosnou Krovas. — Se o que contas for verdade, o Bannat responderá por isso com a cabeça! Estás a mentir, não estás?

Quando o Mouser fitou o Grande Mestre com um olhar compadecido, preparando-se para verbalizar o mais veemente dos protestos, um homem alto passou a coxear no corredor, apoiado num bastão dourado. Caminhava em silêncio, e a sua presença era imponente.

Krovas, porém, viu-o no curto momento em que o vulto alto se destacou contra o contorno da porta.

— Mestre Pedinte da Noite! — chamou em tom seco. O coxo parou, girou sobre os calcanhares e entrou majestosamente na sala dos mapas. Krovas apontou um dedo a Fafhrd e depois ao Mouser.

— Conheces estes dois, Flim?

Sem pressas, o Mestre Pedinte da Noite estudou atentamente os dois jovens, para por fim abanar a cabeça meio adornada com um turbante de tecido dourado.

— Não, nunca os vi em toda a vida. Quem são? Pedintes fingidos?

— Mas o Flim não nos pode conhecer! — explicou o Mouser, desesperado ao sentir que tudo colapsava à sua volta. — Os nossos contactos só se faziam com o Bannat e com mais ninguém!

— O Bannat há dez dias que está de cama com a febre dos pântanos — respondeu Flim com toda a calma. — — *Sou eu* que o tenho substituído como Mestre Pedinte do Dia.

Nesse instante, Slevyas e Fissif entraram a correr na sala; o ladrão alto tinha um enorme inchaço azulado no queixo, enquanto a cabeça do gordo estava ligada com uma boa dose do gaze, por baixo da qual espreitavam os olhinhos vivos. O mais baixo dos dois apontou imediatamente um dedo acusador a Fafhrd e ao Mouser, gritando:

— Foram esses dois que nos atacaram! Roubaram o produto do assalto à loja do Jengao e mataram os homens da nossa escolta!

O Mouser ergueu o cotovelo e o boião verde estilhaçou-se ruidosamente contra o mármore do chão, inundando a sala com um forte odor a flores apodrecidas.

Libertando-se num ápice das quatro mãos que o seguravam — descuidadamente, diga-se —, saltou na direcção de Krovas, com a espada disfarçada erguida bem alto acima da cabeça. Se conseguisse dominar o Rei dos Ladrões, encostando-lhe a Garra de Gato à garganta, podia pelo menos negociar a sua vida e a do Fafhrd com aquela escumalha. E se os outros ladrões não se importassem do ver o seu senhor morto, o que até não seria do espantar?

Num movimento tão inesperado como repentino, Flim estendeu o bastão dourado e obrigou o Mouser a tropeçar e a cair. Esforçando-se por transformar o seu involuntário salto mortal num outro voluntário, o jovem acabou por se estatelar no chão.

Entretanto, Fafhrd lutava contra o ladrão que o agarrava pelo braço esquerdo, ao mesmo tempo que erguia a Graywand entrapada para desferir um poderoso golpe no queixo do homem da direita. Recuperando o equilíbrio na sua perna válida, o que só conseguiu após uma contorção espantosa, saltitou até à parede atrás de si, a tal que estava recoberta com o produto de roubos célebres.

Slevyas correu para a parede onde estavam guardadas as ferramentas do seu ofício e, com os músculos encordoados do esforço, lá conseguiu arrancar o enorme pé-de-cabra dos apoios que o sustinham.

Levantando-se de imediato após a desajeitada aterragem em frente ao cadeirão de Krovas, o Mouser viu que o seu alvo já não estava lá sentado: o Rei dos Ladrões escudara-se atrás do espaldar alto, já a empunhar o punhal do cabo dourado, os olhos a refulgirem perante a perspectiva de um combate iminente. Uma rápida reviravolta permitiu ao jovem ver que os guardas de Fafhrd estavam estendidos no chão, um inconsciente e o outro a tentar levantar-se, enquanto o avantajado Nortenho, de costas encostadas à parede recamada do jóias, ameaçava a sala inteira com a sua Graywand na mão direita e o punhal esguio e comprido na esquerda.

Desembainhando a Garra de Gato, o Mouser gritou-lhes como se estivesse num campo de batalha:

— Afastem-se, todos! O meu amigo enlouqueceu! Vou amarrar-lhe a perna boa, para podermos dominá-lo!

Sacudindo os seus dois guardas, que aparentemente ainda o encaravam com um certo respeito, correu a ajoelhar-se junto às pernas de Fafhrd, rezando

para que o Nortenho, bêbado não só de vinho e do perfume inebriante como da excitação da batalha, o reconhecesse e percebesse quais as suas intenções.

A Graywand sibilou bem acima da sua cabeça. O amigo não só percebera a jogada como estava a dar-lhe um efeito mais plausível. Encostando-se à parede, o Mouser cortou de um só golpe as cordas que sujeitavam a perna esquerda de Fafhrd; ergueu-se de imediato e gritou para o amigo:

— Vamos embora!

Hristomilo mantivera-se bem afastado da refrega, observando tudo com um ar calmo, enquanto Slevyas preferira refugiar-se atrás da mesa. Krovas continuava atrás do seu cadeirão, a gritar desalmadamente:

— Apanhem-nos! Apanhem-nos! Cortem-lhes as cabeças! Os três rufiões ainda em condições, recuperando por fim a coragem, postaram-se ombro com ombro de modo a travarem o avanço do Mouser. O jovem, porém, ameaçou-os com várias fintas desferidas com o punhal e conseguiu esgueirar-se entre a barreira, evitando no último momento o traiçoeiro bastão de Flim com uma hábil parada de sua Escalpelo.

Toda esta demora deu tempo a que Slevyas se afastasse da parede para desferir um poderoso golpe com o pé-de-cabra na direcção do Mouser. Porém, ainda a barra ia a meio caminho, uma espada recoberta de ligaduras, em riste no prolongamento de um braço quase tão comprido, passou ao lado do ombro do Mouser e foi embater violentamente no peito de Slevyas, atirando-o para trás. O pé-de-cabra vacilou e abateu-se, inofensivo, ao lado do mais baixo dos dois amigos.

Sem saber bem como. o Mouser deu consigo no corredor, com Fafhrd a seu lado, estranhamente ainda a saltitar sobre a perna direita. O Mouser apontou para as escadas; Fafhrd acenou a cabeça a confirmar, mas deixou-se ficar para trás, sempre apoiado numa perna só, para arrancar da parede mais próxima tantos cortinados quantos conseguiu agarrar, atirando-os de seguida em monte para o meio do corredor.

Alcançaram as escadas e iniciaram a subida do lanço, o Mouser sempre à frente. Nas suas costas ouviam-se gritos, alguns abafados.

— Já não precisas de coxear, Fafhrd! — gritou o Mouser, aborrecido com a teimosia do amigo. — Já tens a outra perna livre!

— Pois tenho, mas ainda está dormente — queixou-se Fafhrd. — Ah, já a começo a sentir!

Uma faça atirada de longe assobiou entre os dois e foi bater de ponta na parede, fazendo voar uma nuvem de caliça. Em duas passadas estavam para lá da esquina do corredor.

Depararam-se-lhes mais dois corredores vazios, a que se acedia por outros tantos lanços de escadas em tudo idênticos aos primeiros excepto no facto do serem em curva; por fim detiveram-se perante uma escada na vertical que terminava num buraco quadrado e negro rasgado no tecto. Um ladrão com os cabelos apanhados por um lenço multicolor — que pelos vistos parecia ser a imagem de marca dos guardas das entradas — ameaçou o Mouser com a espada em riste, mas quando se apercebeu de que tinha dois adversários pela frente, ambos determinados e armados de punhais e estranhos bastões entrapadbs, virou-lhes as costas e fugiu pelo último corredor.

O Mouser, seguido de perto por Fafhrd, subiu rapidamente pela escada do quebra-costas e, sem se deter para olhar para trás, passou pelo alçapão e deu consigo sob o céu estrelado.

Percebeu que estava junto à beira desprotegida de um telhado bastante inclinado, o suficiente, para assustar um noviço nesta coisa de caminhar pelos telhados, mas tão seguro como uma casa para qualquer veterano dessas lides.

Agachado no topo do telhado, um outro ladrão do lenço à cabeça segurava uma lanterna encapuçada. O homem tapava-a e destapava-a a intervalos irregulares, presumivelmente a transmitir num qualquer código luminoso; em resposta, uma luzinha avermelhada brilhou ao longe, na direcção do mar — vinda talvez da muralha do porto, ou mesmo do topo de um mastro do um navio fundeado ou a singrar no Mar Interior. Contrabando?

A ver o Mouser, o ladrão desembainhou a espada e, balançando a lanterna na outra mão, avançou com ar ameaçador. O Mouser estudou-o cuidadosamente, pois a lanterna negra, com o seu metal quente, a chama disfarçada e o depósito de azeite, poderia resultar numa arma perigosa.

Fafhrd saiu do alçapão e postou-se a seu lado, já capaz de se apoiar em ambos os pés. Ao vê-lo, o ladrão recuou lentamente em direcção ao extremo norte da dobra do telhado. Poderia dar-se o caso de aí haver outro alçapão?

Um ruído surdo levou o Mouser a olhar por cima do ombro: Fafhrd, prudentemente, puxava a escada para cima. Mal a pousou no telhado, um punhal assobiou-lhe ao lado da cabeça, saído do alçapão ainda aberto. O Mouser franziu o cenho, admirando involuntariamente a perícia de quem atirara a faca num ângulo tão difícil como aquele.

O punhal bateu contra as telhas e escorregou telhado abaixo até desaparecer para lá da beira. O Mouser correu sobre as telhas, apontando ao extremo sul do telhado, e ia a meio caminho do alçapão dessa ponta quando ouviu o ruído metálico do punhal a bater nas pedras da Travessa dos Assassinos.

Fafhrd seguiu-o em passos mais lentos, talvez por ser menos experimentado em andanças nos telhados, ou talvez porque a sua perna esquerda ainda não lhe permitia um caminhar normal. Por outro lado, trazia ao ombro a escada que tirara do alçapão, e a escada devia pesar mais que um homem.

— Não vamos precisar dela! — gritou-lhe o Mouser.

Sem qualquer hesitação, Fafhrd atirou-a para a rua, satisfeito por se aliviar do peso incómodo. Quando a escada se desfez na Travessa dos Assassinos, o Mouser saltava já os dois metros de vazio que o separavam do telhado seguinte, mais baixo, de pendor oposto e muito menos pronunciado. Pouco depois, Fafhrd aterrada a seu lado.

Seguiu-se uma corrida louca por cinco telhados, por entre uma floresta de chaminés, ventiladores com lemes que os faziam estar sempre virados ao vento, cisternas do pernas negras, alçapões, pombais e armadilhas para pássaros, cada telhado mais baixo do que o anterior à excepção do quinto, situado um metro acima do precedente. Os espaços entre os prédios eram fáceis de galgar, não mais do dois ou três metros. Não precisaram de estender nenhuma tábua, e só numa ocasião se lhes deparou uma inclinação ligeiramente superior à da Casa dos Ladrões. Por fim chegaram à Rua dos Pensadores, num sítio onde era

atravessada por uma passagem suspensa muito parecida com a do prédio da Rokkremas e Slaarg.

Quando a atravessavam, agachados, uma coisa qualquer assobiou a seu lado e foi estatelar-se bem à frente dos dois e, no preciso momento em que saltavam do telhado da passagem, mais três objectos passaram a voar sobre as suas cabeças, aterrando uns metros adiante; uma delas ressaltou contra uma chaminé e veio cair aos pés do Mouser. O jovem apanhou-a, pensando tratar-se de uma pedra, mas ficou surpreendido ao descobrir que se tratava de uma bola de chumbo do tamanho de dois dedos dobrados.

— Os tipos não perderam tempo — comentou para Fafhrd, apontando com o polegar por cima do ombro. — Já encheram os telhados de homens com fundas. Vê-se que sabem reagir à altura, quando são provocados...

Seguiram para sudeste, de novo através de uma floresta de chaminés negras como breu, até que por fim chegaram a um ponto da Rua das Pechinchas onde o espaço entre os andares superiores de ambos os lados era fácil de transpor. Enquanto corriam pelos telhados, uma frente de nevoeiro espesso avançou para o local, suficientemente denso para os obrigar a tossir e a respirar mais devagar. Pouco depois viam-se forçados a abrandar e mesmo a apalpar o terreno; para não se separarem, Fafhrd teve de pousar a mão no ombro do Mouser. Um pouco antes da Rua das Pechinchas saíram abruptamente do banco de nevoeiro; as estrelas eram de novo visíveis, enquanto a frente negra rolava para norte nas suas costas.

— Mas que raio seria aquilo? — perguntou Fafhrd, levando o Mouser a encolher os ombros.

Um falcão a voar nas alturas teria visto a coisa de maneira diferente: um vasto banco de nevoeiro preto e denso a esvair-se em todas as direcções, emanando de um único ponto central nas imediações do Enguia de Prata, aumentando cada vez mais de diâmetro à medida que se afastava.

A leste da Rua das Pechinchas, os dois camaradas desceram para a calçada enlameada da Quelha do Peste, nas traseiras da alfaiataria do conhecido Nattick Dedos Leves.

Só então olharam bem um para o outro, para as suas espadas envolvidas em ligaduras emporcalhadas, tão sujas como os rostos e roupas cobertas de gordura, fuligem e lama. Incapazes de se conterem, desataram à gargalhada. Fafhrd dobrou-se pela cintura, não parando de rir enquanto massajava o tornozelo e a barriga da perna esquerda. A risota continuou enquanto desembrulhavam as espadas — o Mouser a fingir que abria um presente misterioso — e voltavam a prender as bainhas aos talins. O exercício nocturno acabara por os livrar dos últimos resquícios do vinho ingerido e até do forte perfume do boião verde, mas mesmo assim nenhum deles sentia necessidade de um copo para retemperar as forças; só queriam voltar para casa e comer até fartar, para depois contarem pormenorizadamente às suas amadas a aventura louca em que se tinham metido.

Seguiram lado a lado, fitando-se a intervalos esparsos para rirem em sonoras gargalhadas, não descurando porém a vigilância necessária a contrariar uma eventual perseguição ou intercepção, se bem que não esperassem nem uma nem outra.

Libertos do nevoeiro nocturno e inebriados com o brilho das estrelas, as imediações surgiam-lhes agora menos opressivas e nojentas do que quando tinham partido à aventura; até a Alameda da Bosta parecia envolta numa atmosfera mais limpa e fresca.

Só ficaram sérios durante breves momentos, quando Fafhrd observou:

— Apesar de bêbado revelaste-te um génio esta noite, companheiro. Que ideia, essa de me amarrares a perna! E as espadas, então!... Envoltas em trapos para passarem por bordões...

O Mouser encolheu os ombros.

— E foi o facto de estarem entrapadas que nos impediu de cometer uma série de assassínios ao longo do noite — retorquiu.

Fafhrd pareceu não gostar do argumento:

— Matar numa luta não é o mesmo que assassinar! O Mouser voltou a encolher os ombros.

— Matar é assassinar, por muito que queiras dourar a pílula. Tal como comer é devorar, e beber é emborcar. Deuses, mas que sede eu tenho! Estou faminto e estafado! Anda daí, esperam-te almofadas macias, comida e uma cerveja retemperante!

Estugaram o passo e pouco depois subiam sem problemas as escadas apodrecidas do prédio desabitado. Assim que chegaram ao patamar, o Mouser empurrou a porta para a abrir do rompante, pretendendo uma entrada em glória.

A porta não me mexeu um milímetro.

— Está trancada por dentro — observou para Fafhrd, reparando então que não saía nenhuma luz pela frincha da porta nem mesmo das fendas das persianas — quando muito, só conseguia discernir uma ténue luminosidade alaranjada. Sorrindo com uma expressão sentimental, virou-se para o amigo e disse-lhe, num tom onde se notava uma grande ternura e, por debaixo, um leve traço de preocupação:

— Aposto que foram dormir, as malandras! — Virou-se para bater com força na porta, chamando em voz baixa pelas fendas do tabuado: — Ivrian! Já cá estamos, sãos e salvos. Salve, Vlana! O teu homem portou-se à altura, lutou, contra os ladrões da Guilda, com um pé amarrado à perna!

Do lado de dentro ninguém respondeu, não lhes chegou nenhum som digno de nota... à excepção de um restolhar tão ténue que mal se notava.

Fafhrd aspirou o ar à sua volta.

— Cheira-me a fumo — avisou.

O Mouser voltou a esmurrar a porta, sem quaisquer resultados.

Fafhrd fez-lhe sinal para que se afastasse para o lado e atirou-se de ombro contra a porta.

O Mouser abanou a cabeça e deu uma leve pancadinha num dos tijolos da parede, que se desviou para revelar uma abertura logo ao lado da porta. Meteu o braço lá dentro, e pouco depois ouvia-se o ruído de uma tranca a correr nos olhais, logo seguida de outra e ainda uma terceira. Tirou rapidamente o braço do buraco e empurrou a porta, que desta vez se abriu sem dificuldade.

No entanto, nem ele nem Fafhrd entraram imediatamente, como a princípio tencionavam fazer, pois chegou-lhes às narinas o indesmentível cheiro do perigo e do desconhecido, acompanhado por um odor cada vez mais forte a fumo e um outro cheiro muito diferente, enjoativo e adocicado e que, apesar de nitidamente feminino, nada tinha a ver com a arte da perfumaria, antes fazendo lembrar o cheiro agridoce de certos animais peludos.

A sala estava tenuamente iluminada pelo clarão alaranjado que saía da portinhola aberta do fogão montado dentro da lareira; porém, a faixa oblonga e refulgente da portinhola não parecia estar direita, antes surgia com uma inclinação estranha; era óbvio que o fogão fora arrastado e inclinado contra a parede da lareira, e a portinhola abrira-se de acordo com o ângulo em que ficara.

Este simples pormenor dava a ideia de que todo o universo fora posto de pernas para o ar.

O clarão alaranjado revelava as carpetes meio enroladas aqui e ali, cheias do círculos negros da largura de uma mão; as velas, antes meticulosamente empilhadas nas prateleiras, misturavam-se no chão com jarros, frascos e caixinhas esmaltadas. Junto à lareira sobressaía um montículo indistinto e comprido, havendo outro semelhante meio deitado sobre o sofá, com um dos extremos a tocar o chão.

De cada um desses montículos, inúmeros pares de olhinhos cor de fogo fitavam imóveis os dois homens parados junto à entrada.

Sobre uma das carpetes, do outro lado da lareira, via-se uma teia do aranha prateada — a gaiola onde horas antes chilreavam os pássaros do amor.

A Graywand emitiu um ruído metálico quando Fafhrd se certificou de que a lâmina corria bem dentro da bainha.

Como se esse ruído constituísse um sinal combinado para o ataque, cada um deles empunhou instantaneamente a sua espada e avançou para dentro da sala, ombro com ombro, impetuosos a princípio, tacteando depois o chão para não se enfiarem nalguma parte mais enfraquecida.

O som das duas espadas a saírem das bainhas fizera estremecer as dezenas de olhinhos cor de fornalha, e a aproximação dos dois homens pô-los em fuga, cada par de olhos seguido por um corpo pequeno, afunilado, de cauda sem pêlos, cada qual procurando enfiar-se o mais depressa possível num dos inúmeros círculos negros que polvilhavam as carpetes.

Os buracos negros eram afinal passagens de ratos, recentemente roídos através do tabuado do chão e das carpetes, e as criaturas de olhos vermelhos eram ratos negros.

Fafhrd e o Mouser atacaram-nos, golpeando desenfreadamente, praguejando, rugindo e maldizendo-se ao mesmo tempo.

Poucos mataram; os ratos fugiam com uma velocidade assombrosa, e a maior parte desapareceu nos buracos do chão e das paredes antes que as espadas os apanhassem.

Além disso, o primeiro golpe de Fafhrd fez com que a espada se cravasse no chão, e ao terceiro passo as tábuas abateram com um ruído pavoroso, deixando o jovem com uma perna entalada até à coxa. O Mouser passou por ele a correr, indiferente ao ranger de todo o soalho.

Fafhrd soltou a perna presa, não reparando sequer nas farpas de madeira que se tinham cravado em inúmeros sítios da pele e dos músculos, tão indiferente como o companheiro ao perigo que o chão corria de abater a qualquer instante. Os ratos tinham desaparecido. Correu atrás do Mouser, que entretanto enfiara uma mão-cheia de gravetos no fogão, para conseguir mais luz.

Apesar dos ratos terem fugido, os dois montículos compridos permaneciam onde estavam, se bem que reduzidos em volume, como agora se podiam ver claramente, graças às chamas amarelas que saíam da portinhola do fogão. Os montículos mudaram imediatamente de cor, passando do anterior vermelho-escuro para uma tonalidade mista do negro-refulgente e castanho-escuro, um com tons de púrpura e violeta à mistura com o branco do arminho, o outro revelando o vermelho das meias à mistura com carne ensanguentada e ossos descarnados.

Se as mãos e pés tinham sido roídos até aos ossos, e os corpos perfurados de lado a lado em diversos sítios, os dois rostos tinham sido poupados. Talvez isso fosse o pior de tudo, já que estavam roxos devido à morte por estrangulamento, com os lábios enegrecidos, os olhos fora das órbitas e as feições contorcidas numa agonia atroz. Só os cabelos pretos e castanhos-escuros permaneciam na mesma... isso e os dentes alvos, muito alvos...

Cada um dos homens ficou petrificado a contemplar a sua amada, incapazes de desviarem a vista apesar do horror, do desgosto e da fúria incontida que os avassalava. Enquanto olhavam, cada qual viu a corda fina e negra a contorcer-se nos pescoços das vítimas, desenrolando-se para de seguida rastejar em direcção à porta escancarada — duas cordas feitas de nevoeiro fuliginoso.

Com um ruído pavoroso, o chão estremeceu e abateu dois ou três palmos no centro da sala, readquirindo a estabilidade ao encaixar na nova mas periclitante posição.

As duas mentes torturadas foram reparando em vários pormenores: o punhal de punho de prata de Vlana pregara um rato ao chão; sem dúvida que o animal, faminto e sedento de sangue, se tinha aproximado em demasia antes que as cordas de nevoeiro tivessem cumprido a sua missão. O cinto e a bolsa da mulher tinham desaparecido, o mesmo acontecendo à caixinha azul esmaltada e encastoada a prata na qual Ivrian guardara a parte das jóias roubadas que coubera ao Mouser.

Os dois amigos fitaram-se, as expressões de ambos como que enlouquecidas mas ao mesmo tempo firmes e determinadas, unidas num só propósito. Não precisaram de trocar impressões sobre o que teria sucedido naquela sala quando os dois rolos de vapor negro criados por Hristomilo se tinham transformado em nós dentro do receptor do cristal, ou sobre os motivos que teriam levado Slivikin a guinchar de excitação e prazer, nem sobre o significado de frases como «tantos quantos forem precisos para o festim», «não se esqueçam do produto do roubo», «aquilo de que falámos». Fafhrd não precisou de explicar porque é que despiu o manto e o capuz, nem porque pegou no punhal de Vlana, sacudindo o rato morto para enfiar a arma no cinto. O Mouser não precisou de se justificar quando foi buscar um braçado do frascos cheios de azeite e, depois de escaqueirar três em frente ao fogão, enfiou os outros três na bolsa que trazia pendurada à cinta, acrescentando-lhe os acendedores que sobravam; sem dizer palavra, pegou no pote pequeno para o encher de carvões em brasa, fechando-o de seguida com a tampa negra.

Sempre em silêncio, o Mouser enrolou um pequeno tapete em volta da mão e empurrou o fogão para a frente, fazendo-o cair de modo a que a madeira incandescente saísse pela portinhola e se espalhasse sobre as carpetes empapadas em azeite. Ficou imediatamente envolvido por um círculo de chamas amarelas.

Viraram-se e correram para a porta. Com um ruído pavoroso, o soalho abateu por completo; desesperados, os dois amigos treparam por uma confusão do tapetes e carpetes que escorregavam para o buraco subitamente cavado no centro do sala, conseguindo alcançar o patamar momentos antes do sótão abater sobre os andares inferiores, arrastando consigo o fogão aceso, os tapetes em chamas, os toros de madeira, as dúzias de velas e garrafas, as mesinhas, as caixinhas e frasquinhos do toucador — e os corpos pavorosamente mutilados das suas amadas. Instantes depois, as chamas purificadoras da cremação forçada alastravam por todo o prédio.

Desceram as escadas em corrida, chegando ao chão no momento em que os degraus de madeira se soltavam dos apoios da parede, esmagando-se num monte contorcido contra a calçada enlameada; só conseguiram alcançar a Travessa dos Ossos depois de afastarem parte dos destroços que tinham caído à volta dos dois.

As chamas lambiam já as janelas fechadas do sótão, e as telhas começavam a cair na rua à mistura com o travejamento do tecto. Quando chegaram à Travessa da Morte, correndo desenfreadamente lado a lado, o alarme do incêndio da Enguia de Prata lançou-se numa sonora cacofonia.

Ainda corriam quando enfiaram pela bifurcação da Travessa da Morte; o Mouser agarrou então Fafhrd pelo braço e obrigou-o a parar. O homem alto tentou soltar-se, praguejando incoerentemente, e só desistiu — o rosto contorcido como o de um lunático — quando o Mouser lhe gritou, arquejante:

— É só um bocadinho, para nos armarmos!

Tirou o saco do cinto e, agarrando-o bem pela boca, esmagou-o contra as pedras da rua — com força suficiente para despedaçar não só os frascos de azeite como também o pote das brasas, já que instantes depois o saco começava a arder junto à base.

Desembainhou a Escalpelo e Fafhrd sacou da sua Graywand, largando os dois a correr, com o Mouser a rodopiar o saco por cima da cabeça a fim de atear as chamas. Quando atravessaram a Rua das Pechinchas e entraram na Casa dos Ladrões já o saco era uma autêntica bola do fogo; o Mouser desviou-se para o lado e atirou-o para dentro do nicho escavado do lado de dentro, logo por cima da entrada.

Os guardas do nicho gritaram de surpresa e de dor ao verem-se inundados pelo banho de fogo líquido, e não tiveram sequer tempo para desembainhar as espadas ou qualquer outra arma que na altura trouxessem. Os dois invasores entraram incólumes.

Ao ouvirem o som de passos em corrida, alunos-ladrões saíram a correr das salas de aula, recuando precipitadamente ao verem o mar de chamas à entrada e os dois demónios a correrem corredor fora brandindo as suas espadas esguias e refulgentes.

Um aprendiz enfezado — pouco mais teria do que dez anos de idade — demorou-se demasiado a vê-los: a Graywand trespassou-o impiedosamente entre os olhos arregalados, enquanto a boca se abria de horror, numa muda súplica perante a lâmina do Fafhrd.

Ao fundo do corredor ouviu-se um uivo demoníaco, subindo e descendo de tom, e as portas das salas, em lugar de despejarem a avalanche de guardas que os dois amigos quase que rezavam para que aparecessem, começaram a fechar-se uma após outra. Ainda por cima, o corredor, apesar de iluminado por tochas com ar de novas, estava a ficar cada vez mais escuro.

A causa de tão estranho fenómeno tornou-se evidente quando os dois começaram a subir as escadas: fiapos do nevoeiro fuliginoso começavam a aparecer por todo o lado, materializando-se no ar a partir do nada.

Os fiapos ficavam cada vez mais compridos e grossos, multiplicando-se em número e tornando-se cada vez mais tangíveis; enrolavam-se e agarravam-se ferozmente a tudo em que tocavam. No corredor seguinte já se formavam de parede a parede e do chão ao tecto, enovelando-se numa espécie de teia gigantesca, e eram agora tão substanciais que Fafhrd e o Mouser só conseguiam abrir caminho a golpes de espada — ou pelo menos era isso o que parecia àquelas duas mentes enlouquecidas. A teia negra ressoava a repetia em surdina o uivo ondulante e etéreo, que desta feita vinha da sétima porta à frente dos dois e de quando em quando surgia à mistura com ruídos tão pavorosos e insanos como as emoções dos dois atacantes.

Também aqui as portas se fechavam uma após outra. Num efémero relâmpago de compreensão, o Mouser concluiu que não era dele e de Fafhrd que os ladrões tinham medo, pois ainda nem sequer os tinham visto, mas sim do feiticeiro Hristomilo e da sua magia, mesmo que esta estivesse a operar em defesa do Casa dos Ladrões.

A própria sala dos mapas, do onde seria de esperar o contra-ataque mais forte, tinha a sua porta maciça bem fechada.

Para avançarem tinham agora de cortar novelo após novelo, sacudindo os pedaços do nevoeiro que se lhes agarravam sem cessar. A meio caminho entre a sala dos mapas e o laboratório de alquimia estava a formar-se nova teia escura e repelente, fantasmagórica a princípio mas cada vez mais substancial, tendo no centro uma aranha grande como um lobo.

O Mouser golpeou os fiapos à sua frente, recuou dois passos e carregou de espada em riste. A Escalpelo trespassou a aranha, mergulhando entre os recém-formados oito olhos facetados, e a criatura caiu no chão como uma bexiga furada, soltando um cheiro abominável.

Os dois amigos deram consigo à entrada da sala da magia, a câmara do feiticeiro, cuja porta, por qualquer razão, não se fechara. Estava mais ou menos como a tinham visto do última vez, se bem que certos objectos surgissem agora em duplicado ou multiplicados por dez.

Sobre a mesa comprida, duas caldeiras borbulhavam com um líquido azulado, soltando pelo topo duas fiadas de corda negra que se moviam mais depressa que a cobra negra dos pântanos — uma serpente capaz do abater um homem —, e que em lugar de se irem alojar em recipientes gémeos do cristal saíam directamente para o ar, descendo para formarem uma barreira entre as

duas espadas e Hristomilo. O feiticeiro, como sempre, mantinha-se em pé, alto e corcovado, a ler o seu pergaminho acastanhado pelo tempo, se bem que desta vez o olhar exultante estivesse fixo nos rostos de Fafhrd e do Mouser, só ocasionalmente baixando a cabeça para seguir as linhas do encantamento que entoava com a habitual monotonia.

Na outra ponta da mesa, a meio de um espaço livre da teia, Slivikin assolapava-se tendo por companhia um outro rato tão corpulento como ele, só que com uma cabeça mais pequena; os buracos de rato espalhados ao longo do rodapé fervilhavam com olhinhos vermelhos.

Fafhrd soltou um grito de raiva e começou a golpear a barreira negra, mas as cordas saídas do topo dos alambiques tapavam os espaços abertos tão depressa quanto a espada os ia criando; ainda por cima, os pedaços decepados, em lugar de caírem inertes no chão, atiravam-se aos dois amigos como serpentes enfurecidas.

Num gesto repentino, Fafhd passou a Graywand para a mão esquerda, desembainhou o punhal e atirou-o contra o feiticeiro. A lâmina voou direita ao alvo, abrindo caminho entre a teia, mas não tardou a ser desviada por duas cordas mais grossas, acabando por se ir embeber inofensivamente numa outra que lhe barrou o caminho.

Hristomilo soltou uma gargalhada histérica e arreganhou os lábios, revelando os enormes incisivos superiores, enquanto Slivikin guinchava de prazer e saltitava cada vez mais excitado.

O Mouser atirou a sua Garra de Gato, mas não obteve melhores resultados — antes pelo contrário, ficou pior do que estava, já que a sua acção permitiu que duas das cordas cerceadas se lhe enrolassem no pulso do braço da espada, enquanto uma terceira tentava enrolar-se à volta do pescoço. Ratos negros e gordos começaram a sair em catadupa dos buracos do rodapé.

As cordas negras, cada vez mais numerosas, avançaram para se enroscarem nos tornozelos, nos joelhos e no braço esquerdo do Fafhrd, por pouco não derrubando o jovem. Mesmo assim, enquanto tentava recuperar o equilíbrio, tirou a adaga de Vlana do cinto e levantou-a acima do ombro, o punho de pata a refulgir, a lâmina castanha do sangue seco do rato.

O sorriso diabólico de Hristomilo dissipou-se quando o feiticeiro viu a adaga; soltando um grito do pavor, afastou-se da mesa e do pergaminho, tapando o rosto com as mãos ossudas para evitar a morte iminente.

A adaga de Vlana atravessou impávida a teia negra — as cordas até pareceram afastar-se para lhe ceder caminho —, trespassou as mãos enclavinhadas do feiticeiro e mergulhou até ao cabo no olho direito.

Hristomilo gritou de agonia, tentando arrancar a lâmina, enquanto a teia negra se contorcia como que num espasmo mortal.

Os alambiques estoiraram ruidosamente, espalhando a lava azulada sobre o tampo da mesa, cujas bordas começaram a fumegar à medida que o líquido espesso alastrava e pingava para o chão de mármore enegrecido.

Com um último grito de dor, Hristomilo dobrou-se pela cintura, as mãos ainda agarradas ao punho prateado da adaga, o nariz adunco a surgir por entre os dedos nodosos.

A teia negra dissipou-se como tinta lançada sobre um ribeiro.

O Mouser avançou de rompante e trespassou Slivikin e o outro rato com um único golpe certeiro, tão fulgurante que as criaturas nem souberam do que morreram. Os ratos que tinham saído dos buracos rentes ao chão fizeram meia-volta e fugiram a sete pés, rápidos como o relâmpago.

Os últimos resquícios do nevoeiro fuliginoso — ou antes, do nevoeiro mágico — dissiparam-se por completo, deixando o Mouser e Fafhrd sozinhos junto aos três cadáveres, a sala mergulhada num silêncio mortal que parecia ter-se estendido ao resto da Casa dos Ladrões. A própria lava dos alambiques imobilizara-se e estava a endurecer, enquanto a madeira da mesa deixara de fumegar.

A loucura e a fúria dos dois amigos, completamente saciadas, abandonaram-nos como que por encanto. Já não tinham vontade de matarem Krovas ou qualquer dos outros ladrões, agora tão inofensivos como moscas. Recordando os primeiros momentos do assalto, Fafhrd reviu horrorizado a imagem do rosto patético do miúdo que, num momento de fúria incontrolada, trespassara com a sua Graywand.

Só lhes restava o desgosto, um desgosto profundo que em lugar do se atenuar era cada vez maior — e uma crescente repulsa por tudo aquilo que os rodeava: os mortos, a sala das magias em completa desordem, toda a Casa dos Ladrões, toda a cidade de Lankhmar, desde o seu prédio mais imponente ao beco mais nojento e obscuro e à mais alta espira escondida no meio do nevoeiro.

Com uma exclamação do nojo, o Mouser soltou a Escalpelo dos cadáveres das duas criaturas, limpou-a ao primeiro trapo que viu e embainhou-a. Fafhrd imitou-o, limpando cuidadosamente a sua Graywand antes de a remeter ao seu abrigo. Os dois homens apanharam os punhais dos sítios onde tinham caído quando a teia se desmaterializara, mas nenhum deles se atreveu sequer a lançar um olhar à adaga de Vlana e ao sítio onde esta se enterrara. Contudo, sobre a mesa do feiticeiro, descobriram a bolsa de veludo negro bordada a fio de prata e o cinturão de Vlana, este último meio queimado pela lava azulada. Logo ao lado, a caixinha esmaltada e incrustada a pata onde Ivrian guardara as jóias. Abriram-na e tiraram as gemas que no dia anterior ainda pertenciam ao joalheiro chamado Jegao.

Sem trocarem mais palavras do que as pronunciadas perante o ninho de amor em chamas do Mouser, logo ao lado da Enguia de Prata, mas sempre unidos pelo mesmo propósito, pela identidade dos seus objectivos, e por pura camaradagem, saíram daquele antro, com as cabeças e ombros vergados de cansaço e desgosto. Só estugaram ligeiramente as passadas quando passaram em frente à sala dos mapas, cuja porta reforçada continuava fechada. Desceram as escadas e seguiram corredor fora, sem sequer olharem para as outras portas também fechadas — era óbvio que a Guilda em peso ainda sucumbia ao terror da magia de Hristomilo, dos seus encantamentos e do seu exército de ratos. Os passos dos dois amigos ressoavam cada vez mais rápidos à medida que se aproximavam da saída. Passaram por baixo do nicho calcinado e saíram para a Rua das Pechinchas, virando à esquerda e para norte pois era esse o caminho mais curto para a Rua dos Deuses. Aí chegados, viraram à direita e seguiram para nascente — não se lhes deparou vivalma, excepção feita a um pequeno aprendiz que, escanzelado e com ar triste, varria as lajes em frente à loja de um comerciante de vinhos, sob o lusco-fusco rosado que começava a surgir a leste.

Passaram por vários becos cheios de bêbados, pedintes e miseráveis, alguns a dormirem no meio do lixo enquanto outros preferiam fazê-lo a coberto dos portais dos prédios. Percorreram toda a Rua dos Deuses, sempre a caminho do Portão do Pântano, a saída da cidade que levava à Estrada de Pedra que por sua vez atravessava o Grande Pântano Salgado. Escolheram-no porque era a saída mais próxima daquela cidade abastada e poderosa que agora odiavam e na qual jamais poderiam viver, uma cidade que para os dois, daí em diante, só seria habitada pelos fantasmas das suas amadas.

\- - - - - -

Theodore Sturgeon

Conheci o Ted pela primeira vez já lá vai perto de um terço de século, quando era um rapaz novo, agarotado e bonito. Vi-o há bem pouco tempo a bordo do belo navio *Statendam,* na primeira quinzena de Dezembro de 1972.

Descíamos então a costa da Flórida para assistir ao lançamento da *Apolo 17* para a Lua, na última das viagens tripuladas ao nosso satélite natural. O lançamento foi ainda mais belo por ter sido feito de noite, mas no meu caso a viagem foi formidável desde o princípio, já que no cais, quando aguardava a hora do embarque, com quem daria eu de caras se não com o bom do Ted, vestido com um casaco de antílope e acompanhado pela mulher e pelo filho mais novo.

Lembro-me muito bem que a mulher dele, a Weena, era nova, feminina e muito bonita, mas aquilo de que me lembro melhor foi o interesse dela pelos alimentos naturais, assunto sobre o qual me falou com toda a seriedade já a bordo do navio. (Nunca percebi muito bem porque é que as pessoas estão sempre a dar-me conselhos sobre esta ou aquela dieta. Sei tudo o que há a a saber sobre isso: para ter a certeza de que não me faltam nenhumas das vitaminas e minerais importantes, como por norma tudo o que me aparece pela frente. O mais curioso é que, depois de ter acabado a palestra, a rapariga acendeu um cigarro.

Tive de lhe responder:

— Se estás assim tão preocupada com a minha saúde, talvez seja melhor preocupares-te com a tua.

Tirei-lhe o cigarro da boca (junto com um pedacinho do lábio, se bem me lembro), atirei-o ao chão e pisei-o com a sola do sapato.

Tempos depois, Weena disse-me que ficara tão impressionada com a lógica subtil da minha argumentação que deixara de fumar (espero que para sempre.)

Só mais uma coisa a propósito da vigésima convenção antes de a arrumar na gaveta. O Bob Silverberg, nas suas alocuções de abertura, costuma contar vez sim vez sim uma piada em que diz «é melhor doá-la à Clarion». O remoque nasceu de um incidente ocorrido durante a vigésima sétima convenção, realizada em 1969 em St. Louis, quando Harlan Ellison, depois de ter feito uma colecta para uma boa causa, descobriu ter arranjado dinheiro a mais, oferecendo então esse excedente a uma conferência de escritores de ficção científica que adoptara o nome do Clarion College. Não se pode dizer que não fosse também uma boa causa, mas o Harlan, levado sem dúvida pelo seu coração benevolente, esqueceu-se de cumprir a simples formalidade de perguntar às pessoas que tinham contribuído se se poderia dar tal destino ao dinheiro a mais. Verificou-se assim uma discussão pública entre o Harlan e o resto dos participantes da convenção, na qual, como seria de esperar, esses restantes estavam em minoria.

Como tal, no fim do discurso do Bob, tirei uns versos do bolso e, quando chegou a altura de ser eu a dizer umas palavras, recitei-os perante a magna audiência, conseguindo a maior gargalhada colectiva da noite. Publiquei recentemente dois livros intitulados *Lecherous Limericks* (Walker, 1975) e *More Lecherous Limericks* (Walker, 1976), cada qual contendo cem quintilhas da minha

autoria; a que recitei na convenção, por ser demasiado picante, não foi incluída em nenhum deles. Como não a quero perder para a posteridade, aqui vai ela:

Havia uma despe-despe chamada Marion

Que saltava, dançava e nunca se cansava

O resultado da sua alegria

Foi um belo filho bastardo

Que ela prontamente doou à Clarion.

Isaac Asimov

3 - ESCULTURA LENTA

ELA *não sabia quem ele era quando o viu.* Bom, muito pouca gente o sabia. O homem estava no pomar do alto, a fazer qualquer coisa debaixo de uma pereira. A terra cheirava ao fim do Verão, havia vento e o bronze cheirava a bronze. Ele levantou a cabeça e estudou a rapariga atarracada, nos seus vinte poucos anos, com um rosto onde não parava o medo e os olhos do mesma cor do cabelo, o que era extraordinário porque os cabelos eram da cor do ouro velho. A rapariga fitou o homem de pele curtida, já quarentão, com um electroscópio de folhas douradas numa mão, e sentiu-se incomodada por ter entrado em terras que não eram as suas. Soltou um «Oh!» e pelos vistos não se saiu mal, pois o homem acenou-lhe com a cabeça e pediu-lhe:

— Segura aqui.

Não, o homem não a tomava por uma intrusa.

A rapariga ajoelhou ao lado dele e pegou no instrumento, segurando-o exactamente pelo sítio onde ele lhe pusera a mão; o homem afastou-se uns passos e bateu com um diapasão na rótula.

— Como é que reagiu? — perguntou.

Tinha uma boa voz, aquele género de voz em que os estranhos reparam e prestam atenção.

A rapariga olhou para as delicadas folhas de ouro dentro do escudo vidrado do electroscópio.

— Estão a afastar-se — informou.

O homem bateu de novo com o diapasão no joelho, e as folhas afastaram-se ainda mais umas das outras.

— Muito?

— Cerca de quarenta e cinco graus quando você bateu com o diapasão.

— Óptimo... mais do que isso seria difícil de se conseguir. — Tirando uma saqueta do bolso do blusão, despejou uma pequena quantidade de pó de giz no chão. — Agora vou dar uns passos. Deixa-te ficar aí e vai-me dizendo como é que as folhas se afastam.

Começou a andar aos ziguezagues em redor da pereira, batendo com o diapasão no joelho de dois em dois passos, enquanto ela o ia informando do comportamento do instrumento — dez graus, trinta, cinco, vinte, nada. Sempre que o afastamento das folhas de ouro atingia um máximo, quarenta graus ou mais, o homem assinalava o sítio com nova marca de pó de giz; quando acabou, a árvore estava rodeada por numerosos pontos brancos seguindo mais ou menos o feitio de uma oval. Pegando num bloco de apontamentos, fez um esboço rápido da oval com a árvore no centro; guardou o bloco e veio tirar o electroscópio das mãos da rapariga.

— Andavas à procura de alguma coisa? — perguntou-lhe.

— Não — disse ela. — Isto é, andava.

Ele sorriu, um sorriso curto, breve e, quanto a ela, surpreendente num rosto como o dele.

— Se estivéssemos num tribunal, essa tua resposta não poderia considerar-se como conclusiva...

Ela olhou para a encosta da colina, que brilhava em tons metálicos sob a luz do entardecer. Nada tinha de especial — rochas, ervas a quem o sol do Verão já dera o devido tratamento, uma ou outra árvore e por fim, no cimo, o pomar. Qualquer dos presentes tinha andado a bom andar até chegar ali.

— A pergunta não foi nada simples — respondeu ela, tentando sorrir para de súbito desatar a chorar.

Sentiu-se incomodada e disse-o.

— Mas porquê? — quis saber ele. Era a primeira vez em que ela experimentava o matraquear de perguntas que, como iria descobrir, caracterizava aquele homem, e que a deixariam sempre inquieta. Iria ser sempre assim, umas vezes mais outras menos.

— Bom... não é costume termos explosões emocionais em público.

— Mas tu tens, pelos vistos. E não sei a quem te referes quando dizes «termos».

— Bem, agora que você o diz... acho que também não sei.

— Nesse caso diz-me a verdade. Não serve de nada contornares a questão, pores-te com um «oh, ele vai pensar que...» e coisas do género. O que eu penso só a mim diz respeito, digas tu o que disseres. Ou então... é melhor desceres o monte e não me contares absolutamente nada. — como ela não se voltou para se ir embora, acrescentou: — Anda, conta-me lá a verdade. Se é importante é porque é simples, e se é simples não custa nada a dizer.

— Eu vou morrer! — exclamou a rapariga.

— Também eu.

— Tenho um caroço no peito.

— Vem comigo a minha casa, para tratarmos já disso. Sem acrescentar palavra, o homem virou-lhe as costas e enfiou-se pelo pomar adentro. Completamente descoroçoada, indignada e cheia de uma esperança louca, conseguindo mesmo soltar uma breve gargalhada, a rapariga ficou imóvel a ver o

homem a afastar-se entre as árvores, mas às tantas deu consigo (quando é que o decidiu?) a correr no seu encalço.

Apanhou-o já no fim do pomar, mesmo na crista da colina.

— O senhor é médico?

Ele pareceu não reparar que ela não viera logo atrás de si, tendo de correr para o apanhar.

— Não, não sou — respondeu sem se deter, aparentemente não reparando também que ela parara, uma mão a torcer o lábio inferior, para de seguida dar nova corrida.

— Devo estar completamente louca — exclamou a rapariga, juntando-se-lhe num carreiro rasgado entre canteiros de flores. Disse-o para si mesma, pormenor em que ele devia ter reparado porque não fez qualquer comentário. O jardim parecia vivo, tantos eram os crisântemos de cores berrantes; num laguinho a meio, dois peixes anafados nadavam pachorrentamente — prateados, segundo lhe pareceu —, os maiores peixes que ela já vira em toda a vida. Logo a seguir apareceu a casa.

A princípio parecia fazer parte do jardim, com um terraço rodeado de colunas, a que se seguiam maciças paredes de rocha (blocos demasiado grandes para serem pedras de construção), como que fazendo parte da montanha. Apoiada no flanco da elevação, era como se entrasse por ela a dentro; os telhados nasciam da pedra nua, e as traseiras encostavam-se a um penedo saliente. A porta, escudada e apoiada em dois grandes blocos verticais, tinha a cada lado duas seteiras, e estava aberta (sem ninguém à espera deles). Quando se fechou trouxe consigo o silêncio, um silêncio muito mais profundo do que a mera separação do exterior, mais marcado do que o resultante do correr de uma fechadura ou ferrolho. A rapariga deixou-se ficar de costas apoiadas à porta, observando o homem a meio daquilo que parecia ser a nave central da construção, ou pelo menos parte desta. Era mais como que um claustro com uma espécie de átrio a meio, de paredes envidraçadas em todos os cinco lados e aberto no topo. Lá dentro via-se uma árvore — um cipreste ou talvez um zimbro —, retorcida, contorcida, as ramagens sensivelmente paralelas ao chão, com a evidente aparência escultural das arvorezinhas a que os japoneses chamam bonsais.

— Não vens? — chamou ele, segurando aberta uma porta para lá do átrio.

— Os bonsais não têm cinco metros de altura — comentou ela.

— Pois este tem.

Ela aproximou-se em passadas lentas, admirando a árvore.

— Há quanto tempo é que o tem?

O tom de voz com que o homem respondeu revelou o imenso prazer que sentia em falar da árvore. Nunca fica bem perguntarmos ao dono de um bonsai qual a idade da planta; é o mesmo que perguntarmos se foi o fruto do seu trabalho ou se o herdou ou adquiriu para continuar simplesmente o conceito criado por outrem; é como se o tentássemos a confessar que se trata de uma obra de sua autoria, e no fundo é sempre rude darmos a entender à pessoa que a estamos a testar. Assim, o «Há quanto tempo é que o tem?» é uma pergunta

delicada, inocente e profundamente cortês. O homem não se fez rogado em responder:

— Há mais de meia vida.

A rapariga olhou para a árvore. Não é invulgar encontrarmos arvores destas, mais ou menos abandonadas, mais ou menos esquecidas, enfiadas em bidons ferrugentos a um canto de estufas mirradas, há anos por vender devido às suas formas estranhas ou à falta de ramos aqui ou ali, ou porque cresceram demasiado devagar no todo ou em parte. São estas árvores que desenvolvem os troncos mais interessantes, adquirindo também uma resistência ao infortúnio que as leva a florescer, mal se lhes dá uma hipótese de viverem condignamente. A árvore a meio do átrio era muito mais velha que metade da vida daquele homem, talvez mesmo mais do que toda a sua vida. Ao contemplá-la, a rapariga sentiu-se horrorizada ao pensar na eventualidade de um incêndio, de uma hipotética família de esquilos ou de um qualquer verme subterrâneo poderem pôr um fim àquela beleza ímpar — enfim, uma coisa que funcionasse fora de qualquer conceito de justiça e de rectidão, ou mesmo de... de respeito. Olhou uma vez mais para a árvore, e de seguida fitou o homem

— Vens ou não vens?

— Já vou — respondeu ela, seguindo-o para o laboratório.

— Senta-te ali e descontrai-te — disse-lhe ele. — Isto é capaz de demorar um bocado...

O «ali» era um enorme cadeirão, forrado a couro, junto à estante repleta de livros. Os volumes cobriam praticamente todo um espectro — tomos de referências sobre medicina, engenharia, física nuclear, química, biologia, psiquiatria... um nunca acabar de assuntos. Também os havia sobre ténis, ginástica, xadrez, o jogo oriental chamado go, e até um manual de golfe. Havia obras sobre teatro, técnicas de ficção, o *Modem English Usage,* o *The American Language* com os respectivos suplementos, os dicionários de sinónimos de Wood's e Walker e uma bateria completa de enciclopédias e dicionários avulsos, para além de uma prateleira inteira cheia de biografias.

— Grande biblioteca, a sua!

A resposta foi curta: era óbvio que ele não estava agora com vontade de conversar, atarefado como parecia junto aos instrumentos.

— Sim, também acho... talvez queiras ver melhor o resto noutra altura.

Enfim, uma resposta que a deixou a pensar no significado subjacente das palavras dúbias. Acabou por concluir que aqueles eram somente os livros que ele mantinha à mão para consultar em caso de necessidade, ou seja, a verdadeira biblioteca devia ficar noutra das divisões daquela casa enorme. A conclusão levou-a a encará-lo com mais respeito.

Observou-o atentamente. Gostava do modo como ele se mexia — rápido, gestos precisos e decididos. Era evidente que sabia o que estava a fazer. Servia-se de equipamentos que ela conseguiu reconhecer em parte — um alambique de vidro, um *tiratron,* uma centrifugadora. Havia dois frigoríficos, um dos quais até acabava por não ser nada disso, pois o enorme mostrador da porta indicava uma temperatura do 12 graus centígrados. Lembrou-se então de que qualquer frigorífico moderno podia ser adaptado de modo a proporcionar um ambiente controlado, mesmo que se pretendessem temperaturas relativamente elevadas.

Tudo aquilo, porém, incluindo os equipamentos que ela não conseguia reconhecer, não passavam de peças de mobiliário. Era o homem que valia a pena observar, aquele homem que a mantinha tão absorvida que nem só uma vez em todo o tempo que ali esteve se lembrou de voltar a olhar para as lombadas dos livros.

Um bom bocado depois, o homem acabou finalmente com o que estivera a fazer numa das bancadas; ligou vários interruptores, pegou num banquinho de pés altos e veio ter com ela. Sentou-se no banquinho, apoiou os pés nas travessas de madeira que sujeitavam as suas três pernas e pousou as mãos esguias e morenas nos joelhos.

— Estás com medo?

— Sim, suponho que sim.

— Ninguém te obriga a ficar aqui.

— Se considerarmos todas as alternativas... — começou ela em tom corajoso, para de seguida concluir num tom triste: — ...tanto se me dá.

— Uma conclusão acertada — retorquiu ele, parecendo bem disposto. — Quando eu era pequenino, lembro-me de que houve um incêndio no prédio de apartamentos onde vivíamos. Fugimos espavoridos, e o meu irmão mais velho, que tinha então uns dez anos, deu consigo na rua com um relógio-despertador na mão. Era um despertador velho, já não funcionava... mas de todas as coisas que ele podia ter apanhado antes de fugir, a escolhida foi aquele despertador. Ele nunca foi capaz de descobrir os porquês dessa decisão.

— E você, descobriu?

— Não, isto é, não sei porque é que ele escolheu aquele objecto e não um outro qualquer. Contudo, julgo saber porque é que ele tomou uma atitude obviamente irracional... Não sei se já pensaste nisso, mas o pânico é um estado deveras especial. Tal como o medo e a fuga, ou a fúria e o ataque, trata-se de uma reacção primitiva perante um perigo extremo. Por outras palavras, é uma das formas com que exprimimos a nossa vontade de sobreviver. O que o torna tão especial é o facto de ser um sentimento irracional... Ora bem, porque é que o abandono da razão será um dos mecanismos da sobrevivência?

A rapariga ponderou o assunto; havia qualquer coisa naquele homem que tornava imperativo todos os assuntos de uma certa seriedade.

— Não consigo ver porquê — acabou por confessar. — A não ser que, em certas situações, a razão talvez não sirva para nada...

— E dizes que não consegues ver porquê? — exclamou ele, irradiando novamente a mesma sensação de aprovação total, uma sensação que a deixava feliz consigo própria. — Pois acabaste de o dizer! Se estiveres em perigo e tentares aplicar a razão, terás de a pôr de lado se ela não resultar. Não se pode dizer que seja errado pormos de lado aquilo que não resulta, não achas? Portanto entras em pânico, e logo de seguida começas a fazer coisas ao acaso. A maior parte delas — ou melhor, praticamente todas — serão absolutamente inúteis; algumas até podem ser perigosas, mas isso não tem a mínima importância... pois já estavas numa situação perigosa. O factor sobrevivência entra em acção quando, dentro de ti, lá muito no fundo, tu reconheces que uma hipótese num milhão sempre é melhor do que nenhuma hipótese. Como vês, mesmo aí sentada como estás

agora, sentes medo e pensas em fugir; há qualquer coisa dentro de ti a dizer-te para fugires, mas contudo não o fazes.

Ela concordou com um aceno de cabeça, sem tecer comentários, e ele prosseguiu:

— Portanto tu descobriste um caroço. Foste ao médico, ele mandou-te fazer análises e por fim deu-te a má notícia. Talvez tenhas ido a outro médico, que se limitou a confirmá-la. Procuraste informar-te sobre o assunto e acabaste por descobrir o que te ia acontecer — a exploratória, a radical, a recuperação mais que questionável, a longa agonia daqueles a quem chamam os casos terminais. E o que é que aconteceu a seguir? Perdeste o juízo, fizeste coisas que o melhor é nem falarmos nelas. Talvez tenhas resolvido dar um passeio até qualquer sítio, e acabaste por vir ter ao meu pomar — o homem abriu os braços e de seguida voltou a pousar as mãos nos joelhos. Pânico. É devido ao pânico que rapazinhos de tenra idade são capazes de aparecer a meio da noite em plena rua, com um despertador estragado nas mãos, e é o pânico que justifica a existência dos charlatães.

Na bancada retiniu um aviso sonoro; o homem sorriu-lhe e regressou ao trabalho, acrescentando por cima do ombro:

— A propósito, não me considero um charlatão. Para se ser charlatão é preciso tirar o curso de Medicina, o que não é o meu caso.

A rapariga ficou a vê-lo a medir, ligar, desligar, remexer e calcular. Uma pequena orquestra de equipamentos ecoava à volta do seu maestro, suspirando, assobiando, tiquetaqueando, tremeluzindo. A rapariga teve vontade de rir, de chorar, de gritar... mas conteve-se, com medo de o interromper no que quer que fosse que ele estava a fazer.

Quando o homem veio ter com ela, o conflito íntimo já não a avassalava, impunha-se antes como se fossem duas tensões antagónicas e constantes; o resultado era um êxtase terrível, e a única coisa que conseguiu fazer ao ver o instrumento nas mãos dele foi arregalar os olhos. Até se esquecera de respirar.

— Sim, é uma agulha — disse ele, como se achasse piada à coisa. — Uma agulha fina, comprida e afiada. Não me digas que és uma dessas pessoas que têm pavor das agulhas! — puxou pelo longo cabo negro que saía da caixa preta montada em redor da seringa, procurando diminuir-lhe a tensão, e sentou-se em cima do banquinho. — Queres que te dê qualquer coisa para os nervos?

Ela até tinha medo de falar; a membrana que ainda continha o seu eu racional estava cada vez mais fina e esticada

— É melhor não te dar nada, já que esta preparação farmacêutica já é suficientemente complexa — disse ele. — Mas se achas que precisas...

A rapariga conseguiu abanar a cabeça, sentindo uma vez mais a estranha onda de aprovação a inundá-la. Tinha milhares de perguntas para lhe fazer, tencionava fazê-las, precisava de as fazer: O que é que estava dentro da seringa? Quantos tratamentos iriam ser precisos? Como é que seriam? Quanto tempo teria de ficar ali? E, acima de tudo... Oh!, conseguiria salvar-se?

O homem só se mostrou sensível a uma dessas perguntas mudas:

— A substância baseia-se essencialmente num isótopo do potássio. Se quisesse explicar-te tudo o que sei sobre ela, e como é que a descobri, então

demoraríamos ... bom, muito mais tempo além daquele que temos. Enfim, posso dar-te uma ideia genérica: teoricamente, qualquer átomo está, electricamente, em equilíbrio (não interessam as excepções conhecidas). Do mesmo modo, todas as cargas eléctricas dentro duma molécula são supostas estarem em equilíbrio... umas tantas positivas, outras tantas negativas, total igual a zero. Acontece que consegui descobrir que o equilíbrio numa célula enlouquecida não é igual a zero. É como se houvesse um temporal microscópico ao nível molecular, com minúsculos relâmpagos a saltarem dum lado para o outro ,o que tem como consequência a mudança do sinal. Aquilo que vês na minha mão — apontou então para a seringa meio escondida no escudo negro — não passa dum dispositivo destinado a provocar interferências nas comunicações... aquilo a que se costuma chamar estática. Quando uma coisa qualquer interfere com as comunicações — em especial com o mecanismo do ARN ([6]), o qual está sempre a dizer: «Segue este plano, constrói de acordo com ele e pára quando estiver tudo pronto» —, quando esta mensagem não é recebida em condições, então começar a ser construídas coisas ao contrário, coisas desequilibradas, coisas que mesmo assim fazem mais ou menos aquilo que devem fazer: são as células malucas, e as mensagens que estas transmitem são ainda piores que a primeira.

«Ora bem: não vale a pena perdermos tempo com o facto de esses temporais poderem ser causados por vírus, produtos químicos, radiações, traumas físicos ou mesmo pela ansiedade — não acho a ansiedade capaz de uma coisas dessas —, isso é secundário. O mais importante é tratar de tudo de modo a que o temporal não se possa formar. Se conseguirmos isso, as células têm, por si próprias, capacidade suficiente para se repararem e substituírem aquilo que saiu mal. Por outro lado, os sistemas biológicos não são como as bolas de pinguepongue com cargas estáticas, à espera que a carga se dissipe ou passe para um fio ligado à terra. Nada disso, possuem até uma espécie de elasticidade — eu prefiro chamar-lhe capacidade de perdoar — que lhes permite aceitarem uma carga ligeiramente superior ou inferior à normal, continuando a funcionar como deve de ser. Estás a perceber? Pois bem: digamos que um certo grupo de células enlouquece e adquire uma mão-cheia de unidades positivas a mais. As células à sua volta são afectadas, mas o mesmo já não sucede com as situadas na camada seguinte ou nas outras mais distantes.

«Se conseguirmos abrir estas últimas para a carga extra, ou se as pudermos ajudar a descarregar as outras, então todas elas *curarão* as células enlouquecidas, percebes? Além disso serão capazes de partilhar essa tal carga extra, ou passá-la para um número cada vez maior de células sãs, unindo-se assim todas na dissipação da carga. Por outras palavras, se eu conseguir inundar o teu corpo com um meio capaz de dissipar e distribuir a concentração dessa carga desequilibrada, os processos corporais vulgares poderão actuar e libertar o corpo de todas as células danificadas. É isso o que eu tenho aqui na mão.

Segurou a seringa entre os joelhos e tirou de um dos bolsos da bata uma caixinha de plástico; abriu-a e tirou um pedaço de algodão embebido em álcool. Sempre a conversar em tom bem-disposto, pegou no braço, dormente de terror, da rapariga e esfregou delicadamente o lado de dentro do cotovelo.

— Não vou ao ponto de afirmar que as cargas nucleares no interior do átomo são a mesma coisa que a electricidade estática, nada disso. Jogam em

[6] ARN — sigla de *ácido ribonucleico,* substância existente em todas as células vivas e que regula a associação dos aminoácidos em proteínas. *(N. do T.)*

divisões muito diferentes. No entanto, para os nossos fins, a analogia tem a sua razão de ser. Se preferires, posso explicar tudo com uma outra analogia: posso relacionar a carga das células loucas com a acumulação de gorduras, caso em que esta agulha passa a ser uma espécie de detersivo, o qual vai dissolvê-las e espalhá-las até não poderem ser detectadas. Cá por mim gosto mais da analogia estática por causa de um efeito secundário deveras estranho... os organismos injectados com este produto adquirem uma carga estática diabólica, É um efeito secundário, um subproduto e, por razões que ainda não conheço a não ser ao nível teórico, e mesmo assim mal, o fenómeno parece estar associado ao espectro auditivo. Sabes como é, os diapasões e coisas do género... era isso que eu estava a observar quando tu apareceste no pomar. Enchi aquela pereira e está com este produto, pois aqui há uns tempos detectei-lhe um módulo com células loucas. Já desapareceu, claro.

Aplicou-lhe então o truque do sorriso-surpresa e, enquanto o deixava esvair-se, levantou a seringa ao alto e obrigou-a a soltar umas gotas do líquido. Apertando com a outra mão o bíceps esquerdo da rapariga, enterrou-lhe lentamente a agulha na pele. A agulha mergulhou então num ápice, descobrindo imediatamente o caminho até à veia grossa, tão depressa que a rapariga engoliu em seco — não porque lhe tivesse doído, antes pelo contrário, fê-lo porque mal sentira a picada. Atento ao que fazia, o homem não tirou os olhos da seringa que saía da caixa negra enquanto puxava o êmbolo uns milímetros para trás, de forma a provocar a sucção de algumas gotas de sangue que se misturaram imediatamente com o líquido incolor; só depois é que começou a empurrar firmemente o êmbolo.

— Não te mexas, por favor... vais desculpar-me, mas isto ainda demora um bocadinho — explicou. — Tenho de te injectar uma boa dose do produto. Vais ver que até gostas — continuou, voltando ao tom professoral que usara ao explicar o relacionamento com o espectro auditivo. — Com ou sem efeitos secundários, o resultado é consistente. Os sistemas biológicos saudáveis desenvolvem um forte campo electrostático, enquanto os doentes só formam um muito fraco ou não chegam a desenvolver mesmo nenhum. Com um instrumento tão simples e primitivo como o electroscópio pode-se descobrir se qualquer parte do organismo possui ou não uma comunidade de células selvagens e, no caso de a ter, até consegue dizer-nos o tamanho e a gravidade do caso.

Num gesto rápido e firme, mudou a seringa hipodérmica de uma mão para a outra, sem interromper minimamente a velocidade a que o líquido ia sendo injectado. A picada começava a tornar-se desconfortável, a ligeira dor que surgira parecia querer alastrar pelo resto do braço.

— Se estranhaste o facto deste mosquito estar meio escondido dentro de uma caixa — continuou o homem —, ainda por cima com um fio eléctrico a sair da outra ponta (mas aposto que ainda não pensaste nisso, e sabes tão bem como eu que esta minha conversa toda só serve para te manter a mente ocupada!), então deixa-me explicar-te porque é que é assim. Aqui dentro está simplesmente um enrolamento percorrido por uma corrente alterna de alta frequência. O campo alterno serve para neutralizar electrostaticamente e magneticamente o fluido desde o primeiro momento da injecção — sem avisar, tirou a agulha num gesto rápido mas suave, e dobrou-lhe o braço pelo cotovelo sem se esquecer de colocar um pedaço de algodão com álcool no sítio onde ficara a picada.

— Nunca ninguém me falou assim, antes ou depois de um tratamento — comentou a rapariga.

— Como?

— Não cobro nada... — disse ela, sentindo-se de novo banhada pela mesma onda de aprovação, desta feita acompanhada por palavras:

— Gosto do teu estilo.

— Como é que te sentes? Ela hesitou, à procura das palavras adequadas.

— Como se fosse uma pessoa a sonhar que é histérica, e a suplicar que não a acordem.

Ele riu-se.

— Daqui a pouco vais sentir-te tão estranha que nem terás tempo para pensar na histeria.

Levantou-se e foi pousar a seringa na bancada, enrolando o cabo no braço esquerdo, à medida que avançava. Desligou o campo da corrente alterna e voltou para junto da rapariga, trazendo nas mãos uma enorme malga de vidro e um quadrado de contraplacado. Agachando-se, pousou a taça no chão, assentando-a pela borda, e colocou-lhe o contraplacado em cima da base largueirona.

— Lembro-me de uma coisa parecida com essa — disse a rapariga. — Foi quando andei no... no liceu. Estavam a gerar um raio artificial com uma... como é que se chamava? Bom, a coisa tinha uma correia sem fim a girar entre duas rodas, e muitos fios ligados a uma bola de cobre colocada em cima de tudo.

— Um gerador Van de Graaf.

— Isso mesmo! Fizeram uma data de coisas com a máquina, mas aquilo de que me lembro com mais nitidez foi de me porem em cima de um toro de madeira assente numa taça de vidro como essa aí, para depois me ligarem ao gerador... não senti nada de nada, mas fiquei com os cabelos todos em pé. Riram-se todos de mim, pois acho que fiquei parecida com um ouriço-cacheiro: No fim disseram-me que tinha tido quarenta mil volts dentro do corpo!

— Óptimo! Ainda bem que te lembras disso. Agora vai ser um poucochinho diferente, a carga terá mais ou menos uns oitenta mil volts.

— Oh!

— Não precisas de ficar preocupada; desde que estejas isolada, e desde que os objectos ligados à terra — como eu, por exemplo — se mantenham bem afastados de ti, não assistiremos a nenhum fogo-de-artifício.

— Mas vai servir-se de um gerador como o do liceu?

— Não vou servir-me, diz antes que já me servi. O gerador és tu.

— Sou eu que... oh! — exclamou ela, levantando o braço que até aí mantivera apoiado no braço estofado do cadeirão: surgiu imediatamente uma chuva de minúsculas faíscas, e o ar à volta dela ficou a cheirar a ozono.

— Ai és, és... e mais depressa do que eu pensava, além de mais potente. Levanta-te, depressa!

A rapariga ergue-se num gesto lento, mas terminou a manobra com impressionante rapidez. O corpo, ao afastar-se do cadeirão, ficou por breves

instantes envolvido por uma auréola de fios azuis esbranquiçados, dando a impressão de que a rapariga estava sentada numa almofada de estática. A carga afastou-a uns bons palmos para cima e para fora do assento, pondo-a em pé. Completamente chocada, a rapariga quase que desmaiava.

— Aguenta-te em pé! — gritou-lhe o homem.

Ela recompôs-se, arquejante, e ele recuou um passo.

— Sobe para a tábua. Depressa!

Ela fez como lhe mandavam, deixando duas peças de fogo líquido no chão antes de subir para o contraplacado. Subiu e lá ficou, a tremer. Os cabelos começaram a ondular.

— O que é que me está a acontecer? — gritou, desesperada.

— Estás a gerar a carga — explicou-lhe ele em tom jovial.

— O que é que me está a acontecer? — repetiu ela.

— Não tem mal nenhum — disse ele, procurando consolá-la. Voltando-lhe as costas, foi à bancada para ligar um gerador de frequências áudio; o aparelho gemeu baixinho, emitindo na banda dos cem aos trezentos ciclos. O homem aumentou o volume e regulou o comando da frequência: o ruído subiu de tom, quase se transformando num uivo, e ao mesmo tempo os cabelos dourados da rapariga estremeceram e puseram-se em pé, cada cabelo a tentar freneticamente afastar-se o mais possível de todos os outros. O homem levou o som a ultrapassar os dez mil ciclos e de seguida atenuou-o até uns inaudíveis onze, frequência esta que fazia estremecer as entranhas, e repetiu várias vezes este sobe-e-desce; os cabelos da moça dançavam de acordo com os extremos de tom, mas por volta dos onze mil ficaram esticados como agulhas, dando-lhe o ar (nas palavras dela] de um ouriço-cacheiro.

Passado um bocado, o homem baixou o gancho até um nível mais ou menos suportável e pegou no electroscópio. Sorridente, aproximou-se da rapariga.

— Agora *és* um electroscópio, sabias? E também um gerador de Van de Graff, para além de te pareceres mesmo com um ouriço-cacheiro.

— Deixe-me descer — foi tudo o que ela conseguiu responder.

— Ainda não. Aguenta-te mais um bocadinho, se fazes favor. O diferencial entre o teu corpo e tudo o que está nesta sala é tal elevado que se te aproximas de qualquer coisa descarregas para cima dela. Não te faria mal nenhum, já que não estamos a falar de corrente eléctrica, mas podias queimar-te e ficar com um ataque de nervos.

Calou-se para estender o electroscópio na direcção dela; mesmo à distância a que estava, a rapariga, por muito abalada que estivesse, conseguiu ver as folhas de ouro a afastarem-se num ângulo pronunciado. O homem começou a andar à volta dela, observando atentamente os movimentos das folhas, umas vezes aproximando e afastando o instrumento, outras deslocando-o para cima e para baixo. Em dada altura afastou-se para ir baixar o som do gerador de audiofrequências.

— Estás a emitir um campo tão forte que não sou capaz de detectar as variações — explicou, voltando para junto ela, desta vez mais perto.

— Não consigo aguentar muito mais tempo... não sou capaz! — murmurou ela, mas ele pareceu não a ouvir, ou então não lhe prestou atenção, aproximando o electroscópio do abdómen dela para de seguida o deslocar para junto das omoplatas.

— Ah, aqui está ele! — exclamou em tom satisfeito, aproximando o instrumento do seio direito.

— O quê? — gemeu ela.

— O teu cancro. Na mama direita, em baixo, estendendo-se até ao sovaco — parou para assobiar de espanto. — E maligno, ainda por cima! Maligno como o demónio!

A rapariga estremeceu e caiu redonda. Um negrume agoniativo abateu-se-lhe sobre a cabeça, para retroceder numa explosão branco-azulada, e depois foi como se uma montanha inteira lhe tivesse caído em cima.

O sítio onde as paredes se unem ao tecto. Mais uma parede, um outro tecto. Não estava ali antes. Não interessa. Tanto se me dá.

Dormir...

O sítio onde as paredes se unem ao tecto. Qualquer coisa a tapar-me a visão. O rosto dele, perto, fechado, cansado, olhos abertos e penetrantes. Não interessa. Tanto se me dá.

Dormir...

O sítio onde as paredes se unem ao tecto. Um pouco abaixo, a luz do Sol quase a pôr-se. Um pouco acima, crisântemos de um dourado enferrujado enfiados numa cornucópia de vidro. Qualquer coisa à frente deles: o rosto dele.

— Consegues ouvir-me?

Sim, mas não vou responder. Não te mexas. Não fales. Dormir...

Um quarto, uma parede, uma mesa, um homem a andar para cá e para lá. Uma janela escurecida pela noite e flores que até parecem vivas. Não sabes que foram cortadas e estão a morrer? E elas será que sabem disso?

Como é que te sentes? Ansiedade, ansiedade.

Com sede.

Frio. Uma mordedura que dói e alastra pelos maxilares. Sumo de toranja. Encostada ao braço dele enquanto ele me segura o copo, oh, não, isso não é...

— Obrigado. Muito obrig...

Tenta sentar-te! O lençol... *as minhas roupas!*

— Desculpa, mas teve de ser — respondeu ele, como se lhe lesse a mente. — Foi preciso fazer certas coisas que não são nada consistentes, com meias-calça e mini-saias. Tens tudo lavado e passado a ferro, assim que precisares... ali, em cima da cadeira.

A camisola de lã, as meias e a saia, em cima da cadeira. Ele mostra-se respeitoso, recua, pousa o copo junto a uma garrafa-termo na mesinha de cabeceira.

— Mas que coisa?...

— Vómitos... a arrastadeira. Coisas do género — respondeu ele com ar cândido.

Protege-te com o lençol, que pode esconder o corpo mas não o embaraço.

— Oh... lamento muito. Devo ter...

Sacudo a cabeça, e ele sai-me do campo de visão, regressando pouco depois.

— Entraste em estado de choque, e depois não querias sair dele... — disse o homem, hesitando. Era a primeira vez que ela o via hesitar a propósito de qualquer coisa, o que quase a levou a ler-lhe os pensamentos: *Devo dizer-the aquilo que penso?* É claro que vai dizer-me.

Ele assim fez:

— Acho que *não* querias sair dele.

— Não me lembro de nada.

— A pereira, o electroscópio, a injecção, a resposta electrostática...

— Não! — exclamou ela, lembrando-se repentinamente de tudo: — *Não!*

— Aguenta aí! — gritou ele, sentando-se na cama, para lhe agarrar as faces com ambas as mãos. — Não fujas outra vez. Sei que és capaz de aguentar. És capaz de aguentar porque agora está tudo bem, percebes? Estás curada!

— Você disse-me que eu tinha um cancro — retorquiu ela em tom acusador, mas ele riu-se. *Está a rir-se de mim, o fulano!*

— Não, tu é que me disseste que tinhas um...

— Mas eu *não* sabia!

— Ah, então isso explica tudo — respondeu ele, como quem se livra de um enorme peso na consciência. — Nada daquilo que eu te fiz podia provocar uma fuga à realidade durante três dias seguidos... tinha de ser qualquer coisa relacionada com o teu íntimo.

— Três dias!

Ele limitou-se a confirmar com um aceno de cabeça, continuando com a sua linha de raciocínio:

— Sei que de quando em quando sou um pouco pomposo... acontece normalmente a quem tem razão na maior parte das vezes. Tomo como certas muitas mais coisas do que devia tomar, não achas? Por exemplo, quando acreditei que tinhas consultado um médico, ou quando pensei que talvez tivesses feito uma biópsia. Não fizeste nada disso, pois não?

— Tinha muito medo — admitiu ela, fitando-o nos olhos. — A minha mãe morreu de cancro, uma tia minha também, e a minha irmã teve de fazer uma mastectomia radical. Não fui capaz de suportar tudo isso, e quando o senhor...

— E, quando eu te disse aquilo que já sabias mas que nunca quiseste ouvir, não foste capaz de aguentar. Desmaiaste nesse preciso momento, sabias? Desmaiaste e recusaste-te a acordar, e isso nada teve a ver com os setenta mil volts de estática que tinhas dentro do corpo. Terias caído redonda no chão se eu não te agarrasse.

O homem estendeu ambos os braços, levando-a a encolher-se instintivamente, mas ele deixou-os ficar como estavam, bem à vista, até que ela olhou para baixo e viu as marcas vermelhas das queimaduras, dos pulsos até aos bíceps, podendo muito bem haver mais por baixo das mangas enroladas da camisa.

— A descarga foi tão grande que por pouco não me deitava abaixo — disse ele. — Mas pelo menos não partiste a cabeça...

— Obrigado — disse ela em tom pensativo, começando a chorar. — E agora, o que é que posso fazer?

— Fazer? Podes voltar para casa, se é que tens uma casa onde viver. Continua com a tua vida, seja lá ela qual for.

— Mas você disse-me...

— Quando é que metes nessa cabecinha que aquilo que eu fiz não foi um diagnóstico?

— Mas então... o senhor... quer dizer que o curou?

— Não, quero dizer é que *és tu* quem o está a curar. Expliquei-te tudo antes do tratamento... ainda não te lembras de nada?

— É tudo muito confuso, mas... sim, lembro-me.

Sub-repticiamente (mas não o suficiente, porque ele viu-a), enfiou a mão debaixo do lençol e apalpou o caroço.

— Ainda o sinto.

— Se eu te desse uma mocada na cabeça — contrapôs ele com exagerada simplicidade —, ficavas com um galo durante vários dias, cada dia mais pequenino... e ao fim de uma semana ainda eras capaz de o sentir, se bem que ele já lá não estivesse. Passa-se o mesmo com o teu nódulo.

Por fim, a rapariga deixou que a enormidade da coisa a invadisse.

— Uma cura instantânea para o cancro...

— Oh, meu Deus! — excamou ele em tom seco. — Posso ver pelos teus olhos que vou ter de ouvir uma vez mais o mesmo discurso execrável. Pois bem, recuso-me a ouvi-lo.

— Mas que discurso? — perguntou ela, espantada.

— O que fala do meu dever para com a Humanidade. Surge sempre em duas fases, mas pode revestir-se de várias texturas. A primeira fase tem a ver com o meu dever para com a Humanidade e deixa implícita a fortuna que posso ganhar com o meu tratamento, enquanto a fase dois lida unicamente com o meu dever para com a Humanidade. É curioso como a ouço tão poucas vezes; enfim, esta segunda fase ignora por completo a relutância que a Humanidade tem em aceitar as coisas boas, a não ser que provenham de fontes aceites e respeitadas.

A fase um está perfeitamente consciente deste aspecto, mas reveste-se de uma certa esperteza saloia ao tentar inventar formas de o contornar.

— Eu não... — começou a rapariga, calando-se sem saber o que dizer.

— As texturas — continuou ele, ignorando a interrupção — surgem acompanhadas pela luz da revelação, com ou sem aspectos religiosos e/ou místicos; ou então grudam-se firmemente aos moldes da ética e da filosofia, procurando forçar-me à rendição através de um complexo de culpa misturado, até certo ponto, com a compaixão.

— Mas eu só...

— Tu — acusou ele, apontando-a com o dedo indicador em riste — espoliaste-te a ti própria do melhor exemplo de tudo o que acabei de dizer. Se os meus pressupostos estivessem certos, se tivesses ido consultar o serra-ossos da tua cidade, e se este tivesse diagnosticado um cancro, remetendo-te para um especialista, e se este te enviasse a um colega para confirmar a primeira opinião, e se devido ao pânico tu tivesses caído nas minhas mãos para aqui seres curada, voltando para os teus vários médicos a contar-lhes o milagre, sabes o que é que terias conseguido deles? «Remissão espontânea», é o que terias ouvido de todas as bocas. E não só das bocas dos médicos! — continuou ele com renovada paixão, fazendo com que a rapariga se encolhesse ainda mais debaixo do lençol. — Não há ninguém que não tenha o seu anúncio favorito. O teu nutricionista teria acenado sabiamente a cabeça perante o seu germe de trigo ou os seus bolos do arroz macrobiótico, o teu padre teria caído de joelhos com os olhos postos no céu, o teu geneticista teria inventado imediatamente uma teoria qualquer sobre o salto de gerações, assegurando-te que os teus avós devem ter tido remissões espontâneas, sem que tu o soubesses...

— Por favor! — gritou ela, mas ele continuou em altos berros:

— Sabes o que é que eu sou? Sou engenheiro, sou formado em Engenharia Mecânica e Electrotécnica, e ainda tenho o bacharelato de Direito. Se fosses suficientemente louca para revelares a alguém o que é que aconteceu aqui (espero bem que não, mas se o fores sei bem como me proteger), podiam prender-me por prática ilegal de Medicina, ou podiam condenar-me por agressão, já que te enfiei uma agulha no corpo... ou podiam mesmo sentenciar-me por rapto se conseguisses provar que te arrastei à força para dentro do laboratório. Ninguém ligaria ao facto de teres saído daqui com o cancro curado. Não sabes quem eu sou, pois não?

— Não, nem sequer sei o seu nome.

— E eu não to direi. Também não sei como te chamas...

— Oh, chamo-me...

— Não digas nada! Não digas nada! Não quero ouvir o teu nome! Quis ver o que se passava com o teu caroço, e consegui-o. Quero que te vás embora assim que tiveres forças para andar. Fiz-me entender?

— Nesse caso deixe-me vestir — respondeu ela, zangada. — Vou-me embora imediatamente!

— Sem fazeres nenhum discurso?

— Sem o mínimo discurso. — A fúria transformou-se instantaneamente em pesar, levando-a a acrescentar: — Estive quase para lhe dizer que lhe estou muito agradecida. Acha que isso era um discurso?

A fúria dele também se dissipou, pois aproximou-se da cama e sentou-se de lado, na beira do colchão, ficando com a cara ao nível da dela.

— Não, não era discurso nenhum — disse-lhe em tom simpático. — Se bem que... só te sentirás verdadeiramente agradecida daqui a uns dez dias, quando te comunicarem a tua «remissão espontânea», ou talvez daqui a seis meses ou um ano, quem sabe se dois ou cinco, quando os relatórios médicos confirmarem as análises negativas.

A rapariga conseguiu detectar-lhe uma tal amargura por detrás destas palavras que deu consigo a estender a mão para a dele, apoiada na beira da cama, para se equilibrar. Ele não fugiu com a dele, mas não pareceu receber a dela com alegria.

— Porque é que não posso demonstrar o meu agradecimento neste momento?

— Porque seria um acto de fé — respondeu ele em tom amargo. — E isso é coisa que já não acontece... se é que alguma vez aconteceu.

Levantou-se e dirigiu-se à porta.

— Não te vás embora esta noite, por favor — disse-lhe antes de a abrir. — Está escuro lá fora e tu não conheces o caminho. Até amanhã.

Quando regressou ao quarto, na manhã seguinte, a porta estava aberta. A cama fora feita e os lençóis estavam meticulosamente dobrados em cima da cadeira, bem como as toalhas de que a rapariga se servira. Dela, nem sinal.

O homem entrou no átrio principal e pôs-se a contemplar o bonsai.

O sol matinal banhava de tons dourados mas frios a folhagem mais alta, realçando-lhes as ramagens contorcidas, marcadas a intervalos estreitos por fendas cinzentas-acastanhadas, entre manchas claras e aveludadas. Só o companheiro de um bonsai (há donos de bonsais, mas esses são uma raça de somenos importância) compreende por inteiro um tal relacionamento. A árvore tem um carácter exclusivo e individualista porque é um ser vivo, e todas as coisas vivas mudam, e há caminhos bem definidos ao longo dos quais a árvore deseja mudar. Um homem, quando vê uma árvore, cria na sua mente certas extensões e extrapolações daquilo que os olhos vêem, e como tal faz tudo para que elas aconteçam. Por seu lado, a árvore só poderá fazer aquilo que as árvores sabem fazer: resistirá até à morte a qualquer tentativa para a obrigarem a fazer aquilo que ela não pode fazer, ou a fazê-lo em menos tempo do que o necessário. Como tal, a moldagem de um bonsai é sempre um compromisso e uma cooperação. Um homem não pode criar bonsais, assim como uma árvore também não é capaz de semelhante feito; são precisos os dois, e cada qual deve aprender a compreender o outro. É preciso memorizarmos o nosso bonsai, cada um dos seus ramos, os ângulos de todas as fendas e agulhas. À noite, se acordados, ou numas férias a milhares de quilómetros de distância, é forçoso que nos consigamos recordar desta linha ou daquele nó, caso queiramos traçar os nossos planos. Só com arames, água e luz, muita luz, com dobragens e com a introdução de plantas sedentas de água ou dotadas de raízes profundas e grossas é que conseguiremos explicar à árvore aquilo que pretendemos; se a explicação for bem feita, e se a

compreensão mútua for uma realidade, então a árvore responderá e obedecerá — ou quase. Manterá sempre uma boa parte do seu amor-próprio, caracterizado por variações marcadamente individualistas: *Muito bem, farei como queres, mas fá-lo-ei* à *minha maneira.* No que diz respeito a estas variações, a árvore dar-nos-á sempre explicações claras e lógicas, e frequentemente (quase que a sorrir) tornará bem claro ao homem que este não teria precisado de perguntar, caso a sua compreensão fosse perfeita.

Trata-se da mais lenta escultura do mundo, e em determinadas ocasiões pode mesmo levantar-se a dúvida sobre quem estará a ser esculpido, o homem ou a árvore.

Foi por isso que o homem ficou a contemplar a árvore talvez durante uns dez minutos, observando o ouro a fluir sobre as ramagens do topo; dirigiu-se então a uma arca de madeira trabalhada, abriu-a, tirou um rolo de pano de algodão, abriu uma porta de vidro numa das faces do átrio e cobriu com o pano o chão e as raízes a um dos lados do tronco, deixando o resto exposto ao ar e à água. Dali a pouco tempo — um mês ou dois, talvez — um certo raminho da bifurcação mais alta era capaz de acusar a sugestão, e o desigual fluxo de humidade a subir a camada de permuta levá-lo-ia a alterar o seu crescimento na vertical, persuadindo-o a estender-se na horizontal. Ou talvez não, caso em que precisaria de uma linguagem mais dura, a linguagem do arame e das cordas. Se isso viesse a acontecer era muito possível que a árvore também tivesse algo a dizer, por exemplo acerca da justeza de um crescimento na vertical; o mais provável era dizê-lo de tal forma que conseguiria persuadir o homem; enfim, um diálogo paciente, cheio de significado e altamente gratificante.

— Bom dia.

— Cos diabos! — ladrou ele. — Fizeste-me morder a língua! Julguei que te tinhas ido embora.

— E fui — respondeu a rapariga, ajoelhada nas sombras, com as costas encostadas à parede interior mas virada para o átrio. — Só que quis parar aqui para estar um bocadinho com a árvore.

— E depois?

— Pus-me a pensar.

— Sobre quê?

— Sobre o senhor.

— Ai sim?

— Olhe — disse ela com firmeza —, não vou ver nenhum médico para confirmar esta coisa. Não me quis ir embora sem lhe dizer isto, e até ter a certeza de que o senhor acredita em mim.

— Bom, então anda daí, vamos comer qualquer coisa. A rapariga riu-se baixinho, atrapalhada.

— Não posso. Tenho os pés dormentes.

Sem hesitar, o homem pegou-a ao colo e contornou o átrio. Com o braço sobre os ombros dele, os rostos quase encostados, ela perguntou-lhe:

— Acredita em mim?

Ele seguiu em frente até chegarem junto da arca de madeira. Só então parou para a fitar nos olhos.

— Acredito. Não sei porque é que tomaste essa decisão, mas acredito em ti.

Sentou-se na arca e recuou um passo.

— É o acto de fé de que falou ontem — disse ela, muito séria. — Achei por bem mostrar-lhe um pelo menos uma vez na sua vida, para que não volte a dizer coisas como as que disse ontem à noite.

Calou-se para bater ao de leve com os dedos dos pés no chão de pedra.

— Ai! —exclamou, com um sorriso dorido. — Parece que tenho agulhas dentro dos pés!

— Deves ter estado a pensar durante muito tempo...

— Pois estive. Quer ouvir mais?

— Claro.

— O senhor é um homem zangado com a vida, um homem assustado.

Ele pareceu ficar deliciado.

— Anda, conta-me mais coisas!

— Não — respondeu calmamente a rapariga. — Você é que me pode contar muita coisa. Estou a falar a sério. Porque é que vive sempre zangado?

— Mas eu não sou assim!

— Porque é que vive zangado com a vida?

— Já te disse que não vivo! No entanto... — acrescentou com ar bonacheirão —, estás a empurrar-me nessa direcção.

— E porquê?

Ele ficou a olhar para ela, embasbacado, sem saber o que responder.

— Queres mesmo saber, não queres?

Ela confirmou com um aceno de cabeça, e ele acenou subitamente com uma mão, para cima e para fora.

— De onde é que julgas que veio isto tudo... a casa, as terras, o equipamento?

Ela ficou à espera.

— De um sistema de escape — continuou ele, engrossando a voz de uma maneira que ela já começava a conhecer. — Uma forma de guiar os gases de escape dos motores de combustão interna de tal modo que lhes era conferido um movimento rotativo. As paredes do silenciador do tubo de escape eram revestidas a lã do vidro para aí se embeberem as partículas sólidas não queimadas, e a lã podia ser retirada numa só peça para ser substituída por outra limpa, de dez em dez mil quilómetros. O resto dos gases de escape eram queimados pelas velas, e assim tudo o que podia arder, ardia. O calor servia para pré-aquecer o combustível, e o que acabava por sair pelo tubo de escape era, pelos actuais padrões, mais que limpo; além disso, e devido ao pré-aquecimento, os motores consumiam muito menos combustível.

— Foi assim que ganhou montes de dinheiro.

— Sim, ganhei montes do dinheiro — repetiu ele. — Mas não porque o dispositivo esteja a ser usado para reduzir a poluição. Ganhei dinheiro porque uma marca de automóveis comprou a patente e enterrou-a numa caixa-forte. Não gostaram dela porque a sua instalação aumentava os custos de produção, e os amigos das refinarias também não a apreciaram porque dava um maior rendimento aos motores. Enfim, o que está feito está feito... nessa altura ainda não tinha aprendido, mas agora não voltarei a cometer o mesmo erro. Tens toda a razão... eu vivo zangado com a vida. Já vivia zangado quando era mais novo, quando fui grumete num navio-tanque e me mandavam dia sim dia não lavar as anteparas com sabão azul e lambazes de lona. Um dia fui a terra e comprei um detergente; experimentei-o e a coisa resultou. Era mais rápida e mais barata, de modo que fui mostrar ao mestre como se fazia. Levei um murro na boca por pretender saber mais do que ele... bom, é certo que o homem estava bêbado, mas o pior de tudo foi quando os mais antigos da tripulação ouviram falar do sucedido e me chegaram a roupa ao pêlo por ser um «homem da companhia» — o pior que se pode dizer de um tripulante a bordo de um navio. Nunca percebi porque é que as pessoas rejeitam tudo o que é melhor e mais fácil.

«Lutei contra isso durante toda a minha vida. Não sei porquê, mas há qualquer coisa dentro de mim que não me deixa desistir. Estou sempre a perguntar coisas: Porque é que isto é assim e não de outra maneira? Qualquer situação implica necessariamente novas perguntas, e o essencial é não desistirmos quando conseguimos as respostas, pois estas trazem consigo novas perguntas. Acontece é que vivemos num mundo em que as pessoas não gostam de perguntas impertinentes!

«Já estou farto de todas as coisas que as pessoas se recusam a usar, e se sou como sou é por minha culpa, tenho de o admitir. Sou incapaz de calar a questão seguinte, e sempre que a coloco é porque pretendo descobrir a resposta. Tenho uma dúzia de invenções espantosas no laboratório, que nunca ninguém verá, e mais de meia centena a ferver dentro da cabeça.

«O que é que poderemos fazer num mundo em que as pessoas são capazes de se matar umas às outras no meio de um deserto, mesmo que se saiba que o deserto pode ser transformado em terras férteis, num mundo em que se gastam milhões para provocar novas crises do petróleo, quando todos sabem que os combustíveis fósseis nos vão matar a todos? Pois é, vivo zangado com a vida. Achas que poderia ser de outra maneira?»

A rapariga deixou que os ecos da voz dele girassem em redor do átrio até acabarem por sair pela clarabóia, e esperou um poucochinho mais para que ele soubesse que estava ali com ela, e não sozinho com a sua fúria. O homem acabou por sorrir com ar comprometido quando se apercebeu disso mesmo, e só então ela lhe disse:

— Talvez você esteja sempre a fazer novas perguntas em lugar de fazer as perguntas certas. Quanto a mim, as pessoas que passam a vida a papaguear velhos ditados estão é a esforçar-se por não pensar, mas conheço um em que vale a pena meditar. É assim: «Quem fizer a pergunta da maneira certa, recebe sempre a resposta correcta.» — Deteve-se para ver se ele lhe estava a prestar atenção. Estava. — Quero dizer, se você puser a mão sobre um fogão quente, é capaz de perguntar a si próprio: «Como é que posso fazer para não queimar a mão?» A resposta é muito simples, não acha? Se o mundo está sempre a rejeitar aquilo

que você lhe dá, uma das formas de perguntar porquê é capaz de o levar à resposta.

— A resposta é simples — disse ele. — As pessoas são estúpidas.

— Não, a resposta não é essa, e o senhor sabe-o muito bem.

— Então qual é?

— Oh, não lhe sei dizer qual é! A única coisa que sei é que, no que diz respeito às outras pessoas, o modo como o senhor faz as coisas é mais importante do que as coisas em si... isto se quiser obter resultados. Quero dizer... já descobriu o modo de conseguir o que quer da árvore, não é verdade?

— Cos diabos!

— As pessoas também são seres vivos, sabia? Não sei nem uma décima parte daquilo que o senhor sabe sobre os bonsais, mas de uma coisa estou certa: quando se começa com um, o melhor é não escolher uma planta das mais fortes. São as doentes e retorcidas que dão os exemplares mais belos. Não se esqueça disso quando quiser moldar a Humanidade.

— No meio de tanta coisa... olha que não sei se deva rir-me na tua cara se dar-te um murro na boca!

A rapariga levantou-se. Ele nunca se apercebera do quão alta ela era.

— É melhor eu ir-me embora.

— O quê, agora? Tu sabes reconhecer uma figura de retórica quando ouves uma, não sabes?

— Oh, não me senti ameaçada, mas... mesmo assim é melhor que me vá.

Matreiro, o homem perguntou-lhe:

— Porquê, tens medo de fazer a pergunta seguinte?

— Tenho.

— Fá-la na mesma.

— Não!

— Nesse caso faço-a eu por ti. Tu disseste que eu vivia zangado com a vida... e cheio de medo. Sei que queres saber do que é que eu tenho medo.

— Pois quero.

— De ti. Tenho um medo mortal de ti.

— Está a falar a sério?

— Tens um certo jeito para despertar a honestidade — disse ele com uma certa dificuldade. — Já sei em que é que estás a pensar: que eu tenho medo de qualquer relacionamento com outro ser humano. Tenho medo de tudo o que não seja capaz de desmontar com uma chave de parafusos ou de analisar com um espectómetro de massa ou de calcular com uma tabela de co-senos e tangentes.

A voz saía-lhe em tom de desprezo, mas as mãos tremiam-lhe.

— Consegue-se regando só de um lado — disse ela em tom meigo. — Ou rodando um galho para que apanhe mais ou menos sol. Basta tratá-lo como se

fosse um ser vivo, seja ele uma espécie inteira, uma mulher ou um bonsai. Será aquilo que quiser se o deixar ser ele próprio, e se der tempo ao tempo.

— Segundo julgo perceber, tu estás é a fazer-me uma espécie de proposta. Porquê?

— Enquanto estive aqui sentada quase toda a noite — disse ela—, tive uma ideia louca. Já alguma vez pensou se duas árvores doentes e abandonadas poderão unir-se para fazerem um bonsai?

— Como é que te chamas? — perguntou ele.

- - - - - -

1972: 30ª CONVENÇÃO, LOS ANGELES

Poul Anderson

Gostava de lhes falar um pouco do Poul.

Em 1971 publiquei um livro intitulado *Isaac Asimov's Treasury of Humor* (Houghton Mifflin) ([7]). Gostei tanto dele que desde então tenho vindo a planear um segundo volume, este chamado *Isaac Asimov Laughs Again.* Já escrevi uma parte, mas à semelhança de tantos outros livros que planeio, o seu término vê-se permanentemente adiado devido aos meus numerosos compromissos.

Contudo, o Poul sabe que eu ainda estou a trabalhar nele, de modo que está sempre a mandar-me páginas e páginas de anedotas que vai ouvindo aqui e ali — sem qualquer encargo e sem mencionar absolutamente nada a propósito de eu lhe conceder um crédito ilimitado.

Por aqui podem aperceber-se do género de pessoa, que o Poul é.

Naturalmente, não me passa pela cabeça ir contra aquilo que ele pretende. Manda-me as anedotas à borla? *Okay,* não sou eu quem irá estragar este esplêndido gesto oferecendo-me para lhe pagar. Quer que eu lhe dê crédito? Nunca contrariarei uma solicitação tão razoável.

Excepto agora. Uma das anedotas que costumo contar com considerável sucesso foi ele quem ma contou em primeira mão. Aqui vai ela (na minha versão, claro):

«Um inglês, um francês e um russo estão a discutir o significado da verdadeira felicidade.

O inglês diz de sua justiça:

— Meus amigos, permitam-me que vos apresente um exemplo. Imaginem-se montados num cavalo espadaúdo, ao amanhecer de um dia límpido do princípio do Outono; galopam à solta pelos campos, saltando sebes e arbustos, com os cães a ladrar à vossa volta, perseguindo uma raposa. Imaginem que voltam para casa com o rabo do animal pendurado na sela, para se sentarem triunfantes em frente a uma lareira descomunal, com um cálice de uísque velho na mão. É esta a verdadeira felicidade.

— Bah! — exclama o francês. — Isso, meu amigo, e com o devido respeito, não passa de um puro prazer animalesco. Se me permitem que lhes dê um exemplo, então imaginem-se a jantar num restaurante recatado da margem esquerda, onde as melhores iguarias podem ser acompanhadas com um esplêndido champanhe e na companhia de uma mulher de sonho. Depois do jantar, levam a vossa companheira para o vosso apartamento (ou para o dela) e fazem amor durante a noite inteira. Isso é que é a verdadeira felicidade.

O russo desata à gargalhada e diz:

[7] Desconfio que muitos dos leitores já devem estar a achar suspeitas as contínuas referências a livros meus nestas introduções (para não faiar em outras ocasiões), como meio expedito de autopromoção. Se me têm em tão pouca consideração, então permitam-me que me explique: é isso mesmo.

— Ah, meu amigo, isso não é mais do que passar uns bons momentos. Ouçam antes o meu exemplo: imaginem que regressam a casa depois de um árduo dia de trabalho na fábrica do tractores, e acabam do se sentar na vossa cadeira em melhor estado... a que só tem uma perna partida. Têm o vosso filho mais novo, o Mikhail, nos joelhos e o exemplar do *Pravda* aberto à vossa frente. Nesse momento ouvem bater à porta. Vão abrir e deparam-se-lhes três homens de fatos castanhos de péssimo corte, que entram de rompante, fitam-vos com ar acusador e perguntam: «Ivan Mikhailovich Federov?» Vocês respondem: «Não, cavalheiros, esse senhor vive dois andares acima.» *Isso,* meus amigos, é que é a verdadeira felicidade.»

Isaac Asimov

4 - A RAINHA DO AR E DA ESCURIDÃO

O último fulgor do último pôr-de-sol iria durar quase até meio do Inverno. Os dias desapareceriam, mas as terras setentrionais ganharam uma nova vida. Os botões floresceram, os espinhos de fogo brilharam com a sua luz avermelhada, as flores de aço ergueram-se muito azuis nas margens dos riachos, e nas encostas das colinas a planta da chuva alastrou a perder de vista, enquanto a alvura tímida da nunca-me-beijes começou a aparecer no fundo dos vales. Libelinhas ziguezagueavam felizes com as suas asas iridiscentes; um antílope sacudiu os cornos e berrou de prazer ao sentir o calor e o cheiro das flores. Sobre o horizonte, o céu passou da sua habitual cor púrpura para uma tonalidade de areia. Ambas as luas estavam à vista, quase cheias, reflectidas rigidamente no orvalho gelado e derretidas nas águas paradas dos charcos. As sombras que lançavam eram atenuadas pela aurora boreal, uma enorme cortina de luz açoitada pelo vento estendendo-se por metade do céu; por detrás desta, as primeiras estrelas começavam a tremeluzir.

Um rapaz e uma rapariga sentavam-se na Anta de Wolund, abrigados sobre o dolmen aí erigido. Os cabelos dos dois, caídos até meio das costas, ainda estavam mais claros devido ao sol estival; os corpos, ainda morenos dessa estação, confundiam-se com a terra e as rochas, pois ambos vestiam unicamente duas grinaldas de flores silvestres. O rapaz tocava uma flauta de osso, e ela cantava. Tinham-se tornado amantes há muito pouco tempo; as idades deviam rondar os dezasseis anos, mas eles não sabiam disso: consideravam-se Estranhos e como tal indiferentes ao passar do tempo, pouco ou nada se lembrando de que em tempos tinham vivido nas terras dos homens.

As notas da flauta pareciam frias em comparação com a voz da rapariga:

Lança um encantamento,
Agita-o bem
Tece-o com poeira e orvalho,
Mistura-o contigo e com a noite.

Um ribeiro junto ao montículo da sepultura, arrastando o luar até ao rio escondido nas faldas da montanha, respondeu-lhes com o fervilhar dos seus rápidos. Um bando de morcegos do inferno passou por cima dos dois, destacando-se nítidos contra a aurora.

Um vulto surgiu a meio do Cloudmoor. Tinha duas pernas e dois braços, mas as pernas eram compridas e terminadas por garras e o corpo estava coberto do penas até à ponta da cauda e das asas enormes. O rosto era meio humano, dominado por uns olhos grandes e redondos. Se Ayoch conseguisse pôr-se completamente erecto, daria mais ou menos pelos ombros do rapaz.

A rapariga levantou-se.

— Traz uma coisa às costas — disse.

A sua visão não estava preparada para um lusco-fusco como aquele, ao contrário das criaturas nascidas nas terras setentrionais, mas essa aparente desvantagem levara-a a aprender a usar todos os sinais que os seus sentidos conseguiam captar. Para além dos *pooks* conseguirem voar, a criatura aproximava-se com um ar pesadão.

— E vem do Sul! — comentou o rapaz, a voz marcada por uma súbita excitação que irrompeu qual relâmpago verde entre as estrelas da constelação Lyrth. Subiu o montículo a correr. — Eh, Ayoch! — gritou. — Sou eu, o Mistherd!

— E a Sombra-de-um-Sonho — acrescenta a rapariga, rindo-se.

O *pook* parou, a respiração ofegante sobrepondo-se ao restolhar das ervas à sua volta. Um cheiro a folhas destroçadas evolou-se do sítio onde parara.

— Um bom nascer do Inverno para vocês — murmurou a criatura. — Podem ajudar-me a levar esta coisa para Carheddin.

Estendeu-lhes aquilo que trazia consigo, fitando-o com os seus olhos amarelos. A coisa mexeu-se e choramingou.

— Mas é uma criança! — disse Mistherd.

— Como tu já foste, meu filho, como tu já foste. Ho, ho, mas que sorte a minha! — gabou-se Ayoch.— Era um grupo numeroso, lá para os lados de Fallowwood, armados, e além dos engenhos de vigilância tinham cães enormes sempre à coca enquanto os donos dormiam. Aproximei-me pelo ar depois de os ter vigiado o tempo suficiente para saber que uma mão-cheia de poeira de entontecer…

— Pobre miúdo — disse Sombra-de-um-Sonho, pegando no rapazinho para o encostar aos seus seios pequenos. — Estás cheio de sono, não estás, minha coisinha fofa?

Sem abrir os olhos, o miúdo procurou o mamilo com os lábios, levando-a a sorrir por entre os cabelos desgrenhados. — Não, não, ainda sou muito nova, e tu já não tens idade para isso. Anda connosco, quando acordares em Carheddin, debaixo das montanhas, podes comer até te fartares.

— Yo-ah — disse Aqoch em voz baixa. — Ela anda cá fora, já ouviu e já viu. Vem aí.

Ajoelhou e dobrou as asas; momentos depois, Mistherd imitou-o, o mesmo fazendo Sombra-de-um-Sonho, sem contudo largar o miúdo.

A figura alta e esguia da Rainha tapou as duas luas, deixando-se ficar por instantes a contemplar os três e a sua presa. Os ruídos das colinas e do pântano cessaram até ao ponto de se poder dizer que as luzes setentrionais sibilavam por entre o lusco-fusco.

Ayoch fez das tripas coração e murmurou:

— Fez bem, Mãe das Estrelas?

— Se roubaste um bebé de um acampamento cheio de engenhos — respondeu-lhe a voz simpática —, então é porque era gente vinda do Sul longínquo, que poderão não o aceitar com tanta facilidade como os camponeses daqui.

— Mas o que é que eles podem fazer, Senhora da Neve? — perguntou o *pook*. — Como é que podem seguir-nos?

Mistherd levantou a cabeça e falou num tom orgulhoso:

— Além de mais, agora já devem estar cheios de medo de nós.

— E o miúdo é tão engraçado... — disse Sombra-de-um-Sonho. — Precisamos de mais como ele, não é, Senhora do Céu?

— Isto tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde — concordou a figura que pairava sobre os três. — Levem-no convosco e tomem conta dele. Com este sinal, reclamo-o para os Nossos.

Os três ficaram exultantes. Ayoch largou aos pulos até se acercar de uma árvore tremedeira; subiu pelo tronco e sentou-se num ramo, meio escondido pelas folhas irrequietas e pálidas, começando a crocitar. O rapaz e a rapariga pegaram no miúdo e meteram-se a caminho de Carbeddin, caminhando a um ritmo folgado, ele a tocar a flauta e ela a cantar:

Wahaii, wahaii

Wayala, laii!

Asa ao vento

Bem alta nos céus

Solta os teus gritos

Açoitada pelas chuvas

Tropeçando entre tumultos

Vogando para as árvores da geada e por entre

[as sombras debaixo delas,

Acima dos penedos, como as ondas dos lagos

[onde a luz das estrelas se vai afogar.

-

Ao entrar, Barbro Cullen, por entre a dor e a fúria que a dominavam, sentiu-se imediatamente desanimada. A sala estava em desalinho: jornais, bobinas, códices, arquivos a transbordar e papéis avulto empilhavam-se por todo o lado, e os poucos recantos livres mal se viam por debaixo do pó. Encostada a uma parede, uma bancada desconjuntada suportava um laboratório portátil, com microscópio e equipamento de análises. A mulher reconheceu o modelo: apesar de compacto e eficiente, não era coisa que se visse normalmente num escritório. Por causa dele, a atmosfera da sala tinha um leve cheiro a produtos químicos. A alcatifa estava mais que puída, e o mobiliário só com grande esforço se aguentava de pé.

Seria esta a sua última hipótese?

Eric Sherrinford aproximou-se.

— Bom dia, Srª Cullen — cumprimentou. Tinha uma voz agradável, e o aperto de mão era firme. O fato-macaco desbotado não a incomodou; ela própria não se preocupava muito com a sua aparência, excepto em ocasiões especiais (e teria mais alguma, a não ser que recuperasse o seu Jimmy?).

O sorriso radiava para os pés-de-galinha ao lado dos olhos dele.

— Peço-lhe desculpa por esta desarrumação... é o mal de ser solteiro. Em Beowulf temos... ou melhor, tínhamos máquinas para tratar de tudo, por isso nunca me habituei a fazer as coisas manualmente, e por outro lado não quero ter uma mulher-a-dias a remexer as minhas coisas. Dá-me mais jeito trabalhar em casa do que manter um escritório separado. Não se quer sentar?

— Não, obrigada. Não seria capaz... — murmurou a mulher.

— Compreendo. Vai-me desculpar, mas eu cá funciono melhor numa posição descontraída.

Sentou-se de lado num dos sofás, uma perna estendida apoiada no joelho da outra. Sacou do cachimbo e encheu-o com tabaco retirado de uma bolsa. Barbro ficou admirada por o ver fumar com utensílios tão antiquados: não era em Beowulf que havia os equipamentos mais sofisticados, coisas ainda impossíveis de se montarem em Roland? Enfim, os velhos hábitos são capazes de sobreviver a tudo. Era o que normalmente acontecia nas colónias, ou pelo menos fora isso que lera em qualquer lado. As pessoas tinham-se aventurado entre as estrelas para poderem preservar hábitos antigos como aquele, bem como as suas línguas-mãe, os seus governos constitucionais ou até a civilização dita racional-tecnológica...

Sherrinford arrancou-a à confusão em que o cansaço a mergulhara.

— Tem de me dar todos os pormenores do seu caso, Srª Cullen. Até agora só me disse que o seu filho foi raptado e que a Polícia local nada fez quanto a isso. Já estou a par de alguns factos óbvios, sei por exemplo que a senhora é viúva e não divorciada; sei que é filha de colonos da Terra de Olga Ivanova, os quais, apesar de tudo, se mantêm em permanente contacto com o Pouso de Natal; e sei que é especializada em Biologia, tendo exercido a sua profissão durante vários anos em laboratórios, até que recentemente resolveu voltar à actividade de campo.

A mulher fitou preocupada aquele homem de maçãs do rosto salientes, nariz aquilino, cabelos negros e olhos cinzentos e tranquilos. O isqueiro emitiu um leve clique e soltou uma chama que pareceu encher a sala. A calma imperava

naquele andar bem alto sobre a cidade, com o lusco-fusco do Inverno a entrar de mansinho pelos vidros das janelas.

— Mas como é que conseguiu saber isso tudo? — exclamou ela, atónita.

Ele encolheu os ombros e descambou para o ar professoral que o tornara famoso.

— O meu trabalho depende essencialmente da análise dos pormenores e da sua associação lógica. Passados mais de cem anos em Roland, tendendo a juntar-se de acordo com as respectivas origens, hábitos e costumes, as pessoas acabaram por adquirir sotaques regionais. O seu revela vestígios da algaraviada Olgana, mas mesmo assim nasaliza as vogais ao estilo desta zona, apesar de viver em Portolandres; ora isso sugere uma infância tranquila num meio de sotaque metropolitano. Segundo me disse fez parte dá expedição Matsuyama, e levou o seu filho consigo. Nunca permitiriam uma coisa dessas a uma vulgar funcionária, e como tal a senhora deve ser suficientemente importante para o ter conseguido; além disso, a equipa dedicava-se a pesquisas na área da biologia, pelo que a sua especialidade terá de estar ligada às ciências da Natureza. Pelas mesmas razões, deve ter tido uma experiência prévia em trabalho de campo; contudo, a sua pele é demasiado branca, não revelando aquele ar curtido que as pessoas adquirem depois de muitos anos a trabalhar sob céu aberto. Como tal, deve ter trabalhado debaixo de telha durante bastante tempo antes de se ter oferecido para a sua infeliz expedição. Quanto à viuvez... a verdade é que nunca me falou num marido, mas viveu com um homem do qual ainda guarda recordações suficientes para a levarem a não deixar de usar o anel de noivado e o de casamento que ele lhe ofereceu.

A mulher baixou os olhos para esconder as lágrimas que ameaçavam saltar a qualquer momento. As últimas palavras do homem tinham-lhe trazido de volta a imagem de Tirro, alto, poderoso, bem-disposto e meigo. Teve de virar a cara e olhar para fora.

— Sim, tem toda a razão — conseguiu dizer pouco depois.

O apartamento assentava sobre o cume do uma colina sobranceira à cidade do Pouso de Natal. Lá em baixo, a cidade espraiava-se em muralhas, telhados, chaminés arcaicas e ruas iluminadas por candeeiros, no meio das quais fervilhavam os globos luminosos de veículos do pilotagem manual. Mais ao fundo, o porto, a concha da Baía Venture, os navios a caminho ou regressados das Ilhas do Sol e de outras regiões remotas do Oceano Boreal, o qual brilhava como mercúrio sob o fulgor distante da estrela Carlos Magno. Oliver subia cada vez mais alta, com o seu disco alaranjado ocupando um bom grau no céu; quando chegasse perto do zénite, brilharia com a cor do gelo. Alde, com metade do tamanho aparente, era um crescente esguio perto de Sirius, estrela que ela sabia estar perto do Sol — só que este não se conseguia ver sem a ajuda de um telescópio.

— Sim, está quase a fazer quatro anos que o meu marido morreu — disse a mulher, sentindo um aperto na garganta. — Eu estava grávida do nosso primeiro filho quando ele foi morto por um monocerus desembestado. Estávamos casados há três anos, conhecemo-nos na Universidade... a Escola de Centra, como sabe, só proporciona uma educação básica. Fundámos uma equipa para concorrer a contratos de investigação ecológica... sabe como é, para se saber se uma dada área pode ser colonizada sem se desequilibrar a Natureza, quais as

culturas mais adequadas, quais os perigos a enfrentar, esse género de problemas. Bom, depois disso trabalhei no laboratório de uma cooperativa de pesca em Portolondres. Se quer saber, a monotonia, a... o secretismo estavam a dar cabo de mim. O Professor Matsuyama ofereceu-me um lugar na equipa que estava a organizar para o estudo da Terra do Comissário Hauch. Deus me perdoe, mas na altura pensei que o Jimmy... o Tim queria pôr-lhe o nome de James, assim que os testes revelaram tratar-se de um rapaz, o nome vinha do pai dele e também o fazia lembrar o «Timmy e Jimmy»... oh, pensei que não havia mal nenhum em levá-lo comigo. Não me sentia capaz de me separar dele durante vários meses, ainda por cima naquela idade. Não era difícil conseguirmos que ele nunca saísse da área do acampamento, e lá dentro que perigos podia correr? Até aí nunca tinha acreditado nessas histórias de Estranhos a roubarem crianças humanas; supunha que os pais as inventavam para se desculparem do seu descuido, por terem permitido que os filhos se perdessem nos bosques ou fossem atacados por uma matilha de satãs, ou... bom, Sr. Sherrinford, a verdade é que devia ter compreendido que todos os cuidados nunca são de mais. Os *robots* da guarda deixaram-se enganar, os cães foram drogados e, quando acordei, o Jimmy tinha desaparecido.

Ele fitou-a por entre o fumo do cachimbo. Barbro Engdahl Cullen era uma mulher alta na casa dos trinta anos (de Roland, teve de se recordar, cerca de noventa e cinco por cento mais curtos que os terrestres, e diferentes também dos anos de Beowulf), ombros largos, pernas compridas, seios fartos, elegante e ginasticada; o rosto era largo, de nariz direito, olhos firmes cor de avelã, boca pesada mas ágil; o cabelo era castanho-arruivado, encaracolado por debaixo das orelhas, a voz soava rouca, e vestia uma simples indumentária de sair à rua. Para ver se ela parava de contorcer os dedos, perguntou-lhe em tom céptico:

— E agora, já acredita nos Estranhos?

— Não, não estou é tão certa como dantes — respondeu ela, virando-se para o encarar. — Sabia que descobrimos alguns vestígios?

— Pedacinhos de fósseis — confirmou ele. — Uns poucos artefactos do tipo neolítico. Aparentemente antigos, como se os fabricantes tivessem desaparecido há imenso tempo. As pesquisas subsequentes não conseguiram revelar nenhuma prova da sobrevivência desse povo.

— Como é que se pode pesquisar a sério nas zonas selvagens em redor do pólo Norte, varridas por tempestades no Verão e geladas no Inverno? — contrapôs ela. — E ainda por cima quando não ultrapassamos o milhão de pessoas em todo o planeta, metade delas apinhadas numa única cidade?

— E o resto apinhado no único continente habitável — frisou ele.

— A Árctica estende-se por cinco milhões de quilómetros quadrados — retorquiu ela. — A Zona Árctica propriamente dita cobre um quarto dessa extensão. Não temos a capacidade industrial suficiente para colocar em órbita satélites de observação nem para construir aviões capazes de resistirem nessas zonas, e muito menos para construir estradas através das malditas terras escuras a fim de estabelecermos bases permanentes, o que nos permitiria conhecê-los e amansá-los. Cristo, várias gerações de pioneiros solitários contaram histórias e mais histórias sobre a Manta Cinzenta, e só no ano passado é que os cientistas conseguiram ver um desses animais!

— E, apesar de tudo, a senhora continua a duvidar da existência dos Estranhos?

— Bom, o que me diz de um culto secreto concebido por humanos nascidos no isolamento e na ignorância, roubando todas as crianças que podem para... — aqui engoliu em seco, baixando a cabeça. — Mas o perito é o senhor, não será assim?

— Por aquilo que me disse no visifone, a Polícia de Portolondres põe em dúvida a precisão do relatório elaborado pelo seu grupo; pensa que estavam todos histéricos e vai ao ponto de afirmar que a senhora deve ter ignorado as medidas de precaução mais elementares, o que levou o miúdo a perder-se para nunca mais ser visto.

As palavras secas de Sherrinford libertatam-na de todo o terror que sentia. Corando, disse-lhe em tom duro:

— Como se fosse o filho de um colono qualquer? Não, nem pensar. O que eu não fiz foi pôr-me a gritar, preferi consultar o Banco de Dados. Há tão poucos casos do género registados que o acidente não pode ser encarado como uma explicação plausível. Por outro lado, acha que devemos ignorar por completo todas as histórias assustadoras sobre as reaparições? O que aconteceu foi que quando voltei a encontrar-me com a Polícia, para lhes levar os factos, eles não hesitaram em sacudir a água do capote, e quanto a mim isso não aconteceu somente porque se queixam da falta de pessoal. Acho que ficaram cheios de medo. São recrutados entre a rapaziada do campo, e Portolondres fica à beira do desconhecido...

A energia abandonou-a.

— Roland não tem nenhuma força de Polícia central — acrescentou em tom desolado. — O senhor é a minha última esperança.

O homem soprou o fumo do cachimbo para o meio do lusco-fusco, com o qual se misturou, e quando respondeu fê-lo num tom nitidamente mais simpático do que o anterior:

— Por favor, Srª Cullen, peço-lhe que não tenha grandes esperanças. Sou o único investigador privado em todo o planeta, não disponho de quaisquer recursos para além da minha pessoa, e ainda por cima não vivo cá há tanto tempo como isso.

— Há quanto tempo é que vive aqui?

— Doze anos, o que mal chega para ficarmos a conhecer bem as orlas litorais relativamente civilizadas. E vocês, colonos com mais de cem anos de permanência? O que é que vocês sabem sobre o interior da Árctica?

Sherrinford deixou escapar um suspiro.

— Vou aceitar o seu caso, sem lhe cobrar mais do que a minha tarifa normal, e faço-o essencialmente porque se trata de uma experiência nova — disse. — Mas com uma condição: a senhora será a minha guia e ajudante, por muito que isso lhe custe.

— Mas com certeza! Não era capaz de ficar parada à sua espera. Mas porquê eu, já agora?

— Contratar alguém tão qualificado como a senhora seria proibitivo... vivemos num planeta de pioneiros, em que cada par de braços tem mais de mil tarefas urgentes à sua espera. Além do mais, a senhora tem um bom motivo, e isso até me dá jeito. Como nasci num planeta completamente diferente deste, e mais ainda da Mãe Terra, sei perfeitamente quais são as minhas limitações neste ambiente.

A noite caiu sobre Pouso de Natal. A atmosfera manteve-se morna, mas as línguas de nevoeiro brilhante, serpenteando pelas ruas, tinham um aspecto de arrepiar, e, lá no alto, a aurora boreal parecia ainda mais fria a drapejar entre as duas luas. A sala ficou imersa na escuridão, levando a mulher a aproximar-se mais do investigador, que não se apercebeu da proximidade dela até ter acendido o fluoropainel. Ambos sentiam bem dentro de si a solidão do planeta Roland.

Um ano-luz não é lá grande coisa quando pensamos em termos de distâncias galácticas. O leitor pode percorrê-lo a pé em cerca de 270 milhões de anos, começando a meio do Período Pérmico, quando os dinossauros ainda pertenciam a um futuro remoto, para depois continuar até aos nossos dias, em que as naves espaciais atravessam distâncias consideravelmente superiores. As estrelas nossas vizinhas estão separadas em média por qualquer coisa como nove anos-luz, e menos de um por cento delas possuem planetas adequados ao homem; as velocidades, por seu lado, vêem-se limitadas a valores um pouco inferiores ao das radiações. A contracção relativista pouca ajuda nos dá, o mesmo se podendo dizer da animação suspensa durante a travessia. Estes dois aspectos fazem com que as viagens nos pareçam mais curtas, mas entretanto a História não pára o seu lento rolar.

É por estas e outras razões que as viagens entre sóis são e serão sempre escassas, e os colonos serão sempre pessoas motivadas por razões excepcionais, razões que invariavelmente lhes impõem uma mudança radical de ares. Levarão consigo plasma genético para o cultivo exógeno de plantas e animais domésticos — e até de seres humanos, para que a população cresça suficientemente depressa de modo a evitar a morte devida aos desvios genéticos; é uma solução perfeitamente compreensível; no fim de contas, nunca poderão contar com posteriores emigrações. Duas ou três vezes em cada século, é possível que apareça uma nave vinda de outra colónia. (Mas não da Terra, que há muito deixou de se preocupar com estas coisas da colonização espacial.) O lugar de origem dessa nave será invariavelmente um colonato bastante mais antigo, pois os mais recentes ainda não são capazes de construir e tripular naves interestelares.

Fazem-no porque vêm em risco a sua própria sobrevivência, para já não falar na sua eventual modernização. Os pais fundadores, claro, viram-se obrigados a aproveitar tudo o que tinham à mão, ainda por cima num universo que não foi especialmente concebido para um ser vivo chamado homem.

Veja-se, por exemplo, o caso de Roland. Trata-se de uma das raras descobertas felizes, um mundo onde os humanos podem viver, respirar, comer alimentos nativos, beber a água do planeta, andarem nus, caso o desejem, tratar das suas colheitas, apascentar os seus animais, cavar minas, erigir casas, criar os filhos e ver crescer os netos. Vale a pena fazer a travessia de três quartos de um século-luz para podermos preservar certos valores que nos são caros e, ao mesmo tempo, para lançarmos novas raízes no solo de Roland.

A estrela Carlos Magno, porém, é do tipo F9, quarenta por cento mais brilhante que o Sol, em especial na traiçoeira banda dos ultravioletas, e mais forte ainda no que diz respeito à libertação de ventos de partículas carregadas. O planeta tem uma órbita marcadamente excêntrica; a meio do curto mas furioso Verão setentrional, no qual se inclui o perigeu ([8]), a insolação total corresponde a mais do dobro da recebida pela Terra; e a meio do longo Inverno, pouco menos é do que a média terrestre.

A vida nativa abunda por todo o lado. No entanto, devido à falta de maquinaria sofisticada — de construção antieconómica, atendendo à escassez de especialistas —, o homem só consegue sobreviver nas latitudes elevadas. Uma inclinação axial de dez graus, conjugada com a excentricidade da órbita, significa que a parte setentrional do continente de Ártica passa metade do ano sem ver o sol. O Pólo Sul é rodeado por um oceano despido de terras.

Superficialmente, outras diferenças em relação à Terra poderão parecer-nos mais importantes. Roland possui duas luas, pequenas mas muito próximas, que provocam marés enormes e contraditórias. Roda sobre si em trinta e duas horas, o que contribui para uma lenta, subtil e infindável perturbação dos organismos evolucionariamente habituados durante multianos a um ritmo bastante mais rápido; os padrões meteorológicos, esses, são o mais distintos possível dos da Terra. O globo tem uns meros 9500 quilómetros de diâmetro, e a gravidade à superfície é de $0{,}42 \times 980$ cm/seg^2; a pressão atmosférica ao nível do mar é ligeiramente superior à terrestre. (Na verdade, a Terra é que foge à regra, e o Homem só existe porque um acidente cósmico expulsou do planeta a maior parte da massa gasosa que um corpo do seu tamanho é capaz de reter, como sucede em Vénus.)

Contudo, o *Homo* só pode ser verdadeiramente baptizado com o apelido *Sapiens* quando aplica a sua maior especialidade: a capacidade de agir como um ser não especializado. As suas repetidas tentativas para cristalizar num padrão capaz de dar resposta a tudo (se quiserem chamem-lhe cultura, ideologia ou outra coisa qualquer) só o têm conduzido à ruína. Se, porém, lhe derem a oportunidade mais pragmática de tratar da sua vida, é quase certo que se sairá bem. Por outras palavras, o homem é capaz de se adaptar dentro de limites deveras amplos.

Estes limites são estabelecidos por factores como a sua dependência da luz solar, o facto de fazer parte integrante, necessária e indelevelmente, da vida que o rodeia, e de ser uma criatura dotada de uma alma.

As docas, armazéns, estaleiros e máquinas da cidade de Portolondres quase que entram pelo golfo de Polaris adentro, tendo nas suas costas as casas dos cinco mil habitantes permanentes, todas com paredes de cimento, persianas antitempestade, coberturas de telha e de pendor pronunciado. As cores garridas das paredes pintadas pareciam tristonhas sob a luz mortiça dos candeeiros; a cidade ficava bem para lá do Círculo Polar Árctico.

Mesmo assim Sherrinford comentou:

— Uma cidade alegre, não lhe parece? Foi disto que eu vim à procura quando resolvi mudar-me para Roland.

---

[8] Perigeu — ponto mais próximo de um corpo celeste em relação a outro situado no centro da órbita do primeiro. *(N. do T.)*

Barbro não respondeu. Os dias passados em Pouso de Natal, enquanto o investigador tratava dos preparativos, tinham-na deixado esgotada. A caminho da zona da Baixa, espreitando pela cúpula envidraçada do táxi que tinham apanhado no cais do hidrofoil, a mulher pensou que ele se estava a referir à opulência da floresta e dos campos que ladeavam a estrada, ou aos tons brilhantes e à fosforescência das flores nos jardins, ou ao clamor das asas a fender os céus. Ao contrário da flora terrestre nos climas frios, a vegetação árcticana gastava todas as horas de luz numa frenética actividade de crescimento e armazenagem de energia; só quando a febre estival cedia o lugar à amenidade do Inverno é que as plantas floresciam e frutificavam, enquanto os animais estivantes saíam das suas covas e as aves migratórias regressavam a casa.

Barbro não pôde deixar de reconhecer que a paisagem era maravilhosa: para lá das árvores, os espaços amplos trepavam gradualmente até às alturas remotas, estas cinzentas e prateadas sob o luar duplo, o conjunto encimado pela radiância difusa da aurora iluminada por um sol bem abaixo do horizonte.

Bela como o demónio, pensou ela, e tão ou mais terrível que aquele. Fora aquela selvajaria que lhe roubara o seu Jimmy. Conseguiria ao menos descobrir os ossitos do miúdo, para os ir enterrar ao lado dos do pai?

Abruptamente, compreendeu que já estavam em frente ao hotel, e que Shrrinford lhe estava a falar da cidade. Como era a segunda povoação a seguir à capital, era natural que o investigador já ali tivesse estado por diversas vezes. As ruas estavam apinhadas de multidões barulhentas; piscavam anúncios por todo o lado, os bares, tabernas, lojas, restaurantes, salões de dança e centros desportivos vomitavam música aos berros para os passeios, os veículos acotovelavam-se em engarrafamentos contínuos, os edifícios de escritórios, mais altos que os restantes, brilhavam de tantas eram as luzes interiores. Portolondres servia de elo de ligação entre uma enorme *hinterland* e o mundo exterior. Pelo rio Gloria abaixo chegavam jangadas ajoujadas de toros de madeira, minérios, cereais produzidos em quintas cujos donos iam domando aos poucos a vida nativa de Roland, carne, marfim e peles apanhadas pelos caçadores nas montanhas para lá da Escarpa do Monstro. Do mar chegavam pequenos navios de cabotagem, traineiras, os produtos das ilhas do Sol, os frutos das arremetidas aventurosas nos continentes mais a sul, onde só os mais corajosos se atreviam a ir. Em toda a Portolondres as pessoas fremiam, fervilhavam, riam, sonhavam, labutavam, amavam, construíam, destruíam, morriam, nasciam, roubavam, viviam momentos de felicidade ou de tristeza, de ganância ou de solidariedade. Nem o fulgor do sol nos outros locais nem o meio ano de semiescuridão aqui — com uma verdadeira noite só a meio do Inverno — conseguiriam jamais travar o ímpeto do Homem.

Ou pelo menos era o que toda a gente dizia.

Toda a gente, excepto os que se tinham estabelecido nas terras escuras. Barbro estava convencida de que essa gente enveredara por um estilo de vida que as levara a desenvolver curiosos costumes, lendas e superstições, as quais morreriam quando as zonas inóspitas estivessem totalmente cartografadas e controladas. Enfim, sobre este último aspecto já não tinha bem a certeza; talvez devido às sugestões de Sherrinford, a quem as investigações preliminares tinham provocado uma ligeira mudança de atitude.

Ou talvez precisasse somente de ter algo em que pensar para além do seu pobre Jimmy, como na véspera do seu desaparecimento, quando ela lhe

perguntou se preferia pão integral ou pão francês para a sandes; o miúdo respondera-lhe com ar solene (começava a interessar-se cada vez mais pelo alfabeto):

— Prefiro uma fatia daquele a que as pessoas chamam pão F.

Não reparou praticamente em nada quando saiu do táxi, nem quando se registou na recepção para de seguida ser conduzida a um quarto pessimamente mobilado. No entanto, depois de desfazer as malas, lembrou-se de que Sherrinford lhe sugerira a realização de uma pequena conferência privada. Atravessou o átrio e foi bater à porta dele, os nós dos dedos a fazerem menos barulho do que o seu coração.

Ele abriu a porta, já com um dedo sobre os lábios, e fez-lhe sinal para que se fosse sentar a um canto. Barbro franziu o cenho até que viu o visifone ligado. Sherrinford estava a falar com alguém, e devia ter boas razões para querer mantê-la fora do alcance da câmara de vídeo do aparelho. Assim, puxou de uma cadeira e ficou à escuta, as unhas das mãos enterradas nos joelhos.

A figura longilínea do detective regressou ao sofá.

— Perdoe-me a interrupção — disse para o visor. — Um homem enganou-se no número do quarto. Bêbado, a julgar pelo hálito.

Dawson riu-se.

— Não nos falta disso por estas bandas.

Barbro recordou-se da constante tagarelice do homem, que entretanto cofiou a barba comprida, que usava como se fosse um pioneiro e não um homem de cidade.

— Não costumam ser perigosos — continuou Dawson. — Aparecem por aqui demasiado carregados e precisam de desopilar... outra coisa não seria de esperar, depois de várias semanas ou mesmo meses nas terras do interior.

— Segundo julgo saber — disse Sherrinford, batendo com o fornilho do cachimbo na palma da mão — o meio-ambiente — estranho de mil maneiras diferentes para quem foi criado no que viu nascer o Homem —, consegue fazer coisas incríveis à nossa personalidade. Como deve calcular, a minha actividade tem-se confinado às áreas urbanas e suburbanas... os colonatos isolados quase nunca recorrem aos serviços de um investigador privado. Enfim, agora parece-me que essa situação mudou, foi por isso que lhe telefonei, para lhe pedir alguns conselhos.

— Tenho todo o prazer em ajudar — disse Dawson. — Ainda não me esqueci do que você fez por nós naquele caso do assassínio do Tahoe. Mas talvez seja melhor explicar-me primeiro qual é o seu problema... — acrescentou em tom cauteloso.

Sherrinford acendeu o isqueiro, lançando uma baforada de fumo que conseguiu cortar os odores a verdura — até ali se faziam sentir, a vários quilómetros de distância dos bosques mais próximos! — que se evolavam por cima do trânsito e entravam pela janela aberta, indiferentes ao crepúsculo.

— Trata-se mais de uma missão científica do que andar à procura de um caloteiro escorregadio ou de um espião industrial — começou, sem pressas. — Ando a investigar duas possibilidades: a da possível existência de uma

organização de criminosos ou religiosos capazes de roubarem crianças, e activa há bastante tempo; ou a da existência real daqueles a quem chamam Estranhos.

— Como?

Barbro não teve dificuldade em imaginar a surpresa estampada no rosto de Dawson.

— Não podes estar a falar a sério! — continuou o polícia.

— Não posso? — Sherrinford sorriu. — As centenas de relatórios feitos por várias gerações não podem ser postas de lado assim sem mais nem menos! Em especial quando se tornam cada vez mais consistentes com o correr do tempo, e não menos como seria de esperar. Também não podemos ignorar o desaparecimento documentado de bebés e crianças de tenra idade, que hoje somam quase uma centena, e dos quais nunca mais se ouviu falar, isto para não mencionarmos as descobertas demonstrativas da existência de uma raça inteligente na Ártica do passado, e que talvez ainda possa viver nas terras do interior.

Dawson esticou-se para a frente, como se quisesse sair pelo visor.

— Quem é que te contratou? — perguntou com maus modos. — Aquela tal Cullen? Temos muita pena dela, claro, mas o que ela nos disse não fazia o mínimo sentido, e às tantas começou a abusar...

— Mas os companheiros dela, todos cientistas de reconhecida reputação, não confirmaram a sua versão?

— Não havia qualquer versão para confirmar. Escuta, o acampamento estava pejado de sistemas de alarme, e como se isso não bastasse a expedição levava consigo alguns mastins. Sabes como é, são os procedimentos normais numa zona onde os sauroides esfomeados ou um outro animal qualquer podem aparecer ao virar da esquina. Nada podia ter entrado no cercado sem dar sinal de si.

— Sim, pelo chão... e um voador a aterrar no meio do acampamento?

— Um homem num helicóptero teria acordado toda a expedição.

— Um ser alado pode não fazer tanto barulho.

— Um ser alado capaz de levar no ar um miúdo de três anos? Isso não existe!

— Não existe na literatura científica, é o que tu queres dizer. Já te esqueceste da Manta Cinzenta? E aqui há uns anos atrás, o que é que a gente sabia do próprio Roland, um planeta inteiro? Em Beowulf há aves capazes de um feito desses... e em Rustum também, segundo me disseram. Já fiz os cálculos a partir da gravidade e da densidade do ar do local, e concluí que também aqui é, singularmente, possível. A criança pode ter sido levada pelo ar durante uma curta distância, antes que os músculos das asas se cansassem e a criatura fosse obrigada a aterrar.

Dawson soltou uma interjeição de desprezo.

— Primeiro aterrou e teve de caminhar até à tenda onde mãe e filho estavam a dormir; só depois é que se afastou com este ao colo, arrastando-o quando não foi capaz de voar mais. Achas que um tal comportamento é

característico de uma ave de rapina? E a vítima não gritou? Os cães nem sequer ladraram!

— Na verdade — respondeu Sherrinford —, esse acumular de inconsistências é o que torna o caso mais interessante. Tens razão, é difícil imaginarmos como é que um raptor humano poderia ter entrado sem ser descoberto, e por outro lado uma criatura do género *da* águia nunca operaria daquela maneira. Contudo, nada disto se aplica a uma criatura alada *inteligente.* O miúdo pode ter sido drogado, sabes bem que os cães mostravam todos os sinais de o terem sido.

— Ná, os cães davam era a ideia de se terem deixado dormir na forma. Nada os perturbou, e se o miúdo tivesse saído da tenda eles davam imediatamente por isso. Não precisamos de pensar em mais nada além de duas coisas fundamentais: primeiro, o miúdo devia estar com insónias, e, segundo, os sistemas de alarme foram montados descuidadamente; aliás, não era de esperar outra coisa, já que ninguém esperava algo de anormal, a partir do interior do acampamento. O miúdo passou pelos alarmes sem os activar e foi-se embora, mais nada. Ah, e em terceiro lugar — perdoa-me se te falo assim, mas tem de ser —, temos de partir do princípio de que o catraio ou morreu de fome ou foi morto.

Dawson fez uma pausa antes de acrescentar:

— Se tivéssemos mais pessoal, poderíamos ter dedicado mais tempo a esse caso. Isso mesmo, não duvides disso. Fizemos uma busca aérea na qual vários pilotos arriscaram a vida; utilizámos instrumentos que teriam detectado o miúdo fosse onde fosse, dentro de um raio de cinquenta quilómetros... a não ser que estivesse morto. Conheces tão bem como eu os analisadores térmicos, sabes como são sensíveis. Não encontrámos nada, e temos trabalhos mais importantes além de andarmos à procura do pedaços dispersos de um cadáver.

«Se a Srª Cullen te contratou — terminou Dawson em tom brusco —, então aconselho-te a descobrires uma desculpa qualquer para abandonares o caso. É o melhor para ela, também; acho que terá de se resignar a enfrentar a realidade.»

Barbro teve de morder a língua para conter um grito.

— Oh, o miúdo não passa do último a desaparecer numa longa série — disse Sherrinford, deixando Barbro estupefacta por o ver a falar tão descontraidamente quando era a vida de Jimmy que estava em jogo. — No entanto, está mais bem registado que todos os outros, e como tal é mais sugestivo. Até aqui, o mais vulgar era termos uma qualquer família de colonos a descreverem por entre lágrimas sentidas o modo como o seu filho tinha desaparecido, provavelmente raptado pelo Velho Povo, tudo muito vago e envolto em superstições. Às vezes, anos depois, eram capazes de referir visões fugidias daquilo que eram capazes de jurar tratar-se do seu filho desaparecido, agora mais crescido, despido de todas as características humanas, a correr no meio do nevoeiro, a espreitá-los por uma janela ou a preparar-lhes qualquer maldade. Como acabaste de dizer, nem as autoridades nem os cientistas tiveram à sua disposição o pessoal ou os recursos necessários para uma investigação aturada; porém, na minha opinião, trata-se de um assunto que merece ser investigado. Talvez uma iniciativa isolada como a minha possa contribuir para acharmos a solução.

— Ouve, a grande maioria dos polícias, eu próprio incluído, crescemos nas zonas de fronteira. Não nos limitamos a fazer patrulhas e a responder às chamadas de emergência, voltamos sempre às origens durante as férias e quando há reuniões da família. Se andasse por aí algum bando de... de sacrificadores de seres humanos, podes crer que a coisa já tinha chegado ao nosso conhecimento.

— Compreendo perfeitamente, mas também sei que as famílias de onde vocês vieram acreditam piamente em seres inumanos dotados de poderes sobrenaturais. Muitas das vossas famílias praticam mesmo rituais em que são correntes as oferendas propiciatórias...

— Não estou a ver onde é que queres chegar — zangou-se Dawson, — Já ouvi isso da boca de não sei quantos amantes do sensacionalismo. Os aborígenes são os Estranhos. Nunca pensei que fosses dessa laia. Por certo que já deves ter visitado um museu, já deves ter lido coisas sobre os planetas onde foram descobertos nativos... mas o pior de tudo é que não estou a ver nada da tua famosa lógica!

Deteve-se para acenar um dedo na direcção do detective.

— Pensa um bocadinho — continuou. — O que é que de facto descobrimos até hoje? Algumas peças de pedra burilada; uns quantos megalitos que até podem ser artificiais... arranhadelas em rochas que parecem representar plantas e animais, se bem que de uma forma completamente irreconhecível para qualquer cultura humana; vestígios de fogueiras e de ossos, alguns dos quais podem ter pertencido a criaturas inteligentes, criaturas com dedos e cérebros de tamanho razoável. Se tudo isso for verdade, então estamos perante criaturas nada parecidas com o homem, ou já agora com os anjos. A reconstrução mais parecida com um antropóide que me foi dado ver fazia lembrar um crocodilo com duas pernas!

«Não, espera, deixa-me acabar. As histórias sobre os Estranhos... oh, também já as ouvi, são mais que as mães; acreditei nelas quando era miúdo. Todas elas falam em espécies diferentes de seres, uns alados, outros não, alguns meio-humanos, outros perfeitamente humanos e ainda por cima excessivamente bonitos... estamos perante uma repetição dos contos de fadas da velha Terra, não achas? Em tempos senti-me interessado pelo assunto, e passei uns dias mergulhado nos microfilmes da Biblioteca da Herança; maldito seja se não dei com histórias quase iguais a estas, contadas por camponeses séculos antes dos voos espaciais!

«Nenhuma delas se ajusta às parcas relíquias descobertas aqui em Roland, se é que são mesmo relíquias, e muito menos com o facto de nenhuma área do tamanho de Árctica poder conter mais de doze espécies inteligentes, ou... caramba, homem, o simples bom senso diz-nos como é que os aborígenes se teriam comportado perante a chegada dos humanos!»

Sherrinford concordou com um aceno da cabeça.

— Sim, sim — disse. — Não estou é tão certo como tu quanto ao facto do bom senso dos aborígenes ter forçosamente de ser igual ao nosso. A própria Humanidade revela hoje tantas variantes... enfim, tenho de concordar que os teus argumentos são argumentos de peso. Os poucos cientistas de Roland têm mais que fazer além de andarem atrás das origens daquilo que, nas tuas palavras, não passa de uma superstição medieval renascida das cinzas.

Enfiou o fornilho do cachimbo na cova das mãos unidas e ficou a espreitar para dentro do orifício repleto de cinzas.

— Aquilo que no fundo mais me interessa — acrescentou em voz baixa — são as razões por que, através do abismo dos séculos, através da barreira de uma civilização mecanizada e do seu ponto de vista completamente antagónico, sem qualquer continuidade de tradições... porque é que os nossos colonos, teimosos, tecnologicamente organizados e razoavelmente cultos como são, foram exumar da sepultura uma crença como a do Velho Povo.

— Suponho que, se a Universidade acabar por arrancar com o departamento de Psicologia, onde estão sempre a falar, e há-de aparecer alguém com uma tese assente nessa questão — disse Dawson em tom descontraído, engolindo em seco quando ouviu a resposta do Sherrinford:

— Proponho que comecemos já. Na terra do Comissário Hauch, já que foi aí que ocorreu o último incidente. Onde é que posso alugar um veículo?

— Hmmm, isso pode ser difícil de...

— Deixa-te de conversas, já te conheço do ginjeira. Numa economia de pobreza como esta, são poucas as pessoas que dispõem de equipamento pesado. No entanto, como está sempre a ser preciso, então é porque pode ser alugado. Quero um autocarro do campanha com um propulsor de efeito, de solo, e adequado a todos os tipos de terreno, e quero que instalem nele uns certos equipamentos que trouxe comigo; além disso, quero a cúpula da frente substituída por uma torreta automática que possa ser comandada do lugar do condutor. Quem fornece as armas sou eu; para além das carabinas e pistolas que trouxe, consegui convencer a Polícia do Pouso do Natal a emprestar-me umas peças de artilharia...

— Olha lá, estás mesmo decidido a travar uma guerra contra... contra um mito?

— Digamos que pretendo jogar pelo seguro, quero pensar em qualquer eventualidade, por mais remota que pareça. Não é assim tão caro como pensas. Bom, além do autocarro, o que me dizes a um pequeno veículo aéreo transportado no tejadilho, para voos do reconhecimento?

— Nem pensar. — Dawson parecia mais positivo que nunca. — Isso é o caminho certo para o desastre. Podemos mandar-te de avião para uma das bases, assim que o boletim meteorológico o permitir; o piloto, no entanto, terá do regressar imediatamente, antes que o tempo se estrague outra vez. A meteorologia está pouco desenvolvida em Roland, a atmosfera é especialmente traiçoeira nesta época do ano, e não estamos preparados para produzir aparelhos capazes de sobreviver a todas as provações. — Deteve-se para respirar fundo. — Fazes alguma ideia da velocidade dos tornados? Ou do tamanho dos grãos de granizo que nos podem cair em cima, vindos do um céu completamente limpo, ou...? Assim que lá chegares, homem, deixa-te ficar pelo solo. — Aqui hesitou. — É uma das razões por que as nossas informações são tão escassas acerca dos territórios selvagens, e é por isso que os colonos vivem tão isolados.

Sherrinford riu-se, imperturbável.

— Tens razão, se ando à procura do pormenores, então será melhor deixar-me ficar pelo chão.

— Vais perder imenso tempo — disse Dawson. — Para não falarmos no dinheiro do teu cliente. Ouve, não te posso proibir de caçar sombras, mas...

A discussão prolongou-se por mais uma boa hora. Quando por fim, o *écran* se apagou, Sherringford levantou-se, espreguiçou-se e foi ter com Barbro. A mulher voltou a reparar na peculiar maneira de andar do investigador, que viera de um planeta com perto de um quarto da gravidade da Terra para um em que a força de atracção não excedia metade daquela. Devia ser uma sensação estranha, pelo menos a princípio.

— Peço-lhe desculpa por ter demorado tanto tempo — disse ele. — Não estava à espera de conseguir falar com ele logo à primeira. O Dawson não mentiu quando disse que anda extremamente ocupado, e pela minha parte não quis levá-lo a recordar-se muito de si. Sei que ele não vai ficar a magicar no meu projecto, considera-o como uma futilidade que eu em breve abandonarei. Enfim, o certo é que ele, se quisesse, podia ter-nos colocado toda a espécie de entraves, em especial se se apercebesse da minha (da nossa) determinação.

— Mas porque é que ele se há-de importar? — perguntou ela, roída pela amargura.

— Por medo das consequências, que ainda por cima ninguém pensa em admitir... por medo das consequências, tão mais aterrorizadoras quanto são indeterminadas — respondeu Sherrinford, fitando o monitor para depois se aproximar da janela, onde ficou a contemplar o pulsar da aurora boreal, aquele imenso manto branco e azul a meio do céu. — Deve ter percebido que estive a falar com um homem assustado. Por baixo da indiferença e dos convencionalismos, o Dawson acredita nos Estranhos... oh, se acredita!

Os pés de Mistherd voavam sobre as ervas e ultrapassavam até as folhas arrastadas pelo vento. A seu lado, negro e contorcido, agigantava-se o nicor Nagrim, cujo peso monstruoso deixava para trás um rasto de plantas esmagadas. Ao fundo, nas suas costas, flores luminosas e espinhos de fogo brilhavam por entre os contornos difusos e ondulantes do fantasma Morgarel.

Cloudmoor estendia-se aqui numa infindável sucessão de colinas e mato rasteiro. A atmosfera estava calma, trazendo de quando em quando o uivo das bestas. Estava mais escuro do que o habitual para o nascer do Inverno; as luas ainda iam baixas e a aurora não passava de um leve tremeluzir junto ao horizonte a norte. As estrelas refulgiam assim com mais força, enchendo o firmamento aos milhares, e a Estrada Fantasmagórica corria entre elas como se estivesse recoberta do mesmo orvalho que inundava a verdura.

— Yoder! — rugiu Nagrim, apontando com os seus quatro braços.

O grupo alcançara o cume de um monte: ao longo brilhara uma faísca.

— Hoah! Hoah! Vamos arrasá-los numa só investida ou destroçá-los lentamente?

Não vamos fazer nada disso, palerma. — A resposta de Morgarel trespassou-lhes as cabeças, fluida e silenciosa. — Só se nos atacarem, e isso só acontecerá se derem pela nossa presença. Ela só nos mandou espiá-los, para vermos ao que vieram.

— Grrummmm. Eu sei o que eles querem. Vão abater as árvores, vão meter os arados nas terras, vão meter as suas malditas sementes no chão e nas

mulheres. Se não os empurrarmos para as águas amargas, daqui a pouco serão demasiado fortes para nós.

— Mas nunca demasiado fortes para a Rainha! — protestou Mistherd, chocado com as ideias do amigo.

No entanto parece-me que dispõem de novos poderes — lembrou-lhe Morgarel. — Temos de os espiar com todo o cuidado.

— E depois, também podemos esmagá-los com todo o cuidado? — perguntou Nagrim.

A pergunta levou Mistherd a sorrir, aliviando-o da preocupação que sentia. Até deu uma pancadinha amigável nas costas couraçadas do ser a seu lado.

— É melhor estares calado — disse-lhe. — Fazes-me doer os ouvidos. E não penses mais, sabes que isso te faz doer a cabeça. Anda, vamos depressa!

Tem calma — riu-se Morgarel. — Tens demasiada vida em ti, nascido dos humanos.

Mistherd franziu a testa na direcção da aparição, mas abrandou a marcha e procurou "progredir a coberto da escassa protecção oferecida por aquele terreno. A verdade é que vinha em missão da Etérea, para descobrir o que é que teria levado um par de mortais a internar-se tanto em Cloudmoor.

Andariam à procura do rapaz que Ayoch roubara? O miúdo continuava a chorar pela mãe, se bem que o fizesse cada vez menos, à medida que as maravilhas de Carheddin iam desfilando à sua frente.) Talvez. Uma máquina-pássaro deixara-os e ao seu carro num antigo acampamento há muito abandonado, do qual tinham partido para seguirem uma rota espiralada. Porém, quando não descobriram o mínimo sinal do rebento dentro de um raio razoável, não chamaram a máquina para os levar de volta às suas casas; contudo, tal não sucedera porque o tempo estivesse mau, como era vulgar acontecer, o que impedia as ondas da fala de alcançarem grandes distâncias. Nada disso, o casal largara em direcção às montanhas do Corno da Lua, e o rumo que seguiam levá-los-ia a passar por várias quintas de invasores, para depois entrarem em domínios nunca antes violados pela sua raça.

Não se tratava portanto de uma busca vulgar. O que é que seria?

Mistherd compreendia agora porque é que a que reinava obrigava os filhos mortais que adoptava a reterem ou a reaprenderem a desajeitada linguagem dos seus pais. Odiara aquelas aulas, tão diferentes dos usos dos Nossos... tinha obedecido, claro, mas só agora percebia o quão sábia ela era.

Deixando o nicor atrás de um penedo — o ser só seria útil numa escaramuça — rastejou de arbusto em arbusto até se aproximar bem perto dos dois humanos. Escondeu-se debaixo de uma planta da chuva, sentindo as folhas macias a afagarem-lhe a pele nua ao mesmo tempo que o vestiam de escuridão. Morgarel flutuou até à copa de uma árvore tremedeira, cuja permanente inquietude o ajudaria a esconder-se melhor. Também ele não serviria para grande coisa, para além de ser o elemento do grupo que mais assustava as pessoas. As aparições não eram só capazes de sentir e emitir pensamentos, também conseguiam lançar ilusões. Morgarel já os tinha informado que, desta feita, os seus poderes pareciam chocar numa muralha invisível em redor do carro.

Para além desta, o homem e a mulher não tinham montado mais nenhumas máquinas de vigilância, e também não traziam cães consigo. Talvez pensassem que não precisavam de nada disso, pois dormiam sempre dentro do longo veículo em que se faziam transportar. Um tal desprezo pelos poderes da Rainha não podia ser tolerado, pois não?

O metal refulgia sob a luz da fogueira do acampamento. Estavam sentados em frente um do outro, embrulhados em casacões que os protegiam de uma pretensa atmosfera fria que Mistherd, nu como estava, encarava como uma temperatura amena. O macho estava a sorver fumo e a fêmea fitava o horizonte, fitava um lusco-fusco que os seus olhos, iluminados pelas labaredas, deveriam reconhecer como uma escuridão quase total. As chamas da fogueira iluminavam-lhe o rosto, destacando-o contra o pano de fundo mais escuro. Sim, a julgar pela história de Ayoch, era mesmo a mãe do novo rebento.

Ayoch também se oferecera para ir com eles, mas a Maravilhosa proibira-o; os *pooks* não são capazes de ficar quietos um minuto, o que poderia pôr em risco a missão.

O homem chupava o cachimbo, as maçãs do rosto a esconderem-se na escuridão enquanto o nariz e a testa reflectiam a luz avermelhada que saía do fornilho, dando-lhe o ar perturbador de um pássaro de garras pronto a mergulhar sobre a presa.

—... Não, já te disse, Barbro, não tenho nenhumas teorias — estava a dizer. — Quando os factos são insuficientes, a teorização é no mínimo ridícula, e as mais das vezes só serve para nos desorientar.

— Mas mesmo assim deves saber o que é que pretendes fazer — disse a mulher, deixando claro que não era a primeira vez que tinham aquela discussão. Nenhum dos Nossos conseguiria ser tão persistente como ela ou tão paciente como ele. — Aquele equipamento que meteste no porta-bagagens, o gerador que está sempre a funcionar...

— Tenho uma ou duas hipóteses, foi por causa delas que trouxe os equipamentos de que estás a falar.

— Então porque é que não me explicas essas hipóteses?

— Porque elas próprias sugerem que isso não seria aconselhável neste momento. Ainda ando a apalpar o terreno dentro de um labirinto, e por outro lado ainda não tive oportunidade de tratar das ligações todas. Para te dizer a verdade, só estamos protegidos contra as chamadas influências telepáticas...

— As quê? — exclamou ela. — Queres dizer que... que essas lendas sobre seres que nos lêem os pensamentos... — as palavras morreram-lhe na garganta, e o olhar voltou-se de novo para a escuridão para lá da fogueira.

O homem inclinou-se para a frente, falando-lhe agora sem a rispidez anterior, mais calmo e até mais meigo:

— Barbro, assim estás a dar cabo de ti, o que não serve do nada no caso do Jimmy ainda estar vivo, tanto mais que o miúdo vai precisar de ti mais do que nunca. Ainda temos um longo caminho à nossa frente, por isso é melhor que te prepares para ele.

Ela concordou com um aceno de cabeça, e mordeu o lábio antes do responder:

— Estou a tentar.

Ele sorriu com o cachimbo seguro nos dentes.

— Espero que consigas. Não te tenho na conta de uma perdedora, e muito menos de uma masoquista...

Barbro pousou a mão na pistola que trazia à cinta, e a voz mudou, saindo-lhe da garganta como se fosse um punhal subitamente desembainhado.

— Quando os encontrarmos, então saberão quem eu sou, ou o que é que os humanos são.

— Não, a fúria não te serve de nada — disse-lhe o homem. — Não nos podemos dar ao luxo de passar por emoções dessas. Se os Estranhos existem, como de momento é minha convicção, então estarão a lutar para salvar o seu território e as suas casas — calou-se, pensativo, para de seguida acrescentar: — Costumo pensar que, se os primeiros exploradores tivessem encontrado nativos vivos, então Roland nunca teria sido colonizado. Bom, agora é demasiado tarde, não podemos voltar atrás, mesmo que o quiséssemos. Estamos a braços com uma luta mortal, estamos em guerra com um inimigo tão engenhoso que até conseguiu esconder o facto de estar a lutar contra os humanos...

— Achas que sim? Quero dizer, os raptos, os roubos e todas essas coisas...

— Isso faz parte de uma das minhas hipóteses. Suspeito que não são provocações, é antes uma das tácticas empregues dentro de uma estratégia subtil.

O lume crepitou, soltando uma nuvem de fagulhas. O homem continuou a fumar, pensativo, até que continuou:

— Não quis dar-te falsas esperanças nem excitar-te desnecessariamente enquanto esperaste por mim, primeiro no Pouso de Natal e depois em Portolondres, e depois estivemos demasiado atarefados com as buscas, sempre a pensar que o Jimmy se tinha afastado mais e mais do acampamento antes de lhe faltarem as forças. Bom, acho que é chegada a altura de te pôr ao corrente daquilo que aprendi enquanto estudei todo o material disponível sobre o... o Velho Povo. Além do mais, a princípio só o fiz para tentar eliminar todas as possibilidades imagináveis, por muito absurdas que fossem. Nunca esperei outro resultado que não a negação de todas as evidências. Vi tudo o que havia para ver: relíquias, análises, histórias, relatos jornalísticos, monografias; falei com todos os aventureiros que consegui descobrir na cidade, e com todos os cientistas que têm demonstrado um certo interesse por este assunto. Sou pessoa de aprender depressa, e posso gabar-me de ser hoje um perito tão completo como qualquer outro... mas só Deus sabe o pouco que há para justificar uma designação tão pomposa como essa. Por outro lado, na minha qualidade de estrangeiro, sou capaz de ter encarado o assunto com outros olhos, e como tal acabei por chegar a um padrão.

«Se os aborígenes se extinguiram, porque é que não deixaram mais vestígios? A Árctica é grande, mas não é infindável, e ainda por cima é fértil em formas de vida rolândicas. É muito capaz de ter suportado uma população cujos artefactos se deviam ter acumulado durante milénios. Li em qualquer sítio que, na Terra, foram encontrados literalmente dezenas de milhares de machados do paleolítico, a maior parte por acidente e não fruto de pesquisas arqueológicas.

«Ora bem: supõe que as relíquias e fósseis foram deliberadamente removidos, no espaço de tempo decorrido entre a partida da última equipa de exploração e a chegada das primeiras naves com colonos. Encontrei alguns argumentos favoráveis a esta ideia nos diários dos exploradores originais. Estavam demasiado preocupados com a determinação da habitabilidade do planeta, de modo que não coligiram nenhuns catálogos de monumentos primitivos; contudo, as observações que deixaram para a posteridade indicam que viram muito mais do que as expedições seguintes, e muitíssimo mais do que os primeiros colonos. Sendo assim, aquilo que temos vindo a encontrar não são mais do que restos esquecidos por quem removeu as relíquias, ou pedaços a que não conseguiram chegar a tempo.

«Ora isso sugere-nos uma mentalidade sofisticada, capaz de raciocinar em termos de longo prazo, não te parece? Por sua vez, a existência de uma tal mentalidade sugere que o Velho Povo era composto por algo mais do que meros caçadores ou agricultores do tipo neolítico.»

— Mas nunca ninguém descobriu edifícios ou maquinarias! — protestou Barbro.

— Pois não. O mais provável é os nativos não terem passado por uma evolução metalúrgica-industrial como a nossa. Não é difícil imaginarmos outros caminhos evolucionários: a civilização desse povo pode muito bem ter começado, e não terminado, pelas ciências biológicas e pela tecnologia. Pode ter contribuído para o desenvolvimento do certas potencialidades do sistema nervoso, potencialidades essas que podem ser muito maiores nessa espécie do que no homem. Como sabes, nós próprios as temos, só que num grau atenuado. Os vedores, por exemplo, conseguem detectar variações pontuais do campo magnético, provocadas sem dúvida pelo fluir das águas subterrâneas; acontece é que no nosso caso essas capacidades são não só raríssimas como enganadoras. Quem é que precisa de telepatia quando tem um visifone sempre à mão? O Velho Povo pode ter encarado a situação de uma forma diametralmente oposta; os artefactos da sua civilização podem ser pura e simplesmente irreconhecíveis aos olhos do Homem.

— Mas isso não os impedia de se terem revelado aos homens! — observou Barbro. — Porque é que não o fizeram?

— Não é difícil imaginar uma data de motivos. Por exemplo, podiam já ter tido uma experiência desagradável com anteriores visitantes interestelares, algures na sua História remota. A nossa raça não é a única a possuir naves espaciais. Contudo, já te disse que não gosto de pôr a teoria à frente dos factos. Por ora basta pensarmos numa coisa: o Velho Povo, se porventura existe, é muito diferente da raça humana.

— Para quem se gaba de raciocinar com clareza, estás a tecer uma teia muito fina...

— Já admiti que tudo isto é provisório — retorquiu ele, piscando os olhos por causa do fumo da fogueira. — Quando vieste ter comigo, Barbro, insistias na versão oficial, a de que o teu filho tinha sido raptado; no entanto, as tuas ideias sobre seitas dedicadas ao rapto eram absolutamente ridículas. Porque é que te mostras tão relutante em admitires a realidade dos não-humanos?

— Apesar da vida do Jimmy depender disso... — suspirou a mulher, estremecendo. — Eu sei, mas talvez não me atreva a admiti-lo.

— Até aqui não disse nada que não tenha aparecido em revistas ou livros — disse-lhe ele. — Sei que se trata de especulações espúrias; em cem anos, nunca ninguém descobriu provas concretas sobre a existência dos Estranhos, que como tal deverão ser encarados como uma superstição; mesmo assim, algumas pessoas foram ao ponto de declarar que a existência de nativos inteligentes nas terras do interior é uma possibilidade.

— Eu sei — repetiu ela. — Ainda não percebi foi o que te fez tomar esses argumentos a sério, assim de um dia para o outro!

— Bem, uma vez que me obrigaste a pensar no assunto, ocorreu-me que os colonos das zonas periféricas de Roland não são labregos obtusos e isolados como os da Idade Média. Têm livros, telecomunicações, ferramentas, energia, veículos motorizados e, acima de tudo, têm uma educação moderna e orientada para os aspectos científicos. Assim sendo, por que raio é que se viram para a superstição? Tem de haver qualquer coisa que os leve a isso. — Aqui deteve-se, como que arrependido. — É melhor não dizer mais nada. As minhas ideias vão muito mais longe do que isso mas, se eu não estiver enganado, é perigoso estar para aqui a discuti-las em voz alta.

Mistherd sentiu os músculos da barriga a contraírem-se. Afinal, aquela cabeça de falcão era sinónimo de perigo. A Portadora de Grinaldas tinha de ser avisada. Pensou por instantes em chamar Nagrim para que matasse aqueles dois; se o nicor lhes caísse em cima de surpresa, era possível que nem as armas de fogo os salvassem. Mas não, na terra dos homens eram capazes de saber que eles estavam ali, ou então... apurou de novo o ouvido, pois a conversa mudara de rumo. Barbro murmurava:

— ... Porque é que ficaste em Roland?

O homem sorriu.

— Bem, a vida em Beowulf não tinha nada de excitante. Heorot é, ou era, já que isso se passou há várias décadas atrás, densamente povoada, extremamente organizada, aborrecida e monótona até ao último pormenor. Em parte, isso ficava a dever-se à cintura de terras baixas, uma espécie de válvula de segurança que impedia a saída dos insatisfeitos. O pior é que me faltava a tolerância ao dióxido de carbono necessária para sobreviver nesses locais. A dada altura começaram a organizar uma expedição cujo objectivo era alcançar uma série sucessiva de mundos colonizados, em especial os que não dispunham de equipamentos capazes de manter as comunicações via laser. O objectivo oficial, anunciado aos quatro ventos, era o de procurar novas ideias nos campos da ciência, das artes, da filosofia, da sociologia, enfim, tudo o que valesse a pena investigar. Aqui em Roland pouco descobriram com interesse para Beowulf, mas no meu caso foi diferente: percebi que o planeta me oferecia oportunidades impossíveis de encontrar noutros mundos, e assim deixei-me ficar por cá.

— Também eras detective em Beowulf?

— Sim, mas trabalhava na Polícia. É uma tradição da família; talvez se deva à nossa costela cherokee, se é que este nome te diz alguma coisa. Também nos orgulhamos de descender (colateralmente) de uma das primeiras agências de investigação legalmente estabelecidas na Terra, muito antes dos voos espaciais. Não sei se isso corresponde à verdade, mas sempre nos deu jeito como referência curricular. Não sei se estás a ver, é uma espécie de arquétipo...

O homem calou-se, parecendo pouco à vontade.

— É melhor irmos dormir — disse pouco depois. — Amanhã de manhã arrancamos bem cedo, ainda temos muito que palmilhar.

— Aqui não há manhãs — observou ela, fitando o horizonte indistinto.

Entraram no veículo. Mistherd levantou-se devagarinho, flectindo os músculos para restabelecer a circulação. Porém, antes de regressar para junto da irmã de Lyrth, ainda arriscou uma espreitadela por um dos painéis do carro. Lá dentro, estendidos em dois beliches a cada um dos lados do veículo, os dois humanos pareciam dormir. Mesmo assim o homem não tocara na fêmea, apesar desta ter um corpo bem desenvolvido, e nada do que se passara entre os dois sugeria que o pretendesse fazer.

Estranhos, estes humanos. Frios como pedras. E eram eles que queriam conquistar aquele mundo tão belo e selvagem? Mistherd cuspiu para o chão, enojado. Não, era coisa que nunca aconteceria. Aquela que reinava tinha-o prometido.

-

As terras de William Irons estendiam-se a perder de vista, o que naquelas paragens não era de admirar: tinha de sustentar uma numerosa família e imensas cabeças de gado com base em culturas nativas cujas técnicas de cultivo ainda eram mal compreendidas. Também tratava do algumas plantas terrestres, claro, durante o Verão e em estufas especiais, mas isso era um luxo a que poucos se davam. A verdadeira conquista da região setentrional de Árctica assentava na *yerba,* uma planta semelhante ao feno, na madeira do *batyriza,* no *glicofilon* e, eventualmente, quando o crescimento populacional levasse à expansão do mercado, no *calcanthemum* para as floristas da cidade e nas peles para os peleiros.

Tudo isso, porém, só se concretizaria num futuro relativamente distante, um futuro que Irons já não esperava ver. Sherrinford ficou mesmo sem saber se o homem esperava que a coisa se concretizasse do todo.

A sala estava bem aquecida e bem iluminada, a lareira a crepitar alegremente. A luz dos fluopainéis fazia brilhar as cadeiras, mesas e aparadores de maneira trabalhada, os cortinados garridos e os pratos vidrados nas prateleiras. O lavrador, um homem alto e corpulento, sentava-se na sua cadeira de espaldar alto, vestido a rigor, a barba a descer-lhe pelo peito. Lá fora, celeiros e sebes gemiam sob o vento, as árvores dobravam-se, e... seria possível que, por entre o mugir assustado das vacas, se estivesse a ouvir um gargalhar irónico? As rajadas de granizo açoitavam o telhado, como se uma mão gigante estivesse a tamborilar com dedos enlouquecidos.

Num sítio daqueles era fácil apercebermo-nos da distância a que estavam os vizinhos mais próximos, pensou Sherrinford. Apesar de tudo eram as pessoas que víamos com mais frequência, com quem trocávamos produtos, com quem falávamos pelos visifones (quando as tempestades solares não transformavam as conversas numa algaraviada indistinta e os rostos em pinturas caóticas) ou de viva voz, com quem dançávamos nas festas, com quem nos casávamos, com quem tecíamos intrigas... e que nos caluniavam. As luzes e as maquinarias das cidades costeiras estavam monstruosamente distantes.

William Irons era um homem coriáceo, mas quando falou natava-se-lhe um tom de medo na voz:

— O senhor quer mesmo ir até à Escarpa do Monstro?

— Está a referir-se ao Desfiladeiro Hanstein? — respondeu Sherrinford, mais num desafio que a dissipar uma dúvida.

— Aqui nesta zona toda a gente lhe chama Escarpa do Monstro — observou Barbro.

Como é que um nome daqueles teria renascido ali, a anos-luz e a vários séculos de distância das Idades Negras da Terra?

— Há caçadores e prospectores que costumam deslocar-se a essas montanhas… aqueles a quem vocês chamam aventureiros — disse Sherrinford.

— Sim, em certos sítios — respondeu Irons. — Só aí é que é permitido, graças a um pacto há muito estabelecido entre um homem e a Rainha, por este ter curado um coelho que tinha sido ferido por um satã. Os homens podem aventurar-se nos sítios onde cresce a plumablanca, desde que deixem oferendas nos penedos-altares, para pagamento daquilo que levam dessas terras. Em todos os outros sítios… — a mão do lavrador cerrou-se em volta do braço da cadeira, descontraindo-se de seguida. — Não aconselho ninguém a lá ir.

— Mas já lá foram, não é verdade?

— Oh, claro. E alguns até conseguiram regressar, ou pelo menos gabam-se disso, se bem que nunca mais tenham tido sorte na vida. A maioria, porém, desapareceu para sempre. Dos que regressaram, houve quem falasse em maravilhas e horrores, e nunca mais foram nada na vida. Há muito tempo que ninguém se atreve a quebrar o pacto, e ainda bem que assim é. — Irons virou-se para fitar Barbro com um ar quase que ameaçador. A mulher e os filhos também a fitaram, imóveis e silenciosos. O vento uivou do lado de lá das paredes, fazendo abanar as persianas reforçadas. — Não queira ser você a primeira.

— Tenho motivos para acreditar que o meu filho foi levado para lá — respondeu Barbro.

— Sim, sim, já me contou a sua história, lamento imenso. Talvez se possa fazer qualquer coisa. Não sei bem o quê, mas terei todo o prazer em… oh, posso colocar uma oferenda dupla na Cova do Unvar, quando chegar a meio do Inverno, junto com uma reza presa à turfa por uma faca de amolar. Talvez eles lhe devolvam o seu filho. — Irons parou para deixar escapar um suspiro. — Se bem que não haja memória de alguma vez terem feito uma coisa dessas. Olhe que no fundo até teve sorte, o seu miúdo… eu mesmo já os vi, a correrem como loucos no meio do lusco-fusco. Pareciam mais felizes do que nós somos. Para o rapaz talvez seja pior se o mandarem ter consigo.

— Como na canção do Arvid — disse a mulher dè Irons. O marido confirmou com um aceno de cabeça.

— Mmmm. Ou como em muitas outras, diga-se de passagem.

— Incrível! — exclamou Sharrinford. Mais do que nunca, sentia-se como um estranho no meio daquela gente. Era um filho da cidade e da técnica, acima de tudo um filho do inteligência analítica. Mas esta família *acreditava!* Não ficou mais descansado quando reconheceu vestígios dessa aceitação no lento acenar de cabeça de Barbro.

— Temos a mesma balada na terra de Olga Ivanoff — disse-lhe Barbro, a voz menos calma que as palavras. — É uma das mais tradicionais, ninguém sabe quem é que as compôs, mas são normalmente entoadas para marcar o compasso nas rodas que se fazem nos prados.

— Reparei que traz uma muitilira na sua bagagem, Srª Cullen — disse a mulher de Irons, nitidamente ansiosa por deixar morrer o tópico explosivo que era a jornada até às terras do Velho Povo. Umas cantigas eram capazes de ajudar. — Não quer tocar para nós?

Barbro disse que não com a cabeça, as narinas muito brancas, mas o filho mais velho não perdeu a oportunidade de se evidenciar:

— Mas eu posso tocar, se os nossos convidados não se importarem.

— Gostava muito de te ouvir — disse Sherrinford, recostando-se na cadeira, para acender o cachimbo. Se aquilo não tivesse sucedido espontaneamente, ele próprio teria mudado de conversa, talvez num sentido semelhante.

Nunca se sentira incentivado a estudar o folclore dos pioneiros, e também nunca se lembrara de dar uma vista de olhos às escassas referências publicadas sobre o assunto, pelo menos até ao momento em que Barbro o metera neste sarilho. No entanto, estava cada vez mais convencido de que precisava de compreender aquela gente — não como num estudo antropológico, mas sim de dentro para fora, para poder aperceber-se do relacionamento entre as famílias da fronteira e os seres que as assombravam.

Levantaram-se todos para mudar as posições das cadeiras, enquanto a dona da casa servia mais café e os rapazes tratavam de encher os cálices de brande. O mais velho explicou:

— A última estrofe é o mote. Quero que todos me acompanhem, está bem?

Era patente que também ele ansiava por livrar a atmosfera da tensão que até aí dominara. «Catarse através da música?», pensou Sherrinford, acrescentando para os seus botões: «Não, é antes um exorcismo.»

Era o pioneiro Arvid
que vinha a descer as encostas
por entre a sombra das árvores tremedeiras,
galgando monte após monte.
A dança ondula entre os espinhos de fogo.

O vento da noite murmurava à sua volta
trazendo os cheiros da erva e dos regatos.
Ambas as luas subiam acima da sua cabeça
e as colinas cintilavam de orvalho.
A dança ondula entre os espinhos de fogo.

A sonhar com aquela mulher
que o esperava à luz do sol,
Arvid parou, maravilhado com a luz das estrelas,
e foi assim que se deixou apanhar.
A dança ondula entre os espinhos de fogo.

Pois por detrás de uma campa
que se erguia a desafiar a Lua
a gente Estranha estava a dançar
brilhando como vidro e ouro.
A dança ondula entre os espinhos de fogo.

Os Estranhos dançavam
como água, vento e fogo
ao som de harpas geladas,
e nunca se cansavam.
A dança ondula entre os espinhos de fogo.

E ela foi ter com Arvid
do sitio onde estava a ver a dança,
A Rainha do Ar e da Escuridão,
a luz das estrelas a sair-lhe pelos olhos.
A dança ondula entre os espinhos de fogo.

A luz das estrelas, o amor e o terror
a jorrarem-lhe dos olhos,
a Rainha do Ar e da Escuridão...

— Não! — gritou Barbro, saltando da cadeira, os punhos cerrados e as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara. — Vocês não podem... não podem falar dessa maneira sobre as coisas que me roubaram o Jimmy!

Saiu a correr da sala e galgou as escadas a caminho do quarto dos hóspedes.

No entanto acedeu a terminar a canção. Fê-lo cerca de setenta horas depois, já acampados nas estepes onde os aventureiros não se atreviam a ir.

Tanto ela como Sherrinford pouco mais tinham falado com a família Irons depois de terem recusado todos os pedidos e súplicas para que não entrassem

nos territórios proibidos. Pouco falaram também enquanto seguiam para norte. No entanto, lentamente, revelando uma paciência excepcional, Sherrinford lá foi conseguindo que ela se abrisse e lhe contasse a sua vida, levando-a mesmo a perder o ar lamentoso quando recordava cenas passadas em família ou com os amigos. De certa forma, esta vitória abriu caminho a certas descobertas — por exemplo, o facto de Sherrinford ser, por baixo da sua capa profissional, um *gourmet* e um grande apreciador de ópera, para além de a apreciar como mulher; Barbro descobriu também que ainda era capaz de se rir e de reparar na beleza das terras que atravessavam... e compreendeu, não sem uma certa sensação de culpa, que a vida poderia reservar-lhe mais surpresas além do possível salvamento do filho que Tim lhe dera.

— Estou convencido de que está vivo — disse o detective, irónico. — Para falar com toda a franqueza, isso até me leva a lamentar ter-te trazido comigo. Sempre esperei que isto fosse um passeio para recolha de informações, mas afinal vai ser muito mais do que isso. Se estamos realmente a lidar com as criaturas que o roubaram, então corremos sérios riscos. O melhor era dirigir-me ao posto mais próximo e chamar um avião para te vir buscar.

— Não te atrevas! — gritou ela. — Precisas de alguém que conheça este meio ambiente, e eu sou melhor qualificada que a maioria.

— Mmmm... e por outro lado atrasávamo-nos muito, não achas? Para além da distância adicional, não posso comunicar com nenhum aeroporto enquanto as interferências da tempestade solar não acalmarem um pouco.

Na noite seguinte, Sherrinford desembrulhou o resto do equipamento que trouxera e pôs-se a montá-lo. Barbro reconheceu alguns dos aparelhos, como, por exemplo, um detector térmico, mas a grande maioria era-lhe completamente desconhecida, ainda por cima por ter sido copiada (a pedido dele) de esquemas sofisticados em uso no planeta natal do detective. Sherrinford pouco a esclareceu.

— Já te expliquei que os seres que teremos de enfrentar devem ter capacidades telepáticas — repetiu, como que a desculpar-se de não ser mais explícito.

Os olhos *dela* arregalaram-se.

— Queres dizer que isso pode ser verdade? A Rainha e o seu povo são capazes de ler as nossas mentes?

— É um dos aspectos que ressalta da lenda em que estão envoltos, não te parece? O fenómeno não tem nada de especial; foi estudado e razoavelmente definido há alguns séculos atrás, na Terra. Todos os factos com ele relacionados estão registados nos microfilmes científicos guardados na biblioteca do Pouso de Natal. Vocês, Rolandeses, esqueceram-se simplesmente do os estudar, do mesmo modo que ainda não tiveram tempo para construir emissores de feixe ou naves espaciais.

— Bom, então como é que funciona a telepatia?

Sherrinford reconheceu que o drama vivido pela companheira precisava tanto de conforto como de factos, pelo que acedeu e explicou-lhe tudo o que sabia, fazendo-o porém num tom deliberadamente seco:

— O nosso organismo gera radiações de ondas muito longas, as quais podem, em princípio, ser moduladas pelo sistema nervoso. Na prática, a fraqueza

dos sinais e o seu baixo teor em informações transmitidas torna-os confusos, difíceis de detectar e de medir. Os nossos antepassados pré-humanos procuraram assim sobreviver graças a sentidos mais fiáveis, como a visão e a audição. No nosso caso, as emissões telepáticas serão quando muito marginais. No entanto, as explorações já realizadas levaram à descoberta de espécies extraterrestres que conseguiram vantagens evolucionárias ao desenvolverem mais do que nós este sistema, pelo menos nos respectivos meios ambientes. Entre essas espécies devem contar-se as que recebem, comparativamente, menos luz solar directa — por outras palavras, espécies que no dia-a-dia procuram evitar a exposição à luz solar. Sob este aspecto, esses seres devem possuir capacidades tão desenvolvidas que, para distâncias curtas, serão não só capazes de captar as fracas emissões dos seres humanos como as poderão devolver ampliadas e distorcidas, desequilibrando assim a perceptibilidade dos seus alvos.

— Isso já explicava muita coisa, não é? — perguntou Barbro em voz baixa.

— O nosso autocarro está protegido por um escudo de empastelamento — disse-lhe Sherrinford. — Não alcança mais do que uns metros para lá do *chassis.* Fora dele, qualquer espião dessa raça é capaz de ser alertado pelos teus pensamentos, ficando assim a saber o mesmo que tu e, por consequência, aquilo que eu pretendo fazer. Tenho um subconsciente suficientemente treinado para me levar a pensar em francês sempre que saio lá para fora; as comunicações têm de ser compreensíveis, percebes? O francês tem uma estrutura bem diferente do inglês, do modo que posso considerar-me seguro. O inglês, porém, é a única língua falada em Roland, e o Velho Povo deve conhecê-lo perfeitamente.

Barbro concordou com um aceno de cabeça. Ele tinha-lhe explicado o seu plano genérico, o qual era demasiado óbvio para ser escondido de quem quer que fosse; a maior dificuldade residia no contacto com os alienígenas, se é que estes existiam. Até então só se tinham revelado, a intervalos esparsos, perante um ou outro lenhador ou caçador. Para o fazerem, teriam toda a vantagem em recorrer à projecção do alucinações, e por outro lado procurariam manter-se ao largo do qualquer expedição numerosa (e como tal inabordável) que lhes passasse pelos seus territórios. Duas pessoas, porém, fazendo tábua rasa do todas as proibições, não os assustariam tanto que os levassem a não se aproximar. Mas mais importante ainda... esta seria a primeira equipa humana a funcionar baseada no pressuposto do que os Estranhos eram reais, para mais ajudada pelo que de mais moderno havia em matéria tecnológica, dispondo inclusive de instrumentos vindos de outros planetas.

Não aconteceu nada naquele acampamento, mas Sherrinford disse que também não estava à espera de novidades. O Velho Povo rodeava-se das máximas cautelas nas zonas limítrofes das fazendas dos agricultores, mas no interior talvez se mostrassem mais atrevidos.

Na noite seguinte, o veículo entrara já bem dentro das terras proibidas. Quando Sherrinford parou o motor junto a um regato, deixando o autocarro deslizar até parar, o silêncio inundou-os como uma vaga gigantesca.

Apearam-se, e Barbro foi preparar uma refeição enquanto ele apanhava lenha, para mais tarde se poderem sentar em redor de uma boa fogueira. O detective consultava amiúde o pulso; não usava relógio, tendo no lugar deste um mostrador controlado por rádio que repetia tudo o que os instrumentos dentro do veículo iam detectando.

— Também, quem é que precisava de um relógio naquelas paragens? As constelações giravam pachorrentas para lá da aurora refulgente; a lua Alde brilhava por cima de um pico coberto de neve, dando a esta uma tonalidade prateada apesar do local do acampamento improvisado já estar a uma altitude razoável. O resto das montanhas estava escondido atrás da floresta que os rodeava, uma floresta quase toda de árvores tremedeiras, picotadas aqui e ali pelas etéreas e alvas plumablancas, quais fantasmas no meio das sombras. Podiam ver-se alguns espinhos de fogo a brilharem, fazendo lembrar pequenas lanternas penduradas entre as folhas; os arbustos largavam um odor pesado e adocicado. A visibilidade era surpreendente: apesar do lusco-fusco, qualquer deles conseguia ver os pormenores de objectos relativamente distantes. Ali perto, um regato cantarolava e um pássaro lançava os seus trinados.

— Está-se bem aqui — disse Sherrinford. Acabado o jantar, nenhum deles se voltara a sentar, nem sequer para avivar a fogueira.

— Mas há uma estranheza no ar... — comentou Barbro em voz baixa. — Será que isto foi feito de propósito para o Homem? Não sei se alguma vez nos poderemos considerar os donos disto.

Sherrinford apontou as estrelas com a boquilha do cachimbo:

— O Homem já foi a sítios muito mais estranhos que este.

— Achas que sim? Eu... oh, deve ser qualquer coisa que me ficou da infância, mas... quando à noite olho para o céu nunca penso nas estrelas como bolas do gás cujas energias já foram medidas, bolas de gás com planetas a serem percorridos todos os dias pelos pés mais prosaicos. Não, para mim são pequeninas, frias e mágicas; as nossas vidas estão ligadas às delas, e depois do morrermos elas vêm sussurrar-nos ao ouvido dentro das sepulturas... — Barbro baixou a cabeça. — Sei que só digo asneiras, mas é o que sinto.

Sob a luz das estrelas, Barbro conseguiu aperceber-se da súbita imobilidade do rosto dele.

— Nem por isso — respondeu Sherrinford. — Emocionalmente, a Física pode ser uma asneira ainda maior. No fim, como deves calcular, depois de um número suficiente de gerações, o pensamento deixa-se ultrapassar pelos sentimentos. Lá muito no fundo, o Homem não é um ser racional: é capaz de deixar de acreditar nas histórias da ciência se já não as achar certas. — Calou-se, pensativo, mas não demorou a continuar, agora sem olhar para ela: — E aquela balada que não chegámos a acabar na quinta? Porque é que te afectou tanto?

— Eu já não podia mais, não fui capaz de ficar a ouvi-los... bem, a ouvi-los louvar essa gente. Foi o que me pareceu na altura, mas se quiseres peço-te desculpa pela confusão.

— Julgava que a balada era cantada por imensa gente.

— Pois sim, mas nunca me lembrei de as contar. A antropologia cultural é uma das coisas para que não temos tempo em Roland, ou então nunca nos lembrámos de a aplicar, com tanta coisa mais importante para fazer. Mas agora que falaste nisso... sim, é surpreendente como há tantas canções e histórias em que aparece o nome Arvid.

— Eras capaz de a acabar por mim? Ela riu-se, mas o riso saiu-lhe forçado.

— Posso fazer melhor do que isso! Espera aí, vou buscar a minha multilira.

Quando começou a cantar, porém, Barbro omitiu o mote hipnótico, excepto no fim. Sherrinford ficou a ouvi-la, fitando o vulto da mulher delineado contra a Lua e a aurora boreal.

... e a Rainha do Ar e da Escuridão
gritou baixinho sob as estrelas:

Apaga-te, pioneiro Arvid,
e junta-te ao povo dos Estranhos.
Já não precisas de ser humano,
o que é um fardo demasiado grande.

Ele atreveu-se a responder-lhe:
Posso fugir a correr,
Tenho uma dama à minha espera, sonhadora
nas terras para lá do Sol.

E não posso deixar os meus camaradas à espera
e os trabalhos que não posso recusar,
pois o que seria do pioneiro Arvid
se abandonasse todos os seus trabalhos?

Lança-me os teus encantamentos, Estranha,
Deixa que a tua magia me inunde.
Mesmo que me mates
Nunca me roubarás a liberdade.

Ela riu-se como uma harpa
e disse-lhe com desprezo:
Não preciso de magia
para te dar um desgosto eterno.

Vou mandar-te para casa sem nada
excepto as recordações
do luar, da música dos Estranhos,

das brisas da noite, do orvalho e de mim.

E tudo isso correrá atrás de ti,
escurecendo o Sol,
e tudo isso repousará a teu lado
quando os dias se acabarem.

No trabalho, na alegria e na amizade,
o teu desgosto pôr-te-á insensível
pois pensarás sempre naquilo que és
e naquilo que poderias ter sido.

Quanto à tua estúpida mulher,
trata-a o melhor que souberes.
Vai-te embora, Pioneiro Arvid,
liberto-te para que sejas um homem!

No meio de relâmpagos e risadas,
o povo dos Estranhos foi-se embora,
e ele ficou sozinho ao luar,
chorando até ao amanhecer.
A dança ondula entre os espinhos de fogo.

Barbro pôs o instrumento de lado. O vento levantava as folhas do chão. Largos minutos depois, Sherrinford perguntou:

— E nas zonas fronteiriças, as lendas como essa fazem parte do dia-a-dia das pessoas?

— Sim, é uma maneira de pôr a questão — respondeu Barbro. — Se bem que nem todas estejam cheias do feitos sobrenaturais. Algumas falam de amor e heroísmo, talvez os dois temas mais tradicionais.

— No vosso caso não me parece que a tradição tenha nascido do nada — comentou ele, entristecido. — De facto, penso que muitas das vossas canções não foram escritas por humanos.

Calou-se e nada mais disse sobre o assunto. Foram deitar-se.

Horas depois, um dos alarmes acordou-os.

O zunido não soou forte, mas pô-los imediatamente alerta. Tinham-se deitado ambos vestidos, preparados para qualquer emergência. O fulgor do céu

iluminava-os através da cúpula transparente. Sherrinford desceu do beliche, calçou as botas e prendeu o coldre ao cinturão.

— Deixa-te ficar cá dentro — ordenou.

— O que é que está lá fora? — perguntou Barbro, o coração ao pulos.

Sherrinford consultou os mostradores dos instrumentos e comparou-os com o repetidor que trazia no pulso.

— Um... dois... três animais — contou. — Não dos selvagens, a passarem por acaso. Um grande, homeotérmico a julgar pelas leituras dos infravermelhos, ligeiramente afastado dos outros e imóvel. O outro... hmmm, temperatura baixa, emissão difusa e instável, como se fosse uma espécie de... do enxame de células coordenadas... coordenadas como? Por feromonas? Está a pairar, também a certa distância. O terceiro está quase em cima de nós, move-se escondido entre os arbustos, e os indicadores classificam-no como humano.

Barbro viu-o a estremecer de impaciência, perdido que estava o habitual ar professoral.

— Vou tentar capturar um — disse o detective. — Depois de lhe ter deitado a mão, prepara-te para me deixares entrar o mais depressa possível. Não corras riscos, aconteça o que acontecer, e mantém isto pronto a disparar — estendeu-lhe uma carabina de grosso calibre já com a bala na câmara.

Encostou-se à porta e abriu-a uma nesga. O ar entrou imediatamente, frio e húmido, cheio de fragrâncias e murmúrios. A lua Oliver também já nascera, e a radiância conjugada dos dois satélites era maior que nunca, a juntar-se ao manto azulado e mais ténue da aurora boreal.

Sherrinford consultou de novo o repetidor de pulso. O aparelho também devia indicar a direcção dos espiões, mesmo escondidos entre o restolho. O detective saiu abruptamente, correndo para lá das cinzas da fogueira até desaparecer entre as árvores. As mãos de Barbro fecharam-se sobre a coronha da carabina.

A confusão estoirou; dois vultos entraram abraçados na clareira, a lutar. Sherrinford agarrara firmemente uma pequena figura humana. O luar prateado permitiu a Barbro ver que se tratava de um rapaz completamente nu, de cabelos compridos e muito novo. O jovem lutava como um demónio, ululando como um satã.

A realidade da descoberta esbofeteou-a com violência: era uma das crianças roubadas e criadas pelo Velho Povo. O género de criatura em que eles queriam transformar o seu Jimmy.

— Ah! — gritou Sherrinford, obrigando o adversário a rodar para de imediato lhe desferir um golpe seco no plexo solar. O rapaz ficou sem respiração e encolheu-se, enquanto o detective o empurrava na direcção do autocarro.

Da orla do bosque saiu um gigante. Até podia ser confundido com uma árvore, negra e rugosa, dotada de quatro grossos cepos; contudo, o solo estremecia e afundava-se debaixo das pernas-raízes, e os rugidos surdos e cavos atroavam tanto os ares como o interior dos crânios.

Barbro gritou, Sherrinford rodou sobre os calcanhares; sacou da pistola e disparou vários tiros em rápida sucessão, que estalaram secos e relampejantes no meio do lusco-fusco, enquanto com o braço livre segurava o miúdo. O monstro

vacilou com os impactos dos projécteis, mas conseguiu recuperar e retomou o avanço lento e ameaçador, agora com maior cautela, rodeando a clareira para impedir o detective de chegar ao autocarro. Este nunca conseguiria escapar a não ser que soltasse o prisioneiro... que por outro lado era o único guia capaz de os levar junto de Jimmy.

Barbro saltou para fora,

— Não! — gritou Sherrinford. — Por amor de Deus, volta para dentro!

O monstro rosnou e acenou os braços na direcção da mulher, como que a querer agarrá-la. Barbro puxou o gatilho; o coice magoou-a no ombro. O colosso dobrou-se e caiu, mas instantes depois punha-se de novo em pé e corria para ela. Barbro recuou. O gigante sangrava um óleo brilhante que se ia misturar com a geada. Hesitante, travou, mudou de direcção e fugiu a caminho das árvores, desaparecendo engolido pela escuridão da floresta.

— Lá para dentro! — gritou Sherrinford. — Já saíste do campo empastelador!

Uma língua de neblina desceu sobre a clareira. Barbro mal reparou nela antes de ver o novo vulto junto à orla da mata.

— Jimmy! — exclamou.

— Mãe! — gritou o miúdo, de braços estendidos, o luar a reflectir-se nas lágrimas que lhe escorriam até ao queixo. Barbro deixou cair a arma e correu para o filho.

Sherrinford foi atrás dela. Jimmy fugiu para o meio das árvores, e Barbro correu no seu encalço, sem se importar com os ramos que lhe fustigavam a cara e o corpo. Foi agarrada e arrastada para longe.

Em pé ao lado do prisioneiro, Sherrinford aumentou o brilho do fluoro até bloquear a visão do exterior selvagem. O rapaz piscou os olhos, encadeado pela luz fria e incolor.

— Vais falar, ai isso é que vais — disse-lhe o homem. Apesar da expressão furiosa, expressava-se em tom calmo.

Os olhos do rapaz, meio escondidos entre as madeixas sebentas, trespassaram o seu captor; uma nódoa negra acentuava-se no maxilar inferior. Por pouco não conseguira fugir quando Sherrinford tinha ido atrás da mulher, numa vã perseguição. Ao voltar para trás, o detective ainda tivera tempo de o agarrar. As próximas horas não lhe correriam de feição, pois os reforços dos Estranhos podiam chegar a qualquer momento. Sherrinford pusera-o inconsciente com um potente murro e levara-o para dentro do carro, onde agora se sentava amarrado a um banco giratório.

Cuspiu para o chão.

— Falar contigo, amostra de homem? — vociferou. A coragem só era interior; tinha o corpo coberto do suor, e os olhos matreiros percorriam, sem cessar, as paredes metálicas da caixa onde estava encerrado.

— Diz-me como é que te chamas, para te poder tratar pelo nome.

— Para depois me lançares um feitiço?

— Eu chamo-me Eric. Se não me deres outra hipótese, terei de te chamar... mmmm... Mariquinhas.

— O quê? — Por muito selvagem que fosse, o rapaz não deixava de ser um adolescente humano. — Está bem, pronto. Chamo-me Mistherd.

O sotaque cantarolante do seu inglês só servia para realçar a tristeza que o começava a invadir.

— O som não interessa, só conta o que o nome quer dizer. Seja como for, é só o nome por que me tratam, nada mais.

— Ah, portanto manténs um nome secreto que consideras ser o verdadeiro?

— Ela é que o tem, mas eu não sei qual é. Ela sabe os nomes verdadeiros de toda a gente.

— Ela? — perguntou Sherrinford, soerguendo as sobrancelhas.

— Aquela que reina. Que ela me perdoe, mas não posso fazer o sinal de reverência com os braços amarrados. Alguns dos invasores chamam-lhe a Rainha do Ar e da Escuridão.

— Estou a ver — Sherrinford tirou do bolso o cachimbo e a bolsa do tabaco, deixando que o silêncio se estendesse enquanto acendia o isqueiro. Só passado um bocado é que disse:

— Confesso que o Velho Povo me apanhou desprevenido. Nunca esperei que o teu bando tivesse um elemento tão formidável como aquele. Tudo o que aprendi sobre eles só revela a forma como actuam contra a minha raça (e tua, miúdo), através do roubo, dos estratagemas e das ilusões.

Truculento, Mistherd confirmou com um aceno do cabeça.

— Foi ela quem criou os primeiros nicores, não há muito tempo atrás. Não duvides nem por um momento daquilo que ela é capaz do fazer!

— Não, não duvido. Mesmo assim, um colete à prova de bala também resulta, não achas?

Sherrinford continuou a conversar, devagarinho, quase como se falasse consigo mesmo:

— Mesmo assim continuo a acreditar que esses... como é que se chamam? Esses nicores (como todos os vossos seres meio-humanos) foram criados essencialmente para darem nas vistas, e não para serem usados. O poder de projectar miragens deve ter um raio efectivo bastante reduzido, e as pessoas que o possuem devem ser muito poucas. Se assim não fosse, ela nunca teria actuado da maneira lenta e engenhosa como actua. Mesmo fora do meu escudo mental, a Barbro (a minha companheira) podia ter resistido, podia ter-se apercebido do que tudo o que via não era real... mas para isso não podia estar tão assustada e desesperada como estava.

A mão do Sherrinford ficou envolta em fumo.

— Aquilo que eu vi não interessa — continuou. — Até pode ter sido a mesma coisa que ela viu. Acho que se limitaram a dar-nos uma ordem simples, do género: «Vais ver aquilo que mais desejas no Mundo, a fugir do ti para dentro da floresta.» É claro que ela não deve ter caminhado muitos metros até o nicor a

agarrar. Não valia a pena ir atrás deles. Não sou nenhum caçador arcticano e, além disso, teria sido facílimo cair numa emboscada. Preferi tratar de ti. És o meu elo de ligação com a tua rainha.

— O quê, pensas que te vou guiar até Starhaven ou Carheddin? Nem pensar, homem frio.

— Prefiro negociar.

— Tenho a impressão de que queres mais do que isso — respondeu Mistherd, revelando uma surpreendente astúcia. — Que histórias vais contar quando voltares para casa?

— Sim, esse é um dos problemas, não é? A Barbro Cullen e eu não somos colonos assustados, percebes? Viemos da cidade, e trouxemos instrumentos de registo. Seremos os primeiros da nossa raça a relatar um encontro com o Velho Povo, e olha que será um relatório pormenorizado e plausível. Vai servir para mexer muitos cordelinhos...

— Portanto, como vês, não tenho medo do morrer — declarou Mistherd, se bem que os lábios lhe tremessem ao de leve. — Se eu te levasse para junto do meu povo, para lhes fazeres as coisas que os homens fazem, então não teria a mínima razão para continuar a viver.

— Não precisas de ter medo, pelo menos para já — respondeu Sherrinford. — Não passas de um isco.

Sentou-se e fitou o rapaz através de uma máscara que era a imagem da calma absoluta. (Por dentro, o desespero era total: *Barbro, Barbro!)*

— Pensa bem. A tua rainha não pode permitir que eu volte para casa, levando comigo um prisioneiro que pode revelar muita coisa sobre ela. Posso tentar abrir caminho à força (este carro está mais armado do que vocês pensam), mas isso não serviria para libertar ninguém. Parto do princípio de que eles não são capazes de correr às cegas para cima de uma metralhadora pesada, de um lança-foguetes e de um fulgurator. O mais natural é tentarem parlamentar, quer venham com boas intenções ou não. Como vês, sempre farei o contacto que sempre pretendi.

— Mas qual é o teu plano? — perguntou o rapaz num murmúrio angustiado.

— Primeiro isto, à laia de convite—disse Sherrinford, estendendo a mão para ligar um interruptor. — Já está. Baixei o escudo contra a leitura de mentes e projecção de imagens. Atrevo-me a dizer que os chefes, pelo menos, conseguirão perceber que o escudo desapareceu. É para lhes incutir confiança.

— E depois?

— Depois? Bom, vamos ficar à espera. Queres comer ou beber alguma coisa?

No espaço de tempo que se seguiu, Sherrinford tentou alegrar o abatido Mistherd, ao mesmo tempo que procurava descobrir tudo o que pudesse sobre a vida do rapaz. As poucas respostas que obteve foram secas e curtas. Passado um bocado atenuou as luzes do interior do autocarro e sentou-se para vigiar as imediações. Passaram-se várias e longas horas.

Terminaram com um grito de alegria do rapaz: na orla da floresta aparecera um bando de Estranhos.

Alguns deles destacavam-se com mais nitidbz do que seria de esperar sob o luar, a luz das estrelas e o brilho da aurora. O da frente vinha montado num alce branco com os cornos decorados com grinaldas de flores. Tinha forma humana mas possuía uma beleza alienígena, os cabelos de ouro e prata a caírem-lhe para trás saídos do capacete alado, o rosto altivo e sereno. O manto ondulava-lhe nas costas como se fosse asas vivas, e a cota de malha recoberta de geada tilintava com o andar.

Atrás dele, à esquerda e à direita, vinham dois outros armados de espadas, em cujas lâminas se podiam ver pequenas chamas serpenteantes. Por cima do grupo, um bando voador ria-se, cantarolava e revolteava nos ares, seguido de perto por uma mancha de neblina translúcida. Os que se tinham deixado ficar no meio das árvores eram mais difíceis de distinguir, mas moviam-se todos com passadas elásticas e elegantes, como que dançando ao som de harpas e trompas de caça.

— É o Lorde Luighaid — informou Mistherd em tom orgulhoso. — O Sábio da Senhora... em pessoa.

Sherrinford só a custo conseguiu ficar sentado junto ao painel de instrumentos, o dedo a aflorar o comando do gerador de campo e pronto a activá-lo a qualquer momento. Com a outra mão fez deslizar parte da cobertura de vidro da cúpula, para deixar os sons entrarem. O vento lambeu-lhe o rosto, trazendo consigo um cheiro a rosas... o cheiro das rosas do jardim de sua mãe. Nas suas costas, Mistherd esticou-se tanto quanto o permitiam as cordas que o sujeitavam, para poder ver o bando em aproximação.

— Chama por eles — disse-lhe Sherrinford. — Pergunta-lhes se não se importam de falar comigo.

Palavras estranhas, cantarolantes e doces, foram trocadas entre o autocarro e a orla da floresta.

— Sim — traduziu o rapaz. — O Lorde Luighaid não se importa de falar contigo, mas, deixa-me que te diga, eles nunca te deixarão ir embora. Não ofereças resistência. Aguenta. Deixa-te conduzir. Nunca saberás o que é estar vivo enquanto não tiveres vivido em Carheddin, debaixo da montanha.

Os Estranhos cercaram o autocarro.

-

Jimmy refulgiu e desapareceu. Barbro, sujeita por mãos fortes, seguia no dorso largo de um animal, e sentiu o cavalo a galopar. Tinha de ser um cavalo, se bem que houvesse muito poucos no planeta, quase todos usados em actividades de recreio ou para reprodução. Conseguia aperceber-se do restolhar à volta deles, as folhas a serem afastadas com violência, o ocasional bater dos cascos nas pedras do caminho; continuava escuro, e à sua volta a atmosfera estava morna e prenhe de odores intensos.

O que a levava disse-lhe em tom suave:

— Não tenhas medo, querida. Aquilo que viste não passou de uma ilusão, mas ele está à nossa espera e é para lá que vamos.

Incerta, Barbro pensou que devia estar a sentir qualquer coisa como o terror, o desespero ou algo do género. Porém, as recordações confundiam-na... nem sequer sabia como é que tinha vindo parar ali, só sabia que estava a ser levada por alguém que a amava. Sentiu-se invadir por uma paz serena, como que numa calma antecipação da alegria...

Passado um bocado a floresta terminou abruptamente. Atravessaram um prado marcado aqui e ali por penedos que o luar transformava emi maciços cinzentos-esbranquiçados, as sombras percorridas por tonalidades etéreas quando o fulgor da aurora boreal as atravessava. Insectos luminosos, fazendo lembrar pequenos cometas perdidos no espaço, esvoaçavam em torno das flores. Ao longe, um pico enorme brilhava sob o luar duplo, o cume escondido debaixo de uma camada de nuvens.

Barbro tinha a cabeça voltada para o sentido da marcha; podia ver a cabeça do cavalo, e às tantas pensou, surpreendida: «Mas este é o *Sambo,* o meu cavalo quando eu era mais nova!» Olhou para cima, para o homem, que vestia túnica preta e manto com capuz, o qual tornava difícil distinguir-lhe o rosto. Ali, naquele sítio, não foi capaz de soltar o grito que lhe nascia nas entranhas.

— Tim! — murmurou.

— Sim, sou eu, Barbro.

— Mas eu en-terrei-te...

O homem sorriu-lhe com uma ternura infinita:

— Nunca pensaste que podemos ser mais qualquer coisa além daquilo que deixamos estendido na cova? Minha pobre querida... a que agora nos chama é Aquela que Tudo Cura. Vê se descansas, sonha...

— Sim, sonhar... — disse ela, tentando soltar-se das mãos que a cingiam, para se sentar no dorso do cavalo. Não conseguiu, faltavam-lhe as forças. Mas porque é que teria do acreditar em lendas arcaicas sobre... átomos e energias, nada mais para preencher aquele abismo, o vazio... lendas de que não se conseguia lembrar... quando Tim e o cavalo que o pai lhe dera a levavam para junto do seu Jimmy? Aquela outra coisa devia ter sido um pesadelo, e isto era o acordar ensonado de um sonho infindável.

Como se lhe pudesse ler os pensamentos, Tim murmurou-lhe:

— Nas terras dos Estranhos canta-se uma canção chamada a *Canção do Homem:*

O Mundo singra

levado por um vento invisível.

A luz fende-se na proa

E a esteira é escura como a noite.

... mas os Nossos não sabem o que é a tristeza.

— Não te estou a perceber — disse ela. Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Tens muito que aprender, querida, e eu não vou poder voltar a ver-te enquanto não aprenderes essas verdades. Entretanto, ficarás junto do nosso filho.

Barbro tentou erguer a cabeça para o beijar, mas ele não deixou.

— Ainda não — disse. — Ainda não foste aceite no seio do povo da Rainha. Eu não devia ter vindo buscar-te, mas ela, na sua misericórdia, acabou por o permitir. Deixa-te estar deitada, deixa-te estar deitada.

O tempo voou. O cavalo continuava a galopar, incansável, sem nunca fraquejar, sempre a subir o flanco da montanha. A certa altura, Barbro viu um grupo de seres a caminharem no sentido contrário ao deles, como se fossem a caminho de uma última e estranha batalha contra... contra quem? Contra um homem, encerrado numa caixa de metal e de tristeza... Passado um bocado, tentou recordar-se do nome do homem que a trouxera à terra da Antiga Verdade.

Por fim viu as espiras magnificentes a erguerem-se entre as estrelas, as tais estrelas que são pequeninas e mágicas e cujos murmúrios nos confortam depois de termos morrido. Entraram num pátio iluminado por velas cujas chamas brilhavam imóveis, com várias fontes onde cantarolavam bandos de pássaros. A atmosfera cheirava a flores, sobretudo a rosas; enfim, nem tudo o que o homem trouxera para o planeta era mau e vil. Os Estranhos esperavam-na, contentes por a verem chegar. Por detrás da linha dos que a aguardavam, *pooks* saltavam e cabriolavam como loucos, e por entre as árvores corriam crianças nuas, enquanto um coro entoava uma música mais solene.

— Já chegámos a... — A voz de Tim transformara-se súbita e inexplicavelmente num crocitar agudo. Barbro nem sequer o viu desmontar, sempre com ela ao colo. Pôs-se em pé e viu-o a cambalear à sua frente.

O medo dominou-a.

— Sentes-te bem? — perguntou, agarrando-lhe ambas as mãos, que pareciam geladas e ásperas. Para onde teriam levado o *Sambo?* Procurou ver o rosto escondido pelo capuz. Com toda aquela luz, era estranho como não conseguia ver com clareza a cara do homem. A verdade é que esta surgia desfocada, como que a querer formar-se sem o conseguir.

— Mas o que é que se passa? O que é que te aconteceu?

Ele sorriu. Seria o mesmo sorriso que ela em tempos tanto amara? Já não conseguia lembrar-se.

— Tenho... tenho de ir embora — gaguejou o homem, tão baixo que ela mal pôde distinguir as palavras. — A nossa altura ainda não chegou.

Soltou as mãos e apoiou-se a um vulto embuçado que aparecera a seu lado. Um manto de neblina formou-se imediatamente sobre as cabeças dos dois.

— Não quero que me vejas a voltar... a voltar para debaixo da terra — suplicou o marido. — Para ti seria a morte certa. Temos de esperar pela nossa altura... olha, ali está o nosso filho!

Barbro não resistiu e voltou-se para o ver, ajoelhando com os braços estendidos. Jimmy chocou com ela, como se fosse uma bala de canhão sólida e morna. Ela afagou-lhe os cabelos, beijou-o no pescoço, riu-se e murmurou-lhe palavras carinhosas; este não era nenhum fantasma, nenhuma recordação que lhe tivesse sido roubada num momento de desatenção. Olhou em redor,

procurando descobrir mais qualquer coisa que o pudesse magoar — fome, doença, medo — mas nada descobriu, o que a levou a analisar com mais calma aquilo que a rodeava. Os jardins já lá não estavam. Tanto se lhe dava.

— Tive muitas saudades de ti, mãe. Vais ficar comigo?

— Vou levar-te para casa, querido.

— Não, fica! Aqui é divertido. Vou mostrar-te tudo, mas tu tens de ficar.

Um suspiro chegou-lhes do meio do lusco-fusco. Barbro levantou-se, e Jimmy agarrou-se à mão dela. Viraram-se para enfrentar a Rainha.

Muito alta, vinha vestida com trajos bordados com as luzes do setentrião, a cabeça encimada pela coroa estrelada e, ao pescoço, incontáveis grinaldas de nunca-me--beijes. O porte fazia lembrar o da Afrodite de Milos, cuja imagem Barbro vira frequentemente nos aposentos dos homens. A Rainha, porém tinha a pele mais clara, era mais majestosa, e os olhos, esses, tinham a cor do azul da noite. À sua volta, os jardins voltaram a despertar para uma nova realidade, acompanhados pela corte de Estranhos, com as espiras esguias a servirem de pano do fundo.

— Bem-vinda sejas — disse a Rainha, numa voz cantarolante. — Para todo o sempre.

Vencendo o medo e o respeito, Barbro respondeu:

— Mãe da Lua, deixa-nos ir para casa.

— Não, isso não posso permitir.

— Para o nosso mundo, para o nosso pequeno e amado mundo — suplicou Barbro. O mundo que construímos para nós e para os nossos queridos filhos.

— E onde vivem numa prisão, no meio de noites furiosas, para trabalharem até desfazerem os dedos, para viverem amores que cedo se transformam em pedra ou ervas saltitantes, para saberem o que é a dor, o desgosto, tendo como única certeza o nada final. Não. Também tu, que estás quase a ser a Pés Aventureiros, rejubilarás quando os estandartes dos Estranhos entrarem desfraldados ao vento na última das cidades, quando o Homem se transformar num verdadeiro ser vivente. Agora vai, junta-te àqueles que te vão ensinar.

A Rainha do Ar e da Escuridão levantou um braço autoritário. Deteve-o a meia-altura, mas ninguém acorreu ao chamamento.

Do sítio onde jorravam as fontes e a música chegou-lhes um rugido pavoroso. Línguas de fogo elevaram-se do chão, trovões começaram a rebentar-lhes por cima das cabeças. O séquito dispersou aos gritos quando viu a coisa do metal a trepar pela encosta da montanha. Os *pooks* levantaram voo, aterrorizados, numa confusão de asas escamudas, e os nicores atiraram-se de cabeça contra o invasor, desaparecendo um a um no meio de enormes labaredas enquanto a sua Criadora lhes gritava para que recuassem.

Barbro abraçou-se a Jimmy, protegendo-o com o corpo. Os torreões ondularam e dissiparam-se como uma nuvem do fumo, deixando a montanha nua sob a luz fria das duas luas, revelando imensos penedos, falésias e, mais ao longe, a boca de um glaciar cujas profundezas pulsavam com a luz azulada da

aurora boreal. Mais perto, a entrada de uma gruta escurecia uma boa parte do flanco da montanha. Por todo o lado, criaturas incríveis gritavam espavoridas, procurando refugiar-se no subsolo; alguns eram humanos de nascimento, outros grotescos como os *pooks,* nicores e aparições; a maioria, porém, era constituída por seres esguios, recobertos de escamas, de caudas compridas e bicos afiados, muito diferentes quer dos homens quer dos Estranhos.

Por momentos, mesmo quando Jimmy se agarrou à mãe a gritar de medo, em parte porque o encantamento desaparecera, e em parte porque estava aterrorizado, Barbro teve pena da Rainha, que continuava sozinha a pairar a meia-altura. Também ela acabou por fugir, e o mundo de Barbro destroçou-se à sua volta.

As armas calaram-se, o veículo travou e deteve-se ao lado dos dois. A porta abriu-se para dar passagem a um rapaz, a gritar como um louco:

— Sombra-de-um-Sonho, onde é que estás? Sou eu, o Mistherd! Vem cá! Vem cá!

Só então se lembrou que a língua em que tinha sido criado não era a língua do Homem. Continuou a gritar em inglês até que uma rapariga saiu a rastejar de baixo do arbusto onde se escondera. Olharam um para o outro através do fumo, da poeira e do luar, e por fim ela correu para ele.

Uma voz gritou de dentro do autocarro:

— Barbro, despacha-te!

-

Os dias tinham chegado ao Pouso de Natal, ainda curtos nesta altura do ano, mas a luz do Sol, o céu azul, as nuvens brancas, as águas cintilantes e a brisa salgada inundavam as ruas buliçosas e a sã desordem da sala de estar do apartamento de Sherrinford.

O detective cruzou e descruzou as pernas no sofá onde se sentara, a fumar o cachimbo como se quisesse esconder-se atrás de uma cortina do fumo, e às tantas disse:

— Tens a certeza de que já estás recuperada? Não podes arriscar-te a entrar numa depressão.

— Não, estou bem — respondeu Barbro Cullen, se bem que num tom indiferente. — Ainda me sinto cansada, basta olhar-me para a cara. Ninguém consegue passar por uma experiência destas para depois recuperar numa simples semana. Enfim, já estou de pé e a tratar das minhas coisas. Para falar com franqueza, preciso de saber o que se passou e o que se está a passar antes de poder recuperar completamente. Ninguém se refere a nada, ninguém me conta as novidades!

— Já discutiste com os outros o que se passou?

— Não, limitei-me a dizer às visitas que estava demasiado cansada para falar. Não lhes menti, mas penso que deve haver uma razão qualquer para todo este segredo em volta do caso.

Sherrinford pareceu ficar aliviado.

— Assim é que é. Fui eu que pedi para ser assim. Já imaginaste a sensação que vamos causar quando isto for tornado público? As autoridades

concordaram em como precisavam de um certo tempo para estudar os factos, para os debater numa atmosfera calma e para oferecerem uma solução aceitável aos eleitores, que a princípio, e naturalmente, tenderão a descambar para uma certa histeria. — Os cantos dos lábios reviraram-se ligeiramente para cima. — Além do mais, os teus nervos e os do Jimmy precisam de se curar antes que a tempestade jornalística se abata sobre vocês. Como é que ele está?

— Bastante bem. Ainda não parou de me aborrecer para que o deixe voltar para junto dos amigos do Lugar Maravilhoso... na idade em que está não lhe vai ser difícil recuperar, não tarda a esquecer-se de tudo.

— De qualquer maneira, poderá encontrar-se com eles mais tarde.

— O quê? Mas nós não... — Barbro agitou-se na cadeira, incomodada. — Eu já me esqueci de tudo, quase não me lembro do que se passou nas últimas horas. Trouxeste de volta algumas das crianças humanas raptadas?

— Não. O choque que sofreram já foi mais que suficiente, imagina o que seria trazê-las de volta para as internarem numa instituição psiquiátrica... O Mistherd, que no fundo é um jovem sensível e inteligente, garantiu-me que não correriam qualquer perigo, eram capazes de dar conta de si pelo menos no que se refere à satisfação das necessidades básicas, e até que possamos tratar de um regresso em condições. — Aqui Sherrinford hesitou. — Não sei bem como é que isso vai ser feito... aliás ninguém sabe, o caso ainda está no princípio. De uma coisa tenho a certeza: muita daquela gente, em especial os que ainda não são crescidos, vão voltar para o seio da raça humana. De certo modo talvez seja o melhor para todos, pois vamos precisar de elementos de ligação entre nós e os Estranhos.

O tom frio em que se expressava serviu para os tranquilizar a ambos. Barbro conseguiu mesmo dizer:

— E eu, achas que me portei mal? Lembro-me de ter uivado e batido com a cabeça no chão.

— Não penses mais nisso — respondeu Sherrinford, fitando aquela mulher grande e orgulhosa antes de se levantar para ir pousar uma mão reconfortante no ombro dela. — Foste atraída e enganada por um jogo habilidoso que mexeu com os teus instintos mais profundos, ainda por cima num momento de puro pesadelo. Depois, quando o monstro ferido te carregou às costas, é óbvio que se lhe juntou uma outra espécie de criatura, esta capaz de te saturar à queima-roupa com forças neuropsíquicas. A juntar a isso tudo, a minha súbita chegada, a repentina e brutal destruição de todas as ilusões, foram acontecimentos mais que suficientes para te pôr fora de ti. Não me admira que tenhas gritado de dor, mas fica sabendo que antes de enlouqueceres, não te esqueceste de entrar com o Jimmy para dentro do autocarro, para além de nunca teres tentado interferir com o que eu estava a fazer.

— E o que é que fizeste?

— O que é que querias que fizesse? Fugi dali o mais depressa possível. Várias horas depois, as condições atmosféricas permitiram-me chamar Portolondres para requisitar uma evacuação aérea de emergência. Não estou a dizer que isso fosse um caso de vida ou de morte: que hipóteses é que o inimigo tinha de nos deter? Nem sequer tentaram. Só pretendi sair do território o mais cedo possível.

— Sim, já tinha imaginado que as coisas se passaram como dizes — respondeu Barbro, fitando-o nos olhos. — Mas o que eu queria saber é outra coisa: como é que nos descobriste ali em plena montanha?

Sherrinford afastou-se um pouco da mulher.

— Foi o meu prisioneiro que me guiou. Não me parece que tenha morto nenhum dos Estranhos que vieram parlamentar, ou pelo menos espero que não. Limitei-me a passar por eles com o autocarro depois de uns tiros de aviso, e a velocidade do veículo era demasiada para que eles me seguissem. O aço e a gasolina não se podem comparar à carne e aos músculos... foi uma luta desigual. Quando cheguei à entrada da caverna tive de abater vários daqueles gigantes, mas não me orgulho de o ter feito.

Calou-se, taciturno, mas passado um bocado acrescentou:

— Mas tu estavas nas mãos deles... não sabia bem o que é que te iriam fazer, mas a verdade é que ainda me sentia ligado ao nosso contrato. — Deteve-se de novo. — Não quero ver mais violência à minha frente.

— Mas como é que conseguiste que o rapaz... que o rapaz cooperasse?

Sherrinford dirigiu-se à janela, onde ficou a contemplar as águas tranquilas do Oceano Boreal.

— Desliguei o escudo empastelador — explicou. — Permiti que o bando se aproximasse, com todo o esplendor das suas ilusões. Depois liguei o escudo sem avisar, e ambos pudemos ver os seres nas suas verdadeiras formas. Enquanto seguíamos para norte, expliquei ao Mistherd o como ele e os seus iguais tinham sido enganados, usados e forçados a viver num mundo que nunca existiu. Perguntei-lhe se queria continuar a viver assim (bem como os outros a quem amava) até ao fim da sua vida, mantido cativo e tratado como um animal doméstico... sim, deixavam-nos correr de vez em quando sobre colinas sólidas e reais, mas obrigavam-nos sempre a regressar ao mundo da ilusão. — O cachimbo fumegava furiosamente. — Espero nunca mais na vida ver uma coisa daquelas. O rapaz tinha sido ensinado a pensar que era o ser mais livre do mundo.

Lá em baixo, a calma impunha-se nas ruas do trânsito ainda congestionado. A estrela Carlos Magno estava prestes a desaparecer para lá do horizonte, e a leste o céu já estava escuro.

— Mas porquê? — perguntou Barbro pouco depois. — Porque é que as crianças foram raptadas e educadas dessa maneira?

— Em parte porque era essa uma das estratégias magicadas pelos Estranhos, e em parte porque queriam experimentar os seus poderes em seres do nossa espécie... nas mentes, claro, e não nos corpos. E em parte porque os humanos também têm poderes que não deixam de ser úteis, como por exemplo a capacidade de suportarem sem dificuldade a luz do dia.

— Mas qual era o objectivo final disso tudo? Sherrinford começou a andar de um lado para o outro.

— Bom, os objectivos finais dos aborígenes ainda são obscuros. Ainda mal conseguimos perceber o modo como pensam, quanto mais conhecer-lhes os sentimentos. As teorias que temos, contudo, parecem ajustar-se aos dados obtidos.

«Primeiro: porque é que se esconderam do Homem? Segundo penso, os seus antepassadbs — como deves calcular eles não são imortais, são mortais e falíveis como nós — pretenderam mostrar-se cautelosos, só que mais cautelosos ainda que os humanos primitivos; todos sabemos que na própria Terra muitos dos aborígenes só se revelaram aos estrangeiros ao fim do certo tempo. Espiaram-nos, leram-nos as mentes e por fim conseguiram aprender o suficiente da nossa língua para compreenderem o quão diferentes somos, para além de constatarem que somos muito mais poderosos do que eles; devem ter calculado que muitas mais naves iriam chegar, carregadas de novos colonos, mas não lhes ocorreu que os humanos poderiam respeitar os direitos que tinham sobre as suas terras. Talvez sejam ainda mais ferozes do que nós na defesa dós seus territórios. Chegaram assim a uma conclusão: tinham de lutar... à sua maneira, claro. Atrevo-me a dizer que, mal compreendamos a mentalidade dos Estranhos, a nossa ciência psicológica é capaz de sofrer a sua revolução coperniana.»

Sherrinford vibrava agora de entusiasmo:

— E não ó só isso que vamos ter de encarar! — exclamou. — Eles devem ter uma ciência muito sua, uma ciência não humana nascida num planeta que não é a Terra. A verdade é que eles nos observaram tão profundamente como nós nos observámos a nós próprios; congeminaram um plano para nos derrotarem que ainda precisava do mais um ou dois séculos até chegar a bom termo. Bom, e que mais sabem eles? Como é que mantêm a sua civilização sem qualquer agricultura visível ou sem edifícios acima do solo, sem minas, sem nada daquilo a que estamos habituados? Como é que conseguem criar a seu bel-prazer espécies completamente novas? Estamos perante um milhão de questões, com vários milhões de respostas possíveis!

— Mas será que podemos *aprender* alguma coisa com eles? — perguntou Barbro, mais calma que ele. — Ou limitar-nos-emos a derrotá-los, como, segundo dizes, eles temem?

Sherrinford parou, apoiou o braço na cornija da lareira e encheu o cachimbo.

— Espero bem que saibamos mostrar mais do que caridade perante um inimigo derrotado — respondeu. — É isso o que eles são, percebes? Tentaram conquistar-nos e falharam... e agora, em certo sentido, somos obrigados a conquistá-los, pois são eles que terão de fazer as pazes com a civilização das máquinas, em lugar do a verem enferrujar como pretendiam. Apesar de tudo, eles nunca nos fizeram tanto mal como as atrocidades que o Homem cometeu, no passado, contra os seus semelhantes. Repito, podemos aprender coisas maravilhosas com os Estranhos, e também os podemos ensinar, uma vez que aprendam a ser menos intolerantes com um modo de vida diferente.

— Sim, suponho que lhes podemos conceder o benefício da dúvida — disse ela, sem perceber porque é que ele sorriu e lhe respondeu com tanta firmeza:

— Deixemo-los com a honra que merecem! Lutaram para salvar o Mundo de coisas como esta... — estendeu o braço para apontar a cidade lá em baixo. — E nós, se não formos parvos, talvez saibamos conter os nossos habituais excessos!

Sherrinford estremeceu e deixou escapar um suspiro.

— Enfim, se os duendes tivessem vencido, suponho que a história do Homem em Roland teria os seus dias contados... acabaríamos por desaparecer, mesmo que em paz e talvez até com uma certa sensação de alívio. Sempre de alívio. Sempre vivemos com os nossos arquétipos... poderemos alguma vez viver sem eles?

Barbro abanou a cabeça.

— Desculpa, mas agora já não estou a perceber.

— O quê? — perguntou ele, fitando-a com uma surpresa que o livrou de toda a melancolia. Compreendeu o que ela queria dizer e riu-se. — Não ligues, eu é que estou a ser estúpido. Nos últimos dias, tenho explicado as minhas ideias a tantos políticos, cientistas, comissários, e sabe-se lá quem mais, que nem me lembrei de que tu estás mais a leste disto tudo que qualquer outra pessoa. O facto é que toda a gente tem algo a dizer, quer tenham ou não sido confrontados com os originais. É um fenómeno bem conhecido... estamos sempre a conhecer pessoas que, em maior ou menor grau, buscam refúgio em Cristo, no Buda, na Terra Mãe ou (os mais simples ou menos ambiciosos) no Hamlet ou no d'Artagnan. Tanto historicamente como nos campos da ficção e da mística, todas essas personagens representam o arquétipo dos aspectos mais básicos da psique humana, e quando os conhecemos na vida real, a nossa reacção vai mais longe que a simples consciência dos factos.

De repente ficou sério:

— O Homem também inventa arquétipos que não correspondem a indivíduos. A Ani, a Sombra... e, pelos vistos, o Mundo dos Estranhos. O mundo da magia, das maravilhas (que originalmente estavam ligadas aos encantamentos) e dos seres meio-humanos, alguns iguais a Ariel e outros copiados de Caliban, todos eles libertos das fragilidades e pesares humanos... e como tal mais cruéis, talvez mais descuidados, mais desprendidos, mais matreiros; são os habitantes do lusco-fusco e do luar, não verdadeiros deuses mas vassalos de senhores suficientemente enigmáticos e poderosos para serem como a nossa Rainha do Ar e da Escuridão... e esta sabia bem quais eram as melhores visões a aplicar às pessoas solitárias, quais as que devia revelar-lhes constantemente e quais as que só tinham cabimento de tempos a tempos, que canções e lendas deviam ou não ser difundidas entre os seus servos e inimigos. Até que ponto a Rainha e os seus seguidores terão aprendido com os nossos contos de fadas? Que partes é que são de sua exclusiva autoria? Até que ponto é que os homens empolaram as sugestões desses seres, sem nunca se aperceberem que estavam a ser levados, acreditando piamente que as veriam mal entrassem nos terrenos proibidos?

As sombras avançavam ao longo da sala; o ar arrefecera, e o ruído do trânsito diminuíra acentuadamente. Barbro perguntou-lhe em voz baixa:

— Mas onde é que isso nos vai levar?

— A muitos sítios — respondeu Sherrinford. — Sob muitos aspectos, os colonos das zonas limítrofes regrediram até à Idade Média. Têm poucos vizinhos, mal sabem do que se passa para lá do horizonte, labutam para sobreviver numa terra que só em parte compreendem e que os pode conduzir sem aviso a desastres inimagináveis... A civilização das máquinas que trouxe os seus antepassados para este planeta é no mínimo frágil e incipiente; os colonos podem perdê-la como as nações da Antiguidade perderam a Grécia e Roma, ou como

toda a Terra parece tê-la perdido na actualidade. Para os dominar bastava que os Estranhos os apoquentassem durante gerações e gerações, servindo-se dos truques, subterfúgios e matreirices que agora felizmente conhecemos; não demoraria muito até que os colonos acreditassem piamente na Rainha do Ar e da Escuridão, considerando-a mais poderosa que a energia das suas máquinas: levados pela fé, acabariam por segui-la incondicionalmente. Oh, para que isso acontecesse era preciso dar tempo ao tempo. Idealmente, o processo desenvolver-se-ia tão devagar que ninguém repararia nele, em especial os habitantes das cidades, satisfeitos por viverem nas suas conchas tranquilas e seguras. No fim, porém, com todo o interior de um continente virado de costas para as cidades, como é que estas conseguiriam sobreviver?

Barbro respirou fundo.

— Foi como ela me disse... «no dia em que os nossos estandartes drapejarem na última das vossas cidades, então alegrar-nos-emos».

— Sim, suponho que era essa a sorte que nos esperava — admitiu Sharrinford. — Apesar de tudo, ainda sou daqueles que preferem escolher o seu próprio destino.

Estremeceu e espreguiçou-se, como que a livrar-se de um pesado fardo. Bateu com o fornilho do cachimbo no cinzeiro e sentou-se, já mais descontraído.

— Bom, agora sabemos que não vai acontecer nada disso — concluiu.

— Graças a ti — disse ela, fitando-o nos olhos. O detective corou.

— Se não fosse eu seria qualquer outra pessoa... enfim -, o que interessa é aquilo que vamos fazer daqui em diante, e isso comporta decisões demasiado importantes para serem tomadas por um só indivíduo, ou talvez mesmo por uma única geração.

Barbro levantou-se.

— A não ser que se trate de uma decisão pessoal, Eric — sugeriu, sentindo que também enrubescia.

Era curioso vê-lo a comportar-se como um rapazinho tímido.

— Estava a contar que nos encontrássemos mais vezes... — confessou.

— Podes contar com isso.

-

Ayoch estava sentado na Anta de Wolund. A aurora boreal refulgia como nunca, em vastos lençóis de luz, a ponto de quase obscurecer o luar das duas luas em quarto minguante. Os espinhos de fogo já tinham caído; alguns ainda brilhavam junto às raízes das árvores, por entre o restolho seco que estalava debaixo dos pés e cheirava a fumo de madeira. O ar continuava morno mas o ocaso não deixara qualquer luminosidade atrás de si.

— Adeus, e boa sorte — disse o *pook.*

Mistherd e Sombra-de-um-Sonho nem sequer olharam para trás, como se nada daquilo lhes dissesse respeito. Afastaram-se até desaparecerem da vista, em direcção ao colonato humano cujas luzes pareciam fundir-se numa nova estrela nascida a sul.

Ayoch deixou-se ficar onde estava, pensando que também devia despedir-se daquela que, pouco tempo antes, juntara o seu sono ao daquele que dormia debaixo do dólmen. O mais provável era nunca mais ninguém se encontrar naquele sítio *para* fazer amor ou magia. Só conseguiu lembrar-se de uma velha estrofe que talvez não viesse a despropósito. Levantou-se e cantou-a:

E do seio dela
nasceu uma flor.
O Verão queimou-a,
e assim termina esta canção.

Abriu as asas e lançou-se no voo mais longo da sua vida.

- - - - - -

Larry Niven

No «Volume Dois», e relacionado com a história do Larry que lá apareceu *(Estrela de Neutrões),* mencionei às tantas que ele tinha uma «fácies escorreita, bem escanhoada».

Bom, a não ser que tenha mudado de novo, hoje deve usar barba: uma barba curta e bem cuidada que deve certamente contribuir para lhe melhorar a aparência. (Digo «deve» porque não sou perito em rostos masculinos. Por norma não costumo vê-los. Já me viram entrar numa sala cheia de homens, dirigir-me à única mulher presente e perguntar-lhe: «Então, está aqui sozinha?» Sei que se trata de uma peculiaridade, mas vivo resignado com ela e até hoje tenho recusado submeter-me a qualquer tratamento.)

Seja como for, aquilo que mais ficamos a dever à década de sessenta, na minha modesta opinião, é a primeira e séria recrudescência dos pêlos faciais dos homens desde que o dia em que Gibson, no primeiro decénio do século XX, lançou o estilo dos rostos completamente rapados.

Eu próprio tirei partido da nova moda. Em 1970 deixei crescer o cabelo, descobrindo deliciado o tempo que poupava ao não ir ao barbeiro; por outro lado, fiquei deveras aliviado ao ver que não era preso quando saía à rua.

Hoje, os cabelos caem-me graciosamente sobre os ombros, cheios de ondinhas e caracóis, e a minha maior ambição é vê-los encaracolar-se e ondular ainda mais até ao fundo das costas. Infelizmente, a minha mulher, Janet, não partilha comigo esta ambição. De quando em quando tenta persuadir-me — sempre na sua maneira meiga e compreensiva — a deixar que me corte o cabelo. Ajoelhando atrás de mim, com a tesoura numa mão e a navalha encostada à minha garganta, começa a cortar, a cortar, a cortar...

Também deixei crescer as patilhas, cada vez maiores e mais farfalhudas, em todas as alturas em que dei com a Janet distraída. Então não é que um dia ela olha para mim e me diz que gosta delas? As mulheres são assim, misteriosas do princípio ao fim.

A mulher do Larry (que, quando estudava no MIT, tinha a alcunha de *Fuzzy Pink,* talvez por causa das camisolas de lã que usava) parece-me indecentemente apaixonada pelo marido, com barba e tudo.

No «Volume Dois» acho que também mencionei o facto do Larry gostar de especular sobre a vida sexual do Super-Homem. Já na altura fiquei indeciso — como agora estou — se devia ou não pôr-vos ao corrente dos pormenores tal como descritos por ele; por exemplo, a força hidráulica da...

Não, nunca a conseguiria descrever tão bem como o Larry. Os verdadeiros erotomaníacos são sempre os tipos calmos, que coram com facilidade, permanentemente agarrados ao cachimbo malcheiroso.

Isaac Asimov

5 - LUA INCONSTANTE

ESTAVA a ver o noticiário quando a mudança surgiu, rápida como um adejar visto com o canto do olho. Virei-me para a janela da varanda; fosse o que fosse, já não fui a tempo de ver o que era. Nessa noite a Lua estava mais brilhante do que o costume.

Reparei nesse pormenor, sorri e virei-lhe as costas: o Johnny Carson estava nesse preciso momento a começar o seu monólogo.

Quando apareceram os anúncios levantei-me para ir aquecer café. Depois dá meia-noite, a publicidade é sempre transmitida em bochechos de três ou quatro anúncios. Tinha tempo para fazer o que queria.

O luar chamou-me a atenção quando voltei para junto do aparelho. Se antes já era brilhante, agora estava muito forte. Hipnótico. Abri a porta de vidro, que era das de correr, e saí para a varanda.

A varanda não passava de um minúsculo patamar com um corrimão, suficiente talvez para um homem e uma mulher em pé ao lado de um grelhador portátil. Nos últimos meses a vista tinha-se mantido formidável, em especial ao pôr-de-sol. A Companhia da Luz estava a construir um edifício enorme, rectangular, todo do vidro, que nessa altura ainda não passava de um amontoado simétrico de traves de aço. Em contra-luz, ao anoitecer, delineado contra o céu avermelhado, parecia não só surrealista como diabólico.

E esta noite...

Nunca na vida vira a Lua tão brilhante, nem sequer no meio do deserto. *Brilha tanto que até dá para ler,* pensei, concluindo de imediato, *mas isso não passa de uma ilusão.* A Lua (conforme lera em qualquer sítio) nunca ocupava um espaço maior que o preenchido por uma moeda de vinte e cinco cêntimos pendurada a três metros de distância do observador. Não, era impossível que alguém pudesse ler à luz do luar.

E ainda por cima só estava em quarto crescente!

No entanto, refulgente sobre a auto-estrada de San Diego, a oeste, a Lua parecia que até atenuava os faróis dos automóveis. Pisquei os olhos perante a intensidade do luar, e pensei em homens a caminharem na superfície do nosso satélite, deixando pegadas enrugadas por todo o lado. Uma vez, por causa de um artigo que estava a escrever, tinham-me deixado pegar num bocadinho do rocha ressequida que viera da Lua...

Lá dentro, o espectáculo recomeçara, levando-me a entrar. Contudo, ao olhar por cima do ombro, vi que a Lua estava cada vez mais brilhante — como se tivesse acabado de sair de trás de uma nuvem escura.

O luar quase que me trespassava o cérebro.

O telefone tocou cinco vezes até ela atender.

— Olá! — disse eu. — Ouve...

— Olá! — respondeu Leslie numa voz ensonada e queixosa.

Bolas! Estava a contar que estivesse a ver televisão, como eu.

— Não comeces já aos gritos — disse-lhe eu. — Tenho uma boa razão para te ter telefonado. Estás na cama, não é? Então levanta-te e... és capaz de te levantar, não és?

— Que horas são?

— Meia-noite e um quarto.

— Oh, meu Deus...

— Vai à varanda e olha à tua volta.

— Está bem.

Ouvi o ruído do auscultador a bater na mesa de madeira. Esperei. A varanda da Leslie ficava virada a norte e a poente, como a minha, mas dez andares mais acima, com a correspondente melhoria da vista.

Do lado de lá da minha janela, a Lua ardia como um projector de vidro martelado.

— Está? Stan?

— Estou. O que é que te parece?

— É formidável! Nunca vi nada como aquilo. O que é que poderá pôr a Lua a brilhar daquela maneira?

— Não sei, mas também acho formidável.

— Mas tu é que és o nativo! — retorquiu Leslie, que só se tinha mudado para cá no ano anterior.

— Ouve, eu também *nunca* vi nada assim, mas há uma velha lenda sobre isso — respondi. — «Uma vez em cada cem anos, o *smog* de Los Angeles afasta-se para longe durante uma única noite, deixando a atmosfera tão límpida como o espaço interestelar. Só assim é que os deuses podem ver se a cidade ainda está no mesmo sítio. Caso esteja, o *smog* volta a cobri-la para que eles não sejam obrigados a contemplá-la lá das alturas.»

— Sim, em tempos conheci de cor essas histórias todas. Bom, ainda bem que me acordaste para poder ver o espectáculo, mas amanhã tenho de ir trabalhar.

— Estou cheio de pena de ti...

— A vida é assim. B'noite.

— B'noite.

Sentei-me às escuras, tentando lembrar-me de mais alguém a quem telefonar. Ligar para uma rapariga à meia-noite, convidá-la a ir à varanda para ver o luar... ela tanto pode encarar a coisa com romantismo como ficar furiosa, mas pelo menos não vai desconfiar que também telefonámos a outras seis.

Fui desfilando os nomes que conhecia, mas as raparigas correspondentes já não as via há mais de um ano, pois entretanto passara o tempo todo com a Leslie. Não as podia censurar. A Joan estava no Texas e a Hildy ia casar-se; se telefonasse à Louise era provável que me atendesse o Gordie. E a miúda inglesa? Não, não me lembrava do número dela, nem sequer do apelido.

Além disso, todos os meus amigos estavam sujeitos à escravatura do relógio de ponto. Eu? Eu trabalhava por conta própria, escrevia para quem

comprava os meus trabalhos, e como tal podia escolher os meus horários. O telefonar a alguém àquela hora era sinónimo de lhe arruinar a manhã. Enfim, também não era importante.

Quando voltei à sala de estar, o espectáculo do Johnny Carson estava reduzido a uma mancha cinzenta e a um rugido de estática. Desliguei o aparelho e saí para a varanda.

A Lua brilhava mais que a fiada de candeeiros da via rápida, ou mesmo que toda a Westwood Village, à minha direita. As montanhas de Santa Monica refulgiam como se fossem feitas de pérola, e as estrelas já tinham batido em retirada perante aquele clarão.

Os meus escritos debruçam-se essencialmente sobre temas de divulgação científica e outros do tipo faça-você-mesmo, de modo que os meus conhecimentos deviam ser suficientes para imaginar o que é que levaria a Lua a comportar-se daquela forma. Poderia ter aumentado subitamente de tamanho? Inflada como um balão? Não, impossível.

Mais perto, talvez. A Lua a cair sobre a Terra?

As marés! Ondas com quinze metros de altura... e terremotos! A Falha de Santo António a abrir-se ao meio como o Grande Canhão! É melhor meter-me no carro e fugir para as colinas... não, demasiado tarde.

Tolices. A Lua estava mais brilhante, mas o tamanho era o mesmo, qualquer pessoa podia reconhecê-lo sem problemas. Mas o que é que poderia levá-la a brilhar daquela maneira?

Pestanejei, e a Lua deixou uma imagem constante nas minhas retinas; por aqui já podem ver como estava brilhante.

Devia haver um milhão de pessoas a observarem a Lua naquele preciso momento, admiradas e atónitas como eu. Um artigo sobre o assunto era capaz de se vender bem... se o escrevesse antes de os meus rivais do costume.

Tem de haver uma solução qualquer, simples e óbvia.

Ora bem, como é que a Lua pode ficar mais brilhante? O luar não passa de uma luz reflectida. Seria que o Sol ficara mais forte? Se assim fosse o fenómeno devia ter acontecido depois do ocaso, caso contrário teria sido notado...

Uma perspectiva de que não gostei nada.

Além disso, metade da Terra estava directamente exposta aos raios solares. Já devia haver milhares de correspondentes da *Life,* da *Time,* da *Newsweek e* da *Associated Press* a telefonarem da Europa, da África e da Ásia... a não ser que estivessem escondidos em caves. Ou mortos. Ou emudecidos, já que o Sol devia estar a inundar tudo com estática, a rádio, os sistemas telefónicos e a televisão... a televisão! Oh, meu Deus!

Só agora é que começava a ter medo.

Está bem, vamos lá a começar pelo princípio. A Lua estava muito mais brilhante. O luar... bem, o luar era a luz do Sol reflectida; qualquer idiota o sabia. Nesse caso... qualquer coisa tinha acontecido ao Sol.

II

— Estou?

— Olá. Sou eu outra vez — disse eu, sem saber o que dizer. Pânico! Como é que lhe podia dar a novidade?

— Tenho estado a ver a Lua — disse ela em tom sonhador. — Está mais bela do que nunca. Já tentei vê-la pelo telescópio, mas não consegui nada; está demasiado brilhante, consegue iluminar a cidade inteira. As colinas parecem feitas de prata.

Era verdade, ela tinha um telescópio na varanda. Tinha-me esquecido disso.

— Não consegui voltar a adormecer — continuou ela. — Há demasiada luz.

Consegui voltar a fazer funcionar o falamento.

— Ouve, Leslie, meu amor, estive a pensar na maneira como te acordei, e calculei logo que não ias conseguir voltar a adormecer, com toda esta luz. Que tal irmos comer qualquer coisa?

— Estás maluco de todo?

— Não, estou a falar a sério. Hoje, não é noite para se dormir; podemos nunca mais ter um luar destes em toda a vida. Manda a tua dieta para o diabo! Vamos celebrar, Leslie. Um gelado quente e frio, café irlandês...

— Bom, isso é diferente. Vou-me vestir.

— Eu vou aí ter.

-

Leslie vivia no décimo quarto andar da Torre C da Barrington Plaza. Bati à porta e fiquei à espera.

Enquanto esperava, pensei sem qualquer sensação de urgência: «Mas porquê a Leslie?»

Devia haver muitas outras maneiras de passar a minha última noite na Terra, para além daquela rapariga em particular. Podia ter escolhido outra, ou até várias ao mesmo tempo, excepto que isso não se aplicava à minha pessoa, pois não? Também podia ter telefonado ao meu irmão, ou a cada um dos meus pais.

Claro que o meu irmão, o Mike, teria exigido logo uma boa razão para eu o ter acordado àquela hora da noite. «Mas, Mike, a Lua está tão bonita...» Não, não servia. Tanto o meu pai como a minha mãe teriam reagido de igual forma. Eu bem podia ter uma boa razão, mas, e eles... acreditariam em mim?

E se acreditassem? O que é que eu lhes dizia? Assustava-os? Não, o melhor é deixá-los dormir descansados até ao fim. O que eu queria era alguém que me acompanhasse na minha festa de despedida, alguém que não resolvesse fazer as perguntas erradas.

Tinha de ser a Leslie. Voltei a bater.

A porta abriu-se, só uma frincha; Leslie estava em roupa interior. Uma cinta retorcida, rígida, encostou-se-me às costas quando ela me abraçou.

— Estava a pôr isto.

— Nesse caso cheguei mesmo a tempo — respondi, tirando-lhe a cinta da mão, para a deixar cair no chão. Dobrei-me pelos quadris, pus-lhe as mãos à volta da cintura, endireitei-me a custo e levei-a, pelo ar, até ao quarto de cama, os pés dela a tropeçarem nos meus tornozelos.

A pele dela estava fria. Devia ter estado na varanda.

— Com que então julgas-te capaz de competir com um quente e frio, hem?... — protestou ela.

— Mas, claro! É o meu orgulho que o exige.

Estávamos já ambos sem fôlego. Numa ocasião semelhante tinha tentado levá-la ao colo, ao estilo clássico do cinema, e quase que parti a espinha. A Leslie é uma rapariga grande, bem desenvolvida, e um tudo ou nada rechonchuda nas ancas.

Deixámo-nos cair na cama, lado a lado. Abracei-a e cocei-lhe as costas, sabendo que isso a deixaria incapaz do oferecer resistência, *ah, ah, ah, oh, ah!* Ela começou a soltar exclamações de prazer para me indicar onde coçar; tirou-me a camisa pela cabeça e retribuiu coçando-me também as costas.

Fomo-nos despindo mutuamente, uma peça de cada vez, atirando-as ao calhas para os pés da cama. A pele de Leslie já estava quente, quase a escaldar...

Estão a ver porque é que não podia ter escolhido outra rapariga? Teria de a ensinar a coçar-me... e não havia tempo para isso.

Há noites em que tenho uma certa tendência para apressar o acto sexual. Hoje, pelo contrário, era como se estivesse a cumprir um ritual, um ritual de iniciação. Tentei abrandar para que durasse mais. Tentei dar mais prazer à Leslie, e a coisa compensou de uma maneira incrível. Esqueci-me da Lua e do futuro quando ela me enfiou os calcanhares nas barrigas das pernas, lançando-me no ritmo mais antigo do mundo.

No momento do clímax, porém, a imagem que me surgiu foi tão vívida como assustadora. Estávamos dentro de um anel de fogo azuladb que se fechava como uma argola. Se na altura gemi de terror e êxtase, então ela deve ter pensado que foi só de êxtase.

Deixámo-nos ficar ao lado um do outro, ensonados, moles, do mãos dadas, as peles suadas coladas uma à outra. Senti-me tentado a cair no sono, pondo de lado o convite inicial, dormindo com ela até ao fim... mas em vez disso murmurei-lhe ao ouvido:

— Os gelados estão à nossa espera...

Ela sorriu, espreguiçou-se e rolou para fora da cama. Não a deixei vestir a cinta.

— Já passa da meia-noite, ninguém vai engatar-te. Porque é que não te pões à vontade?

Ela riu-se e cedeu. Voltámos a abraçar-nos no elevador, com força. Era muito melhor sem a cinta.

III

A empregada do bar, de cabelos grisalhos, parecia tão divertida como excitada. Veio ter connosco de olhos brilhantes, falando-nos como se quisesse contar-nos um segredo:

— Já repararam no luar?

O Ship's estava razoavelmente movimentado para uma hora daquelas; é certo que ficava perto da UCLA; metade dos clientes eram alunos da universidade. Falavam todos em voz baixa, espreitando amiúde pelas paredes envidraçadas do restaurante, um dos poucos que ficava aberto as vinte e quatro horas do dia. A Lua estava mais baixa, a oeste, tão baixa que entrara em competição com os globos dos candeeiros da rua.

— Sim, já reparámos — disse eu. — Estamos a celebrar. É capaz de nos trazer dois quentes e frios?

Quando a empregada nos virou costas, enfiei uma nota de dez dólares debaixo do toalhete de papel. A pobre moça nunca teria oportunidade de os gastar, mas pelo menos teria o prazer de os descobrir. Aliás, eu também não os conseguiria gastar.

Sentia-me descontraído, perfeitamente à vontade. De repente, muitos dos meus problemas pareciam ter-se resolvido por si.

Quem poderia imaginar que numa só noite a paz chegaria ao Vietname e ao Cambodja?

A coisa tinha começado por volta das onze e meia, aqui na Califórnia, claro. Como tal, o Sol do meio-dia estaria nessa altura por cima do Mar Arábico, iluminando quase toda a Ásia. a Europa, a África e a Austrália... com pequenas e insignificantes excepções nos limites dessa ampla zona.

A Alemanha já devia estar reunificada; o Muro ou derretera ou fora derrubado pelas ondas de choque. Os Israelitas e Árabes tinham deposto as armas, e em África o *apartheid* morrera.

E eu estava livre, não tinha a recear quaisquer consequências. Esta noite podia satisfazer todos os meus desejos mais esquisitos, roubar, matar, aldrabar o impresso dos impostos, atirar tijolos às montras das lojas, queimar os cartões de crédito. Podia esquecer-me do artigo sobre a formação explosiva de metais, cujo prazo terminava na próxima quinta-feira. Era a noite em que podia substituir as pílulas da Leslie por rebuçados de canela. Era a noite em que...

— Acho que vou fumar um cigarro. Leslie fitou-me com um olhar estranho.

— Julguei que tinhas deixado de fumar.

— Se calhar esqueceste-te... sempre disse que fumaria um cigarro sempre que me viesse uma vontade louca, e disse-o porque não era capaz de suportar a ideia de nunca mais fumar na vida.

Ela riu-se.

— Mas já não fumas há não sei quantos meses!

— E eles continuam a pôr anúncios de cigarros nas revistas que assino!

— Sim, deve ser uma conspiração. Está bem, fuma lá um cigarro.

Fui enfiar uma moeda na máquina, hesitei na escolha, e por fim tirei uma marca das mais fracas, com filtro. Não posso dizer que não me apetecesse fumar um cigarro; acontece é que certas ocasiões merecem ser celebradas com espumante, enquanto outras não merecem mais do que um simples cigarro.

Acendi um. *Aqui vai, à saúde do cancro do pulmão.*

Soube-me tão bem como me recordava, se bem que a primeira passa me tivesse deixado um sabor estranho na boca, como se tivesse mastigado uma mão-cheia de beatas velhas. A vista desfocou-se e tudo ficou mais calmo; por dentro, era como se tivesse o coração aos pulos na garganta.

— A que é que sabe?

— Tem um sabor estranho. Sinto-me tonto — confessei. Tonto! Há mais de quinze anos que não ouvia aquela

palavra. No liceu tínhamos começado a fumar para ficar tontos, deliciados com a quase bebedeira produzida pelos vasos capilares a contraírem-se no cérebro. A tontura desaparecera depois das primeiras vezes, mas a maior parte de nós continuara a fumar...

Apaguei o cigarro. A empregada chegara com os nossos gelados.

Quentes e frios, doces e amargos; não há gosto que se compare ao dos quentes e frios. Morrer sem os provar uma última vez teria sido uma vergonha. Para Leslie, contudo, o gelado era uma *coisa,* um símbolo da vida dos ricos. Vê-la a comer era quase mais divertido do que comer.

De resto... eu apagara o cigarro para provar bem aqueles sabores contrastantes, mas agora, em lugar de os apreciar, já suspirava pelo *irish coffee.*

O tempo escasseava.

O prato de Leslie estava vazio, e ela suspirou de prazer, dando pancadinhas na barriga:

— Aaah!

A um canto do restaurante, numa mesa das mais pequenas, um cliente enlouqueceu.

Tinha reparado nele quando entrara. Um fulano com ar professoral, de grandes patilhas e óculos do aros de aço. Não parara de se torcer para observar a Lua; tal como os outros comensais, parecia extasiado com aquele fenómeno raro e formidável.

De repente ficou apanhado. Vi o rosto dele a mudar, primeiro a revelar uma clara suspeita, logo seguida de incredulidade, depois horror, só horror e impotência.

— Vamos embora — disse para Leslie. Deixei cair várias moedas no balcão e levantei-me.

— Não queres acabar o teu?

— Não. Temos várias coisas para fazer. Que tal um café irlandês?

— E uma *Dama Rosa* para mim? Oh, olha! — exclamou, virando-se completamente.

O professor subira para cima da mesa. Equilibrou-se, abriu os braços e gritou numa voz grossa:

— Olhem para a janela!

— Desça já dái! — ordenou uma das empregadas, puxando-lhe enfaticamente pela bainha das calças.

— O Mundo vai acabar! Muito longe daqui, do outro lado do mar, a morte e o fogo do Inferno...

Nós já íamos a caminho da porta, rindo-nos a bandeiras despregadas enquanto corríamos.

— Talvez tenhamos escapado... a um tumulto religioso... ali dentro!

Pensei na nota de dez que deixara debaixo do toalhete. Já não ia agradar a ninguém. Lá dentro, o profeta gritava a sua mensagem de perdição a todos os que o quisessem ouvir. A mulher de cabelos grisalhos e olhos brilhantes acabaria por encontrar o dinheiro, comentando com os seus botões: *Eles também sabiam.*

-

No parque de estacionamento do Red Barn, os edifícios circundantes bloqueavam o luar. As luzes da rua e o luar indirecto eram mais ou menos da mesma cor, e a noite só parecia um bocadinho mais clara do que o habitual.

Não percebi porque é que a Leslie parou subitamente a meio da rampa de saída; no entanto segui-lhe o olhar, direito a uma estrela que brilhava com toda a força, um pouco a sul do zénite.

— Bonita — comentei.

Ela fitou-me com uma expressão estranha, ainda mais estranha do que no restaurante.

O Red Barn não tinha janelas. A luz artificial, algo fraca (muito mais fraca que o brilho no meio das ruas), reflectia-se nas prateleiras de madeira escura e nos clientes calmos e bem-dispostos. Ninguém parecia estar ciente de que aquela noite era diferente de todas as outras.

A pequena multidão das noites de terça-feira aglomerava-se quase toda junto ao piano; um dos clientes segurava o microfone nas mãos e entoava uma canção que me era vagamente familiar, numa voz hesitante que o pianista negro acompanhava com um sorriso.

Mandei vir dois cafés irlandeses e uma *Dama Rosa.* Perante o olhar interrogativo de Leslie, respondi-lhe com um sorriso misterioso.

O Red Barn estava tal e qual como dantes, descontraído, feliz, calmo. Demos as mãos por cima da mesa; sorri, receoso até de abrir a boca. Se eu quebrasse o encanto, se dissesse qualquer coisa errada...

As bebidas chegaram. Ergui o cálice de café pegando-lhe pelo pé. Açúcar, uísque irlandês e café preto e forte encimados por uma espessa camada *de* natas batidas. Desceu-me pela garganta como se fosse uma poção mágica, escura, quente e poderosa.

A empregada devolveu-me o dinheiro:

— Está a ver aquele homem de camisola de gola alta, ali junto ao piano? Está a pagar as bebidas a toda a gente — informou a rapariga, parecendo

deliciada. — Chegou vai para duas horas e estendeu ao *barman* uma nota de cem dólares.

Portanto ali estava a razão de tanta alegria. Bebidas à borla! Olhei com mais atenção, interrogando-me sobre o que é que o tipo estaria a celebrar.

Era um homem de pescoço taurino, vestido com camisola de gola alta e casaco desportivo. Sentava-se sozinho, dobrado sobre a mesa, uma das mãos firmemente cerrada em redor do copo alto. O pianista estendeu-lhe o microfone, mas ele recusou-o com um aceno de mão; o gesto permitiu-me ver-lhe bem a cara. Um rosto quadrado, forte, agora bêbado e com uma expressão miserável. Estava quase a chorar de medo.

Não era difícil perceber-se os motivos da celebração.

Leslie fez uma careta.

— Já não sabem preparar uma *Dama Rosa* como deve ser!

Só há um bar no Mundo que prepara a *Dama Rosa* ao gosto da Leslie, e não fica em Los Angeles. *Empurrei o* outro *irish coffee* na sua direcção, sorrindo-lhe com aquele ar do «eu-já-sabia». Um sorriso forçado. O medo do outro homem era contagioso. Ela devolveu-me o sorriso, levantou o copo e brindou:

— Ao luar azul!

Ergui o meu e bebi. Não era o sabor que eu teria escolhido.

O homem da camisola de gola alta deslizou para fora do banco alto. Caminhou cuidadosamente até à porta, lento e erecto como um transatlântico a aproximar-se da doca. Escancarou a porta e virou-se para dentro do bar, deixando-a aberta, de modo a que a claridade branca-azulada o delineasse perante os clientes no interior.

Bastardo! O tipo estava à espera que alguém compreendesse o que se passava, para depois gritar a verdade aos restantes. *Fogo e perdição...*

— Feche a porta! — gritou alguém.

— Está na altura de irmos embora — disse eu em voz baixa.

— Porquê a pressa?

A pressa? Ele era capaz de começar a gritar! Mas não fui capaz de lhe explicar.

Leslie pousou uma mão em cima das minhas.

— Eu sei. Eu *sei,* mas nós não podemos fugir, pois não?

Foi como se me tivessem apertado o coração num torno. Ela sabia e eu não tinha reparado?

A porta fechou-se, deixando o Red Barn imerso numa semiobscuridade avermelhada. O homem que pagara as bebidas desaparecera.

— Oh, meu Deus! Quando é que descobriste?

— Antes de teres chegado a minha casa — respondeu ela. — Ainda tentei verificar, mas não resultou.

— Verificar o quê?

— Fui à varanda e apontei o telescópio para Júpiter. Nesta altura, à noite, Marte está abaixo do horizonte. Se o Sol se transformou numa nova, todos os planetas deviam estar acesos como a Lua, não te parece?

— É isso mesmo! Caramba, como é que eu... — Devia ter pensado naquilo. Enfim, a Leslie é que gostava de observar as estrelas. Sei umas coisas de astrofísica, mas nunca teria sabido descobrir Júpiter, nem que fosse para salvar a vida.

— Bom, acontece que Júpiter estava com o mesmo brilho de sempre. Foi aí que fiquei sem saber em que pensar.

— Mas nesse caso... — senti que a esperança regressava, mas então lembrei-me. — E aquela estrela, por cima das nossas cabeças? A que tu me mostraste há bocado?

— Não é uma estrela, é Júpiter.

— E aceso como o raio de um anúncio de néon. Bom, isso resolve tudo!

— Não fales tão alto.

Até então eu *tinha* falado em voz baixa, mas durante um momento louco deu-me vontade de subir para cima da mesa e gritar àquela gente! *Fogo e perdição!* Porquê deixá-las na ignorância?

A mão de Leslie fechou-se sobre a minha, e a vontade passou-me. Fiquei a tremer.

— Vamos embora. Deixa-os pensar que vai haver um amanhecer.

— E vai — disse Leslie, soltando uma gargalhada amarga como eu nunca lhe tinha ouvido. Dirigiu-se à porta, enquanto eu tirava a carteira do bolso... lembrando-me de que não era preciso pagar.

Pobre Leslie. O ter descoberto Júpiter com o seu brilho normal deve ter-lhe parecido como uma suspensão temporária da sentença... até que o planeta começara a brilhar em toda a sua glória uma hora e meia mais tarde. Uma hora e meia, o tempo que a luz do Sol demorava a chegar à Terra depois de reflectida em Júpiter.

Quando cheguei à porta, Leslie quase que corria pela Westwood fora, a caminho de Santa Monica. Praguejei e corri atrás dela, sem saber se também ela tinha enlouquecido repentinamente.

Foi então que reparei nas sombras à nossa frente, todas do outro lado e a todo o comprimento do Boulevard de Santa Monica: sombras lançadas pelo luar, em padrões horizontais de faixas negras e azuladas.

Alcancei-a junto à esquina.

A Lua estava a pôr-se.

Na altura do ocaso, a Lua parece sempre maior do que é. Esta noite, fitava-nos através da nesga de céu para lá da auto-estrada, terrivelmente brilhante, gerando uma incrível complexidade de linhas e sombras. Até o crescente não iluminado refulgia como uma pérola, devido à luz reflectida pela Terra.

Não precisei de mais nada para ficar a saber o que se estava a passar no lado iluminado da Terra.

E na Lua? Os homens da *Apolo 19* deviam ter morrido com os primeiros raios da mais recente nova do universo. Encurralados numa planície lunar, escondidos *talvez atrás* de um penedo a derreter-se... Ou estariam na face oculta da Lua? Não me lembrava. Raios, até podiam sobreviver à Humanidade! Senti o toque amargo da inveja e do ódio.

E do orgulho. Tínhamos sido nós a pô-los lá. Tínhamos alcançado a Lua antes do aparecimento da nova. Mais um bocadinho e teríamos chegado às estrelas...

O disco alterou-se de uma maneira estranha à medida que se punha. Uma cúpula, um disco-voador, uma lente, uma linha...

Desapareceu.

Bom, estávamos feitos. Podíamos esquecer-nos dela; podíamos andar à vontade sem estarmos a ser constantemente relembrados de que qualquer coisa estava profundamente *errada.* A Lua, ao pôr-se, libertara a cidade de todas as suas sombras fantasmagóricas.

O pior é que as nuvens tinham adquirido um brilho sinistro. Tal como costumam mudar do cor depois do pôr-de-sol, esta noite brilhavam num tom branco-lívido junto às suas franjas ocidentais, e por outro lado corriam pelo céu com uma velocidade fora do normal. Como se estivessem a tentar fugir...

Quando me virei para Leslie, não pude deixar do reparar nas grossas lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

— Bolas! — peguei-lhe num braço. — Pára com isso. Pára com isso!

— Não posso. Sabes muito bem que quando começo a chorar não seu capaz de parar.

— Não era assim que eu estava a imaginar a coisa. Sempre julguei que iríamos fazer coisas que sempre pensámos fazer, coisas de que gostamos. É a nossa última oportunidade, Leslie. É assim que queres morrer, a chorar na esquina de uma rua?

— Eu não quero morrer!

— Merda!

— Obrigada.

O rosto dela estava avermelhado e contorcido. Leslie estava a chorar como um bebé, sem se importar com a dignidade ou as aparências. Senti-me pior do que nunca. Sentia-me culpado, e *sabia* que a nova não acontecera por minha causa, o que me deixava furioso.

— Eu também não quero morrer! — exclamei. — Mostra-me uma saída e eu vou contigo sem hesitar. Para onde é que podemos ir? Para o Pólo Sul? Só servia para atrasarmos a coisa. A Lua deve estar a derreter no lado iluminado. Para Marte? Quando isto tudo acabar Marte passará a fazer parte do Sol, tal como a Terra. Para a Alfa do Centauro? A aceleração necessária deixava-nos esparramados numa antepara, como manteiga de amendoim ou compota...

— Oh, cala-te!

— Está bem.

— E o Havai? Stan, podemos pôr-nos no aeroporto em vinte minutos. Se seguirmos para ocidente conseguimos duas horas extra! Mais duas horas antes do nascer do Sol!

Bom, era uma ideia. Duas horas não era nada que se desprezasse! Mas não, eu já pensara nisso horas antes, quando contemplara a Lua da minha varanda.

— Não, ainda era pior: morríamos mais cedo. Ouve, meu amor, nós vimos a Lua a aumentar de brilho por volta da meia-noite, e isso significa que a Califórnia estava nas costas da Terra quando o Sol se transformou numa nova.

— Sim, eu sei disso.

— Portanto devemos ser os que estamos mais afastados da onda de choque.

Ela pestanejou.

— Não estou a perceber.

— Vê a coisa do seguinte modo: primeiro o Sol explode, o que provoca o aquecimento da atmosfera e dos oceanos, tudo num repente, como que num relâmpago a alastrar por toda a metade iluminada. O vapor e o ar superaquecido expandem-se mais *depressa* do que pensas; forma-se uma onda de choque flamejante em rápido avanço para a metade da noite. Está a aproximar-se de nós neste preciso momento, mas o Havai será atingido primeiro. O Havai fica a duas horas mais perto da linha do pôr-de-sol.

— Nesse caso nem sequer veremos o amanhecer. Não viveremos tanto tempo.

— Pois não.

— Sabes explicar tão bem as coisas... — comentou ela com amargura. Uma onda de choque flamejante! Que imagem mais bem concebida!

— Desculpa. Tenho pensado de mais nessa possibilidade. Sempre gostava de saber como é...

— Bom, então pára de pensar.

Leslie encostou-se a mim e pousou a cara no meu ombro, chorando em surdina. Apertei-a com um braço e servi-me do outro para lhe esfregar o pescoço, enquanto ia vendo as nuvens a correrem à desfilada. Deixei de pensar naquilo que dentro *em pouco teríamos pela frente.*

Deixei de pensar no anel de fogo que começava a cercar-nos.

De qualquer maneira, era a imagem errada.

Pensei nos oceanos a ferverem no lado iluminado; para começar, a onda de choque devia ser constituída essencialmente por vapor. Pensei nos milhões de quilómetros quadrados de oceano que ainda tinha de atravessar. A frente seria mais fria e húmida quando chegasse à Califórnia, e por outro lado a rotação da Terra fá-la-ia rodar como o redemoinho das banheiras.

Dois furacões de vapor fervilhante girando em sentidos opostos, um a norte, outro a sul. Era assim que a coisa ia acontecer. Estávamos cheios de sorte: a Califórnia situar-se-ia muito perto do olho do furacão do hemisfério setentrional.

Um vento ciclónico de vapor vivo, capaz de pegar num homem e atirá-lo pelos ares, cozendo-lhe a carne para depois deixar cair os ossos em qualquer sítio, ia doer como nunca!

Já não teríamos o prazer de assistir ao nascer do Sol. De certo modo era uma pena, pois seria espectacular.

Fiadas espessas e paralelas de nuvens corriam; entre as estrelas, muito depressa, as barrigas iluminadas pelo clarão da cidade. Júpiter ficou cada vez mais ténue e acabou por desaparecer. Estaria a começar, já? Relâmpagos de fogo a saltarem...

— Uma aurora! — exclamei.

— O quê?

— Tem de haver uma onda de choque vinda do Sol, claro. Vamos ver uma aurora boreal como nunca foi vista na Terra!

Leslie soutou uma súbita gargalhada.

— Não te parece estranho, nós os dóis aqui à esquina a falarmos nessas coisas? Stan, será que estamos a sonhar?

— Podíamos fingir que sim...

— Não. Neste momento uma boa parte da raça humana já deve estar morta.

— Sim, acho que sim.

— E não temos para onde ir.

— Caramba, tu mesma o descobriste por ti, aqui há umas horas atrás. Porque é que insistes no assunto?

— Então porque é que não me deixaste dormir? — perguntou ela em tom amargo. — Estava quase a adormecer quando me falaste nos gelados...

Não lhe respondi. Era verdade.

— Quentes e frios — citou ela, para acrescentar rapidamente: — Não foi má ideia, não senhor. Até consegui dar uma facadinha na dieta!

Comecei a rir-me.

— Pára com isso!

— Podíamos voltar para tua casa, ou para a minha — sugeri. — Para dormirmos.

— Sim, suponho que não é má ideia. Mas quem é que conseguia adormecer? Podemos tomar comprimidos para dormir, e daqui a cinco horas acordámos aos berros. Não, prefiro ficar acordada. Pelo menos sabemos o que é que está a acontecer.

Mas se tomássemos as pílulas... não cheguei a dizê-lo de viva voz. Preferi enveredar por outro caminho.

— E se fizéssemos um piquenique?

— Onde?

— Na praia, talvez. Isso interessa? Depois decidimos.

IV

Os supermercados estavam todos fechados, mas a loja de bebidas ao lado do Red Barn era minha conhecida, usava-a há anos. Comprámos pasta de fígado, bolachas de água-e-sal, duas garrafas de espumante gelado, seis qualidades de queijo e montes de nozes, amêndoas e avelãs; um saco de gelo, *hors d'oeuvres* congelados, mais bolachas, uma garrafinha de conhaque velho que me custou vinte e cinco dólares, uma outra de *cherry Heering para* a Leslie, seis latas de cerveja e outras seis de sumo de laranja...

Quando o carrinho das compras ficou cheio, começou a chover. Gotas gordas, enormes, tamborilavam furiosamente no vidro da descomunal montra da loja, e o vento uivava pelas ruas.

O empregado parecia infeliz, mas cheio de energia. Tinha passado a noite a olhar para a Lua.

— Só nos faltava mais isto! — exclamou ao enfiar as nossas compras nos sacos de papel castanho. Era um homem pequeno e musculoso, já de uma certa idade, com braços e ombros poderosos. — *Nunca* vi chover assim na Califórnia. Aqui a chuva cai devagarinho, direita e grossa, nas raras ocasiões em que chove. As nuvens levam dias e dias a amontoar-se...

— Eu sei.

Passei-lhe um cheque, sentindo-me culpado por pagar daquela maneira. O homem já me conhecia há tempo suficiente para confiar em mim, e de resto o cheque tinha cobertura. Antes que os bancos abrissem já não passaria de um montinho de cinzas, e todos os bancos do Mundo estariam a derreter-se sob o calor abrasador do Sol. Bom, não era por culpa minha.

O homem empilhou os sacos no carrinho e levou-o ele próprio até à saída.

— Quando a chuva abrandar, corremos com isto lá para fora. Prontos?

Preparei-me para abrir a porta. A chuva caía como se alguém atirasse sucessivos baldes de água contra a montra. Momentos depois cessava por completo, se bem que a água continuasse a escorrer nos vidros.

— Agora! — gritou o empregado.

Abri a porta e saímos todos. Chegámos ao carro a rir-nos como maníacos. O vento uivava à nossa volta, levantando uma poalha que cedo nos deixou encharcados.

— Foi uma boa aberta. Sabem o que é que este tempo me faz lembrar? — perguntou o empregado. — O Kansas, durante um tornado.

De repente, o céu abriu-se e despejou-nos carradas do granizo para cima! Gritámos e encolhemo-nos, enquanto o carro tinia debaixo dos milhares de pequenos impactos. Consegui abrir a porta e empurrei Leslie e o empregado lá para dentro, entrando a seguir. Esfregámos as cabeças doridas e olhámos para fora: pedrinhas brancas saltavam por tudo quanto era sítio.

O empregado tirou uma dessas pedrinhas de dentro da gola e pousou-a na palma da mão de Leslie, que soltou um grito de espanto antes de a passar para mim. Estava gelada.

— Saraiva — disse o empregado. — Agora é que já não percebo nada.

Também eu não. Só sabia que tinha de estar relacionado com a nova. Mas como? E porquê?

— Tenho de voltar para dentro — disse o empregado. O granizo gastara-se todo num breve assomo de fúria. O homem pôs os braços por cima da cabeça, saiu do carro e correu como um fuzileiro a tomar uma colina. Nunca mais o voltámos a ver.

As nuvens acumulavam-se sobre a cidade, formando-se para desaparecerem rapidamente, correndo pelo céu com uma velocidade há bem pouco tempo inimaginável, as barrigas a brilharem devido ao clarão do iluminação pública.

— Tem de ser a nova — disse Leslie, estremecendo.

— Mas como? Se a onda de choque já aqui estivesse, estaríamos mortos... ou pelo menos surdos. Mas granizo?

— Mas quem se importa? Stan, já não vamos ter tempo!

Sacudi a cabeça.

— Está bem. O que é que te apetece fazer neste momento?

— Assistir a um jogo de basebol.

— São duas da manhã — frisei.

— Isso não nos deixa com muitas hipóteses, pois não?

— Estás a ver? Já fomos uma última vez ao nosso bar favorito, já vimos a nossa última peça, já assistimos ao nosso último filme decente. O que é que sobra?

— Vamos ver as jóias nas montras das joalharias.

— Estás a falar a sério? Na nossa última noite na Terra?

Ela ponderou a sugestão, e por fim decidiu-se.

— Sim, é isso mesmo.

Caramba, era mesmo o que ela queria. Não fui capaz do me lembrar de nada mais aborrecido.

— Westwood ou Beverly Hills?

— Ambas.

— Mas olha que...

— Bom, então vamos só a Beverly Hills.

Enquanto para lá seguíamos passámos por novo aguaceiro de chuva seguida de granizo — autênticas tempestades enigmáticas. Estacionámos a meio quarteirão da loja da Tiffany.

O passeio era uma poça contínua, e dos vários andares dos prédios caía uma chuva em segunda mão.

— Formidável! — exclamou Leslie. — Devemos ter uma boa meia dúzia de joalharias nas imediações... podemos ir vê-las todas, a pé.

— Preferia ir de carro.

— Não, não, de carro não se podem ver montras, tem de ser a pé. Faz parte das regras.

— Mas está a chover.

— Descansa que não morremos de pneumonia. Não vamos ter tempo para isso — respondeu ela em tom soturno.

A Tiffany tinha uma pequena sucursal em Beverly Hills, mas à noite não deixavam jóias caras à vista nas montras. Nada mais havia para além do uns brinquedos fascinantes.

Subimos a Rodeo Drive... e acertámos em cheio. A Tibor exibia uma colecção aparentemente infinita de anéis, desde os clássicos aos mais modernos, grandes e pequenos, cheios do toda a espécie do pedras preciosas e semipreciosas. Do outro lado da rua, a Van Cleef & Arpels apresentava broches, relógios de pulso para homem, de *design* elegantíssimo, e braceletes com minúsculos relógios embutidos; uma das montras só tinha diamantes.

— Formidável! — repetiu Leslie, de olhos fixos no refulgir dos diamantes. — Já pensaste como é que serão à luz do dia? Oh, desculpa...

— Não, até é uma imagem curiosa. Imagina-os ao amanhecer, flamejantes sob a luz da nova, enquanto as montras se estilhaçam para deixarem entrar a luz do dia. Queres uma? Aquele colar ali?

— Oh, achas que *posso?* Eh, eh, estava só a brincar! Pousa isso, idiota, as montras devem estar cheias de alarmes.

— Mas ninguém vai poder usar nenhuma dessas coisas agora, nem nunca mais! Porque é que não aproveitamos?

— Podíamos ser apanhados!

— Bom, tu é que pediste para ver as montras.

— Mas não quero passar a minha última hora de vida numa cela. Se tivéssemos trazido o carro ainda tínhamos uma hipótese, mas assim...

— Uma hipótese de quê? De fugir? Eu bem te disse que era melhor virmos de carro...

Nesse momento, porém, ambos nos fomos abaixo, e tivemos de nos afastar abraçados para não cairmos ao chão.

Efectivamente, havia mais uma boa meia dúzia de joalharias na Rodeo. Brinquedos, livros e gravatas de padrões incríveis. Na Francis Orr, um enorme cubo de plástico cheio de moedas de um cêntimo, tendo por detrás um par de relógios com formas estranhas. O ver-se as montras, sabendo que a qualquer momento podíamos arrombar uma delas, dava-nos uma sensação diferente, excitante.

Caminhávamos de mãos dadas, balançando os braços. Os passeios eram só nossos; os poucos transeuntes que por ali poderiam ter passado tinham fugido do mau tempo. As nuvens continuavam a galopar no céu.

— Gostava de saber quando é que vai começar — disse Leslie de repente. — Passei o dia inteiro a corrigir um erro num programa, e agora não vamos poder corrê-lo.

— O que é que terias gostado mais de fazer? Assistir a um jogo de basebol?

— Talvez. Não. Já perdi o interesse por isso — respondeu ela, franzindo o cenho ao ver alguns vestidos expostos numa montra. — E tu, o que é que gostavas de ter feito?

— Gostava de ter ido ao Blue Sphere beber uns *cocktails* — respondi sem hesitar. É um dos lugares do moda, costumava ser um dos meus sítios favoritos. Ouvi dizer que as empregadas passaram a servir todas nuas.

— Nunca fui a um sítio desses. Até que horas é que estão abertos?

— Esquece, já são quase duas e meia.

Leslie ficou pensativa, fitando vários animais empalhados na montra de uma loja de brinquedos.

— Não há ninguém que gostasses de ter assassinado, se tivesses tempo para isso?

— Não, sabes muito bem que o meu agente vive em Nova Iorque.

— Mas porquê ele?

— Olha, miúda, porque é que um escritor pensará em assassinar o seu agente? Pelos manuscritos que vai perdendo debaixo do uma pilha infindável... pelos seus malditos dez por cento, e pelos restantes noventa por cento que nos manda de má vontade e sempre com atraso. Pelos...

De súbito, sem aviso, o vento rugiu e lançou-se contra nós. Leslie apontou com o braço, e corremos a abrigar-nos debaixo de uma entrada relativamente espaçosa, que afinal era a entrada da Gucci's. Encostámo-nos ao vidro de uma das montras, do lado de dentro.

As rajadas vinham cheias de pedras de granizo do tamanho de berlindes. Algures do lado de lá da rua ouvimos vidros a partirem-se, logo seguidos pelo uivar dos alarmes, frágeis e tímidos perante a fúria da ventania. Pouco depois chegava nova vaga de granizo, só que desta vez as pedrinhas já eram do tamanho de calhaus!

Senti o cheiro e o sabor da água do mar.

Deixámo-nos ficar agarrados no luxuoso e inútil espaço livre da entrada da Gucci's. Forjei uma frase pomposa e gritei-a:

— Tempo de nova! Mas como é que isto pode estar a acontecer... — Mas nem sequer conseguia ouvir a minha voz, e a Leslie não se apercebeu dos meus gritos.

Tempo de nova. Como é que chegara ali tão depressa? Vinda do pólo, a onda de choque teria de percorrer perto de seis mil e quatrocentos quilómetros... no mínimo um percurso de cinco horas.

Não. A onda de choque teria de se deslocar na estratosfera, onde a velocidade do som é maior, só depois se propagando para as camadas inferiores. Três horas eram quanto bastava para que isso acontecesse. Mesmo assim... não devia ter surgido sob a forma do ventos cada vez mais fortes. No outro lado do mundo, o Sol em explosão estava a destroçar a nossa atmosfera, atirando-a a

caminho das estrelas. A onda de choque deveria chegar, pois, sob a forma de um único e monstruoso trovão.

O vento abrandou por momentos; larguei a correr pelo passeio, arrastando Leslie comigo. Enfiámo-nos em nova entrada, quando as rajadas voltaram com força. Ao fundo da rua ouvi uma sereia, atraída sem dúvida pelo alarme da montra partida.

Na aberta seguinte atravessámos a Wilshire e conseguimos chegar ao carro. Sentámo-nos a arquejar, à espera que o aquecedor aumentasse a temperatura do interior. Os meus sapatos estavam empapados de água, as roupas colavam-se-me à pele.

— Quanto tempo faltará? — gritou Leslie.

— Não sei, mas ainda deve faltar um bocado.

— Então temos de fazer o piquenique dentro de casa!

— Na tua ou na minha? Na tua é melhor — decidi, arrancando com o acelerador a fundo.

V

No Wilshire Boulevard, havia troços em que a água já chegava aos tampões das rodas. As rajadas de saraiva e granizo tinham-se transformado numa chuva contínua e grossa; à nossa frente, o nevoeiro enchia a rua até à cintura, passando por cima do tejadilho quando o furávamos, para logo cerrar nas nossas costas. Um tempo diabólico.

Tempo de nova. A onda de choque de vapor superaquecido acabara por não surgir; em seu lugar, estávamos a ser sacudidos por fortes ventanias descidas da estratosfera, formando uma estranha turbulência ao nível do solo.

Estacionámos (ilegalmente) no piso superior do parque de estacionamento; um só olhar para o piso térreo foi quanto bastou para ver que estava alagado. Abri o porta-bagagens e tirei os dois maiores sacos de papel.

— Devíamos estar loucos quando comprámos isto tudo — disse Leslie, abanando a cabeça. — Não temos tempo para comer tudo!

— Mesmo assim é melhor levar as coisas para cima. Ela riu-se.

— Mas porquê?

— É só um palpite. Ajudas-me ou não?

Subimos de braços cheios até ao décimo quarto andar, e mesmo assim ainda deixámos dois sacos no carro.

— Deixa-os ficar — disse Leslie. — Temos os *hors d'oeuvres,* as garrafas e as nozes. De que é que precisamos mais?

— Os queijos, as bolachas, a pasta de fígado...

— Esquece.

— Não.

— Estás maluco? — protestou ela, lançando-se numa lenta explicação para que eu a percebesse bem: — Se voltares lá a baixo podes morrer cozido em

vapor. O mais provável é só termos uns minutos de sobra, e mesmo assim tu só sabes pensar em comida para uma semana! Mas *porquê?*

— Prefiro não dizer.

— Então vai! — gritou ela, batendo-me a porta na cara. A descida no elevador foi um suplício. Seria possível

que a Leslie tivesse razão? O uivar do vento mal se ouvia dentro do prédio; e se rebentassem alguns cabos eléctricos, deixando-me preso dentro do elevador? Enfim, lá consegui chegar ao rés-do-chão.

No piso superior do estacionamento eu já tinha água pelo joelho.

A minha segunda surpresa foi descobri-la morna, como se fosse água despejada de uma banheira, desagradável de vadear. A superfície estava recoberta de vapor, que às tantas desapareceu soprado por uma rajada que entrara a uivar pela rampa de acesso.

A subida constituiu nova provação. Não parei de pensar na chegada da tal vaga de vapor a ferver, subindo pela caixa do elevador. Senti-me como um idiota, mas a verdade é que a porta se abriu normalmente, e as luzes nem sequer vacilaram.

A Leslie não me quis deixar entrar.

— Vai-te embora! — gritou do lado de lá da porta trancada. — Vai comer os teus queijos e bolachas para outro sítio!

— Porquê, arranjaste outro compromisso?

Não devia ter dito aquilo. Do outro lado não veio nenhuma resposta.

Quase que percebia o ponto de vista dela. A viagem extra para ir buscar os sacos que faltavam não tinha a mínima importância; mas porque é que eu insistira tanto nela? Quanto tempo mais teríamos para partilhar o nosso amor? Uma hora, no máximo, e já era ter muita sorte. Nesse caso, porquê voltar atrás perante um argumento de tanto peso, só para preservar uma mão-cheia de coisas efémeras?

— Não te quis dizer nada! — gritei, a contar que ela me estivesse a ouvir encostada à porta. Do lado de dentro, o vento devia rugir com muito mais força que no corredor. — Somos capazes de precisar de comida para uma semana! E de um sítio para nos escondermos!

Silêncio. Comecei a encarar a hipótese de ter de arrombar a porta, se tivesse forças para isso. Não, talvez fosse melhor esperar no *hall.* Ela teria de sair, mais cedo ou mais tarde.

A porta abriu-se. Nunca vira a Leslie tão pálida.

— Foste muito cruel — disse-me em tom calmo.

— Não quero prometer nada. Tencionava dizer-to mais daqui a bocado, mas tu é que me forçaste. Tenho estado a pensar se o Sol efectivamente explodiu...

— Isso ainda é mais cruel! Eu já estava conformada com a nossa sorte! — disse ela, virando a cara para a ombreira da porta. Cansada. Estava era cansada, exausta. Ainda não pregara olho nessa noite...

— Ouve-me com atenção. Não pensámos como devia de ser — disse-lhe. — Para começar devia ter surgido uma aurora boreal a iluminar o céu de pólo a pólo. Uma onda de choque de partículas ejectadas do Sol, deslocando-se quase à velocidade da luz, teria destroçado a atmosfera de uma forma… não estás a ver? Teríamos visto os telhados dos prédios a fervilharem com fogo azul!

«E a tempestade demorou muito a chegar, e chegou demasiado fraca! — gritei, para me fazer ouvir no meio do temporal. — Se fosse uma nova, ao deslocar-se ao longo do lado da noite, teria partido todos os vidros do Mundo, de uma vez só! Teria rachado o cimento, e… Leslie, meu amor, nada disso aconteceu. Foi por isso que comecei a pensar, e…»

— Então o que é que aconteceu? — perguntou ela numa voz que mal se ouvia.

— Uma protuberância. A pior de…

Ela gritou-me como se me quisesse acusar:

— Uma protuberância? Uma protuberância solar? Pensas que o Sol era capaz de emitir uma coisa tão grande, uma coisa capaz de…

— Tem calma, rapariga.

—… capaz de transformar a Lua e os planetas em tochas, para depois desaparecer como se nada tivesse acontecido? Oh, seu grandessíssimo idiota…

— Posso entrar?

Ela pareceu ficar surpreendida. Afastou-se para o lado, e eu peguei nos dois sacos e entrei.

As portas de vidro das varandas estremeciam como se lá fora um gigante quisesse entrar, e a chuva penetrara já por diversas frinchas, formando várias manchas escuras na alcatifa.

Fui pousar os sacos na bancada da cozinha. Descobri pão no frigorífico e enfiei duas fatias na torradeira. Enquanto aqueciam, abri a lata de f*oie gras.*

— O meu telescópio foi-se — queixou-se ela.

Não era para admirar. O tripé estava caído na varanda, destroçado.

Desapertei o arame do gargalo de uma das garrafas de espumante. As torradas saltaram, e Leslie foi buscar uma faca para as barrar com a pasta de fígado. Segurei a garrafa junto à orelha dela, para ver como estavam os seus reflexos condicionados.

Leslie sorriu com ar sonhador ao ouvir a rolha a saltar.

— É melhor pormos as coisas do piquenique no chão — disse. — Atrás do balcão. O vento não demora a estourar com os vidros, vão chover cacos pela sala toda.

Bem pensado. Passei para o lado de lá do balcão, apanhei todas as almofadas que vi espalhadas pelo chão e em cima dos sofás e voltei para dentro da cozinha. Foi aí que construímos o nosso ninho.

Até ficou confortável. O balcão que separava a cozinha da sala de estar devia ter pouco mais de metro e meio de altura, o tampo ficava-nos ligeiramente acima das cabeças, e a alcova em si ficou suficientemente ampla para nos podermos mexer não muito à vontade. O chão não se via, tantas eras as

almofadas. Leslie serviu o champanhe em balões de conhaque, até transbordarem.

Rebusquei as ideias à procura de um brinde adequado, mas havia demasiadas possibilidades, todas elas deprimentes. Bebi sem o brinde. Pousámos cuidadosamente os balões no chão e caímos nos braços um do outro; o acanhado espaço da cozinha ainda nos permitia sentarmo-nos assim, encostados um ao outro, as caras viradas para nos beijarmos.

— Vamos morrer — disse ela.

— Talvez não.

— É melhor habituares-te à ideia. Eu já estou conformada. Olha bem para ti; estás mais nervoso do que eu! Estás com medo de morrer! Não achas que passámos uma noite maravilhosa?

— Como nenhuma outra — concordei. — Se tivesse sabido disto mais cedo tinha-te levado a jantar fora.

O trovão desdobrou-se numa série de seis explosões pegadas, como bombas lançadas num ataque aéreo.

— Eu também — respondeu ela quando conseguimos ouvir-nos de novo.

— Gostava de o ter sabido durante a tarde.

— Bolinhos de coco!

— No Farmer's Market. Amendoins torrados! Quem é que terias assassinado, se tivesses tempo para isso?

— Havia uma rapariga no meu colégio... (que fora considerada culpada de rivalidade fraternal, segundo a versão de Leslie).

Eu mencionei o nome do um editor que passava a vida a mudar de opinião. Leslie escolheu uma das minhas antigas amigas, e eu respondi-lhe com o nome do único namorado que lhe conheci. O meu irmão Mike, que se esquecera uma vez do meu aniversário. Patife!

As luzes vacilaram e voltaram à anterior firmeza. Com ar excessivamente descontraído, Leslie perguntou-me:

— Achas mesmo que o Sol pode voltar ao normal?

— É bom que o faça, caso contrário morremos na mesma. Gostava de ver como é que está Júpiter neste momento.

— Bolas, responde-me como deve de ser! Achas que foi uma protuberância?

— Acho.

— Porquê?

— Porque as anãs amarelas não se transformam em novas.

— E se a nossa resolver transformar-se?

— Os astrónomos já sabem muitas coisas sobre as novas — disse eu. — Mais do que imaginas. Sabem quando é que elas se vão formar com meses de antecedência. O Sol é uma anã amarela do tipo gê nove, e como tal nunca poderá

passar à fase de nova. Primeiro terá de percorrer toda a sequência principal, e isso demora milhões de anos.

Leslie bateu-me devagarinho nas costas. Estávamos com os rostos colados, tão colados que eu não conseguia ver-lhe a face.

— Prefiro não acreditar em ti. Não me atrevo a isso. Stan, nunca antes aconteceu nada disto! Como é que podes estar tão certo?

— Bom, devo ter-me lembrado de qualquer coisa.

— Mas o quê? Não acredito. Já me teria lembrado, de certeza.

— Lembraste da primeira alunagem? A do Aldrin e do Armstrong?

— Claro. Vimo-la na Festa da Alunagem que o Earl ofereceu.

— Eles aterraram no sítio mais plano que conseguiram encontrar na superfície da Lua, e depois mandaram-nos várias horas de imagens com eles a saltarem no meio da poeira; tiraram imensas fotografias de uma nitidez impressionante, e deixaram o sítio onde pousaram cheio de pegadas enrugadas. Depois voltaram para casa com um porão cheio de rochas.

«Não te lembras? Houve quem protestasse, dizendo que era um sítio demasiado longínquo para se ir buscar uma mão-cheia de pedras. Contudo, a primeira coisa em que os cientistas repararam foi que todas essas pedras estavam meio derretidas.

«Algures no passado — oh, dentro dos últimos cem mil anos, não se consegue calcular uma data mais aproximada que essa —, o Sol também soltou uma protuberância, que no entanto não durou o tempo suficiente para deixar marcas na Terra. A Lua, porém, não tem uma atmosfera para a proteger, e assim as rochas derreteram-se só num dos lados.»

A atmosfera estava a ficar quente e húmida. Despi o casaco, ainda encharcado da chuva. Rebusquei os bolsos à procura de cigarros e fósforos, acendi um e soprei o fumo para trás da cabeça de Leslie.

— Mas teríamos de nos lembrar. Não pode ter sido tão mau como isto.

— Não tenho assim tanta certeza. Supõe que a coisa aconteceu sobre o Pacífico. Os danos não seriam tão grandes como pensas... ou mesmo sobre os continentes americanos; nesse caso teria esterilizado algumas plantas e animais, queimando muitas das florestas. Quem é que hoje conseguiria aperceber-se disso? O Sol regressou calmamente à sua actividade normal, como agora também pode suceder. O Sol é uma estrela com uma variação que não excede os quatro por cento, mas uma vez por outra pode variar fora desse limite.

No quarto de cama rebentou qualquer coisa. A janela? A sala foi varrida por um golpe de vento quente e húmido, e o som da tempestade recrudesceu.

— Nesse caso somos capazes de sobreviver — disse Leslie, ainda sem querer acreditar.

— Sim, suponho que puseste o dedo em cima da ferida. Skál!

Peguei na garrafa de espumante e bebi um bom golo. Já passava das três da manhã, e tínhamos um tufão a bater-nos à porta.

— Não achas que devíamos fazer qualquer coisa?

— Já estamos a fazer.

— Quero dizer, qualquer coisa como fugirmos para as colinas! Stan, vai haver inundações pavorosas!

— Podes apostar que sim, mas penso que nunca chegarão tão alto como o teu apartamento. Catorze andares? Ná! Ouve, já pensei bem na nossa situação. Estamos num edifício que foi construído a contar com os terramotos, aliás foste tu que mo disseste. Vai ser preciso mais qualquer coisa além de um tufão para o deitar abaixo.

«Quanto ao fugirmos para as colinas... que colinas? Esta noite já não conseguimos ir a nenhum sítio, as ruas devem estar completamente alagadas. Supõe que conseguíamos chegar às montanhas de Santa Monica; e depois? Já pensaste nos deslizamentos de terras? Nenhum dos sítios mais próximos daqui vai conseguir aguentar o que está para vir. A protuberância deve ter fervido uma quantidade de água equivalente a um novo oceano; vai chover durante quarenta dias e quarenta noites! Amorzinho, estamos no sítio mais seguro que se pode conceber.

— E se as calotas polares derretem?

— Pois é... bom, mesmo que isso aconteça ainda estamos suficientemente altos. Eh, se calhar foi a última protuberância que desencadeou o dilúvio do Noé! De uma coisa podes ter a certeza: não há nenhum lugar da Terra que não esteja agora a ser varrido por um tufão. Os dois grandes tufões de rotação inversa devem ter-se dividido em vários mais pequenos, e...

As portas do vidro explodiram para dentro da sala. Agachámo-nos, e o vento inundou-nos com um mar de estilhaços e chuva.

— Pelo menos temos comida! — gritei. — Se ficarmos presos pelas inundações, talvez consigamos sobreviver-lhes!

— E se a electricidade se vai embora? Não podemos cozinhar, e o frigorífico...

— Vamos cozinhar tudo o que pudermos. Cozes os ovos todos durante vários minutos, para ficarem duros...

O vento uivava cada vez com mais força. Desisti de gritar.

A chuva, morna, fustigava-nos na horizontal, deixando-nos empapados. Tentar cozinhar no meio do um furacão? Só uma pessoa muito estúpida é que se teria lembrado de uma coisa dessas; perdêramos um tempo precioso. O vento era capaz de nos regar com a água a ferver, ou pior ainda, com a gordura das frigideiras...

Leslie gritou-me ao ouvido:

— Vamos ter de usar o forno!

Mas claro! O forno não nos caía em cima, por muito forte que fosse o vento.

Regulámo-lo para os 250 graus e enchemo-lo com todos os ovos que encontrámos, dentro de uma panela meia de água. Duas couves foram para outra panela; o resto dos legumes podiam ser comidos crus.

E que mais? Esforcei-me por pensar.

Água. Se a electricidade fosse cortada, o mesmo aconteceria à água e aos telefones. Abri a torneira da pia e comecei a encher tudo o que apanhei à mão de semear; panelas, a cafeteira para trinta pessoas que a Leslie só usava nas festas, o balde de plástico de lavar a roupa. Ela deve ter pensado que eu endoidecera, mas por mim não confiava na chuva como fonte de abastecimento. Era uma coisa que não podia controlar, e como tal pouco fiável.

O trovejar! Já não valia a pena gritarmos. Mais quarenta dias e noites como aquela e ficaríamos surdos para o resto da vida. Algodão nos ouvidos? Demasiado tarde para ir até ao quarto de banho. Toalhas de papel! Arranquei uma, rasguei-a e fiz quatro bolinhas para os ouvidos.

E as nossas necessidades corporais? Fora uma das razões que me levara a escolher o apartamento dela. Quando o sistema de esgotos falhasse, ainda nos restava a varanda.

E se a inundação subisse acima do décimo quarto andar, ainda tínhamos o telhado, vinte andares acima do nosso. Bom, mais alto do que isso e a Humanidade ficaria reduzida a zero.

E se fosse uma nova?

Abracei Leslie com mais força, e com a mão livre acendi novo cigarro. Se fosse uma nova tínhamos estado a perder tempo com todos aqueles preparativos. Tê-los-ia feito de qualquer das formas; não se pára de planear só porque a esperança morre.

Se o tufão se transformasse numa fornalha de vapor fervente, ainda tínhamos a varanda: preferia saltar a ser cozido vivo.

Bom, não, o melhor era não falar nisso.

A Leslie não era parva, já devia ter chegado às mesmas conclusões que eu.

-

As luzes apagaram-se por volta das quatro da manhã. Desliguei o forno, não fosse dar-se o caso da energia voltar dali a bocado. Uma hora para arrefecer, e depois era só enfiar tudo em sacos de plástico.

Leslie adormecera, deitada no meu colo. Como é que conseguira adormecer, sem saber o desfecho daquilo tudo? Empilhei várias almofadas nas costas dela e deitei-a suavemente a meu lado.

Deixei-me ficar um bom bocado no mesmo sítio, as costas apoiadas ao balcão, a fumar, a observar os relâmpagos a formarem sombras no tecto. Tínhamos comido a pasta de fígado toda, e uma das garrafas de espumante seguira pelo mesmo caminho. Pensei em abrir a de conhaque, mas decidi, contrariado, que não era a melhor altura.

As horas foram passando. Não me lembro bem do que pensei. Não dormi, mas o certo é que o cérebro já não estava capaz de raciocinar com clareza. Só muito depois é que me apercebi de que o tecto, no meio dos relâmpagos, estava a ficar cinzento.

Deitei-me de lado, triste, aborrecido, desanimado. Não havia nada que não estivesse encharcado.

O relógio disse-me que eram nove e meia.

Rastejei em volta do balcão até passar à sala. Ignorava os sons da tempestade durante tanto tempo que só uma chapada de chuva morna me relembrou *o* que se passava lá fora. O furacão continuava tão forte como horas antes, mas a luminosidade acinzentada da manhã já conseguia filtrar-se através das nuvens negras.

Bom, ainda bem que poupara a garrafa de conhaque. Inundações, tempestades, radiações intensas, incêndios provocados pela protuberância... se a destruição fosse tão grande como eu esperava, o dinheiro já não servia para nada. Precisaríamos de recorrer à troca directa.

A fome deu sinal de si. Comi dois ovos e uma fatia de presunto — ainda quente — e comecei a arrumar o resto da comida. A que tínhamos era capaz de dar para uma semana... mas uma semana de racionamento feroz. O edifício era grande; devia haver vários apartamentos vazios, onde poderíamos procurar comida enlatada. Se o nível das águas subisse muito, teríamos de ajudar os refugiados dos andares mais baixos...

Maldição! Não tivera a oportunidade de ver uma nova! Na última noite, a vida fora a simplicidade chapada. Agora, porém... teríamos remédios? Haveria algum médico no prédio? Não tardariam a surgir casos de disenteria e outras doenças do género, isto para não falar da fome. Havia um supermercado nas imediações; haveria algum equipamento de mergulho no prédio?

Bom, primeiro precisava de dormir, as explorações tinham de ficar para depois. O dia amanhecera da cor do chumbo. Podia ter sido muito pior. Pensei nas radiações que deviam ter inundado o outro lado do mundo, e fiquei a imaginar os nossos filhos a colonizarem a Europa, a Ásia e a África.

FIM